

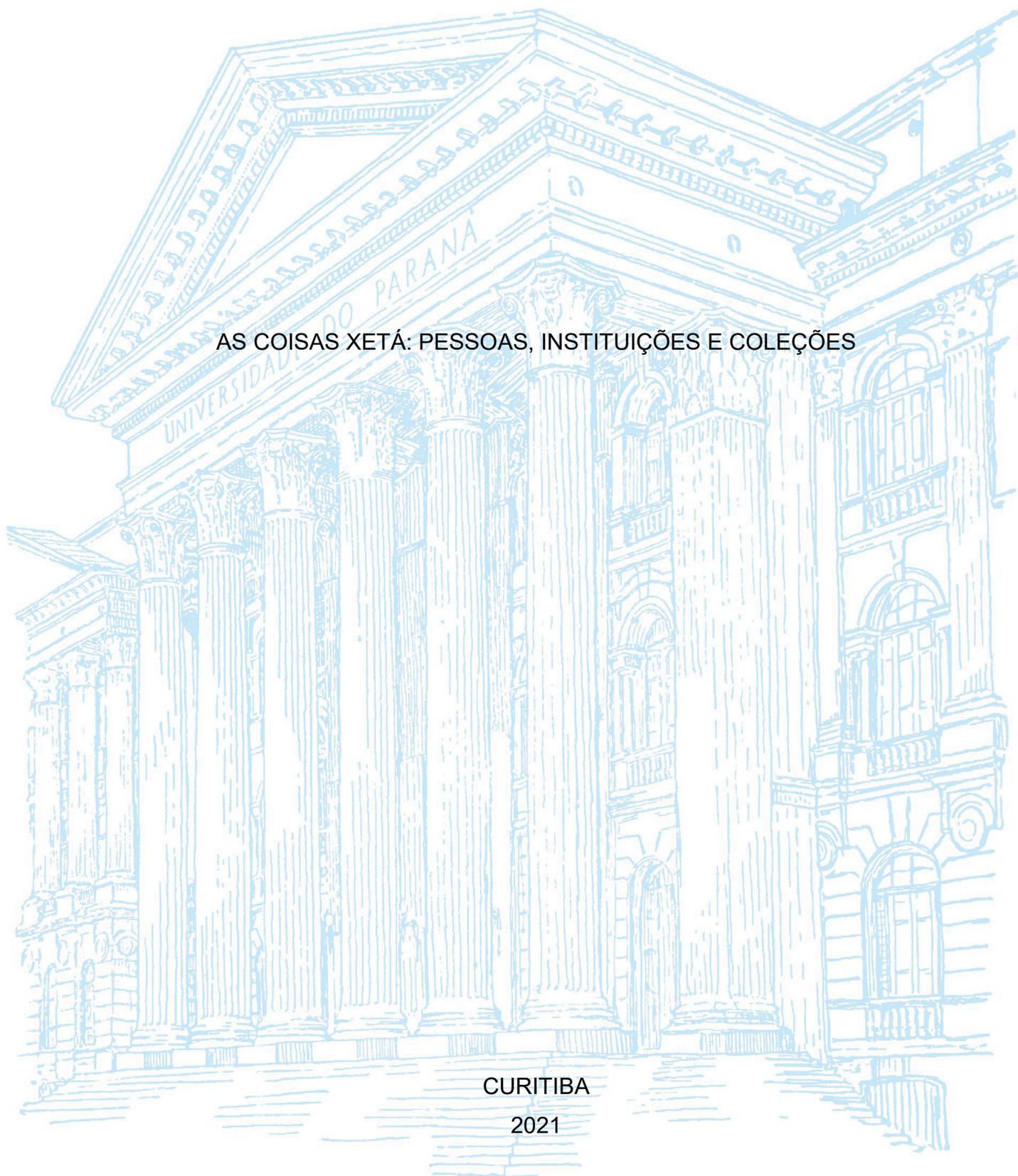
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LILIANNY RODRIGUEZ BARRETO DOS PASSOS

AS COISAS XETÁ: PESSOAS, INSTITUIÇÕES E COLEÇÕES

CURITIBA

2021



LILIANNY RODRIGUEZ BARRETO DOS PASSOS

AS COISAS XETÁ: PESSOAS, INSTITUIÇÕES E COLEÇÕES

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia e Arqueologia, Área de concentração Antropologia e Arqueologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Perez Gil

CURITIBA

2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Passos, Lilianny Rodriguez Barreto dos
As coisas Xetá : pessoas, instituições e coleções. / Lilianny
Rodriguez Barreto dos Passos. – Curitiba, 2021.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em Antropologia e Arqueologia) – Universidade
Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Antropologia e Arqueologia.
Orientadora : Prof^a. Dr^a. Laura Perez Gil.

1. Indígenas da América do Sul - Brasil. 2. Etnologia. 3. Índios
Xetá - História. 4. Indígenas – Paraná. I. Perez Gil, Laura, 1973-
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Antropologia e Arqueologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

No dia vinte e cinco de março de dois mil e vinte e um às 14:00 horas, na sala online, suportada pelo Microsoft Teams, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese da doutoranda **LILIANNY RODRIGUEZ BARRETO DOS PASSOS**, intitulada: **AS COISAS XETÁ: PESSOAS, INSTITUIÇÕES E COLEÇÕES**, sob orientação da Profa. Dra. LAURA PEREZ GIL. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: LAURA PEREZ GIL (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), EDILENE COFFACI DE LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), PAULO RENATO GUÉRIOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LUCIA HUSSAK VAN VELTHEM (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI), CARMEN LÚCIA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutora está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LAURA PEREZ GIL, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 25 de Março de 2021.

Assinatura Eletrônica

29/03/2021 11:18:34.0

LAURA PEREZ GIL

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

29/03/2021 11:07:25.0

EDILENE COFFACI DE LIMA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

29/03/2021 12:23:29.0

PAULO RENATO GUÉRIOS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/04/2021 16:51:27.0

LUCIA HUSSAK VAN VELTHEM

Avaliador Externo (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI)

Assinatura Eletrônica

28/09/2021 15:49:28.0

CARMEN LÚCIA DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO)



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LILIANNY RODRIGUEZ BARRETO DOS PASSOS** intitulada: **AS COISAS XETÁ: PESSOAS, INSTITUIÇÕES E COLEÇÕES**, sob orientação da Profa. Dra. LAURA PEREZ GIL, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Março de 2021.

Assinatura Eletrônica
29/03/2021 11:18:34.0

LAURA PEREZ GIL
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/03/2021 11:07:25.0

EDILENE COFFACI DE LIMA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/03/2021 12:23:29.0

PAULO RENATO GUÉRIOS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
07/04/2021 16:51:27.0

LUCIA HUSSAK VAN VELTHEM
Avaliador Externo (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI)

Assinatura Eletrônica
28/09/2021 15:49:28.0

CARMEN LÚCIA DA SILVA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO)

AGRADECIMENTOS

A pesquisa que fundamenta esta tese teve início no ano de 2015, durante um processo de golpe político midiático e uma guerra híbrida (LEINER, 2020) que busca constantemente desestabilizar a política, a economia, o judiciário e a ciência brasileira, e, sobretudo, nossa saúde emocional e afetiva. Atravessa o impedimento de uma presidenta eleita legitimamente, a eleição do inominável em 2018 e termina em meio a uma pandemia, sem precedentes, do vírus da COVID-19 e suas variantes, que nos isolou do convívio de nossas amigas mais preciosas, que nos sustentam e fortalecem cotidianamente e provocou, até então, a morte de mais de 250.000 pessoas no Brasil.

Soma ainda os constantes ataques a ciência, a antropologia, aos direitos civis, sobretudo, dos povos indígenas. Desse modo, uma rede de apoio, afetos, cuidados e experiências compartilhadas foram fundamentais nessa trajetória de pesquisa e escrita de tese e, por mais que tente expressar com palavras, estarei sempre em dívida com um número grande de amigas e amigos.

Agradeço, primeiramente, a todos os grupos familiares Xetá pela paciência, generosidade, confiança, amizade e acolhimento em suas casas, mesmo quando nossas conversas atingiam suas memórias mais tristes e doloridas. Agradeço imensamente às famílias de Dival e D. Fátima; de Maria Rosa ã e seu Carlos; Claudemir e D. Samira; Júlio Cesar Xetá e Gisele; Rosa Maria Tiguá e Indianara; Zezão e D. Regina; Albert e a Michael da Silva.

Em especial agradeço a amizade e a força das mulheres Xetá, as guerreiras Indioara, Indiamara, Mayara, ã, Indianara, Tiguá, Benedita, Rosângela, Sueli e Zenilda. À Dona Belarmina Luiz Paraná (*in memoriam*), ex-esposa de Tucanambá, generosa, atenciosa e sempre disposta a colaborar com esta pesquisa. Liderança importante na luta pelos direitos indígenas, sobretudo das mulheres indígenas. Foi uma honra compartilhar com Dona Belarmina seus conhecimentos sobre a história Xetá.

Agradeço a paciência e o carinho de Laura Perez Gil, orientadora desta tese. Excelente professora, inspiração nos estudos de antropologia, atenciosa, generosa, sua amizade e sugestões foram fundamentais em todos os momentos da pesquisa e da escrita, principalmente nos mais difíceis. Mais que tudo, agradeço a confiança depositada nesta neste trabalho, motivo que sempre me impulsionou a seguir em frente.

Agradeço a Paulo Guérios e Edilene Coffaci de Lima pelas considerações na banca de qualificação e também por aceitarem participar da banca de defesa. Edilene participou de

minha qualificação e defesa de mestrado e doutorado e sua presença foi fundamental em minha formação na área de antropologia. Com Edilene estive também em alguns momentos da pesquisa de campo em São Jerônimo, em eventos na UFPR e nos museus. Seu conhecimento sobre a história, a memória e as coisas Xetá fora fundamentais para reflexões apresentadas nesta tese.

Agradeço as antropólogas Carmen Lúcia da Silva e Lúcia Van Velthem por aceitarem fazer parte da banca de defesa. Juntas, Carmen e Lúcia são importantes referências para esta tese e a elas dedico profunda admiração pelas suas trajetórias e experiências junto ao povo Xetá e Wayana.

Ao PPGAS/UFPR por fornecer recursos e colaborar para a pesquisa de campo. As/aos professores/as do PPGAS/UFPR que foram fundamentais em minha formação, em especial a Ricardo Cid Fernandes orientador de minha pesquisa de mestrado, que sempre incentivou e compreendeu minhas escolhas, e sugeriu que Laura Perez Gil orientasse esta tese. Agradeço a Liliana Porto, Marcos Silva da Silveira e Maria Inês Smiljanick pelos debates durante as disciplinas e créditos do doutorado. Agradeço também a Paulo Marins, secretário do Programa, sempre muito atencioso.

Agradeço à equipe de professores e arqueólogos do CEPA/UFPR, em especial aos professores Igor Chmyz e Fábio Parenti por concederem entrevistas e compartilharem documentos e materiais sobre a trajetória de Loureiro Fernandes, DEAN/UFPR e Xetá. À Mariana Novaes, museóloga da instituição que também colaborou com esta pesquisa e a Cynara, arquivista do SCH/UFPR, responsável pelo acervo do DEAN/UFPR.

O trabalho e a colaboração das equipes do MAE/UFPR e MP foram fundamentais durante as visitas dos grupos familiares Xetá às reservas técnicas; e também por fornecerem informações sobre as coleções etnográficas. Aos diretores do Museu Paranaense, Renato Carneiro e Gabriela Bettega e em especial a toda equipe técnica de historiadoras, arqueólogas, museólogas e antropólogas da instituição: Fernanda Maranhão, Cláudia Parellada, Josiéle Spenassato e Tatiana Takatuzi. Em especial a esta última, historiadora do museu, que colaborou na pesquisa, leu, fez sugestões e que, mais importante de tudo, é desde sempre, uma amiga muito querida. Gracias Tati!

Agradeço especialmente a toda equipe do MAE/UFPR, Márcia Rosato, Bruna Portela, Tamara Evangelista, Ana Luísa Nascimento, Sady Pereira, Gabriela Freire, Douglas Froia e Rosane Rodrigues.

À equipe do CEB, em especial a Janaik Baum, historiadora da instituição pela atenção dedicada à pesquisa e que disponibilizou documentos importantes do arquivo institucional de Loureiro Fernandes.

Aos colegas do PPGAA/UFPR, Pedro, Rafael, Elton e Judit, colegas com quem partilhei desde o início as intenções desta pesquisa. A Judit pela interlocução e interesse dedicado à história Xetá e aos rumos desta pesquisa.

Agradeço a Luana, Ana Clara, Rafael e Gian, colegas do PPGAS com quem partilhei as experiências de amizade e pesquisa junto aos grupos familiares Xetá. Estivemos juntas/os em na TI de São Jerônimo, em Umuarama, na aldeia Kakané Porã, nos museus e em diferentes eventos refletindo e dividindo histórias e memórias sobre/com o povo Xetá. Essas amigas/os são as/os principais debatedoras/es desta tese, sempre dispostas/os a ajudar, colaborar e dividir as angústias, o cuidado e o afeto.

A amiga Franciele Lisboa sempre preocupada e com uma palavra de carinho para com este trabalho e minha pessoa. Sua leitura, incentivo e amizade são parte importante desse do que aqui se apresenta. Além disso, Fran tornou-se minha inspiração literária, com quem troco e divido o prazer pela leitura - sobretudo das escritas de mulheres - que nos suspende, momentaneamente, desse delírio a que fomos arremessadas nesses últimos anos no Brasil.

Agradeço as colegas do Núcleo Regional de Curitiba, em especial a Débora Venske, Maitê Lins, Iozodara de George e Márcia Esmanhotto que semprecolaboraram, incentivaram e apoiaram esta pesquisa. Agradeço a Lourival de Araújo Filho, ex-chefe do Núcleo Regional de Curitiba por fornecer licença especial e compreender meus horários de trabalho para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.

A comunidade indígena de São Jerônimo e em especial a todos/as professores/as da Escola Estadual Indígena Cacique Kofej, em especial a diretora Aline, a professora Guarani Irismar dos Santos e o professor Guarani Carlos Cabreira.

A minha mãe Elizabeth agradeço infinitamente por acreditar neste trabalho e suportar pacientemente minhas ausências para me dedicar a esta tese. Falante da língua Guarani, me apresentou desde sempre o universo e o interesse pelos povos indígenas. Rohayhu! Ao meu pai (*in memoriam*), que com amor foi desde sempre meu maior incentivador na trajetória acadêmica.

À Ana Maria Chaves Cabral que cuida com muita dedicação e carinho de minhas diferentes versões e que me fazem aliada e inimiga de mim mesma.

Agradeço ao meu cunhado José Claro Fonseca pelos diagramas de parentesco e ao sobrinho Iago Fonseca pelo abstract.

Por fim, agradeço e dedico esta tese a Rodrigo Fonseca, companheiro sempre presente e paciente. Grande incentivador e apoiador incansável dos momentos mais alegres e difíceis desta tese. Seus movimentos em compreender a história Xetá, seu interesse pelos grupos familiares, por Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák e seus esforços em compreender os conhecimentos em antropologia o levaram a partilhar e fotografar o trabalho campo em São Jerônimo e nos museus. Sua presença torna as coisas da vida mais leve, divertida e afetiva.

As coisas têm peso, massa, volume, tamanho
Tempo, forma, cor, posição, textura, duração
Densidade, cheiro, valor, consistência
Profundidade, contorno, temperatura
Função, aparência, preço, destino, idade, sentido
As coisas não têm paz

Arnaldo Antunes

RESUMO

O presente trabalho refere-se à análise da história de vida das coisas Xetá que atualmente se encontram nos acervos do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR e Museu Paranaense. Estas coisas constituem-se de artefatos, filmes, fotografias, gravações de áudio coletadas, desenhos e pinturas, coletados, pilhados, trocados e produzidos junto aos grupos familiares Xetá, durante expedições científicas organizadas pelo Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, entre os anos de 1955 e 1961, período em que foram contatados na floresta Serra dos Dourados, região noroeste do estado do Paraná, Brasil. A partir de pesquisa documental e etnográfica, verificou-se que, dados como extintos, essas coisas atravessam não apenas a vida política e afetiva dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade. Além disso, estão entrelaçadas as trajetórias de vida de seus colecionadores, o antropólogo Loureiro Fernandes e o fotógrafo e cinetécnico tcheco Vladimír Kozák, bem como das instituições que as abrigaram e abrigam. Estes atores, inseridos em múltiplos arranjos e temporalidades se fazem, desfazem, refazem, fluem, afetam e são afetados por estas coisas e a cada movimento se alteram e conferem temporalidade uns aos outros, revelando assim as suas próprias historicidades. Compreender os movimentos destes diferentes atores e como acionam conceitualmente o seu campo de relações em torno das coisas Xetá tornou-se o objetivo desta tese.

Palavras-chaves: Etnologia; Povos indígenas; Povos Indígenas no Paraná; Povo Xetá.

ABSTRACT

The present work refers to the analysis of the life history of Xetá things, which is currently known in the collections of the UFPR Archeology and Ethnology Museum and Paranaense Museum. These things happen with artifacts, films, photographs, audio recordings collected, drawings and paintings, collected, plundered, exchanged and obtained from the Xetá family groups, during scientific expeditions organized by the Department of Anthropology of the University of Paraná, between the years from 1955 and 1961, when they were contacted in the Serra dos Dourados forest, in the northwest region of the state of Paraná, Brazil. From documentary and ethnographic research, it was found that, given as extinct, these things cross not only the political and affective life of Xetá family groups in contemporary times. In addition, they are intertwined as life trajectories of their collectors, anthropologist Loureiro Fernandes and Czech photographer and videographer Vladimír Kozák, as well as the institutions that housed and sheltered them. These actors, inserted in multiple arrangements and temporalities are made, undo, remake, flow, affect and are affected by these things and with each movement they change and give temporality to each other, revealing as well as their own historicities. Understanding the movements of these different actors and how they conceptually trigger their field of relationships around things Xetá has become the objective of this thesis.

Keywords: Ethnology; Indian people; Indian people in Paraná; Xetá People.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Da esquerda para a direita: Rondon Xetá, Tucanambá, Tikuein (Mã), ã, Ana Maria Tiguá, Maria Rosa Tiguá e Kuein.	ii
Figura 2 - Tucanambá José Paraná.....	iii
Figura 3 - Maria Rosa do Brasil Tiguá.....	iv
Figura 4 - José Luciano da Silva	v
Figura 5 - Maria Rosa ã Xetá	vi
Figura 6 - Kuein Xetá.....	vii
Figura 7 – Pilão Horizontal	29
Figura 8 – Flecha Serrilhada.....	29
Figura 9 – Ponta de flecha Serrilhada.....	30
Figura 10 - Borduna.....	30
Figura 11 – Conjunto de Pincéis	30
Figura 12 – Brinco de Penas de Aves.....	31
Figura 13 - Brinco de Penas de Aves	31
Figura 14 - Brinco de Penas de Aves	31
Figura 15 - Brinco de Penas de Aves	31
Figura 16 - Brinco de Penas de Aves	31
Figura 17 - Brinco de Penas de Aves	31
Figura 18 – Cesto Bolsiforme.....	32
Figura 19 – Cesto Tigeliforme.....	32
Figura 20 – Abano Trançado	32
Figura 21 – Tipoia Trançada	32
Figura 22 – Tanga tecida de fibra vegetal	32
Figura 23 - Flautas.....	33
Figura 24 – Perfurador Labial	33
Figura 25 – Perfurador Labial	33
Figura 26 – Pau Igneo.....	34
Figura 27 – Cuia de cabaça	34
Figura 28 – Cabo de Machado de Pedra.....	35
Figura 29 – Estojo de folha de palmeira.....	35
Figura 30 – Diadema de cauda de macaco	35

Figura 31 – Fragmento de pele de animal	36
Figura 32 – Formão	36
Figura 33 – Conjunto de instrumentos cirúrgicos constituídos de ossos de animais	37
Figura 34 – Solução de Jenipapo.....	38
Figura 35 – Sementes fruto de Jatobá.....	38
Figura 36 – Coco de Macaúba.....	38
Figura 37 – Armadilha de Mundéu	38
Figura 38 – Pata de Coati	38
Figura 39 – Mandíbula de Paca	38
Figura 40 - Borduna.....	42
Figura 41 – Pegadores de Brasa	42
Figura 42 – Pele de Onça.....	43
Figura 43 – Abanadores de folhas de palmeira	43
Figura 44 - Grupo familiar Xetá – Serra dos Dourados, expedição científica de fevereiro 1956.	49
Figura 45 – Primeiros contatos. Fotografia Companhia Colonizadora, Serra dos Dourados, 1952.....	56
Figura 46 – Serra dos Dourados, menino capturado em 1952.....	57
Figura 47 – Primeira expedição científica a Serra dos Dourados, outubro de 1955.	62
Figura 48 – Tucanambá e Kaiuá, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, outubro de 1955.	63
Figura 49 – <i>Tapuy</i> , abrigo construído nos acampamentos Xetá, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, 1955.....	71
Figura 50 – Artefatos Xetá coletados na primeira expedição científica, 1955.....	72
Figura 51 – Equipe de pesquisadores e servidores do SPI, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, outubro de 1955.....	72
Figura 52 – A menina ã sendo retirada da Serra dos Dourados, segunda expedição científica, novembro de 1955.	74
Figura 53 – Grupo familiar de Adjatukã e Aricã, acampamento próximo a Fazenda Santa Rosa, segunda expedição científica, Serra dos Dourados, novembro de 1955.	75
Figura 54 - Adjatukã, segunda expedição científica, novembro de 1955.....	76
Figura 55 – Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956.....	78

Figura 56 – Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956.....	78
Figura 57 - Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956.....	79
Figura 58 – Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956.....	79
Figura 59 – Terceira expedição científica, fevereiro de 1956.....	80
Figura 60 - Terceira expedição científica, fevereiro de 1956.....	80
Figura 61 - Fazenda Santa Rosa – Posto de Atração para os grupos familiares Xetá.....	83
Figura 62 - Loureiro Fernandes oferece leite em pó para índios Serra dos Dourados.....	99
Figura 63 - Fazenda Santa Rosa - Serra dos Dourados.....	100
Figura 64 - Aryon Rodrigues, Tuca, Natjé, Adjatukã, Mã e Arigã, Serra dos Dourados, fevereiro de 1961.....	105
Figura 65 - Loureiro Fernandes na Serra dos Dourados.....	112
Figura 66 - Loureiro Fernandes, DEAN/UPR, s.d.. Ao fundo, observa-se painel de crânio de hominídeos.....	149
Figura 67 - Loureiro Fernandes, DEAN/UPR, s.d.. Ao fundo, observa-se molde ou coleção osteológica de corpo humano.....	150
Figura 68 - Organograma do DEAN/UFP.....	152
Figura 69 - Professor Loureiro Fernandes apresenta a exposição “Índio Brasileiro”.....	154
Figura 70 - Exposição <i>O índio americano</i> , DEAN/UPR, 1963.....	155
Figura 71 - Exposição DEAN/UPR, Curitiba, s.d.....	162
Figura 72 - Loureiro Fernandes exige o machado de pedra Xetá.....	167
Figura 73 - Vladimir Kozák junto aos grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956.....	180
Figura 74 - Machado de pedra Xetá.....	207
Figura 75 - Xetá na Serra dos Dourados.....	216
Figura 76 - Desenho de Vladimir Kozák em que retrata o ritual de casamento Xetá, narrado por Kaiuá.....	217
Figura 77 - Desenho de Vladimir Kozák em que retrata o ritual funerário Xetá, narrado por Kaiuá.....	218
Figura 78 - Vladimir Kozák e os Xetá na Serra dos Dourados.....	219
Figura 79 - Vladimir Kozák e Tucanambá.....	220

Figura 80 - Grupos familiares de Tucanambá, Tikuein (Mã) e Rosa Maria Tiguá em frente ao Museu Paranaense, setembro de 2018.....	229
Figura 81 - Fermentado de coquinho de Jerivá, Mostra Cultural, TI de São Jerônimo, outubro de 2017	278
Figura 82 - Material Pedagógico Xetá.....	280
Figura 83 - Material Pedagógico Xetá.....	281
Figura 84 - Claudemir e Dival com o Aurá-Haimbé no MP	283
Figura 85 - Árvore da Vida Guarani. Ao fundo, Tainá e Larissa netas de Maria Rosa Tiguá em visita ao MAE/UFPR, setembro de 2018.	284
Figura 86 - Bichinhos de cera de abelha, Coleção Vladimir Kozák. À esquerda o Moëw	285
Figura 87 - Bichinhos de cera de abelha, Coleção Vladimir Kozák.....	286
Figura 88 - Onça Xetá. Autor Dival da Silva	287
Figura 89 - Coruja, tatu e quati. Autor Dival da Silva.....	287
Figura 90 - Machado de pedra Xetá produzido por Dival, TI de São Jerônimo, setembro de 2019.	288
Figura 91 - Dival e Júlio no MP, em oficina de produção de bichinhos, Museu Paranaense, maio de 2019	289
Figura 92 - Colares Xetá confeccionados por Dival.	292
Figura 93 - Grupo familiar Xetá no Encontro Xetá, TI de São Jerônimo, setembro 2019. Da esquerda para direita: Sueli, Rosângela, Dival, ã, Benedita, Zezão. À frente, Júlio e Claudemir.	294
Figura 94 - <i>Tapuj</i> construído durante o Encontro Xetá, TI São Jerônimo, setembro de 2019	295
Figura 95 - Mostra de Fotografias durante Encontro Xetá, TI de São Jerônimo, setembro de 2019	296
Figura 96 - Kuein, Mã e Tikuein(Mã), Parque Passeio Público de Curitiba.....	306
Figura 97 - Arco e flecha de Tikuein (Mã) pertencente a Dival. TI de São Jerônimo, setembro de 2017.	313
Figura 98 - Maria Eduarda, neta de Tucanambá no MP, maio de 2019.....	316
Figura 99 - Júlio com chapéu de onça Xetá no MP, maio de 2019.....	316
Figura 100 - Claudemir com o brinco Xetá no MAE/UFPR, maio de 2019.	317
Figura 101 - Claudemir e Dival com o machado de pedra Xetá, MAE/UFPR, setembro de 2018.....	317

Figura 102 - Dival, Kelsin e Claudemir no interior da Galeria Xetá no MP, setembro de 2018.	318
Figura 103 - Grupos familiares Xetá assistem os filmes de Vladmir Kozák no Museu Paranaense, maio de 2019.	318

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade.....	6
Mapa 2- Território Federal do Iguaçu, 1944	50
Mapa 3 – Projeto de Divisão da Zona Cruzeiro, Rio D’Areia, Rio Veado, Rio São João e Xambê.	52
Mapa 4 – Projeto Colônia Serra dos Dourados, Divisão – 1947.....	53
Mapa 5 – Acampamentos Xetá na Serra dos Dourados. Mapa elaborado por Ney Barreto, primeira expedição científica, outubro de 1955.	70

DIAGRAMAS DE PARENTESCO

Diagrama 1 – Os antigos do tempo do mato.	i
Diagrama 2 – Grupo familiar de Tucanambá.....	iii
Diagrama 3 – Grupo familiar de Maria Rosa Tiguá.....	iv
Diagrama 4 – Grupo familiar de Tikuein (Mã)	v
Diagrama 5 – Grupo familiar de ã.....	vi
Diagrama 6 - Grupo familiar Zezão	248
Diagrama 7 - Grupo familiar de Dival Xetá.....	249
Diagrama 8 - Grupo familiar de Benedita	250
Diagrama 9 - Grupo familiar de Sueli	250
Diagrama 10 - Grupo familiar Zenilda.....	251
Diagrama 11 - Grupo familiar de Claudemir.....	251
Diagrama 12 - Grupo familiar de Rosangela.....	252
Diagrama 13 - Grupo familiar Júlio César	252

ABREVIATURAS:

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB – Círculo de Estudos Bandeirantes

CEEI – Coordenação de Educação Escolar Indígena

CEPA – Centro de Pesquisas Arqueológicas

CNPI – Conselho Nacional de Proteção aos Índios

DAOP – Departamento Administrativo do Oeste do Paraná

DEAN – Departamento de Antropologia

DEPAN – Departamento de Psicologia e Antropologia

DGTC – Departamento de Geografia, Terras e Colonização

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

DPHAN – Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

FAB – Força Área Brasileira

FFCLPR – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná

FMC – Fundo Municipal de Cultura

FPIC – Fundação Paranaense de Imigração e Colonização

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISA – Instituto Socioambiental

IP – Instituto de Pesquisas

LAEE – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História

LALI - Laboratório de Línguas Indígenas

MAAP – Museu de Arqueologia e Artes Populares

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia

MAEP – Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá

MEC – Ministério da Educação

MINC – Ministério da Cultura

MNHN – Museu Nacional de História Natural da França

ONU – Organização das Nações Unidas

PIN – Posto Indígena

PINX – Parque Indígena do Xingu

SCH – Setor de Ciências Humanas

SEAE – Secretaria Estadual de Assuntos Estratégicos do Paraná

SEED – Secretaria Estadual de Educação do Paraná

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

TI – Terra Indígena

UB – Universidade do Brasil

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFP – Universidade Federal do Paraná

UNB – Universidade de Brasília

USP – Universidade de São Paulo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

UNIDOV – Unidade de Documentação e Vídeo

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
I. As coisas Xetá: referenciais teóricos.....	10
II. A pesquisa etnográfica junto aos grupos familiares Xetá.....	20
III. A pesquisa em museus, coleções e arquivos: um campo de relações.....	24
IV. A Coleção Etnográfica Xetá no MAE/UFPR.....	27
V. A coleção etnográfica Xetá de Vladimir Kozák no MP	41
VI. O arquivo documental Xetá no CEB.....	44
VII. O arquivo documental DEAN/UFPR e CEPA/UFPR	46
VIII. Os capítulos	47
CAPÍTULO 1	49
1. Os <i>índios da Serra dos Dourados</i> : os primeiros contatos	50
1.1 As Expedições científicas na Serra dos Dourados: aliança político-epistêmica	61
1.2 Expedições científicas: a constituição das coleções Xetá	67
1.2.1 Em busca dos <i>índios da Serra dos Dourados</i> : as expedições científicas de 1955, 1956 e 1957	68
1.3 A identificação dos <i>índios da Serra dos Dourados</i> : as expedições científicas de 1958 e 1959	82
1.4 Pessoas e coisas: as expedições científicas de 1960 e 1961	89
1.5 O encerramento das expedições científicas.....	107
CAPITULO 2	112
2.1 O Loureiro Fernandes: biografia	113
2.2 Loureiro Fernandes: a trajetória intelectual médico-antropólogo	117
2.3 Loureiro Fernandes: trajetórias de pesquisa	126
2.4 Entre a <i>École d'Anthropologie</i> e o <i>Institut d'Ethnologie de Paris</i> : a formação antropológica de Loureiro Fernandes	131
2.5 O DEPAN: aculturação e a extinção Xetá.....	172
2.6 A coleção etnográfica DEAN: a transição MAAP- MAEP – MAE/UFPR.....	177
CAPÍTULO 3	180
3.1 Vladimir Kozák: biografia.....	181
3.2 Vladimir Kozák: relações institucionais.....	188
3.3 Vladimir Kozák: Loureiro Fernandes e o campo de disputas	203
3.4 Vladimir Kozák: o ‘amigo’ dos índios	208

3.5 A coleção Xetá no MP.....	222
CAPÍTULO 4	229
4.1 Os grupos familiares Xetá nos Museus	230
4.2 As histórias dos antigos	236
4.3 <i>Não se conversa só, não é mesmo?</i>	242
4.4 <i>Os Guardiões das histórias Xetá</i>	246
4.5 A vida na TI de São Jerônimo: a política e o afeto Xetá.....	248
4.6 Tornar-se antigo: o destino dos guardiões das histórias Xetá	269
4.7 “ <i>A cultura não pode morrer</i> ”: trabalho e processos de indigenização Xetá.....	276
4.8 História e história Xetá: verdades e mentiras	299
4.9 Parentesco e afeto: a presentificação dos <i>antigos</i>	310
5. Considerações Finais:	321
BIBLIOGRAFIA	325

Os antigos do tempo do mato



Diagrama 1 – Os antigos do tempo do mato¹.

¹ Nesta tese utilizo como referência para nominar *os antigos* documentos disponíveis em arquivos institucionais, bem como de informações dos grupos familiares Xetá com quem dialoguei durante a pesquisa. Desse modo, poderão ocorrer diferenças de nomenclatura com outras pesquisas realizadas anteriormente, concomitantemente e futuramente, não apenas pela especificidade do sistema de nomenclatura Xetá, como também pelas referências de memória de cada um dos grupos familiares na contemporaneidade.

Os sobreviventes do extermínio²



Figura 1- Da esquerda para a direita: Rondon Xetá, Tucanambá, Tikuein (Mã), Â, Ana Maria Tiguá, Maria Rosa Tiguá e Kuein³.

² Silva (2003).

³ Fotografia: Márcia Rosato. Acervo de consulta: SEEC/MP.

Os grupos familiares Xetá⁴



Figura 2 - Tucanambá José Paraná⁵

Nome do mato: Inguaká
 Local de Nascimento: Serra dos Dourados
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1946
 Pai: He'vay
 Mãe: Ipópe'ajo
 Falecimento: 2017

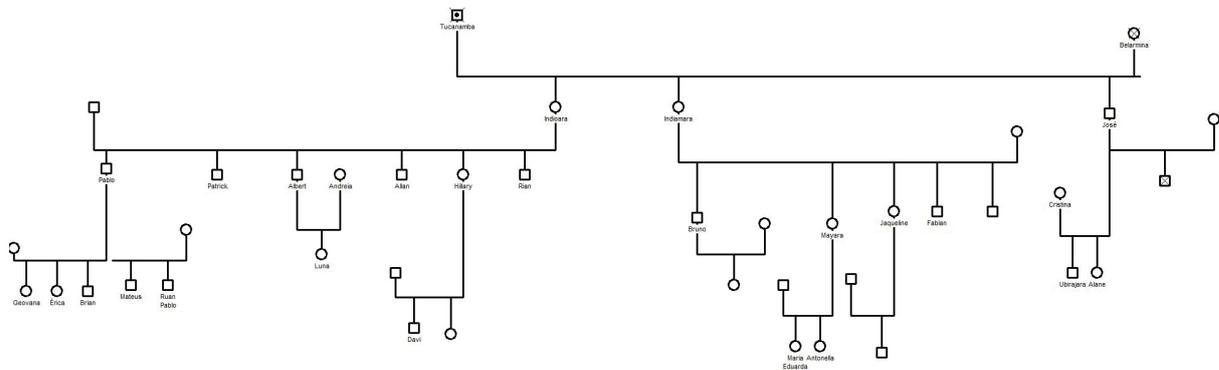


Diagrama 2 – Grupo familiar de Tucanambá

⁴ Neste trabalho apresento o diagrama de parentesco das famílias com o qual dialoguei nesta tese.

⁵ Fotografia: acervo familiar de Tucanambá.



Figura 3 - Maria Rosa do Brasil Tigua⁶

Local de Nascimento: Serra dos Dourados
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1950
 Pai: Iratxameway
 Mãe: Nhatie
 Local de residência: Umuarama/PR

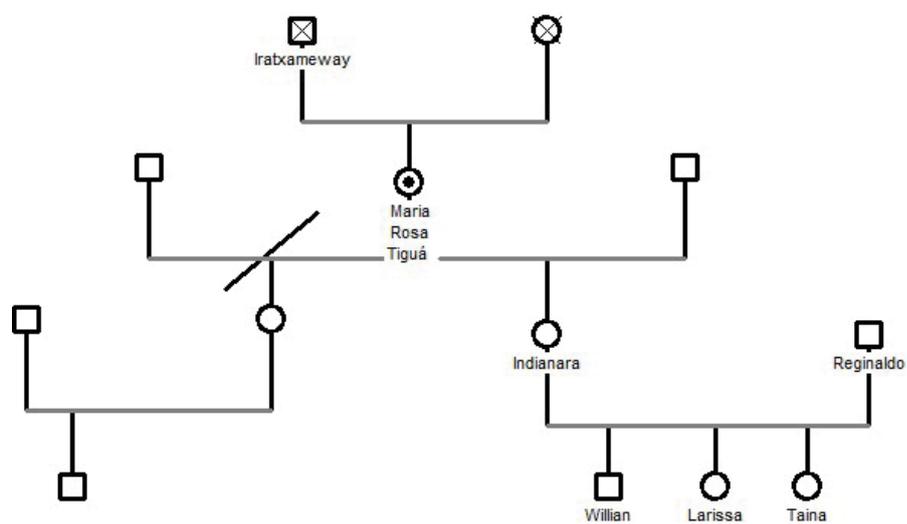


Diagrama 3 – Grupo familiar de Maria Rosa Tigua

⁶ Fotografia: Rodrigo Fonseca

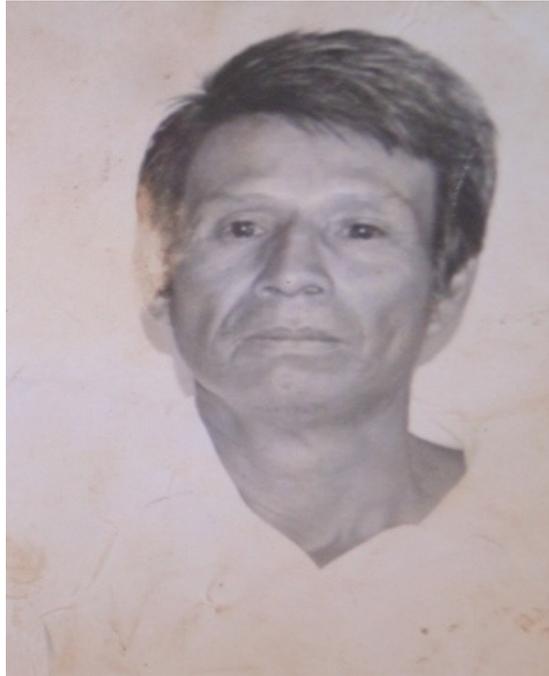


Figura 4 - José Luciano da Silva⁷

Nome do mato: Tikuein – ‘menino’
 Local de Nascimento: Serra dos Dourados
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1951
 Pai: Mã
 Mãe: Tereza da Silva
 Local de residência: TI de São Jerônimo – São Jerônimo da Serra/Pr
 Falecimento: 2015

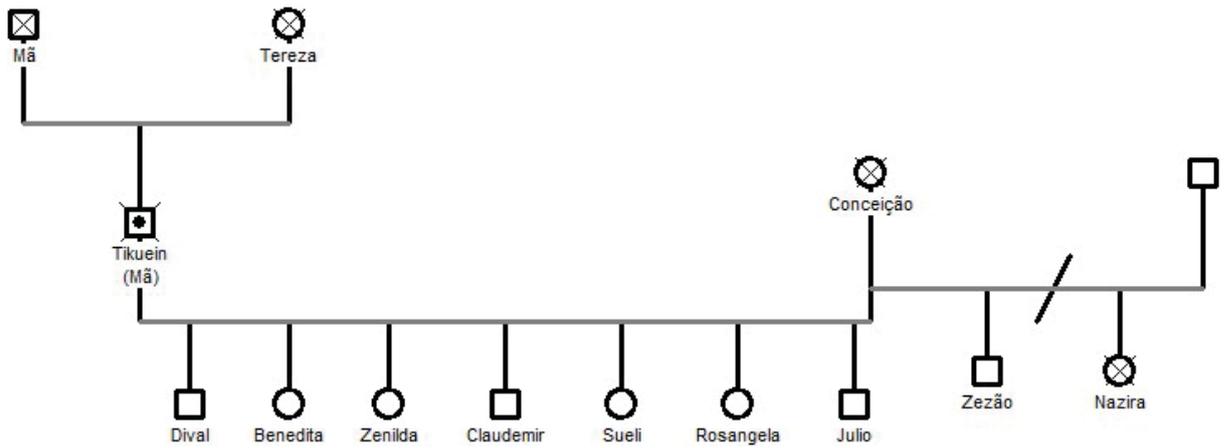


Diagrama 4 – Grupo familiar de Tikuein (Mã)

⁷ Arquivo familiar de Benedita da Silva.



Figura 5 - Maria Rosa Xetá

Nome do mato: Moko

Local de Nascimento: Serra dos Dourados

Data de Nascimento: Aproximadamente em 1955

Pai: Itaiura Pate

Mãe: Moko Ajo

Local de residência: TI de São Jerônimo – São Jerônimo da Serra/PR

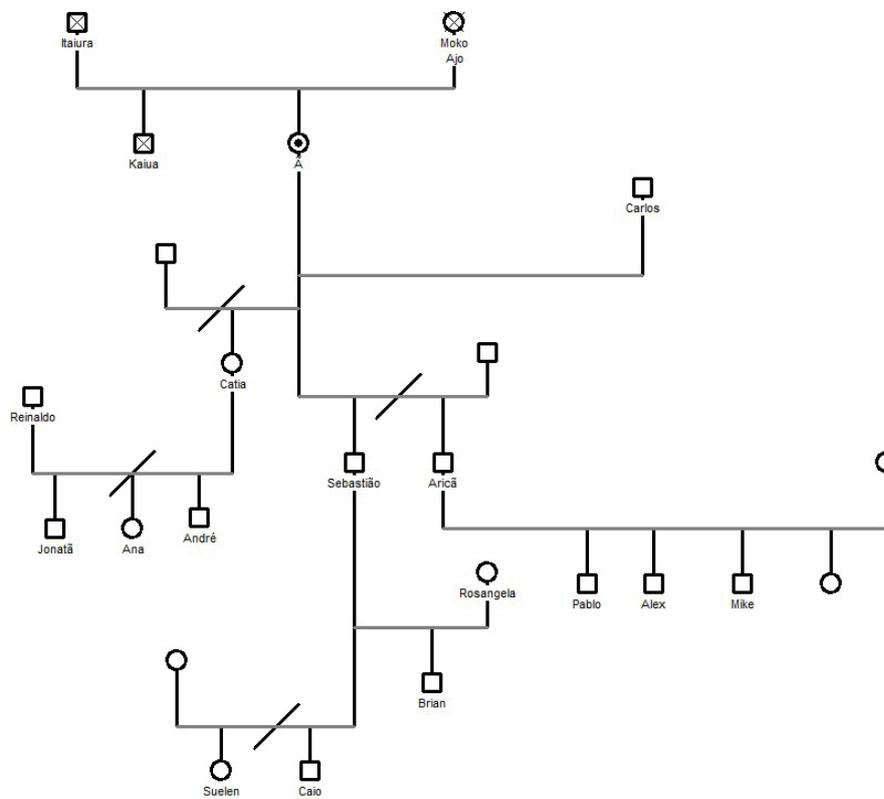


Diagrama 5 – Grupo familiar de Xetá



Figura 6 - Kuein Xetá⁸

Nome do mato: Kuein Nhayuacan – ‘jaguaririca’
 Local de Nascimento: Serra dos Dourados
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1938
 Pai: Kará
 Mãe: Patayo
 Local de residência: TI de Marrecas – Turvo/Pr

Ana Maria Xetá

Local de Nascimento: Serra dos Dourados
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1955
 Pai: Aricã[Arigã] Xetá
 Mãe: Iatiê
 Local de residência: Douradina/PR

Tiquein Xetá

Local de Nascimento: PIN Marrecas – Turvo/PR
 Data de Nascimento: Aproximadamente em 1963
 Pai: Aricã[Arigã] Xetá
 Mãe: Iaci[Aruay]
 Falecimento: 2017

Rondon Xetá

Local de Nascimento: PIN Marrecas – Turvo/PR
 Data de Nascimento: 1965
 Pai: Aricã[Arigã] Xetá
 Mãe: Iaci[Aruay]
 Local de residência: TI de Chapecó – Chapecó/SC

⁸ Fotografia: Douglas Fróis, MAE/UFPR.

INTRODUÇÃO

Todos nós queremos ser reconhecidos como membros do povo Xetá⁹. Independentemente de sermos sobreviventes ou descendentes, todos nos reconhecemos como Xetá. Com este encontro, demonstramos que existimos e queremos continuar existindo enquanto povo culturalmente diferenciado. Para isso pedimos o apoio de toda a sociedade paranaense e brasileira¹⁰.

No ano de 2007, após o falecimento de Tucanambá José Paraná, os grupos familiares Xetá se encontraram no município de Guarapuava, região sul do estado do Paraná, em um evento organizado pelo CIMI. Na pauta das discussões reivindicavam as instituições do públicas o reconhecimento da sua existência como *povo vivo*; a retomada do processo de demarcação de seu território; e sua inserção em políticas públicas educacionais, por meio da elaboração de uma proposta pedagógica específica para o seu *povo*, dedicada, sobretudo, a revitalização da língua Xetá, pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani. Em documento final produzido durante o evento registraram: “[...] *discutimos e dialogamos sobre a nossa história, sobre a atual situação em que vivemos e sobre o que queremos sobre o nosso futuro*”¹¹.

Esse movimento dos grupos familiares dava continuidade as lutas e reivindicações dos sobreviventes do extermínio (SILVA, 2003), isto é, de Tucanambá José Paraná, Kuein Manhaai Nhaguakã, José Luciano da Silva - Tikuein (Mã)¹², Tiquein, Rondon, Ana Maria (Tiguá), Maria Rosa Tiguá Brasil e Maria Rosa Padilha (Ã) – que no ano de 1997, se reuniram e encaminharam aos órgãos governamentais um documento em que pautavam as mesmas reivindicações (FUNAI, 2013).

⁹ *Povo Xetá* ou *Etnia Xetá* é a categoria utilizada na contemporaneidade pelos seus representantes para se referir à totalidade dos grupos familiares. Utilizam também *meu povo*, *minha gente* ou *nosso povo*, *nossa gente* de modo exclusivo, isto é, quando se referem apenas ao grupo familiar a que pertencem. Desse modo, neste trabalho, para marcar a posição de uma categoria acidada por essas pessoas e não previamente definida pela pesquisadora (LATOURE, 2012, p. 44), utilizo, ao longo de todo o texto, a categoria *povo* em itálico.

¹⁰ Disponível em <https://cimi.org.br/2007/10/26590>. Acessado em 03 de outubro de 2018.

¹¹ *Idem*.

¹² Nesta tese mantenho a referencia a José Luciano da Silva como Tikuein(Mã), tal como utilizado por Silva (1998, 2003).

A reivindicação do território Xetá faz parte de um longo processo de aproximadamente vinte anos, parte dos quais suas principais lideranças - Tucanambá, Tikuein (Mã) e Kuein - movimentaram em parceria com a antropóloga Carmen Lúcia da Silva e, institucionalmente, com o MAE/UFPR, FUNAI e ISA, Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal dos Deputados, Conselho Indígena do Paraná, Governo do Estado do Paraná, Ministério Público Estadual e CIMI. Durante o processo de identificação do território, as duas principais lideranças faleceram: Tikuein (Mã) em 2005, e Tucanambá¹³ - o Tuca como ficou conhecido, em 2007. Seus grupos familiares, com apoio de Dona Belarmina¹⁴, ex-esposa de Tuca, assumiram as lutas pela demarcação e atuaram na fase final de elaboração do Relatório de Identificação da TI.

No ano de 2014¹⁵, a TI Herarekã Xetá foi identificada com 2.686 hectares e aproximadamente 22 km de perímetro e está localizada no município de Ivaté, região noroeste do estado do Paraná-Brasil. Situada de leste a oeste entre o Córrego 215 e Córrego Tiradentes, a TI abrange parte do território em que ocorreu o violento processo de contato dos grupos familiares Xetá com os não indígenas entre as décadas de 1940 e 1960, à época conhecida como floresta da Serra dos Dourados.

A ação violenta do Estado e dos colonizadores na região resultou em assassinatos, mortes, deslocamentos forçados e atingiram profundamente as relações familiares, territoriais, materiais e simbólicas dos grupos familiares Xetá, resultando em uma profunda ruptura com o modo de vida na Serra dos Dourados. As narrativas dos grupos familiares Xetá sobre esses eventos são permeadas de situações de violência: assassinatos, doenças, chacinas, envenenamentos, fome, roubo de crianças, estupros, fugas constantes, separações, desmatamento e expulsão de seu território (SILVA, 1998). No final da década de 1960, estavam reduzidos a oito pessoas - Tucanambá, Tikuein (Mã), Kuein, ã, Maria Rosa, Ana Maria, Tiquein e Rondon Xetá que foram separados e transferidos compulsoriamente pelo SPI

¹³ Tucanambá José Paraná faleceu em Curitiba, em junho de 2007, vítima de um AVC. Foi sepultado na TI de Mangueirinha, onde residiu boa parte de sua vida.

¹⁴ D.Belarmina, ex-esposa de Tucanambá José Paraná, faleceu em 16 de janeiro de 2019, durante a escrita desta tese e também foi sepultada na TI de Mangueirinha, onde nasceu.

¹⁵ Processo Administrativo FUNAI/BSB n.º 08620.003478/1999-10. FONTE: <https://eproc.trf4.jus.br>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2019.

para diferentes TIs no interior do Paraná¹⁶. Identificados por Silva (1998) como sobreviventes do extermínio, atualmente cinco estão vivos.

Assim, a princípio, o *povo* Xetá teria cumprido a trajetória histórica de extinção antevista por antropólogos evolucionistas, entre eles Loureiro Fernandes (1959), que estabeleceu contato com os grupos familiares entre 1955 e 1961. Concebidos por meio de ‘traços de sua cultura material’, ‘autenticidade’, ‘pureza’ e de uma visão estática de cultura, os grupos familiares Xetá permaneceram - para boa parte das instituições do Estado, meios de comunicação, pesquisadores e demais setores da sociedade não-indígena com quem interagem - congelados no tempo e no espaço.

Esta imagem, ainda reforçada na contemporaneidade, incide diretamente no plano dos seus direitos políticos, visto que permanece condenando-os ao desaparecimento, a invisibilidade e a exclusão do reconhecimento constitucional enquanto *povo* culturalmente distinto.

Atualmente, o processo de Identificação encontra-se no TRF4 em Porto Alegre e esbarra no critério do Marco Temporal fixado pelo Supremo Tribunal Federal em 2010. Segundo este critério, o direito à demarcação dos territórios indígenas recai somente aqueles ocupados e disputados pelos grupos indígenas na data de 05 de outubro de 1988, isto é, na data da promulgação da Constituição Federal. Em Acórdão de julgamento ocorrido em 11/12/2018, o TRF4 conclui que não havia indícios que os grupos familiares Xetá ocupassem ou disputassem o território na ocasião da referida data, e o processo de desocupação do território teria ocorrido de forma ‘pacífica’, em período anterior a data fixada como Marco Temporal.

¹⁶ Depois de serem retirados da Serra dos Dourados, os sobreviventes do extermínio transitaram entre as TIs de Marrecas (município de Turvo); TI de Pinhalzinho (município de Tomazina), TI de Rio das Cobras (município de Laranjeiras do Sul), TI de São Jerônimo (município de São Jerônimo da Serra), TI de Queimadas (município de Ortigueira), TI de Rio D’Areia (município de Inácio Martins) (SILVA, 1998).

Desse modo, a instituição declarou a nulidade de todos os atos relativos à reivindicação e, negou o direito aos grupos familiares sobre as terras historicamente ocupadas no estado do Paraná. Ao rejeitar o direito territorial, o Estado brasileiro não apenas desconsidera uma vasta documentação datada ainda no século XIX¹⁷, e que atesta a presença Xetá sobre o território reivindicado, como perpetua na contemporaneidade a violência, o esbulho e o descaso frente ao genocídio enfrentado pelos grupos familiares Xetá (LIMA, MARINHO, 2018).

Em relação à educação escolar, em 2007, a instituição responsável pela oferta acatou recomendação do Ministério Público Federal de Umuarama e organizou uma reunião com os representantes dos grupos familiares Xetá, no sentido de dialogar a respeito de suas reivindicações. À época, como servidora da instituição, desempenhei a função de organizadora desta reunião estabelecendo, em junho de 2008, o primeiro contato com os grupos familiares Xetá.

Tomada aqui como um evento político de relações interculturais, em que diferentes atores e interesses estão em disputa, nesta primeira reunião quinze representantes dos grupos familiares de Tuca e Tikuein (Mã) estiveram presentes, além de representantes da instituição organizadora, do MEC, da FUNAI e quatro caciques das TIs onde os grupos familiares Xetá estavam territorializados naquele momento.

Durante a reunião, os grupos familiares direcionaram narrativas às instituições a respeito do processo de contato – o genocídio e a violência perpetrada pelo Estado, a separação e a morte dos parentes, os conhecimentos deixados pelos *antigos* – categoria genérica ao qual incluem todos os parentes ancestrais, situados em diferentes espaços e tempos, dos imemoriais, os míticos, da Serra dos Dourados e os sobreviventes do extermínio (SILVA, 2003).

¹⁷ Em 1840, a expedição de Joaquim Francisco Lopes e John Henry Elliot nos vales dos Rios Paraná e Ivaí encontrou acampamentos na região, objetos e grupos familiares identificados com os povos Tupi-Guarani, mas com (PARANÁ, 2006, p. 14; MOTA, 2018, p. 35-6). Em 1872, o engenheiro inglês, Thomas Bigg-Whiter entrou em contato com um grupo indígena rio Ivaí, denominado ‘Botocudos selvagens’. Os artefatos labiais utilizados por esses indígenas apresentam semelhanças com aqueles dos grupos familiares Xetá. Além disso, em 1899, Telêmaco Borba registrou a presença de dois indivíduos pertencentes ao povo Aré; e em 1907, Albert Fric, naturalista de nacionalidade tcheca, registrou a presença de três cativos entre o povo Kaingang que se denominavam Xetá (KOZÁK, 1981, p. 19-20). Desses registros, dados linguísticos e culturais, indicam que os grupos indígenas contactados nessas expedições estariam aparentados ou relacionados aos grupos familiares Xetá contactados nas décadas de 1940 e 1950.

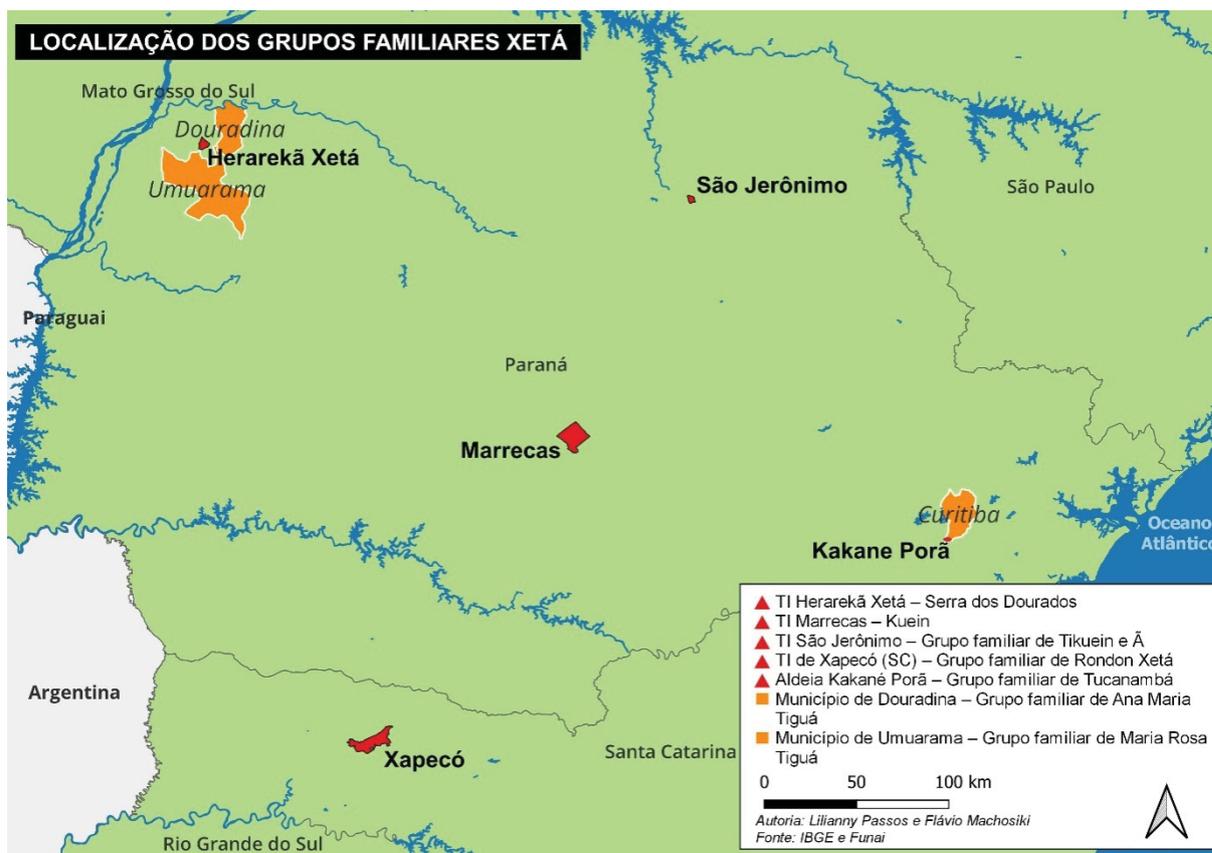
Claudemir, filho de Tikuein (Mã) descreveu sua trajetória de vida ao lado do pai e definiu o encontro como de grande importância para a luta do *povo Xetá*, visto que seria a primeira vez que uma instituição teria recebido os representantes de sua geração para dialogar e encaminhar suas reivindicações na área da educação. Como *líder* de seu grupo familiar, Claudemir reivindicava a revitalização da língua e a contratação de um representante Xetá para atuar como professor no Colégio Estadual Indígena Cacique Koféj, localizado na TI de São Jerônimo, onde estão matriculadas as suas crianças.

No entanto, do ponto de vista institucional, algumas questões dificultavam a implantação de uma política linguística e educacional para os grupos familiares Xetá. O primeiro entrave apontado dizia respeito ao contexto sociolinguístico contemporâneo da língua, visto que Kuein seria o único falante ativo da língua¹⁸, naquela ocasião, encontrava-se doente. Embora as instituições tenham movimentado inúmeros esforços para incluí-lo em um programa de revitalização, sem condições físicas, Kuein não poderia colaborar na elaboração de uma proposta de revitalização da língua Xetá.

Outra dificuldade, apontada pelas instituições, era a dispersão dos grupos familiares Xetá em diferentes aldeias e TIs. Kuein residia, e atualmente ainda reside na TI de Marrecas, localizada no município de Turvo, região centro-sul do estado do Paraná. O grupo familiar de Tucanambá, Tiquein e Rondon residiam na aldeia urbana Cambuí, município de Curitiba. O grupo familiar de Tikuein (Mã) residia e ainda reside, desde o final da década de 1980, na TI de São Jerônimo, município de São Jerônimo da Serra, região centro-oriental do Paraná; o grupo familiar de ã, à época residia na aldeia Rio D'Areia, centro município de Inácio Martins, centro-sul do estado do Paraná; o grupo familiar de Maria Rosa Tiguá no município de Umuarama e, de Ana Maria Tiguá, em Douradina, ambos na região centro-oeste do estado do Paraná.

De lá para cá, Rondon Xetá mudou-se para o município de Upuaçu, próximo a TI de Chapecó, região oeste do estado de Santa Catarina; desde 2010, o grupo familiar de ã mudou-se para a TI São Jerônimo; o grupo familiar de Tucanambá mudou-se para a aldeia urbana Kakané Porã, localizada no Bairro Tatuquara em Curitiba; e Tiquein mudou-se para o município de Guarapuava, onde faleceu no ano de 2018.

¹⁸ Durante sua pesquisa etnográfica, Silva (1998) observou que ã compreendia a língua Xetá, mas que raramente se expressava principalmente na presença de não indígenas. Este fato também foi observado nos momentos em que estabeleci contato com seu grupo familiar.



Mapa 1 – Localização dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade

Somado a esses fatores, as instituições colocaram também na pauta de discussões a pouca escolaridade dos representantes Xetá, potenciais contratados ao cargo de professor(a) Xetá¹⁹, e a possibilidade de incluí-los em um programa de escolarização.

Em conjunto essas questões suscitaram dúvidas às instituições quanto aos conteúdos, conhecimentos linguísticos e históricos, como também as metodologias para elaboração de uma proposta pedagógica voltada aos grupos familiares Xetá, e em algumas ocasiões, os atores institucionais insistiram para que os grupos familiares apresentassem a sua proposta.

No entanto, o que propuseram não foi imediatamente traduzido a partir das categorias e do modelo que perpassam os textos legais e que orientavam as atividades dos

¹⁹ Na ocasião, boa parte dos representantes Xetá havia completado os anos iniciais do Ensino Fundamental. A pouca escolaridade está relacionada às suas necessidades de realizar trabalhos remunerados, desde muito jovens, principalmente como boias-frias, ausentando-se das aldeias por um período longo.

atores institucionais, a saber: a *educação escolar indígena específica, diferenciada e bilíngue*. Naquela ocasião, estas categorias serviam de modelo genérico para implantação de políticas públicas em educação escolar indígena e eram facilmente compreendidas e traduzidas pelas instituições, resumindo-se nas seguintes ações: formação inicial e continuada de professores indígenas; alfabetização bilíngue; ‘revitalização’ da língua; elaboração e publicação de material pedagógico bilíngue; aprofundamento de conhecimentos em língua portuguesa e matemática; e contratação de professores indígenas bilíngues para atuarem nas escolas indígenas. Ações fundamentadas em conceitos de ‘interculturalidade’, ‘educação diferenciada’, ‘bilinguismo’, ‘pedagogia indígena’, ‘preservação dos conhecimentos tradicionais’ e ‘resgate cultural’.

Naquela ocasião, o contexto sociolinguístico de boa parte das Tem do estado Paraná, para o qual as instituições desenvolviam políticas públicas, caracterizava-se pelo bilinguismo e tais categorias movimentavam as narrativas de boa parte de suas lideranças e professores(as) indígenas. Embora reivindicassem a ‘revitalização da língua’ e se por meio da escolarização, o caso Xetá impunha um desafio aos atores institucionais, que encontraram, inicialmente, dificuldades em compreender a proposta pedagógica Xetá, visto que seus representantes não recorreram diretamente a essas categorias ou a esse modelo genérico de educação escolar indígena.

Ao indagarem diretamente aos grupos familiares como pretendiam encaminhar a sua proposta, estes mobilizaram os conhecimentos transmitidos pelos *antigos* reivindicando as instituições o desejo de acessar e contatar as suas coisas musealizadas por meio de expedições científicas que ocorreram entre os anos de 1955 e 1961 na Serra dos Dourados.

Tratava-se da coleção de artefatos, fotografias e filmes, coletados e produzidos com os grupos familiares na Serra de Dourados pelo cinetécnico tcheco Vladimír Kozák, e que se encontra na reserva técnica do MP; o estudo e o ensino da língua Xetá a partir das gravações de *histórias*, mitos e cantos que compõem o arquivo linguístico de Aryon Dall’Igna Rodrigues, também registradas na Serra dos Dourados. Além disso, solicitaram contato com a antropóloga Carmen Lúcia da Silva, que realizou pesquisa de mestrado (1998) e doutorado (2003) com os sobreviventes do extermínio.

Durante essas primeiras reuniões, os grupos familiares não fizeram referência às coisas Xetá pertencentes à coleção do antropólogo Loureiro Fernandes e, tampouco citaram a coleção da arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, que se encontram atualmente na reserva técnica do MAE/UFPR. Ambos também estiveram na Serra dos Dourados, no entanto,

suas coleções foram incorporadas às relações dos grupos familiares Xetá por meio de ações institucionais e, como veremos no último capítulo, as referências e os silêncios acerca dessas coisas e seus colecionadores estão diretamente relacionadas à posição destes na memória transmitida entre os membros dos grupos familiares Xetá.

Como justificativa para essa reivindicação, primeiramente, afirmaram que a violência do contato e o processo de desterritorialização compulsória empreendida pelo Estado paranaense, resultaram na separação forçada dos grupos familiares e atingiram sobremaneira os laços e suas relações de parentesco, fragmentando o processo de transmissão de ensino-aprendizagem da língua, dos mitos, dos cantos, das *histórias dos antigos*, dos rituais e etc. Assim, afirmaram que o contato com essas coisas lhes permitiria acessar, movimentar e complementar os ensinamentos que os *antigos lhes deixaram* com aqueles que se encontram fora do contexto de suas relações, isto é, musealizados. Além disso, enfatizavam que pretendiam apresentar essas coisas às crianças, visto que estas recorrentemente lhes dirigiam perguntas acerca de outros espaços e tempos da vida Xetá.

Como desdobramento dessas primeiras reuniões uma agenda de trabalho foi debatida e algumas ações políticas foram definidas com os grupos familiares Xetá. Entre elas, a articulação da constituição de um Grupo de Trabalho (GT) interinstitucional e multidisciplinar, no intuito de organizar o contato com os museus, visitas às suas reservas técnicas e uma proposta pedagógica.

Assim, em dezembro de 2008, foi constituído o GT *Jané Rekó Paramuhá – o contar de nossa existência*²⁰. Entre as instituições parceiras, foram incluídas nas ações a SEED; a SEAE; o IPHAN; o MEC; a FUNAI; o LALI/UnB; o MP; o MAE/UFPR; o LAEE/UEM; e a UFMT²¹. As instituições, representadas por uma equipe científica de antropólogos(as), historiadores(as), arqueólogos(as), linguistas e servidores(as) técnico-pedagógicos(as), junto com os representantes dos grupos familiares Xetá organizaram uma série de oficinas, encontros e reuniões entre os anos de 2009 e 2013.

Entre as atividades, em maio de 2010, as instituições parceiras organizaram uma visita dos grupos familiares Xetá ao MP e ao MAE/UFPR. Na ocasião, em tive a

²⁰ Na ocasião havia interesse das instituições em oficializar a constituição do GT, por meio de Resolução Intersecretarial, a ser assinada pelo Governo do Estado do Paraná, com o objetivo de descentralizar as ações e os recursos financeiros entre os envolvidos. No entanto, essa proposta não chegou a ser efetivada.

²¹ Instituição ao qual Carmen Lúcia da Silva é vinculada como docente.

oportunidade de acompanhá-los, contactaram as fotografias, os objetos, os desenhos, as pinturas, os documentos e assistiram os filmes Xetá que constituem a coleção Vladimir Kozák, entre eles o cine-documentário “*Os Xetá na Serra dos Dourados*”, produzido sob a orientação do antropólogo Loureiro Fernandes. Importante destacar que, durante a visita ao MP, o linguista Aryon Rodrigues esteve presente, e como registrou Araújo, “Em vários momentos, os Xetá procuraram o Professor Aryon Rodrigues para esclarecer dúvidas ou ouvir novas histórias sobre seus antepassados” (2012, p. 171). Nesses momentos, rememoraram os conhecimentos transmitidos e os momentos experienciados ao lado dos parentes mortos e, o afeto impactava suas emoções, fazendo-os oscilar entre estados de riso e choro.

Entre as atividades do GT, as instituições propuseram também levantamento de dados etnográficos, bibliográficos e documentais; o estímulo institucional às pesquisas, às publicações e demais produções científicas nas áreas de história, arqueologia, antropologia e educação, visando colaborar na implantação de uma proposta pedagógica Xetá. Como resultado, destaca-se quatro livros em que as coisas Xetá musealizadas e documentadas figuram como centrais (MOTA, 2013; FAUSTINO *et. al.*, 2013; RODRIGUES, 2011; RODRIGUES *et. al.* 2013). Além disso, resultou em dois trabalhos de iniciação científica (SANTOS, 2012; ALENCAR, 2011) e quatro dissertações de mestrado²² (ARAÚJO, 2012; SILVA, 2012; ALENCAR, 2013; RAMON, 2014).

Nesse contexto de relações institucionais, ao trazer à cena a relação com as suas coisas musealizadas, o *povo Xetá* despertou em mim o interesse em compreender a posição que estas ocupam na produção de seus conhecimentos e afetos. Primeiramente, realizei uma pesquisa junto ao IPHAN²³ entre os anos de 2008 e 2009, em que busquei articular uma discussão a partir da noção de patrimônio cultural e educação escolar indígena. Alguns anos depois, transformei essa experiência em um projeto de pesquisa apresentado na seleção de doutorado no PPGAA/UFPR.

No entanto, se em um primeiro momento, a ideia era compreender a relação dos grupos familiares Xetá com as suas coisas musealizadas, no decorrer da pesquisa, verificou-se

²² Entre 2009 e 2010 o Estado do Paraná assumiu a organização e o financiamento das atividades. Entre 2011 e 2013, as ações do GT tiveram continuidade por meio de projeto financiado com o apoio da CAPES/MINC – PROGRAMA PRÓ-CULTURA, em convênio com a UEM, e em parceria com a Unb e UFMT.

²³ Desenvolvido por meio do 1º Edital de Pesquisa: A preservação do Patrimônio Cultural no Brasil, Rio de Janeiro, IPHAN, 2008.

a relevância dessas coisas na vida de outros atores ampliando, desse modo, o campo analítico desta pesquisa. Assim, compreender a história de vida dessas coisas tornou-se o objetivo principal desta tese, ao incluir as relações políticas, epistemológicas, morais, afetivas, ontológicas e temporais mobilizadas pelos colecionadores e diferentes instituições que as abrigam, tais como o CEB, o MAE/UFPR, o DEAN/UFPR, o CEPA/UFPR e o MP. Em outras palavras, veremos que as coisas Xetá musealizadas movimentam uma série de pessoas, instituições e coleções que se fazem e se refazem em diferentes contextos, transformando-se temporalmente.

I. As coisas Xetá: referenciais teóricos

Na contemporaneidade, seguir a história de vida dos atos de colecionar, das coleções e arquivos Xetá nos direciona ao debate antropológico em torno do conceito de coisa. Entre aqueles que têm se dedicado a problematizar esse conceito, destacam-se Appadurai (2008[1988]), Thomas (1991), Latour (2001; 2012; 2013), Henare *et al.* (2007) e Ingold (2012). Desse modo, um breve panorama de suas teorias servirá como ponto de partida para a reflexão que pretendo desenvolver nesta tese. Um dos primeiros a se dedicar aos conceitos de vida social, biografia ou história de vida das coisas foi Appadurai (2008). O autor voltou-se primeiramente a desfazer a clássica polarização que permeia o debate antropológico entre um sistema de trocas orientadas no conceito de dádiva, nos termos de reciprocidade, desenvolvido por Mauss (2003[1925]), e que exclui de suas análises as relações que colocam as coisas trocadas em termos de mercadoria; e de outro, a ideia de um sistema capitalista movido por uma lógica de relações em que as coisas trocadas são tomadas exclusivamente como mercadorias, bens de produção, para distribuição e consumo (APPADURAI, 2008, p. 27).

Para Appadurai “[...] a mercadoria não é um tipo de coisa, em vez de outro tipo, mas uma fase na vida de algumas coisas” (APPADURAI, 2008, p. 32). Partindo dessa afirmação, o autor defende que ao transitarem em diferentes regimes de valor, dádivas e mercadorias existem, concomitantemente, nos dois sistemas de trocas, e que tomadas como coisas não possuem significado em si.

Conceitualmente, Appadurai propõe então analisar as mercadorias como coisas situadas em uma fase mercantil, ou seja, em um contexto temporal, relacional, político e moral que as constitui como tal (APPADURAI, 2008, p. 300). Desse modo, metodologicamente, Appadurai propõe seguir as coisas como as pessoas, isto é, em seus deslocamento e movimentos que lhes confere uma biografia, uma vida social específica (2008, p. 15) e do qual é possível acessar os seus regimes de valor (2008, p. 17).

Em seu projeto intelectual, Thomas (1991) rejeita a ideia de que as relações na Melanésia sejam orientadas exclusivamente pela economia do dom (MALINOWSKI, 1978[1922]; MAUSS, 2003[1925]). Assim como Appadurai, este autor volta-se a desfazer noções em que a economia do dom é tomada como uma relação de troca de bens inalienáveis, entre sujeitos em posições hierárquicas que se tornam ligados por alianças morais; e um sistema de mercadorias, em que a relação de troca de bens alienáveis que não estabelecem vínculos entre os sujeitos (1991, p. 14-15). Para Thomas, essa análise dicotômica, reduz, engloba e captura a particularidade de significados que as coisas adquirem em seus movimentos e deslocamentos.

Ao analisar a contribuição de Appadurai (2008), Thomas (1991) reconhece os seus esforços em desfazer dicotomias clássicas e a sua noção de ‘situação de mercadoria’, definida na “[...] complexa intersecção de fatores temporal, cultural e social” (APPADURAI, 2008, p. 300). Para Thomas, Appadurai colabora efetivamente para a elaboração da noção de coisa, que em seus constantes deslocamentos passa por significativas transformações de seus regimes de valores.

No entanto, suas críticas a Appadurai (2008) recaem sobre a sua noção de ‘política de valor’ em que os pressupostos sociais e as relações que implicam poder criam os regimes de troca. Em outras palavras, para Appadurai (2008) são os amplos valores sociais que definem ou não a relação das coisas como dom ou mercadoria. Para Thomas os processos de recontextualização das coisas, necessariamente não ocorrem incorporados aos grandes modelos de dom ou mercadoria (THOMAS, 1991, p. 28-29), ou seja, em movimento as coisas podem possuir uma multiplicidade de sentidos ou valores que vão além dessa dicotomia.

Ao focar sua atenção na particularidade de significados e no movimento das coisas, Thomas (1991) observa que estas podem ser tomadas como dom entre sujeitos situados em determinado tempo/espaço. Deslocadas para outro contexto, essas mesmas coisas podem ser vendidas como mercadoria; do mesmo modo que relações afetivas podem tomá-las como impróprias para doação ou comércio. Isto é, são os seus contextos e deslocamentos que as

tornam alienáveis ou inalienáveis, e vice-versa. Na ótica de Thomas, nem as relações nem os significados que as coisas mobilizam são estáveis e se reduzem às categorias dom e mercadoria, que boa parte das análises antropológicas tenta reduzi-las (1991, p. 19). Desse modo, para o autor, há uma dissensão entre a multiplicidade de significados que as coisas podem assumir e um sistema de análise ou valor totalizante, ancorado em categorizações que reduzem os seus trânsitos exclusivamente entre o sistema de dom ou mercadoria.

Além disso, Thomas (1991) propõe estender essa potência de contingenciamento das coisas simetricamente tanto ao contexto indígena ao não indígena, isto é, às apropriações de coisas coloniais pelos Melanésios e de coisas indígenas pelos agentes coloniais. Desse modo, interessa a Thomas (1991) seguir as criativas recontextualizações das coisas, que em movimento perpassam diferentes contextos de trocas e de relações interculturais, revelando assim a sua historicidade.

É necessário observar ainda que ao definir que regimes de valor (APPADURAI, 2008), deslocamentos e processos de recontextualização (THOMAS, 1991) são lançados pelas pessoas às coisas, isto é, que são os valores e os atores humanos que mobilizam a vida social e a historicidade, ambos reproduzem a clássica divisão ontológica que separa as coisas e o significado, em termos de divisão entre a representação e a realidade (LATOURE, 2012).

Nesse debate, Latour identifica essa separação como processos de ‘purificação’ (LATOURE, 2013) da vida intelectual moderna, que divide radicalmente dois universos ontológicos - as coisas e os significados, a natureza e a cultura, o indivíduo e a sociedade, os humanos e não humanos – e distribuem assimetricamente transcendência ou imanência, ação ou passividade a cada um desses campos (2001, p. 171). A partir desse processo, para Latour a vida intelectual moderna se limita a reflexões que abarcam ou o mundo da natureza, ou o mundo social ou a ordem do discurso (LATOURE, 2013, p. 09).

Paralelamente ao processo de ‘purificação’, argumenta Latour (2012), o pensamento moderno criou o conceito de ‘híbridos’, isto é, que conectam em uma mesma cadeia de relações elementos humanos e não humanos, a natureza e a cultura, o indivíduo e a sociedade, atores ou seres participam simetricamente na produção da vida social (LATOURE, 2013, p. 12). Segundo Latour,

[...] apenas nós diferenciamos de forma absoluta entre a natureza e a cultura, entre a ciência e a sociedade, enquanto que todos os outros sejam eles chineses ou ameríndios, zandés ou barouyas, não podem separar de fato aquilo que é conhecimento do que é sociedade, o que é signo do que é coisa, o que vem da natureza como ela realmente é daquilo que suas culturas requerem (2013, p.99).

Para Latour (2013) esse duplo mecanismo intelectual, de ‘purificação’ e ‘hibridismo’, permitiu a antropologia moderna se constituir como ciência. O antropólogo, pertencente a um quadro ontológico e epistemológico ‘purificado’, isenta-se de estudar a si mesmo, dedicando-se a analisar os ‘híbridos’ - que mantêm indivisível a natureza, a vida social e o discurso (LATOURE, 2013). Esse distanciamento epistemológico, mas também ontológico, criou a diferença necessária do etnógrafo em relação ao seu ‘objeto’ de pesquisa e permitiu a antropologia consolidar sua noção de *outro* (LATOURE, 2013, p. 12), elemento fundamental para a eficácia dos cânones científicos da disciplina (LATOURE, 2012, p. 13).

Em suas críticas ao pensamento moderno, o projeto intelectual de Latour (2012) propõe que a antropologia invista na simetria e na multiplicidade de atores que atuam, criam e transformam a vida social, sejam eles humanos ou não humanos. Desse modo afirma: “[...] não existem nem culturas – diferentes ou universais – nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações” (2012, p. 102). Para o autor, quanto maior a potência na ação-deslocamento dos humanos, maior o movimento dos não-humanos e vice-versa (LATOURE, 2001, p. 171). Ou seja, não há, portanto, hierarquias, dicotomias ou assimetrias entre natureza e cultura, humanos e não humanos, entre as pessoas e as coisas.

Para tanto, Latour desenvolveu o seu conceito de rede (2001; 2012), em que a vida social é constituída pela heterogeneidade de atores dinâmicos em ação e movimento, em fluxo e em deslocamento, fazendo-se, alterando-se e diferenciando-se constantemente. Assim, propõe também em substituição do conceito de sociedade, a noção de coletivo visto que essa abarcaria a rede de relações humanas e não humanas, conferindo a ambos, simetricamente, historicidade (LATOURE, 2001).

Em acordo com Latour (2013), Henare *et al.* (2007) criticam o projeto intelectual moderno que converteu questões ontológicas em questões epistemológicas, isto é, em noções de representação, e transformou o conhecimento antropológico, na “episteme das epistemes dos *outros*” (2007, p. 09). Em outras palavras, de como a disciplina que se especializou na compreensão da “visão de mundo de outros mundos” (2007, p. 09).

Seguindo a noção de ‘híbridos’ de Latour (2012), Henare *et al.* (2007, p. 06) concordam que este autor ofereceu novas maneiras de pensar à disciplina de antropologia por meio de uma nova ontologia. Ao proporem, o que denominam de uma virada ontológica – que incluem não apenas as reflexões de Latour (2013[1994]), mas de Wagner (2017[1975]),

Strathern (2006[1988]) e Viveiros de Castro (2002), Henare *et al.* (2007) apresentam possibilidades para a análise de conceitos sobre as coisas mobilizados em contexto etnográfico. Ou seja, como Latour (2013), sugerem deixar à distância imagens, representações ou interpretações previamente definidas acerca dos possíveis agentes que participam da vida social, sejam eles humanos ou não humanos, visto que estes são conceituados etnograficamente (HENARE *et AL.*, 2007, p. 04).

Como recurso metodológico, Henare *et al.* (2007) propõem que as coisas podem apresentar uma multiplicidade de ontologias, e quando surgem na pesquisa etnográfica, permitem reordenar os referenciais conceituais e teóricos da pesquisa antropológica. Para Henare *et al.* (2007) esse recurso metodológico impulsiona o salto entre a análise epistemológica e a ontológica, entre a compreensão de diferentes ‘visões de mundo’ e a existência de múltiplas possibilidades de ‘mundos’ (2007, p. 10). Ou seja, apontam para a multiplicidade de mundos, conceitos e teorias que as coisas em movimento, criam, produzem e revelam quando etnografadas em um coletivo de humanos e não humanos (LATOURE, 2001).

Nas Terras Baixas da América do Sul, sobretudo no contexto amazônico, esse referencial analítico tornou-se altamente produtivo, visto que determinadas coisas – plantas, animais, espíritos e artefatos - possuem uma vida social e uma dimensão ontológica subjetiva (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 03). Contudo, é necessário ressaltar que as concepções amazônicas de vida social das coisas se distanciam daquele sentido proposto por Appadurai (2008) - em que estas se movimentam em diferentes regimes de valor – e voltam-se as trajetórias relativas às suas subjetividades (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 04).

No cotidiano, em seu ciclo de vida e vida social os artefatos se inserem em uma mesma concepção que a pessoa e o corpo ameríndio: “[...] eles não nascem, precisam ser intencionalmente manufaturados através de uma infinidade de substâncias e afetos fornecidos por seus parentes e afins” (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 07). Assim, os artefatos apresentam características corporificadas e possuem cabeças, peles, membros, seios, troncos, genitais e são ornamentados, escarificados, destruídos, predados, adoecem, se alimentam, possuem afetos, sexualidade e agência, se situam e se movimentam no tempo e no espaço (VELTHEM, 2003). Como a pessoa, os artefatos são tomados como seres sociais relacionais, que envolve relações com outros seres em diferentes escalas (STRATHERN, 1988), ou seja, com quem a capacidade de comunicação é possível.

No entanto, ressalta Santos-Granero (2009), no contexto amazônico nem todos os artefatos possuem subjetividade ou a mesma subjetividade. Pesquisas etnográficas revelam que os artefatos mais propensos a se tornarem subjetivados são aqueles em contato corporal cotidiano. Assim como a pessoa, os artefatos dependem da interação humana para se tornarem subjetivados. Em outras palavras, é somente na interação com os outros seres sociais que a potência criativa dos artefatos é operada (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 13), e pode ocorrer permeada por conflitos e disputas assimétricas, hierárquicas, mas também de forma igualitária e amigável, dependendo, sobretudo, de seu grau de sua agentividade (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 20).

Nesse sentido, ornamentos corporais – tornam-se extensão dos corpos de seus proprietários e adquirem identidade, partes e qualidades de suas subjetividades (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 14; MILLER, 2018). Segundo Miller, entre os Mamaindê - grupos conhecidos como Nhambiquara e que habitam o noroeste do estado do Mato Grosso e Rondônia - o que afeta esses ornamentos, afeta os seus proprietários na mesma intensidade, provocando-lhes inclusive doenças ou a morte (2009, p. 62; 2018).

No contexto amazônico os artefatos ocupam um lugar proeminente (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 21)²⁴ e podem ser concebidos como compósitos de diferentes entidades (STRATHERN, 1988), revelando características antropomórficas, zoomórficas ou estritamente sobrenaturais (VELTHEM, 2003; SANTOS-GRANERO, 2009). Do mesmo modo, corpos e artefatos estão em relação aos diferentes domínios da natureza e do cosmos, fornecendo princípios de criação e transformação da pessoa (SEEGERR, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979; VELTHEM, 2003) e da vida social ameríndia. Transformação que, como argumenta Santos-Granero, deriva de uma larga extensão de característica compósita de diferentes formas de vida (2009, p. 23)²⁵.

Com qualidades ontológicas de seres que compõem a alteridade, artefatos rituais Wayana - povo de língua Carib, que habitam a fronteira do Brasil, Suriname e Guiana Francesa - lhe fornecem a potência criativa da vida social. A máscara ritual, a casa cerimonial e a roda de teto, são dotadas de beleza e de poderes dos demiurgos – tais como metamorfose/predação/canibalismo/guerra. Estes “se transformam no que foram outrora esses

²⁴ Tradução da autora.

²⁵ *Idem*.

seres e concretizam a metamorfose dos humanos, possibilitando que um indivíduo se complete socialmente” (VELTHEM, 2003, p. 196). Como artefatos rituais, devem apresentar detalhadamente todas as qualidades inerentes aos seres sobrenaturais: matérias-primas, decoração, estrutura e função, seus odores, cheiros, sons e movimentos (VELTHEM, 2003, p. 381). Qualidades essas que quando conjugadas permitem a efetiva irrupção do sobrenatural na aldeia e a alteração do espaço/tempo, necessário para a produção das pessoas Wayana (VELTHEM, 2003).

Os artefatos rituais permitem aos Wayana estabelecer um diálogo e ultrapassar as diferentes ontologias que permeiam a vida: humanidade, natureza e sobrenatureza. Contudo também é necessário, manter esses domínios perfeitamente distintos, visto que de outro modo os humanos assumiriam o ponto de vista do inimigo marcado pela sua forma deletéria, isto é, a predação, o canibalismo e a guerra (VELTHEM, 2003, p. 389).

Diante do exposto, estas etnografias revelam que as coisas no contexto amazônico engendram sistemas de trocas ontológicas, mais que distinções sociológicas (MILLER, 2009, p. 76). Há indícios de que esse referencial possa ser produtivo no processo de criação e produção de coisas Xetá no espaço tempo da Serra dos Dourados. Notas de campo de campo de Vladimir Kozák, indicam que o machado de pedra possuía cabeça, tronco e membros. Além disso, na fala de Kuein e ã, observa-se uma identidade entre os adornos corporais e a pessoa Xetá:

“Eu me lembro direitinho de tudo. Naquele tempo, eu estava vestido com meus brincos de pena na orelha, tanga de fibra de caragatá (fibra de palmeira) meu tembetá e levava meu arco e flecha. Me tomaram tudo, fiquei limpinho, nu, sem nada de minha gente” (SILVA, 1998, p. 56).

ã relatou à Silva o seu estranhamento quando foi retirada da Serra dos Dourados e levada para residir em Curitiba:

“[...] no pescoço eu tinha um colar de continhas (sementes) com dentinhos de quati bem pequenininho. Dival cortou, tirou tudo. Eu não queria que ele tirasse, mas ele me agradou para tirar e tirou tudo. Até meu brinco, e o amarelo de minha perna foi tirado. Eles me deixaram nua, embora estivesse de vestido” (SILVA, 1998, p. 68).

Além disso, Silva registrou que ao tratar da perda de seus adornos corporais, Kuein e Tuca expressaram o mesmo pensamento e sentimento de Kuein e ã: *“Foi difícil verme sem nossos brincos, colar e cordões das pernas”* (SILVA, 1998, p. 69).

Na contemporaneidade, embora seja possível realizar uma etnografia que evidencie o status ontológico das coisas Xetá, neste trabalho, interessa-nos menos a sua dimensão subjetiva das coisas (SANTOS-GRANERO, 2009), do que o modo como movimentam o fluxo da vida de pessoas, instituições e coleções.

Nesse sentido, as reflexões de Ingold (2012) são fundamentais nesta análise. Segundo o autor,

Não se trata de algum ingrediente, secreto, oculto no interior das coisas que julgamos possuí-lo e que, por isso, elas atuam no palco do mundo. Ao invés disso, trata-se de conceber a vida como a potência dos fluxos da matéria e das correntes de energia que atravessam o mundo trazendo formas à existência e mantendo-as no lugar em seu espaço e tempo determinados. Portanto, não é que a vida esteja nas pedras. Ao contrário, as pedras estão na vida (INGOLD, 2019, p. 18).

O projeto intelectual de Ingold dedica-se a criticar as análises voltadas às subjetividades ou às agências e que reduzem coisas a objetos:

A ideia de que objetos têm agência é, na melhor das hipóteses, uma figura de linguagem, imposta a nós (anglófonos, ao menos) pela estrutura de uma linguagem que exige de todo verbo de ação um sujeito nominal. Na pior, ela tem levado grandes mentes a se enganar de um modo que não gostaríamos de repetir. Com efeito, tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico (2012, p. 34).

No modelo hilemórfico, Ingold critica os debates contemporâneos, que perpassam diferentes campos do conhecimento - antropológico, histórico, arte e de cultura material - em que todos os seres, humanos e não humanos, são concebidos como constituídos de matéria e forma (2012, p. 26). Critica também as tentativas de teóricos que tentam equilibrar esse modelo, atribuindo agência aos objetos tais como Latour (2012), Henare *et al.* (2007) e Guell (2016[1998]) (INGOLD, 2012, p. 35).

Ao propor uma ontologia que “[...] dê primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e dos fluxos e transformações dos materiais ao invés do estado da matéria” (2012, p.26), o autor sugere abandonar a noção de objeto e tomar a noção de coisa:

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra (Heidegger 1971, p. 167). A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam (INGOLD, 2012, p. 28)

Para Ingold, “[...] quanto mais os teóricos falam sobre agência, menos eles parecem ter a dizer sobre a vida” (2012, p. 26). Isto é, para este autor, as coisas se movem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência (2012, p. 34). E elas estão vivas porque não foram reduzidas ao estado de objeto, e sim integradas aos fluxos vitais da vida e do meio ambiente em que vivemos (INGOLD, 2012, p. 34).

Em busca de uma simetria entre humanos e não humanos, Ingold busca desfazer a divisão entre o mundo habitado pelos primeiros, de seres abertos e capazes de adentrar e compreender diferentes mundos, enquanto os segundos reduzem-se a mundos fechados. Para o autor, ambos estão abertos para o mundo e, se tomarmos a ação, mais do que quem a realiza, abre-se a possibilidade de compreender as linhas e tramas que estes seres estão integrando ao fluxo de transformação da vida.

Nesse sentido, interessa a Ingold (2012) a experiência comum de todos os seres vivos, independentemente de suas materialidades, corpos, invólucros ou identidades definidas externamente. Desfazendo as fronteiras de corpos, mentes ou superfícies, Ingold desfaz as fronteiras epistemológicas modernas, traçadas entre as ciências naturais e as humanas, o conhecimento teórico e empírico, investindo na vida, isto é, na experiência e no vivido, como estatuto epistemológico do conhecimento.

Para o autor, a experiência da vida não se reduz a um objeto que se relaciona com outros objetos, mas sim na circulação e nos múltiplos movimentos que atravessam e afetam as coisas, e que impulsionam outros movimentos, e que engendram suas trajetórias relacionais e transformações.

Tomando o conceito de coisa de Ingold, como afirmado anteriormente, no decorrer da pesquisa dados etnográficos revelaram que as coisas Xetá atravessam não apenas a vida dos grupos familiares, mas também a dos seus colecionadores e instituições, em diferentes espaços e tempos. Inseridos em múltiplos arranjos e diferentes temporalidades as relações entre esses atores se fazem, desfazem, refazem, fluem, afetam e são afetados e a cada movimento estes se alteram e conferem temporalidade uns aos outros, revelando assim as suas próprias historicidades. Compreender os movimentos destes atores, isto é, como mobilizam, criam, produzem, movimentam, revelam e acionam conceitualmente o mundo e seu campo de relações em torno das coisas Xetá tornou-se um dos objetivos desta tese.

Para além das diferentes concepções em torno do conceito de coisa, Appadurai (2008), Thomaz (1991), Latour (2012) abriram espaço para a desconstrução de uma noção essencialista das coisas e permite compreender como propõe Velthem (2012, p. 56), que os

artefatos e documentos - filmes, fotografias, gravações de áudio, diários de campo - que constituem as coisas Xetá musealizadas, não contenham significados redutíveis em si. Nesse sentido, seguindo essa premissa as coisas Xetá revelam múltiplos sentidos ao acionarem diferentes relações políticas, epistemológicas, morais, afetivas, ontológicas e historicidades quando seguimos os seus diferentes deslocamentos, que constituem a sua história de vida (FABIAN, 2012).

Como veremos no primeiro capítulo, as coisas Xetá hoje musealizadas foram coletadas, doadas, trocadas, pilhadas e produzidas em contexto de expedições científicas, ocorridas entre os anos de 1955 e 1961, na região da Serra dos Dourados, noroeste do estado do Paraná, região em que os grupos familiares foram contatados. Retirados da vida social e cotidiana desses grupos, essas coisas foram deslocadas, à época, para a coleção DEAN/UPR e para a casa de Vladimir Kozák.

Nesse deslocamento originado no processo institucionalização, fundamentalmente ancorado em novos princípios de formação, classificação, redefinição conceitual e (re)contextualização científica essas coisas foram transformadas em coleções, arquivos e objetos científicos e etnográficos: “O que permite caracterizá-lo como tal é o fato de refletir sempre um processo de definição, de segmentação, de transposição a uma instituição pública ou privada” (VELTHEM, 2012, p. 53). Desse modo, nesta tese recorro aos conceitos de coleção, arquivo e objeto para definir em conjunto as coisas Xetá tal como classificadas institucionalmente.

No entanto, esta definição não abarca a multiplicidade de significados, classificações, definições e (re)contextualizações que as coisas Xetá acionam. Voltando a Thomas (1991), ao particularizá-las, este autor, permite compreender que em movimento as coisas Xetá se transformaram daquilo para o qual foram *feitas*, isto é, como ornamentos corporais, rituais, de cura e de subsistência para os índios da Serra dos Dourados, e o que se tornaram: mediadoras de atos comunicativos entre os grupos familiares Xetá, cientistas e instituições; objetos científicos, históricos e/ou etnográficos, bem como capital simbólico para Loureiro e as instituições; objetos de disputa entre Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák; símbolo das ‘aventuras’ e experiências de Vladimir Kozák. E na contemporaneidade, *as coisas dos antigos no tempo do mato*, em acordo com parâmetros e critérios dos grupos familiares Xetá (VELTHEM, 2012, p. 53).

Este referencial também permite também observar as específicas biografias dessas coisas, tais como o machado de pedra: artefato *feito* como instrumento de subsistência

para os índios da Serra dos Dourados; abandonados na floresta e trocados por machados de ferro no contexto das expedições científicas; objeto científico de destaque, exibido por Loureiro Fernandes nas galerias do DEAN; representativo da primitividade humana e Xetá; troféu na coleção de Vladimir Kozák; alvo de ruptura nas relações entre Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák. Na contemporaneidade, exibido na exposição permanente do MP e (re)produzidos como símbolo representativo dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade. Ao seguir a específica biografia do machado de pedra Xetá, desvendamos sua materialidade, particularidade e historicidade, como também uma série de relações, narrativas, pessoas e instituições que se movimentam em seu entorno (THOMAS, 1991; FABIAN, 2010).

II. A pesquisa etnográfica junto aos grupos familiares Xetá

Para esta tese, a pesquisa etnográfica ocorreu, majoritariamente, com o grupo familiar de Tikuein (Mã) que reside na TI de São Jerônimo, localizada a 02 km do município de São Jerônimo da Serra²⁶, região norte do estado do Paraná. Depois de residirem por mais de uma década na TI de Pinhalzinho e permanecerem por oito anos em fazendas da região norte do Paraná, onde trabalhavam como boias-frias, Tikuein (Mã) e D. Conceição - sua esposa-, filhos e filhas foram transferidos pela FUNAI para a TI de Queimadas²⁷. Posteriormente, na metade da década de 1980, para TI de São Jerônimo. Ali o casal, viveu até falecer, respectivamente nos anos de 2005 e 2016; e seus filhos e filhas se *formaram* – como costumam dizer, no sentido de cresceram, se casaram e constituíram seus núcleos familiares imersos em uma rede de relações de parentesco, políticas e econômicas com o povo Guarani e Kaingang.

Em 2010, Aricã – filho mais novo de ã – e seu núcleo familiar, mudaram-se da TI de Rio D’Areia para a TI de São Jerônimo, durante uma das oficinas do GT *Jané Rekó Paranhá – o contar de nossa existência*. Algum tempo depois, ã, acompanhada do esposo

²⁶ O município de São Jerônimo da Serra está localizado na região norte do Estado do Paraná, Brasil. O município, conta com uma área territorial de 823,774 Km²; população de aproximadamente 11.213 habitantes (IBGE, 2018). A base de sua economia é agropecuária, voltando-se a produção de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, gado e exploração de madeira. FONTE: <http://saojeronimodaserra.pr.gov.br>. Acessado em 10 de janeiro de 2019.

²⁷ TI Kaingang, localizada no município de Ortigueira, região norte do Paraná, Brasil.

Carlos e do filho mais velho Sebastião – conhecido como Tião - também fixaram residência na TI de São Jerônimo. Tião se casou com Rosângela, filha mais nova de Tikuein (Mã), com quem teve um filho. Em 2017, o casal se mudou com o filho e as duas filhas do primeiro casamento de Rosângela para a TI de Marrecas, onde Kuein reside há aproximadamente 10 anos. Em 2019, o casal retornou a São Jerônimo e em 2020, passou a residir em no município de Londrina, norte do Paraná.

Na TI de São Jerônimo estive em junho, setembro, outubro e dezembro de 2017; em setembro de 2018; e em março e setembro de 2019. Além do diálogo estabelecido com Dival e Claudemir, Benedita foi também uma das principais interlocutoras desta tese. Sua acolhida, seu interesse e disponibilidade em ajudar foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Em todas as viagens que fiz a São Jerônimo, Benedita me acompanhou e levou a casa de todos os seus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas, a partir do qual procurei identificar o grupo de parentesco ali constituído e me situar junto aos núcleos familiares.

Na casa de Zezão, consegui estabelecer um breve diálogo com ã, que em uma ocasião apareceu de passagem. Embora tenha falado pouco, foi possível observar que entre parentes torna-se mais confiante, falante e expressa algumas narrativas acerca do espaço/tempo do *mato*. De sorte, nesse breve encontro consegui ouvir algumas de suas *histórias*. As irmãs Benedita e Sueli não mediram esforços junto com seu esposo Carlos para organizar um encontro com ã, para que eu pudesse conhecê-la melhor e estabelecer alguma relação. Infelizmente, por motivos alheios a nossa vontade não foi possível chegar até a sua casa durante as viagens que fiz a São Jerônimo.

Estive também, na aldeia Kakané Porã, localizada no Campo do Santana, Bairro Tatuquara, em Curitiba, onde reside o grupo familiar de Tucanambá. Dialoguei com D. Belarmina, sua ex-esposa, e suas filhas Indioara e Indiamara nos anos de 2017, 2018 e 2019. Localizada em um centro urbano, os compromissos cotidianos do grupo familiar – trabalho, viagens, eventos - dificultaram a ida permanente até a aldeia. Em janeiro de 2019, D. Belarmina faleceu, e segui em diálogo, com as suas filhas Indioara e Indiamara; com suas netas Jaqueline e Mayara; e com seu neto Albert.

Em abril de 2019, viajei até Umuarama e contatei o grupo familiar de Maria Rosa Tigua Brasil - sua filha Indianara, seu genro Reginaldo e suas netas e neto. No mesmo ano estabeleci contato virtual com Rondon Xetá, que reside em Chapecó, Santa Catarina. O contato com esses grupos familiares deu-se por ocasião da organização de uma visita às

reservas técnicas dos museus, realizada em maio de 2019. Maria Rosa e seu grupo familiar compareceram e, embora tenha demonstrado interesse em participar, Rondon recusou o convite justificando que seu trabalho, como servidor da SESAI, não permitiria que se ausentasse durante a semana programada.

Embora possua uma experiência de relações com os grupos familiares Xetá iniciada no ano de 2008, os grupos familiares possuem muitas reservas frente aos pesquisadores que os procuram. É verdade que a experiência de trabalho no GT colaborou com um relativo conforto para iniciar o diálogo a respeito do trabalho de pesquisa para esta tese. Isto é, facilitou para que o projeto fosse acolhido, visto que não era uma estranha para os grupos familiares, principalmente junto às mulheres.

O fato de possuir também uma experiência de relações com os grupos Guarani e Kaingang de diferentes TIs, bem como com alguns pesquisadores e instituições – FUNAI, IES, MEC, SESAI e museus – estimulava-lhes uma série de diálogos, em que citavam nomes, pessoas, coisas, aldeias, lideranças indígenas como se compartilhasse com os grupos familiares o mesmo campo de relações, permeado de afetos e desafetos. No entanto, ao redimensionar as relações com os grupos familiares para a elaboração dessa pesquisa, impôs-se o constante desafio da inteligibilidade e da instabilidade desse lugar.

Em cada uma das viagens permaneci em média uma semana em São Jerônimo. Embora tivesse recebido convite para me hospedar em suas casas, optei, inicialmente, em permanecer na cidade e, ao final da pesquisa, passei a me hospedar na casa de Benedita, visto nossa aproximação. Essa decisão inicial foi motivada por ter identificado pequenas divergências entre os núcleos familiares, ainda abalados por um conflito que havia culminado com a mudança do núcleo familiar de Rosangela para a TI de Marrecas. Ou seja, ao permanecer na cidade busquei manter certo distanciamento ao conflito e nas divergências que permeavam a relação do grupo de irmãos e irmãs.

Essa decisão gerou inúmeras comparações com uma pesquisadora que, naquele momento, realizava pesquisa junto ao grupo familiar. Constantemente ressaltavam que ela dormia em suas casas e comia da sua comida. Como no contexto amazônico em que a co-residência e a comensalidade acionam suas relações de parentesco (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979; VIVEIROS DE CASTRO, 2002), a pesquisadora passou a concebida a partir dessas relações. No entanto, de modo dinâmico, as relações entre parentes se fazem e desfazem (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), e pouco tempo depois a pesquisadora

tornou-se um desafeto, reavivando a partir desse fato suas experiências negativas e desconfianças com os pesquisadores, e que também permeavam a minha presença.

Não apenas porque os grupos familiares se encontram dispersos por diferentes aldeias, mas também por articular outros campos de pesquisa etnográfica, como os museus e instituições, a relação com os grupos familiares Xetá estabeleceu-se de forma intermitente e, por vezes, descontínua ao longo desses últimos doze anos. Essa forma de experiência, segundo Ramos é compartilhada por muitos etnógrafos brasileiros e impõe certos limites à pesquisa etnográfica, na medida em que o conhecimento antropológico é adquirido a partir de uma temporalidade mais extensa, sendo definido por esta autora como em constante movimento²⁸ (RAMOS, 1990, p. 458-9; GOLDMAN, 2006).

A memória dos grupos familiares gravita em torno de referências muito concretas em relação à vida dos parentes mortos, eminentemente marcada pela violência, emoção e afeto. Potencializada em presença das suas coisas, as narrativas silenciam os interlocutores de todos os lados. Sensibilizada e em respeito as suas trajetórias de vida, nunca me senti a vontade em realizar anotações na presença dos grupos familiares. Salvo em algumas exceções, como durante as visitas às reservas técnicas dos museus e encontros, em que foram realizadas também gravações de áudio e imagem, em um movimento colaborativo por parte das instituições em constituir e produzir documentos contemporâneos.

Também não realizei entrevistas com roteiros previamente estabelecidos e busquei estimular suas memórias e narrativas de forma livres mobilizadas a partir do contato com as coisas que constituem as coleções e arquivos, sobretudo, objetos, fotografias, filmes, documentos sonoros e textuais.

Como parte da pesquisa etnográfica com os grupos familiares Xetá, acompanhei as visitas de Dival e Claudemir à reserva técnica do MAE/UFPR e MP em maio 2017; ao MAE/UFPR em novembro de 2017 e junho de 2018. Em setembro de 2018, com recursos de um Edital da Fundação Cultural de Curitiba²⁹, Dival e Claudemir, acompanhados de seus sobrinhos Kelsin (filho de Sueli) e Michael (filho de Zenilda) estiveram nas reservas técnicas

²⁸ Além do pouco conhecimento da língua do grupo estudado, Ramos (1990) também apontou os desdobramentos desse modelo brasileiro nos resultados dos estudos antropológicos. Entre eles destaca o modo como priorizam a qualidade dos seus escritos, o foco teórico, uma precisa delimitação dos problemas em investigação, bem como uma sensibilidade crítica às questões sociológicas (1990, p. 459).

²⁹ Com recursos do FMC da Prefeitura Municipal de Curitiba.

dos museus; e em maio de 2019, estiveram presentes Dival e Julio, Maria Rosa Tiguá e seu grupo familiar, Indioara e Indiamara e seu grupo familiar.

III. A pesquisa em museus, coleções e arquivos: um campo de relações

Qual a diferença entre coleções e arquivos? Não muita, parece, pelo menos não na medida em que se tornou axiomático que objetos, assim como coleções, podem ser ‘documentados’. Uma boa coleção vem acompanhada de seu arquivo (FABIAN, p. 2010, 62).

Ao diferenciar o trabalho de pesquisa de historiadores e antropólogos com coleções e arquivos, Fabian (2010) aponta um diferencial: enquanto os primeiros *encontram* essas coisas, na medida em que estas podem existir antes de serem analisados, os segundos *fazem* os seus arquivos, isto é, produzem em contextos de relações etnográficas os seus documentos de pesquisa (2010, p. 62).

Engajados em um ato comunicativo de produção de conhecimentos, Vladimir Kozák e Loureiro Fernandes, no espaço tempo das expedições científicas na Serra dos Dourados – mas não apenas -, produziram documentos, tais como diários de campo, fotografias, filmes, gravações de áudio e coletaram artefatos constituindo uma coleção. Como observa Fabian, toda essa produção vem acompanhada de um arquivo textual constituído também de cartas, anotações, ofícios, orçamentos, artigos, publicações, projetos, planos de aula, etc., a respeito das coisas, das relações e da vida Xetá.

Fabian propõe tomar o contexto de produção de coleções e arquivos como *eventos*, que acontecem em específicas relações espaço temporais (FABIAN, 2010, p. 66 – grifos do autor). Em acordo com Ribeiro e Velthem: “o colecionador, a época e a forma de colecionamento apresentam importância crucial na contextualização das coleções, porque revelam sua relação com o campo intelectual que a produziu” (1992, p. 107), revelando assim uma epistemologia (VELTHEM, 2012).

Seguindo esse princípio, isto é, no intuito de etnografar a constituição das coleções Xetá como *evento* em que os colecionadores assumem lugar central, inicialmente foi selecionado documentos que tratam das experiências de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák com as coisas e a vida dos grupos familiares Xetá. Com este recorte inicial, a intenção

era identificar e analisar a constituição das coleções, as ações, as relações, os conceitos, os princípios morais, políticos e epistemológicos que orientaram as suas práticas de colecionismo. Além disso, esses documentos são permeados de referências aos materiais, aos usos e a confecção dos artefatos Xetá no espaço tempo da Serra dos Dourados.

Ao *encontrar* essas coisas (FABIAN, 2010), isto é, ao pesquisar em museus, coleções e arquivos mais uma vez coloca-se em debate o clássico modelo de pesquisa etnográfica de Malinowski (1976[1922]), consolidado na disciplina antropológica:

Apesar de vários antropólogos importantes terem feito pouca ou nenhuma pesquisa de campo no sentido malinowskiano - Mauss e Lévi-Strauss são dois exemplos eloquentes -, o trabalho de campo permanece como uma marca distintiva da disciplina aos olhos dos não-antropólogos, bem como uma espécie de ritual de passagem identitário para os próprios antropólogos, como se quem não fizesse pesquisa de campo não fosse "realmente" antropólogo (CASTRO; CUNHA, 2005, p. 04).

No entanto, como lembra Gonçalves (2007), a relação entre a antropologia, os museus, as coleções e os arquivos permeiam o debate teórico da disciplina, não apenas na sua proximidade, mas também no seu distanciamento (RIBEIRO, VELTHEM, 1992). Desse modo, “acompanhar as interpretações antropológicas produzidas sobre objetos materiais é até certo ponto acompanhar as mudanças nos paradigmas teóricos ao longo da história dessa disciplina” (GONÇALVES, 2007, p. 16).

Na contemporaneidade, como precursoras que apontam a potencialidade de pesquisa em museus, coleções e arquivos etnográficos na antropologia, para Ribeiro e Velthem, a análise de uma coleção etnográfica, só adquire sentido se contextualizada, isto é, se conectada aos demais documentos ao qual estão em relação (1992, p. 105). Tratando o objeto como parte integrante de um sistema que extravasa a sua dimensão física, as autoras destacam as relações históricas, arqueológicas, simbólicas, estéticas, políticas (1992, p. 106), como também patrimonial que as coleções etnográficas potencialmente suscitam (VELTHEM, 2017).

Atualmente, os grupos familiares Xetá vêm recontextualizando suas coleções e arquivos, buscando diálogo com museus e instituições que abrigam as suas coisas produzidas pelos *antigos* e que, assim como suas vidas, foram violentamente capturadas. Desse modo, subvertendo as teorias científicas de extinção - (re)afirmadas historicamente e paradigmas essencialistas acerca de suas coisas, encontramos estas potencialmente ativas na vida dos grupos familiares Xetá.

Desse modo, na contemporaneidade os grupos familiares Xetá recolocam suas relações com os museus em termos morais (VELTHEM, 2017), reivindicando processos de repatriação digital e, como observa Grupioni (2008), em novos termos políticos, exigindo um redirecionamento dessas instituições em relação ao acesso aos seus acervos e espaços. Como em outros contextos etnográficos, os museus vêm inserindo e/ou propondo a presença Xetá e o diálogo em suas atividades, tais como curadorias, publicações e eventos compartilhados, debatendo os seus direitos e reivindicações.

Desse modo,

Os territórios dos arquivos têm sido ocupados por novos sujeitos. Ainda que novos usos dos arquivos por parte dessas populações venham sendo observados e, por vezes, partilhados pelos antropólogos, as implicações políticas e discursivas dessas formas de intervenção nos permitem imaginar o arquivo como campo povoado por sujeitos, práticas e relações suscetíveis à análise e experimentação antropológica (CASTRO; CUNHA, 2005, p. 04).

Nesse sentido, ao iniciar esta pesquisa fui inserida em um campo de relações junto aos grupos familiares Xetá; mas também à equipe técnica-científica dos museus – constituída de historiadoras, antropólogas, arqueólogas, museólogas e estagiárias; com a equipe de alunos, alunas e professoras do DEAN/UFPR – Lima (2017), Leite (2017), Souza (2017), Pacheco (2018) e Zilli (2018) – que também desenvolvem pesquisas com os grupos familiares Xetá e, com os quais compartilhei as viagens a São Jerônimo e as visitas às reservas técnicas dos museus.

Como um campo de relações, as coleções e os arquivos Xetá envolvem na contemporaneidade esses diferentes agentes, seus conhecimentos e saberes que movimentam afetos, disputas, rivalidades, recursos, políticas e epistemologias, visto que tal como no passado, as coisas e as questões Xetá projetam ou não, esses diferentes agentes para múltiplos lugares e cenários. Em outras palavras, tal como em outros tempos, na contemporaneidade, as coisas Xetá, musealizadas ou não, mobiliza um importante capital simbólico, sobretudo em termos científicos.

Desse modo, também como em outros tempos, o acesso ou não a objetos e/ou documentos etnográficos, está inextricavelmente relacionado à posição que cada agente, seja ele pesquisador ou não, se situa nesse campo de relações. Como em outros contextos de pesquisa etnográfica, em alguns momentos tive livre acesso e facilidades em acessar e contactar os documentos e, nesses contextos, e entendo que a experiência institucional

anterior colaborou em certa medida para tal. Em outros, à medida que fortalecia relações conseguia avançar no acesso a documentos e informações; e dificuldades estiveram presentes até o momento de finalizar esta tese.

Não se trata aqui de criticar pessoas, instituições e suas ações, mas sim de tomá-los como parte integrante da história de vida das coleções e arquivos Xetá. Ou seja, trata-se de colocar as coleções e arquivos em diálogo com agentes institucionais com experiências e interesses distintos, visto que divergem a respeito do acesso aos documentos, das visitas às reservas técnicas, da organização de exposições e dos processos de repatriação digital.

Há que se ressaltar também que entre os limites dessa pesquisa, verificou-se a dificuldade de acesso aos documentos recentes com dados e informações da coleção Xetá. Desse modo, há uma lacuna na biografia institucional das coleções que ainda precisa ser reconstituída e melhor etnografada, dado que os documentos institucionais contemporâneos, isto é, produzidos nos últimos vinte anos, ainda não alcançaram a temporalidade necessária para se tornarem históricos ou etnográficos. Ou seja, encontram-se dispersos e ainda não pertencem ao acervo da instituição, sendo mais difícil o seu acesso. Ao longo desses anos, mais do que uma memória institucional, verificou-se que as equipes técnicas dos museus se dedicaram a inventariar, organizar, sistematizar, digitalizar os documentos de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, mais do que aqueles que estão efetivamente produzindo.

Desse modo, visto que a historicidade das coisas Xetá extrapola o espaço tempo de constituição das coleções, ou seja, mobilizam múltiplos sentidos, agentes, espaços e relações analisei também documentos que permitem refletir a respeito da história de vida dessas coisas em diferentes temporalidades. Para tanto, tornou-se necessário recorrer ao arquivo documental não apenas de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, mas de diferentes instituições, incluindo aquelas que responsáveis pelas coleções Xetá, tais como o CEB, o MAE/UFPR, o DEAN/UFPR, o CEPA/UFPR e o MP.

IV. A Coleção Etnográfica Xetá no MAE/UFPR

A Unidade de Etnologia do MAE/UFPR, localizada em sua reserva técnica, abriga 104 objetos etnográficos pertencentes ao grupo Xetá. Como veremos no próximo capítulo,

esses objetos foram, em sua grande maioria, coletados, trocados, comprados e pilhados pelo antropólogo durante expedições científicas a Serra dos Dourados, entre os anos de 1955 e 1961. De posse dos objetos, Loureiro Fernandes os transferiu para um Museu Didático, localizado no interior do DEAN/UFPR e, desse modo, a coleção Xetá é também identificada pela instituição como pertencente à coleção DEAN.

Os objetos etnográficos se encontram alocados em armários apropriados e catalogados em referência ao número da peça no acervo do MAE/UFPR e número antigo de catalogação no DEAN; nome, data e local de origem, com identificação da compra ou coleta por Loureiro Fernandes.

Essa coleção etnográfica identificada pela instituição é constituída por:

- 02 pilões – um vertical e um horizontal
- 02 recipientes de espata de palmeira
- 03 flechas
- 05 flechas serrilhadas
- 06 arcos circulares
- 01 arco elipsoidal
- 02 bordunas
- 03 conjuntos de pincéis
- 22 unidades de brincos de penas de aves
- 01 colar
- 01 cesto bolsiforme
- 01 cesto tigeliforme
- 03 peneiras
- 02 abanos trançados
- 03 tipoias trançadas
- 01 tanga tecida de fibra vegetal
- 16 flautas retas sem orifícios
- 02 perfuradores labiais
- 02 paus ígneos
- 01 cuia de cabaça
- 03 cabos de machado de pedra
- 03 travesseiros de madeira
- 01 estojo de folha de palmeira

- 01 diadema de cauda de macaco
- 03 formões de osso de animal
- 23 conjuntos de instrumentos cirúrgicos constituídos de ossos de animais
- 01 bichinho feito de resina de abelha - urubu.



Figura 7 – Pilão Horizontal



Figura 8 – Flecha Serrilhada



Figura 9 – Ponta de flecha Serrilhada

Figura 10 - Borduna



Figura 11 – Conjunto de Pincéis



Figura 12 – Brinco de Penas de Aves



Figura 13 - Brinco de Penas de Aves



Figura 14 - Brinco de Penas de Aves



Figura 15 - Brinco de Penas de Aves

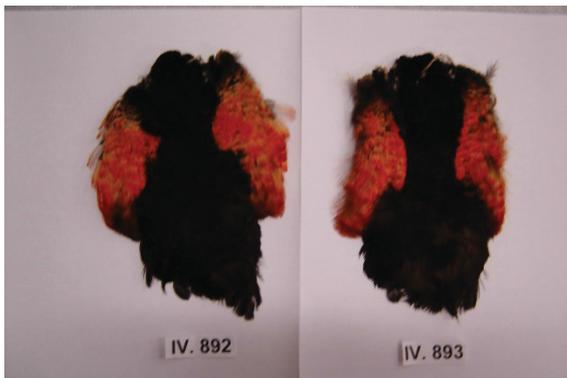


Figura 16 - Brinco de Penas de Aves



Figura 17 - Brinco de Penas de Aves



Figura 18 – Cesto Bolsiforme



Figura 19 – Cesto Tigeliforme



Figura 20 – Abano Trançado



Figura 21 – Tipoia Trançada



Figura 22 – Tanga tecida de fibra vegetal



Figura 23 - Flautas



Figura 24 – Perforador Labial

Figura 25 – Perforador Labial



Figura 26 – Pau Igneo



Figura 27 – Cuia de cabaça



Figura 28 – Cabo de Machado de Pedra

Figura 29 – Estojo de folha de palmeira



Figura 30 – Diadema de cauda de macaco



Figura 31 – Fragmento de pele de animal



Figura 32 – Formão



Figura 33 – Conjunto de instrumentos cirúrgicos constituídos de ossos de animais

Além disso, a coleção etnográfica Xetá é constituída por amostras de:

- solução de jenipapo;
- sementes pretas;
- frutos de jatobá;
- ervas;
- embira de caraguatá;
- resina de cera de abelha;
- resina de jatobá;
- espata de palmeira;
- madeira;
- folha de palmeira trançada;
- coco de macaúba;
- armadilhas - mundéu;
- cordão de lasca de madeira;
- corda de vibra vegetal;
- fio de algodão;
- recipiente de casca de árvore;
- parte de machado de pedra;

- fragmentos de colares;
- crânios de animais;
- fragmentos de peles de animais; besouro e caramujo;
- patas de quati, tatu e lontra;
- unhas de animais;
- mandíbula de lontra.

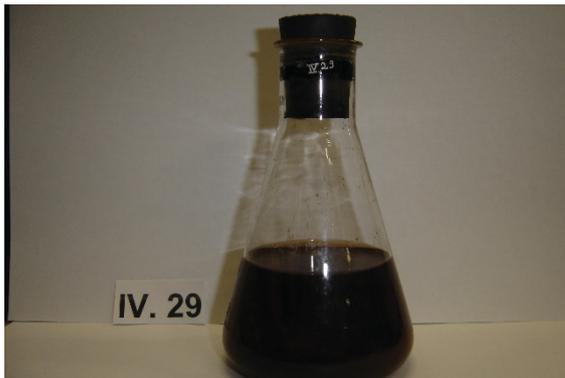


Figura 34 – Solução de Jenipapo

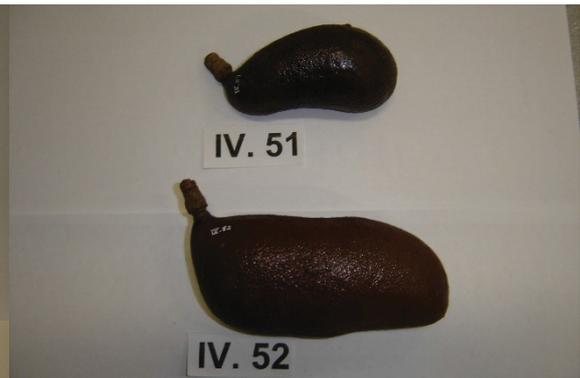


Figura 35 – Sementes fruto de Jatobá



Figura 36 – Coco de Macaúba



Figura 37 – Armadilha de Mundéu



Figura 38 – Pata de Coati



Figura 39 – Mandíbula de Paca

Entre os anos de 2012 e 2013, peças de material lítico Xetá, coletadas durante as expedições científicas a Serra dos Dourados, foram transferidas da Unidade de Arqueologia para a Unidade de Etnologia e são constituídas de:

- crânio humano
- 127 peças³⁰ identificadas na coleção Loureiro Fernandes;
- 54 peças³¹ na coleção Annette Laming-Emperaire (MERENCIO, 2014).

Na Unidade de Documentação Textual, Sonora e Visual (UNIDOV) do MAE/UFPR, localizado em uma sala climatizada no interior de sua reserva técnica, encontram-se um arquivo documental, em diferentes suportes, e que fazem parte dos arquivos documentais Xetá:

- Aproximadamente 654 registros fotográficos³² das expedições científicas a Serra dos Dourados e na fazenda Santa Rosa;
- 04 mapas (SOUZA, 2017, p. 11);
- cópias do filme “*Os índios da Serra dos Dourados*” em bitola 16 mm e em VHS;
- rolos de gravações magnetofônicas de áudio - incluindo a edição do filme em francês realizado pelo Museu do Homem de Paris.

Durante as visitas às reservas técnicas, foi com estes objetos e documentos etnográficos, que os grupos familiares Xetá entraram em contato. No entanto, como apontado anteriormente, durante a pesquisa contactei e analisei outros documentos disponíveis no acervo da instituição, tais como:

- Cópia digital do filme *Encontro Xetá - os sobreviventes do extermínio*, realizado em 1994 na TI de São Jerônimo e produzido pela antropóloga Kimie Tomazino;

³⁰ Constituída por 33 instrumentos lascados; 14 peças de resíduos; pigmentos (três calhaus), um bloco de sílexito terrestre com lascamentos não intencionais; peças sem marca de uso (MERÊNCIO, 2014, p. 112).

³¹ Constituída por 86 resíduos de lascamentos; 28 instrumentos lascados; sete peças sem marcas de uso; cinco instrumentos polidos (machados); instrumentos brutos (MERÊNCIO, 2014, p. 132).

³² Grande parte das fotografias que constitui a coleção Loureiro Fernandes foi registrada por Vladimir Kozák, durante as expedições científicas.

- Documentos do Projeto Memória Indígena, coordenado pelas antropólogas Maria Lygia Moura Pires (UFPR), Lucia Helena de Oliveira Cunha (MP) e Blanca Guilhermina Rojas (ZILLI, 2018, p. 11-2). Entre os anos de 1985 e 1989, além de pesquisa bibliográfica e documental, este Projeto realizou e registrou uma série de entrevistas com representantes dos grupos indígenas Guarani, Kaingang e Xetá em diferentes PIN do interior do Paraná. Foram realizadas entrevistas com ã, Tuca, Kuein e Tikuein (Mã) e que somam 11 fitas K7 e aproximadamente 462 minutos de diálogos e narrativas sobre suas trajetórias pessoais e coletivas, antes e depois do contato (ZILLI, 2018)³³;
- 24 fotografias digitalizadas, com registro da visita de D. Belarmina e Júlio – filho mais novo de Tikuein (Mã), à reserva técnica, organizada no ano de 2010, como parte das atividades do GT *Jané Rekó Paranhá – o contar de nossa existência*;
- Vídeos digitais de entrevistas com Kuein e Tiquein Xetá, realizadas em 2015, pela antropóloga Edilene Coffaci de Lima, como parte dos estudos da CNV-CEV/PR.
- Cópia de documentos textuais – cartas, ofícios, relatórios, artigos, publicações, mapas, cadernetas de campo – pertencentes ao arquivo documental de Vladimir Kozák e de Loureiro Fernandes, respectivamente sob a guarda do MP e do CEB. Reunidos por Márcia Rosato³⁴ - ex-diretora do museu - durante sua pesquisa de doutorado (SOUZA, 2017, p. 12), esses documentos foram cedidos à instituição e encontram-se disponíveis para consulta e pesquisa.
- Documentos textuais com referência à coleção etnográfica incluindo o processo de transferência, em regime de comodato da Coleção DEAN; projetos, artigos, pesquisas, levantamento e sistematização de dados, relatórios, material de exposições, produzidos institucionalmente, entre os

³³ Além disso, há 13 fitas K7 de entrevistas com Dival – servidor do SPI; Antônio Lustosa de Freitas – administrador da Fazenda Santa Rosa, Carolina, sua esposa e Cleura, filha do casal; Louriane e Benedito Passenti – posseiros e agricultores da região da Serra dos Dourados à época das expedições científicas (ZILLI, 2018).

³⁴ Diretora do MAE/UFPR de 01/03/2010 a 31/10/2017.

anos de 1991 e 2006, por Carmen Lúcia da Silva e Márcia Rosato, período em que exerceram a função de antropólogas na instituição.

V. A coleção etnográfica Xetá de Vladimir Kozák no MP

Durante as visitas à reserva técnica e a exposição permanente do MP, os grupos familiares Xetá contataram a coleção Vladimir Kozák, localizada na Seção de Antropologia do MP. Entre os objetos que compõe a coleção destacam-se:

- 10 bordunas em formato de remo
- 06 lanças de bambu com ponta de madeira
- 02 arcos com corda
- 02 flechas com ponta de madeira longa, barbelada, penas perfeitas de urubu
- 01 flecha com ponta de madeira longa, barbelada, penas perfeitas de arara
- 02 flechas com ponta em virote, penas perfeitas de arara
- 01 ponta de flecha confeccionada com fruto de planta silvestre
- 138 figuras zoomorfas, feitas em cera negra, como retoque final de cinza
- 02 esteiras ou abanadores de folhas de palmeira amarradas com cipó Imbé
- 06 pegadores de brasa
- 05 peneiras de taquara, amarradas com cipó de embira
- 01 cesto inacabado de taquara, amarrada com palha de milho
- 05 cabaças para guardar alimentos
- 02 conchas de cabaças
- 01 pilão horizontal
- 07 machados de pedra, um sem cabo
- 44 agulhas para tecer
- 03 fusos de cera
- 01 flauta
- 01 pele de onça
- 03 tembetás de resina

- 02 tembetás com travessa de pino de madeira
- 07 travessas de madeira para tembetá
- 09 travessas de osso para tembetá
- 18 brincos de plumária
- 02 pares de brinco com plumária
- 03 colares de dentes de animais
- 05 adornos de rabo de macaco
- 02 tangas tecidas de vegetal
- 01 cesto de taquara e cipó Imbé
- 04 perfuradores de dentes de animal
- estacas de madeira para armadilhas
- lascas de sílex
- batedores de pedras de sílex
- raspadores de sílex
- lâminas de sílex
- formão de osso
- cinzel de osso
- par de asas de pica-pau
- coquinhos
- crânios, dentes e mandíbulas de roedores, lontras, porcos do mato, anta, capivara, tatu
- peles de aves.



Figura 40 - Borduna



Figura 41 – Pegadores de Brasa



Figura 42 – Pele de Onça



Figura 43 – Abanadores de folhas de palmeira

Entre os documentos da Coleção Vladimir Kozák, os grupos familiares contataram:

- 12 filmes em 16 mm, com aproximadamente 12.000 pés de gravações;
- 1.283 fotografias (ROSATO, 2009, p. 07) e 13 cadernetas de campo, em que registrou suas relações com os grupos familiares Xetá, durante as expedições científicas a Serra dos Dourados, na Fazenda Santa Rosa, nos PINs de Marrecas e Pinhalzinho e em sua casa, na cidade de Curitiba;
- 2.428 diapositivos, transparências e negativos;
- 18 imagens de óleo sobre tela, em que retratou cenas cotidianas: o trabalho de parto de uma mulher Xetá; luta com bordunas; preparo dos alimentos de caça; as habitações e os acampamentos; o uso dos artefatos cotidianos como arco, flecha e machado de pedra; cenas de danças em um

- ritual e as bebidas fermentadas; as armadilhas de onça; ataque de um gavião; caça de tamanduá, onça, morcego e borboletas; adornos e objetos;
- 28 desenhos em giz sobre papel, em que retratou cenas cotidianas e os rostos de Tuca, Nhengo, Kuein, Moëw;
 - Nove desenhos em giz sobre papel, produzidos por Kaiuá em 1965 e 1966, em que retratou cenas cotidianas, como uso do pilão; rituais do urubu; perfuração do lábio; casamento; caça a onça e porcos; e a casa cerimonial *apoengue*;

VI. O arquivo documental Xetá no CEB

A coleção Loureiro Fernandes no CEB contabiliza 4.136 documentos textuais digitalizados, de cunho pessoal³⁵ e institucional, e disponível para cópia e pesquisa, mediante solicitação e autorização da instituição. Desse total, aproximadamente 215 documentos textuais tratam de diferentes assuntos referentes aos Xetá.

Observa-se que havia em Loureiro Fernandes uma intenção deliberada em constituir um arquivo documental, na medida em que se preocupou em guardar os documentos recebidos, como também várias cópias daqueles enviados. Em boa parte dos seus documentos, no canto direito da folha, encontramos uma observação acerca do assunto, data de resposta, e/ou seguido do imperativo “Arquive-se”. Desse modo, é possível acompanhar a trajetória de alguns debates, discussões, problemas, encaminhamentos e decisões junto a seus interlocutores.

Há indícios de que em sua trajetória Loureiro Fernandes transformou os arquivos institucionais - do MAAp, DEAN/UFPR, CEPA/UFPR e MP³⁶ - em arquivo pessoal, institucionalizando-os novamente ao doar, em vida, a totalidade desses documentos ao CEB. Em outras palavras, parte dos documentos dos quais emitiu em nome do MP, DEAN, IP e

³⁵ Encontramos também toda sua correspondência pessoal, como cartas, diários, convites para festas, diplomas, certificados de cursos e congressos, registros de viagens, de seus bens e atuação religiosa.

³⁶ Grande parte do acervo do Museu Paranaense, incluindo o de Vladimir Kozák encontra-se digitalizado e disponível no site <http://www.memoria.pr.gov.br/>.

MAAP fazem parte desta coleção e encontram-se disponíveis apenas no CEB – como é o caso de alguns documentos do arquivo documental Xetá. Outros se encontram disponíveis também nos acervos das referidas instituições, visto que tinha por hábito produzir cópias dos documentos emitidos e recebidos.

O arquivo documental Xetá é constituído, predominantemente, de ofícios, comunicados, telegramas, convites, relatórios, orçamentos, recibos, jornais, artigos, cartas, relatórios de atividades, projetos de pesquisa, atas e etc., que assina como Diretor e/ou responsável do IP e do DEAN/UFPR. Grande parte dos documentos encontra-se em português, mas é significativo também a número de correspondências em inglês e francês. Encontra-se também disponível seu acervo fotográfico e quatro cadernetas de campo, em que registrou dados das expedições científicas e detalhes dos objetos Xetá.

Os assuntos envolvem as expedições, dados etnográficos e científicos sobre os grupos familiares; o processo de aproximação e identificação; solicitação de objetos para sua coleção; roteiros dos filmes; projetos de pesquisa antropométrica; exposições etnográficas. Além disso, boa parte de seus documentos textuais trata da sua intenção de criação de um Parque Nacional Indígena, localizado na Serra dos Dourados no sentido de garantir o território para os grupos familiares.

Entre os seus interlocutores encontramos padres, médicos, políticos, amigos, familiares, alunos, reitores, professores, pesquisadores e cientistas – antropólogos, historiadores, arqueólogos, linguistas, geógrafos, museólogos, cinetécnicos, etc., nacionais e estrangeiros. Destaca-se as correspondências com Darcy Ribeiro, Herbert Baldus, Egon Schaden, Heloisa Alberto Torres, Paul Rivet, Alfred Métraux, Annette Laming-Empeaire, Céstmir Loukotka, Pere Bosch Gimpera³⁷, Robert Heine-Geldern³⁸; com políticos como o governador do Estado do Paraná Moysés Lupion e o presidente Juscelino Kubitschek. Institucionalmente, Loureiro Fernandes trocou farta correspondência com universidades e museus nacionais e internacionais, tais como o Museu Nacional, Ministério da Agricultura, Museu do Índio, Museu Paulista, Museu Homem de Paris, *Institut d'Ethnologie de l'Université* de Paris; e instituições como SPI, CNPI, Ministério da Agricultura, Assembleia Legislativa do Paraná e UNESCO.

³⁷ Diretor da Divisão de Filosofia e Humanidades da UNESCO (1948-1953) e secretário geral da *Union Internationale des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques* entre 1953 e 1966.

³⁸ Presidente do XXXIV Congresso Internacional de Americanistas (1960).

Na constituição de seu arquivo documental, acerca de sua experiência com os grupos familiares Xetá, em grande parte Loureiro Fernandes prima pela objetividade científica. Suas cadernetas de campo não apresentam nomes, informações ou datas das expedições científicas, não identificam pessoas ou relações que estabeleceu durante as viagens. No entanto, os objetos são descritos em detalhes, em suas formas, tamanhos e materiais de confecção. Sua atenção e seus registros voltam-se, sobretudo, aos objetos de sílex e pedras lascadas, ou seja, aqueles em remetem a um estágio de classificação ‘Pré-histórico’ e que remetem ao domínio do conhecimento arqueológico, em detrimento de um conhecimento etnológico.

VII. O arquivo documental DEAN/UFPR e CEPA/UFPR

Visto que a coleção etnográfica Xetá que se encontra no MAE/UFPR, pertence ao DEAN/UFPR, analisei documentos institucionais do Departamento que se encontram no arquivo do SCH/UFPR. Segundo a arquivista do Setor, em 2008 quando assumiu seu cargo na instituição, encontrou uma sala-depósito de documentos dos departamentos que constituem o setor, misturados e em péssimo estado. Desde então vem realizando a gestão dos documentos, separando-os por departamento, bem como higienizando, identificando e organizando-os conforme normas e referências da disciplina de arquivologia.

Ainda segundo a arquivista, quando iniciou seus trabalhos os documentos encontrados na sala-depósito com referências ou assinaturas de Loureiro Fernandes, foram entregues, a pedido, a um professor da instituição. Desse modo, até onde esta pesquisa avançou, parte do arquivo documental e institucional do DEAN que compreende o período entre 1958 a 1967 – entre a criação do departamento e a aposentadoria de Loureiro Fernandes - foi doado pelo antropólogo para o CEB; alguns documentos desse período foram transferidos para o MAE/UFPR, junto com a coleção etnográfica, como exemplo dos arquivos documentais da IV Reunião Brasileira de Antropologia, organizada pelo DEAN, em 1959 em Curitiba; outra parte foi entregue ao referido professor.

Desse modo, além de fragmentado o arquivo documental e institucional do DEAN no SCH/UFPR, se limita a três prateleiras de um pequeno armário de alumínio, dispostos em

caixas organizadoras divididas por datas, que compreende o período entre o final da década de 1960 e início dos anos de 1990. De modo geral, os documentos são constituídos por projetos e relatórios anuais de pesquisas desenvolvidas pelos professores.

Nesse arquivo, foi possível encontrar alguns poucos documentos com referências aos usos da coleção Xetá no DEAN, tais como exposições etnográficas, mostras e ciclo de debates realizados pelos professores entre os anos de 1967 e 1992, em que a coleção etnográfica Xetá se destaca como protagonista. É possível também encontrar documentos que fazem menção à sua memória e ao seu legado científico de Loureiro Fernandes e a coleção etnográfica, incluindo projetos de conservação e restauração dos objetos.

Também realizei pesquisa nos arquivos documentais do CEPA/UFPR, em que se encontram disponíveis pastas com documentos de Loureiro Fernandes - cartas, ofícios, relatórios, jornais, artigos - referentes à atuação política, seus planos de aula, avaliações curriculares, referências bibliográficas, ementas de curso, programas das disciplinas e antropologia, etnografia, folclore e arqueologia; e uma pasta com jornais e revistas com informações das exposições científicas, organizadas pelo antropólogo.

Além disso, encontra-se no CEPA cópias em fita VHS do filme “*Os Xetá na Serra dos Dourados*” e três fitas K7 - possivelmente parte do arquivo linguístico constituído pelo professor Aryon Rodrigues, à época em que era servidor do DEAN/UFPR - com as gravações de áudio realizadas durante as expedições científicas. Mediante autorização do responsável, transformei digitalmente estas fitas, que tornaram material de pesquisa e repatriação digital para os grupos familiares Xetá.

VIII. Os capítulos

Seguindo o referencial de Thomas (1991), Fabian (2010) e Velthem (2012), os capítulos desta tese se buscam analisar a história de vida das coleções etnográficas Xetá. Desse modo, no primeiro capítulo analiso o processo de contato com os grupos familiares Xetá na Serra dos Dourados. Além disso, a constituição das coleções científicas e etnográficas, seus processos de coleta, pilhagem e produção a partir das relações políticas, epistemológicas, afetivas, os conflitos e as alianças que movimentaram os diferentes atores

envolvidos no contexto das expedições científicas na Serra dos Dourados, ocorridas entre os anos de 1955 e 1961.

No segundo capítulo analiso a prática de colecionismo de Loureiro Fernandes, os princípios políticos, epistemológicos, morais e conceituais que orientaram a constituição de uma coleção científica, usada como material didático e destinada a exposições no interior do DEAN/UPR. Na medida em que essa coleção se constituiu como um importante capital simbólico e científico da instituição, movimentando uma série de relações que transcendem a trajetória de Loureiro Fernandes, neste capítulo analiso também a história de vida desta coleção, buscando compreender a sua historicidade no interior do DEAN/UFPR, do MAAP e no MAE/UFPR para onde foi transferida em 1994.

No terceiro capítulo analiso a prática de colecionismo de Vladimir Kozák. Neste capítulo busco também compreender os princípios políticos, epistemológicos, morais e afetivos que mobilizados pelo cinetécnico tcheco para constituir um monumental acervo, do qual a coleção Xetá figura como representativa de suas experiências pessoais. Para tanto, analiso a sua relação com as coisas e os grupos familiares Xetá, e como estas movimentam suas relações pessoais, institucionais, com Loureiro Fernandes. Além disso, como acervo da Seção de Antropologia do MP, com o qual os grupos familiares Xetá vêm estabelecendo relações na contemporaneidade, apresento ao final do capítulo dados acerca da historicidade da coleção Xetá no interior dessa instituição.

No quarto capítulo analiso as relações contemporâneas dos grupos familiares Xetá com as coleções e arquivos, denominadas *as coisas dos antigos no tempo do mato*, bem como as suas relações com os colecionadores e instituições, seus processos de repatriação digital e a produção de coisas na contemporaneidade.

Por fim, no quinto capítulo, apresento as considerações finais desta tese, buscando compreender a potência de relações que as coleções Xetá suscitam entre os diferentes atores que se movimentam em seu entorno.

CAPÍTULO 1

Os índios da Serra dos Dourados

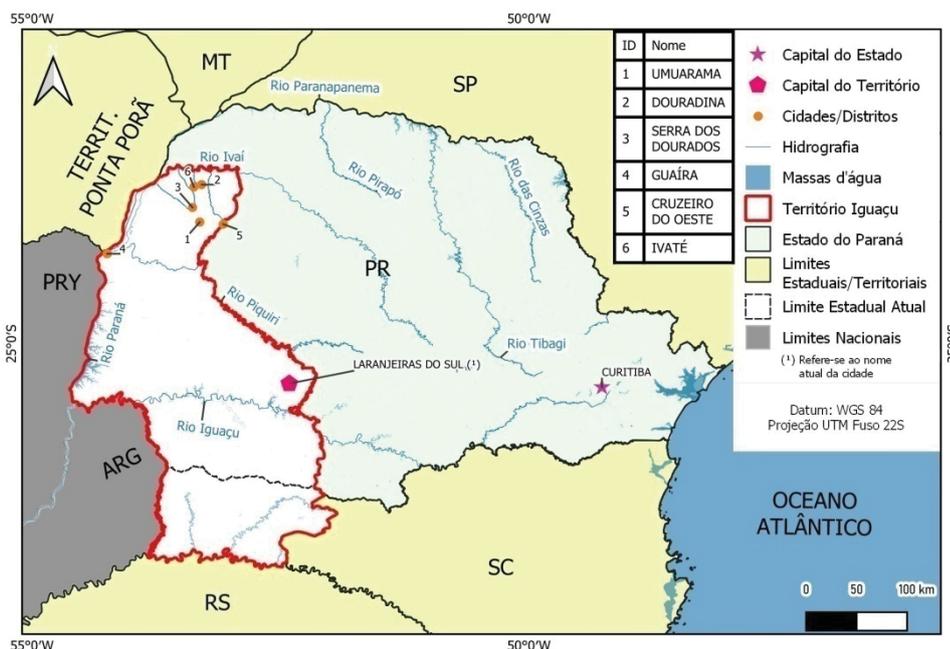


Figura 44 - Grupo familiar Xetá – Serra dos Dourados, expedição científica de fevereiro 1956³⁹.

³⁹ MP/SEEC.

1. Os índios da Serra dos Dourados: os primeiros contatos

Em 1947, Moysés Lupion - governador do estado do Paraná - no intuito de assegurar o domínio político-econômico sobre as terras do extinto Território Federal do Iguaçu⁴⁰, localizado na fronteira oeste e noroeste do estado paranaense, traçou um plano de gestão, colonização e desenvolvimento agrícola para essas regiões. Para tanto, entre 1947-1950 criou na esfera executiva, a Fundação Paranaense de Imigração e Colonização (FPIC), o Departamento Administrativo do Oeste do Paraná (DAOP)⁴¹ e o Departamento de Geografia, Terras e Colonização (DGTC), destinados a administrar, disciplinar e promover a política de distribuição de terras, consideradas oficialmente pelo Estado como *devolutas*.



Mapa 2- Território Federal do Iguaçu, 1944⁴²

⁴⁰ O Território Federal do Iguaçu foi criado pelo decreto-lei nº 5.812, de 13/09/1943, sob o governo de Getúlio Vargas. Abrangia as regiões oeste e noroeste dos estados do Paraná e Santa Catarina, regiões onde se pretendia sob a administração federal o projeto político-econômico-ideológico denominado “Marcha para o Oeste”, que visava nacionalizar, colonizar e produzir matérias-primas para atender o processo de industrialização brasileira. Foi extinto no Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal promulgada em 1946 (LOPES, 2004).

⁴¹ Criado pela Lei nº 04, de 25/10/1947, compreendendo os municípios de Foz do Iguaçu, Laranjeiras do Sul, Mangueirinha e Clevelândia. A sede do órgão foi instalada em Laranjeiras do Sul e iniciou suas atividades em 1948. O município de Foz do Iguaçu foi subdividido em sete núcleos administrativos: Cruzeiro, Porto Camargo, Rio Veado, Rio São João, Rio Xambrê, Rio D’Areia, Serra dos Dourados. FONTE: PARANÁ. **Relatórios de Governo. A concretização do plano de obras do Governador Moisés Lupion 1947-1950.** Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>. Acesso em: 14 de mar. de 2018.

⁴² Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br>. Acesso em: 14 de mar. de 2018.

Orientados pelo discurso da *ideologia do vazio demográfico* (MOTA, 1994) os órgãos lotearam, dividiram e concederam vantagens econômicas a particulares e companhias colonizadoras, nacionais e estrangeiras. Com o objetivo de atrair investidores e mão-de-obra para a região⁴³, a gestão de Moysés Lupion subsidiou um plano de obras e infraestrutura necessárias para o crescimento das primeiras cidades, investindo na abertura de estradas e energia, construção de pontes, escolas, hospitais, delegacias e órgãos da justiça.

Em números, conforme Relatório do Governo⁴⁴, entre os anos de 1947 e 1950, o DGTC promoveu, em todo o estado - sobretudo nas regiões oeste e noroeste - a medição e o processamento de 9.870.605.881 m² de área territorial. Desse total, concedeu a titulação de 4.430.050.637,75 m², representando 2.834 títulos de áreas desmembradas do Patrimônio do Estado e concedidas à colonização de iniciativa privada. Foram também expedidos 4.647.035.600 m² de área em títulos comprometidos⁴⁵. Durante o período de sua gestão, Moysés Lupion também reduziu drasticamente as áreas indígenas do Paraná, de um total de 115.793 para 26.630 hectares⁴⁶.

Como método de ação o DAOP dividiu as regiões oeste e noroeste do estado em três grandes áreas administrativas: Foz do Iguaçu, Laranjeiras do Sul e Mangueirinha, subdividindo-as também em Núcleos, Zonas e Colônias⁴⁷. O município de Foz do Iguaçu foi subdividido em sete núcleos administrativos: Cruzeiro, Porto Camargo, Rio Veado, Rio São João, Rio Xambrê, Rio D'Areia e Serra dos Dourados.

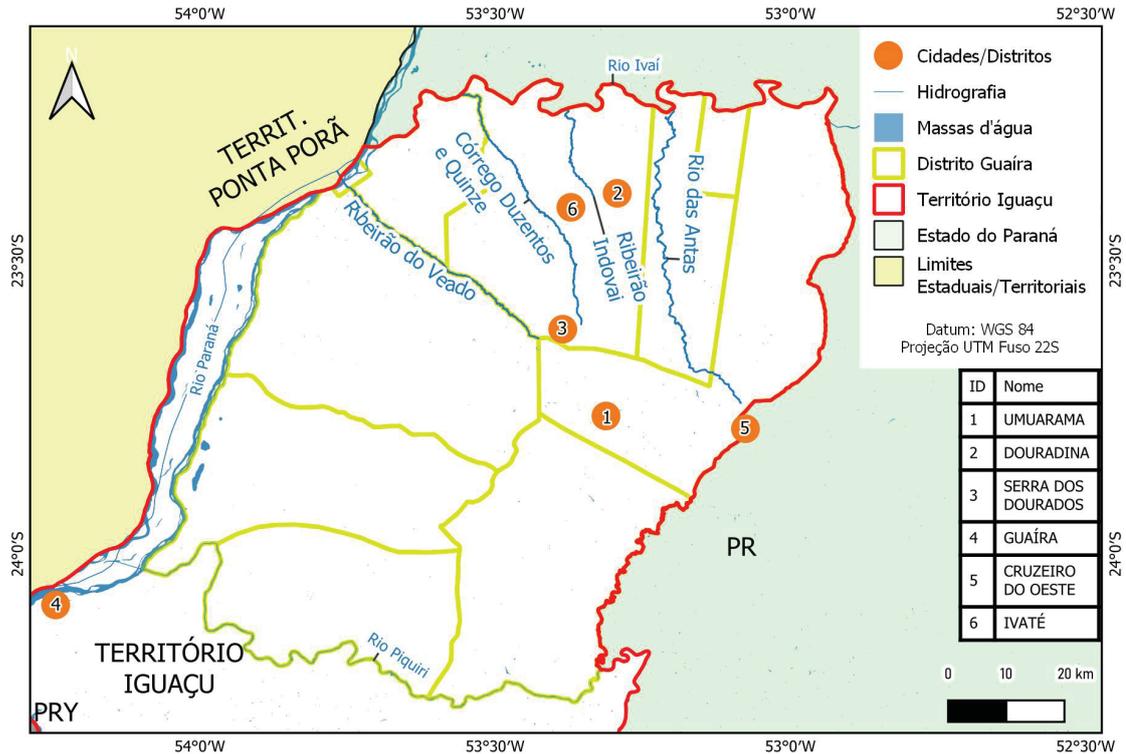
⁴³ PARANÁ. **Relatórios de Governo. A concretização do plano de obras do Governador Moisés Lupion 1947-1950**. Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>. Acesso em: 14 de mar. de 2018.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ NENÊ, Deocleciano de Souza. **Relatório sobre os índios da Serra de Dourados**. Curitiba, 23 de dezembro de 1957. MAE/UFPR.

⁴⁷ Na região de Laranjeiras do Sul foi criada a Colônia Chagu; na região de Mangueirinha o Núcleo de Barro Preto. FONTE: PARANÁ. **Relatórios de Governo. A concretização do plano de obras do Governador Moisés Lupion 1947-1950**. Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>. Acesso em: 14 de março de 2018.

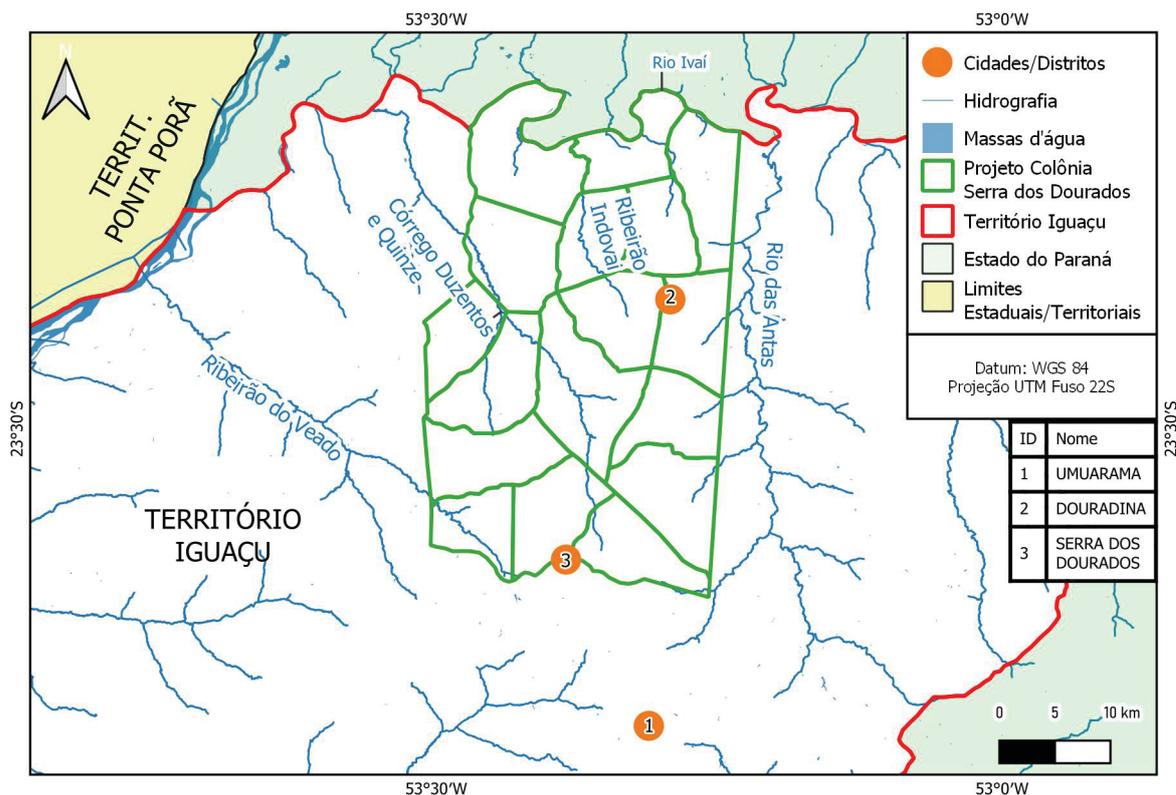


Mapa 3 – Projeto de Divisão da Zona Cruzeiro, Rio D’Areia, Rio Veado, Rio São João e Xambrê⁴⁸.

Neste último núcleo foi instalado o Projeto Colônia Serra dos Dourados⁴⁹, sobre a região de floresta, localizada sobre a margem esquerda do Rio Ivaí e seus afluentes – tais como o Rio do Veado, o Córrego 215, o Rio Indoivaí e o Rio das Antas – a leste o Rio Paraná; e a oeste as terras concedida à companhia Sociedade Colonizadora Paraná Ltda. Nessa Colônia, o DAOP promoveu a medição, demarcação e divisão de 144.000 ha em 17 glebas, reservando, conforme mapa produzido pelo órgão, uma área significativa para a implantação de fazendas de agricultura e pecuária.

⁴⁸ PARANÁ. **Relatórios de Governo. A concretização do plano de obras do Governador Moisés Lupion 1947-1950.** Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>, acessado em 14 de março de 2018.

⁴⁹ *Idem.*



Mapa 4 – Projeto Colônia Serra dos Dourados, Divisão – 1947⁵⁰.

Para tanto, fazendeiros, engenheiros, guardas-florestais, agrimensores, mateiros e colonos invadiram, desmataram e se apropriaram da floresta da Serra dos Dourados. Nesse processo, passaram a comunicar aos órgãos estatais – DGTC e a 7ª IR/SPI - a presença de *índios selvagens*⁵¹ nas cidades⁵², bem como o encontro de acampamentos, artefatos e indígenas no interior da floresta. Segundo os comunicados, os indígenas estariam impedindo a execução dos trabalhos dos agrimensores, que passaram a temer um confronto na região⁵³. Com o apoio da Companhia Colonizadora do Paraná Ltda – que no final da década de 1940 havia obtido a concessão de terras da Colônia Serra dos Dourados - o DGTC passou a

⁵⁰ PARANÁ. **Relatórios de Governo. A concretização do plano de obras do Governador Moisés Lupion 1947-1950.** Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>, acessado em 14 de março de 2018.

⁵¹ NENÊ, Deocleciano de Souza. **Relatório de Viagem a Serra de Dourados.** Curitiba, 06 de ago. 1952, MAE/UFPR. CEBDOC357.

⁵² Cidades como Campo Mourão (MOTA; FAUSTINO, 2018).

⁵³ SILVA, Sady G.. **Ofício nº 248/50.** Curitiba, 26 de dez. de 1950 (MOTA; FAUSTINO, 2018, p. 163).

solicitar providências junto ao órgão indigenista oficial, isto é, a 7ª IR/SPI⁵⁴, localizada em Curitiba (SILVA, 1998).

Em 1947, o relato do agrimensor Agostinho Veronesi, que em 1947 confirmou o encontro com seis indígenas nus no interior da floresta e que foram levados ao acampamento de servidores que faziam a medição de terras, próximo à nascente do Rio Veado (KOZÁK, s.d., p. 03). Solicitando providências, em 1949 o órgão indigenista enviou o servidor Wismar da Costa Lima Filho a região (KOZÁK, 1981, p. 23), que visitou a floresta e encontrou inúmeros acampamentos, confirmando a presença dos indígenas na região (KOZÁK, s.d., p. 03). No entanto, não tendo encontrado nenhum indígena recebeu instruções do órgão para retornar “uma vez que não havia verbas disponíveis para custear o seu trabalho” (KOZÁK, s.d., p. 03).

Entre os anos de 1951 e 1952 (MOTA; FAUSTINO, 2018), o órgão indigenista enviou novamente à região Deocleciano da Souza Nenê⁵⁵ que encontrou acampamentos e vestígios de mundés, laços, artefatos de madeira, osso, pedra, sementes, alimentos e fogueiras no interior da floresta. O servidor, por meio de Relatórios de Viagem, confirmou às instâncias superiores do SPI a presença de indígenas no interior da floresta:

Num desses barreiros haviam uns 15 laços para pegar antas e mais uns 6 mundés para pegar pacas, tendo todos as suas armadilhas desarmadas, o que demonstrava que os índios seus donos se achavam afastados do local. Após percorrer os arredores, foram descobertos seus rastros que se dirigiam rio á baixo e em toda parte deparou-se com cachos de jerivá cortados das palmeiras. Por esses cachos e mais duas longas varas atoradas, pude constatar que ditos índios usam machados de pedra ou de raízes pois se assemelham a triturados, o que demonstra não terem sido cortados com foices ou facões⁵⁶.

Apesar dos relatos, comunicados e documentos produzidos desde 1945 pelo DGTC, pelos colonos, prefeitos, empresas colonizadoras e 7ªIR/SPI (MOTA; FAUSTINO, 2018), que confirmavam a presença de indígenas na floresta da Serra dos Dourados, o Estado

⁵⁴ Criado em 1910, como Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/ITN), órgão do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1918, tornou-se o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e em 1930 foi transferido para o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Instituído para intermediar as relações do Estado com os povos indígenas, traçando normas, leis, métodos e estratégias, constituindo *poder tutelar* para aqueles sujeitos que o Estado brasileiro define como *índio* (LIMA, 1994, p. 39).

⁵⁵ O servidor Wismar da Costa Lima Filho viajou a Serra Dos Dourados em agosto de 1950 e, Deocleciano de Souza Nenê viajou em janeiro de 1951 e em julho de 1952. FONTE: NENÊ, Deocleciano de Souza. **Relatório de Viagem a Serra de Dourados**. Curitiba, 06 de ago. de 1952, MAE/UFPR. CEBDOC357.

⁵⁶ LIMA FILHO, Wismar Costa. **Relatório de Viagem a Serra dos Dourados**. Curitiba, s.d.. MAE/UFPR.

paranaense e instâncias superiores do SPI negaram e omitiram, tanto quanto foi possível, a existência de indígenas na região.

É importante ressaltar que juridicamente, o Artigo nº 216 da Constituição Federal, promulgada em 1946, estabelecia: “Será respeitada aos silvícolas a posse das terras onde se achem permanentemente localizados, com a condição de não a transferirem”⁵⁷. Ou seja, à época a legislação garantia-lhes direito constitucional sobre estes territórios, fato que comprometeria os planos de desenvolvimento econômico do Estado paranaense, a política de concessões de terras e os investimentos das empresas colonizadoras de capital privado na região.

Negar a presença dos indígenas tornou-se, nesse momento, primordial para o Estado e, o apoio e aliança com o órgão indigenista foi significativo para a consolidação dos seus interesses. Dessa forma, conivente com os interesses políticos- econômicos, o discurso oficial do SPI considerava improvável a presença de *índios selvagens* na região (FERNANDES, 1959).

No entanto, três encontros com no interior da floresta da Serra dos Dourados tornaram esse discurso insustentável. O primeiro ocorreu em junho de 1952, novamente entre agrimensores e três meninos indígenas, nas proximidades do Córrego 215, à margem esquerda do Rio Ivaí. Capturados e levados para o acampamento dos agrimensores, o DGTC comunicou à 7ª IR/SPI em Curitiba e novamente solicitando providências⁵⁸.

⁵⁷ BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em: 01 de abr. de 2018.

⁵⁸ NICZ, Américo. **Ofício nº 424/52 encaminhado à Deocleciano de Souza Nenê**. Curitiba, 23 de jun. de 1952, MAE/UFPR.



Figura 45 – Primeiros contatos. Fotografia Companhia Colonizadora, Serra dos Dourados, 1952⁵⁹.

A partir desse fato, o órgão indigenista autorizou e determinou a viagem do inspetor Deocleciano Souza Nenê a Serra dos Dourados. Decidido a comprovar a veracidade da existência de *índios* na região, retornou à Curitiba com um dos meninos, isto é, com “[...] a amostra material – ÍNDIO [...]”⁶⁰. O menino Tiquein Ueió, foi registrado Antônio Guairá Paraná, e ficou conhecido como Kaiuá⁶¹. Em Curitiba foi *conservado*⁶² na pensão da família de Deocleciano, localizada no centro da cidade.

⁵⁹ MP/SEEC.

⁶⁰ NENÊ, Deocleciano de Souza. **Relatório de Viagem a Serra de Dourados**. Curitiba, 06 de ago. de 1952, MAE/UFPR. CEBDOC357.

⁶¹ Em referência as características materiais, Deocleciano levantou a hipótese dos *índios da Serra dos Dourados* pertencer ao povo Guarani-Kaiowá.

⁶² SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956, MAE/UFPR.

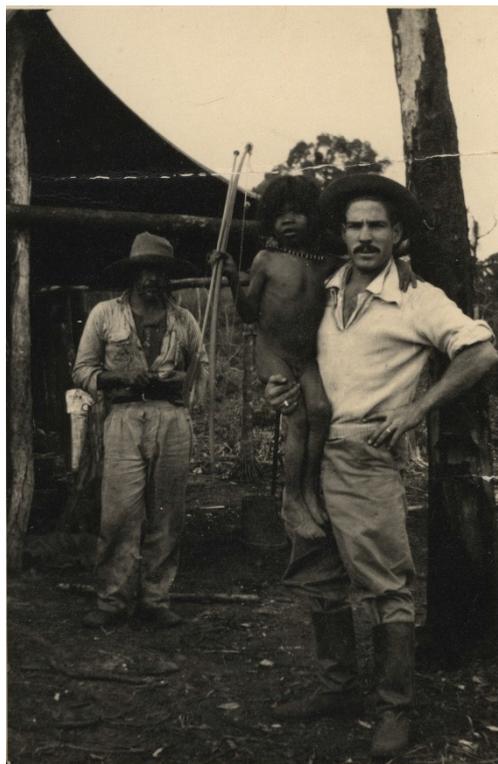


Figura 46 – Serra dos Dourados, menino capturado em 1952⁶³.

O segundo encontro ocorreu em novembro de 1953, quando o menino Anambu Guaka, registrado Tucanambá José Paraná - ou Tuca como ficou conhecido - foi capturado por agrimensores no interior da floresta e *recolhido*⁶⁴ pelo SPI na mesma pensão em Curitiba, onde junto com Kaiuá passou a ser *criado* pela família de um servidor da instituição (SILVA, 1998:45)⁶⁵.

É necessário ressaltar que nesse contexto, na perspectiva do órgão indigenista e dos não indígenas, *criar* significava inseri-los em um contexto familiar, envolto de um discurso benevolente, mas que dissimulava a prestação de uma série de serviços obrigatórios impostos a essas crianças, tais como realizar afazeres domésticos na pensão. Como observa Zilli (2018), essas relações eram permeadas por mecanismos de disciplina de corpos e condutas, momentos em que lhes impunham os serviços domésticos, o uso de roupas, o domínio da língua portuguesa, o batismo na religião católica, etc. Ou seja, ainda crianças, os

⁶³ MPKO706; MPKO706V, MP/SEEC.

⁶⁴ MP/SEEC.

⁶⁵ Nesse contexto, a capturas de crianças no interior da floresta era uma prática recorrente, não apenas pelo SPI, mas pelos *brancos* envolvidos no processo de colonização da região (SILVA, 1998).

meninos Kaiuá e Tuca – assim como outras crianças Xetá *criadas* pelas famílias não indígenas - foram capturados e transformados em mão-de-obra com a anuência e conforme a política indigenista vigente (LIMA, 1994).

No entanto, observa-se que, embora a violência e a tensão estejam subjacentes a essas relações, a proximidade e o cotidiano ao lado dessas famílias foram compreendidos, por alguns dos sobreviventes do extermínio, em termos de relações de afeto, cuidado e parentesco. Indioara e Indiamara, filhas de Tucanambá, reclassificam essas relações e ao se referirem ao servidor do SPI que capturou seu pai, Deocleciano de Souza Nenê, recorrem ao termo *avô*, e a Dival, seu filho, como *tio*. Do mesmo modo, Maria Rosa Tiguá, se refere às filhas de Antônio Lustosa de Freitas, família que a *criou*, como *irmãs*. ã e Tikuein Xetá recorrem aos termos *padrinho* e *madrinha*⁶⁶ para se referir as famílias de servidores do SPI que os *criaram* (ZILI, 2018, p. 37). (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Em setembro de 2019, durante visita a casa de ã, esta afirmou sobre a família que a *criou*: “Morreram todos, agora não tem mais ninguém pra cuidar da gente” (ã, TI de São Jerônimo, 07/09/2019).

A confirmação da presença indígena não impediu que os projetos de desenvolvimento econômico na região tivessem continuidade. No contexto de expansão de empresas colonizadoras, os *índios da Serra dos Dourados* foram cercados pelos *brancos*, os *Kikãtxu*, instaurando entre os grupos familiares um sentimento constante de perigo e medo (SILVA, 1998). Viram, abruptamente, seu território ser desmatado e transformado em fazendas, lavouras, estradas, pontes e cidades, impactando sobre suas áreas de subsistência, trânsito e acampamento, atingindo de modo violento as suas relações em diferentes domínios sociocosmológicos (SILVA, 1998).

Assim, o cotidiano dos *índios da Serra dos Dourados* transformou-se em uma série de fugas na floresta, mortes, assassinatos, desaparecimentos, raptos de mulheres e crianças, doenças e separações. Para Silva a captura das crianças, entre elas a de Kaiuá e de Tuca, reforçou a imagem cruel dos *Kikãtxu* “[...] lá no mato eles falavam que os brancos matavam e comiam crianças, que eles eram ruins, mas ruins mesmo [...]” (SILVA, 1998, p. 170).

⁶⁶ Em 1963, Eirakã[Arigã/Aricã] e Aluá[Iati] foram transferidos com o filho Tiquein Xetá para o PIN de Marrecas (município de Turvo), onde nasceu Rondon Xetá. Em 1967, quando seu pai e sua mãe faleceram, Tiquein e Rondon Xetá permaneceram residindo com Kuein (SILVA, 1998). Vivendo em condições precárias, os irmãos foram levados pela enfermeira do PIN - Domingas Rosa de Menezes, e seu filho, João Rosso de Menezes, chefe PIN para serem *criados* (ZILI, 2018, p. 36).

O terceiro e mais significativo encontro na região da Serra dos Dourados ocorreu em dezembro de 1954, quando um grupo familiar extenso formado por Iratxamëway⁶⁷, Adjatukã, Eirakã[Arigã, Aricã], Kuein Manhaai Naguakã, Nhanguá e Eirakã (SILVA, 1998, p. 02) realizou o primeiro movimento em direção aos colonos, estabelecendo contato com a Fazenda Santa Rosa. Instalada sobre a gleba 08 – onde atualmente se localiza o município de Cruzeiro do Oeste –, território de subsistência do grupo familiar de Kuein (SILVA, 1998), a fazenda de propriedade do deputado estadual Antônio Lustosa de Oliveira, era na ocasião administrada pelo seu primo, Antônio Lustosa de Freitas. Após os primeiros contatos, descritos por SILVA (1998), 29 nove indígenas pertencentes a esse grupo familiar ficaram acampados por aproximadamente vinte dias nas proximidades da Fazenda⁶⁸.

Buscando dominar a narrativa histórica do contato, a versão disseminada pelos não indígenas justifica a aproximação com a Fazenda Santa Rosa a partir de fatores de causas naturais, isto é, as fortes geadas que atingiram a região e os frutos de sua base alimentar provocaram fome no grupo familiar. Desse modo, nesse movimento os indígenas foram socorridos com alimentos pelo administrador da fazenda (FERNANDES, 1959, p. 28).

No entanto, o movimento do grupo familiar em direção à fazenda foi narrado à Silva (1998) como uma decisão que visava subverter o destino mítico de escapar da morte (SILVA, 2003, p.11). No intuito de ‘amansar os brancos’, o grupo tentou impedir o domínio dos *Kikãtxu* sobre seu território, visto que na perspectiva do grupo, seus movimentos de fuga abriam espaço para ocupação do território por parte dos *brancos* e impedia a possibilidade de transitarem pela região. Como observou Kuein, “[...] já teriam derrubado o mato e nós não teríamos mais lugar para viver, porque era sempre assim [...]” (SILVA, 1998, p. 173). Desse modo, segundo Kuein, “Era preciso chegar no branco, para não matarem a gente, meu primo pensou assim” (SILVA, 1998, p.192).

Na versão de um mito narrado por Tikuein (Mã) à Silva (1998, p. 154), acerca da chegada dos *Kikãtxu* converge com suas experiências de encontros na floresta. No mito, os *brancos*, foram gerados a partir dos índios e se diferenciaram por usarem roupas e artefatos de ferro, como o facão e foice e com os quais abriam picadas e realizavam a medição de terras no

⁶⁷ Segundo Kozák, Yratçombaway, o grande caçador de capivaras nunca mais foi visto além dessa primeira visita (s.d., p. 07).

⁶⁸ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956, MAE/UFPR.

sentido leste-oeste. Nessas narrativas, a superioridade tecnológica dos *Kikãtxu*, está diretamente relacionada ao seu poder de apropriação dos seus territórios⁶⁹. Ao descrever os artefatos utilizados pelos *brancos* Tikuein (Mã) ressaltou: “Na nossa língua os antigos disseram que nossa terra ia ser daqueles que hoje chamamos branco” (SILVA, 1998, p. 154).

Contudo, o movimento de aproximação com a fazenda não assegurou outro destino além daquele descrito no mito, e grande parte dos *índios da Serra dos Dourados*, como ficaram conhecidos nesse primeiro momento, sucumbiu às investidas de contato. Vitimados pelas armas, doenças e comida dos *Kikãtxu* (SILVA, 1998, p.194) apenas quinze pessoas do grupo familiar que se aproximou da fazenda Santa Rosa sobreviveram. São eles, os adultos Adjatukã⁷⁰, Eirakã(Aricã ou Arigã)⁷¹, Kuein, Natjé⁷² (irmã de Tuca e esposa de Adjatukã), Iati⁷³ (irmã de Tuca e esposa de Eirakã), Haikumbai (Mã)⁷⁴ (irmão de Adjatukã) e Nhengo⁷⁵. E as crianças, Kaiuá⁷⁶, Tuca, Ana Maria Tiguá (filha de Eirakã), Maria Rosa ã (irmã de Kaiuá), Maria Rosa Tiguá Brasil (filha Iratxamëway), Tikuein Gaméi, conhecido como Geraldo Brasil⁷⁷ e Tikuein (ambos os filhos de Mã), Tiquein (filho de Eirakã e Iati).

Sobreviventes em um primeiro momento, em 1976, este número se reduziu a oito pessoas. À exceção de Kuein que à época possuía entre 16 e 18 anos, apenas as crianças sobreviveram: Tikuein (filho de Mã)⁷⁸, Tucanambá⁷⁹, Ana Maria Tiguá, ã, Maria Rosa Tiguá e os irmãos Tiquein⁸⁰ e Rondon Xetá – este último já nascido no PIN de Marrecas (município de Turvo/PR), para onde seus pais foram transferidos em 1963 (SILVA, 1998, p. 08).

⁶⁹ Essa superioridade tecnológica dos *brancos* é descrita em outros contextos etnográficos desde o século XVI. *Karay* denomina os grandes xamãs, heróis culturais Guarani e também os europeus. Para Viveiros de Castro, “há fortes indícios que a ‘leitura’ dos brancos em termos de *karay*, foi mais do que uma metáfora inofensiva e de que a astúcia tecnológica dos invasores desempenhou um papel fundamental nessa assimilação” (2002, p. 202). A partir da cosmologia Uaupés, Lasmar descreve a qualidade moral dos brancos a partir de suas escolhas nos primórdios da humanidade: “O ancestral branco pegou a espingarda e as mercadorias, ao passo que os ancestrais dos índios preferiram o arco e os enfeites cerimoniais. Entre fazer festa e fazer guerra, o branco escolheu guerrear” (2005, p. 216). No entanto, segundo a autora, neste contexto, a supremacia dos *brancos* é associada à sua superioridade xamânica (2005, p. 217).

⁷⁰ Falecido em 1964 (SILVA, 1998, p. 08).

⁷¹ Falecido em 1967 (*Idem*).

⁷² Falecido em 1966 (*Idem*).

⁷³ Falecido em 1967 (*Idem*).

⁷⁴ Falecido em 1972 (*Idem*).

⁷⁵ Falecido em 1973 (*Idem*).

⁷⁶ Falecido em 1976 (*Idem*).

⁷⁷ Falecido em 1973 (*Idem*).

⁷⁸ Falecido em 2005.

⁷⁹ Falecido em 2007. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/noticias>. Acesso em: 16 de ago. de 2019.

⁸⁰ Falecido em 2017. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/4613-nota-de-pesar-tiquem-xeta>. Acesso em: 16 de ago. de 2019.

Contudo, os sobreviventes do extermínio (SILVA, 1998) não permaneceram isentos da violência de pilhagem de seus territórios, de seus corpos e de suas *histórias*.

Os eventos do contato, tais como a captura das crianças, os encontros na floresta, a aproximação com a fazenda, o processo de desterritorialização, as relações estabelecidas com as famílias que os *criaram* esuas trajetórias de vida fora da Serra dos Dourados foram analisados por Silva (1998). Em sua tese (2003), a partir de uma estrutura narrativa que movimentava diferentes temporalidades, Silva apresenta aspectos da vida dos *antigos no tempo do mato*, tais como os mitos, o parentesco, os rituais, os processos de nomeação, o território, os meios de subsistência, e seus projetos de futuro.

1.1 As Expedições científicas na Serra dos Dourados: aliança político-epistêmica

Em 1954, ao ser noticiada a presença do grupo familiar na Fazenda Santa Rosa, a 7ª IR/SPI localizada em Curitiba contactou o professor Loureiro Fernandes, catedrático das disciplinas de Antropologia e Etnografia do Brasil e Diretor do Instituto de Pesquisas da UFR. Juntas, as instituições organizaram expedições científicas a Serra dos Dourados, entre os anos de 1955 e 1961.

Essas expedições científicas são tomadas aqui em seus aspectos etnográficos, buscando compreender como as ações e as relações movimentam a constituição das coleções Xetá. Desse modo, torna-se importante neste trabalho situar quais eram os atores, os seus objetivos e os princípios que orientaram essas ações, no intuito de desvendar seus referenciais políticos, econômicos, morais e epistemológicos.

Nos arquivos documentais do SPI, de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, as informações com dados e datas das expedições científicas, vez por outra, divergem. Entre aquelas que se encontram melhor documentadas e descritas ocorreram entre 15 e 26 de outubro de 1955; em novembro de 1955; de 10 a 25 de fevereiro de 1956; de 22 novembro a 04 de dezembro de 1956; em maio de 1957; 17 a 29 de janeiro de 1958; em outubro de 1958;

de 26 de outubro a 19 de novembro de 1959; de 14 de julho a 08 de agosto de 1960; de 02 a 15 de setembro de 1960; de 20 janeiro a 20 de fevereiro de 1961⁸¹.

A primeira expedição, em outubro de 1955, contou com a participação de Dival José de Souza e Durval Machado, respectivamente chefe e auxiliar de inspetoria 7ª IR/SPI de Curitiba; do antropólogo e coordenador das expedições científicas Loureiro Fernandes e do aluno de Geografia Ney Barreto, ambos representantes do IP/UPR e do DEAN/UFP. Participaram também Loyola Neto e Álvaro Ferreira de Almeida, respectivamente repórter e fotógrafo da Revista Guairá; Alfonso Pereira, motorista da UFP; Antônio Lustosa de Oliveira, deputado estadual e proprietário da Fazenda Santa Rosa e Antônio Lustosa de Freitas, seu administrador. Tuca e Kaiuá foram levados como guias e intérpretes no interior da floresta, sendo a equipe guiada também pelo colono Pedrinho Nunes e participaram agrimensores, mateiros, funcionários das Companhias Colonizadoras que realizavam as medições de terras na região.



Figura 47 – Primeira expedição científica a Serra dos Dourados, outubro de 1955⁸².

⁸¹ Há indícios, no material analisado, que entre 1955 e 1961 ocorreram Viagens e Expedições de curta duração, financiadas pelo SPI, UFP e/ou com recursos pessoais de pesquisadores e servidores.

⁸² Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.



Figura 48 – Tucanambá e Kaiuá, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, outubro de 1955⁸³.

Nessa expedição a equipe não encontrou os indígenas na Fazenda nem no interior da floresta e após dez dias de investidas, retornaram à Curitiba⁸⁴. Cerca de um mês depois, em novembro de 1955, com nova confirmação da presença do grupo familiar indígena na Fazenda Santa Rosa, rapidamente a 7ª IR/SPI organizou uma segunda expedição. Seguindo praticamente a mesma composição da primeira, incluindo-se a participação de Vladimir Kozák, fotógrafo e cinetécnico do IP/UFP. Nesta expedição, segundo registrou: “Eu iria na qualidade de pesquisador, para posteriormente, apresentar um relatório sobre os fatos mais importantes” (KOZÁK, s.d., p. 18). A partir dessa segunda expedição, Kozák tornou-se responsável pelos registros fotográficos e a produção de filmes em todas as expedições.

Nas expedições científicas a Serra dos Dourados registra-se também a participação do alemão Andreas Mayer, taxidermista do Museu Paranaense, responsável em

⁸³ Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.

⁸⁴ Após essa expedição, o proprietário da Fazenda, o deputado Antônio Lustosa de Oliveira propôs a Assembleia Legislativa do Estado, a criação de uma reserva florestal na Serra dos Dourados para abrigar os indígenas da região. O servidor do SPI, Dival José de Souza sugeriu ao Diretor da instituição no Rio de Janeiro, a criação de um Posto de Atração, com a integração de um Auxiliar de Sertão e trabalhadores pagos pela instituição. Fonte: SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956, MAE/UFPR.

coletar espécimes animais nas expedições de fevereiro de 1956 e julho-agosto de 1960. O processo de identificação dos *índios da Serra dos Dourados* contou com a colaboração do linguista tcheco Céstmir Loukotka, que em 1929 havia analisado dados linguísticos do naturalista tcheco Albert Frič, no artigo *Le setá, un nouveau dialecte tupi*, publicado no *Journal de la Société des Américanistes*. Frič esteve em 1910, na região do Rio Ivaí, e encontrou três cativos vivendo entre os Kaingang, sendo denominados pelo cientista de *Ššetá* (MOTA, 2003).

De passagem pelo Brasil, Loukotka foi convidado por Loureiro Fernandes a participar da expedição de janeiro de 1958, com um objetivo específico: “[...] o de comprovar a exatidão dos apontamentos realizados pelo meu predecessor, e etnólogo, também checo, Prof. Fritch e nos quais me baseei para a publicação de um trabalho linguístico”⁸⁵.

Ademais, em todo esse contexto, em que os grupos familiares permaneceram nas proximidades da Fazenda, houve grande movimentação de pessoas na região, tais como repórteres, pesquisadores, colonos, regionais e curiosos que estavam *No rastro do desconhecido silvícola da Serra dos Dourados*⁸⁶.

O antropólogo Carlos Moreira Neto acompanhou a expedição de outubro-novembro de 1959, com o botânico e herbolário Rubens Elker Braga e o zoologista e entomologista Rudolf Lange - ambos do MP e catedráticos da UFP. Este último também acompanhou a expedição entre julho-agosto de 1960. Estiveram também na Fazenda Santa Rosa o sociólogo italiano e professor da Universidade de Roma, Gioacchino Santaché em 1960; o geólogo alemão Reinhard Maack⁸⁷ e a linguista Úrsula Wiesemann do *Summer Linguistic Institut* (KOZÁK, s.d.).

As expedições de 1960 e 1961 foram coordenadas pelo linguista brasileiro Aryon Dall’Igna Rodrigues, à época, professor da disciplina de Língua Tupi Guarani do DEAN/UFP. Nessas expedições foi o responsável pelas gravações magnetofônicas e a constituição de arquivos linguísticos e sonoros com narrativas, mitos e cantos Xetá. A expedição de setembro de 1960 contou com a participação da arqueóloga francesa Annette Laming-Empeaire pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique*, Paris,

⁸⁵ Diário do Paraná, 02 de fev. de 1958 *apud* FERNANDES, 1959, p. 30.

⁸⁶ Título da reportagem publicada no Jornal O Estado do Paraná, em 13 de nov. de 1955.

⁸⁷ Segundo Kozák, Maack a convite do professor Aryon Rodrigues visitou a aldeia de Hatçuakán e pernoitou apenas uma noite na Fazenda Santa Rosa (s.d., p. 24).

França. À época, Laming-Emperaire era uma das principais colaboradoras nas pesquisas arqueológicas de Loureiro Fernandes, do MAAp e do CEPA/UFP. A convite de Loureiro Fernandes, a arqueóloga acompanhou Aryon Rodrigues e Vladimir Kozák a Serra dos Dourados, motivada pelo interesse na descrição das técnicas, usos e confecção de artefatos de resina, osso e pedra, bem como na constituição de uma coleção arqueológica (LAMING-EMPERAIRE, 1978).

A participação de jornalistas e fotógrafos, que assumiram um papel fundamental na divulgação, visibilidade e valorização das expedições para a sociedade paranaense, nacional e internacional⁸⁸ atestava a veracidade dos fatos científicos. Segundo Kozák, na segunda expedição de 1955, “[...] o grupo de índios fora ‘oficialmente descoberto’, e havia provas concretas nas fotografias da REVISTA GUAIRA e nos dois rolos de filme Kodachrome” (s.d., p. 19).

Vale destacar que as narrativas acerca das expedições científicas empreendidas a Serra dos Dourados envolviam uma aura de aventura, heroísmo e romantismo, seguindo um modelo de expedições que ocorriam em diferentes regiões do Brasil desde o século XIX, no qual o cientista assumia o lugar de protagonista (FETZ, 2010, p. 48). Contudo, se no século XIX se fazia presente pintores, retratistas e literatos, nas expedições do século XX a presença de jornalistas e fotógrafos foi fundamental para propagar e disseminar amplamente os valores e a realizações da ciência moderna (FETZ, 2010).

Embora tenham participado efetivamente apenas nas duas primeiras expedições, a partir de análise nos jornais e revistas em circulação na época – Gazeta do Povo, Diário do Paraná, O Estado do Paraná - observa-se que nas ocasiões em que não foi possível a presença de jornalistas, estes atuaram a cada retorno da equipe, entrevistando-os, publicando, divulgando e promovendo as ações científicas.

De modo de modo geral que as expedições foram organizadas seguindo o modelo de constituição da primeira, isto é, configurando uma aliança científica, representada por pesquisadores das ciências naturais e humanas - vinculados a instituições nacionais e internacionais, universidades e museus. Embora por vezes contraditórios e divergentes, os pesquisadores envolvidos nas expedições eram orientados por uma epistemologia científica –

⁸⁸ Entre elas, Revista Guairá (1955), Revista Time (1959), Revista Panorama (1961) e Revista Manchete (1968) publicaram artigos específicos sobre os Xetá.

objetiva, neutra, moderna e eurocêntrica (FABIAN, 2013). Interessava-lhes estudar, identificar, classificar e coletar dados e objetos científicos, no intuito de constituir uma coleção etnográfica, arqueológica, iconográfica, sonora e linguística dos *índios da Serra dos Dourados*.

Como política indigenista, as expedições seguiram o modelo de contato oficialmente instaurado em outras regiões do *sertão* brasileiro e visavam atrair, identificar e pacificar os *índios arredios* (LIMA, 1995). Deocleciano de Souza Nenê, servidor da 7ª IR/SPI se empenhou na construção de um Posto de Atração nas proximidades da Fazenda Santa Rosa⁸⁹, e para tanto, atribuiu em 1955, o cargo de Auxiliar Sertanista a Antônio Lustosa de Freitas, administrador da Fazenda Santa Rosa. Em relatório, o Chefe da 7ª IR/SPI de Curitiba compreendeu como necessário “[...] acautelar os interesses dos mesmos que em suas incursões poderiam ter contato nem sempre bem sucedido com os civilizados, como também estender até eles, como é natural, a atuação desta Inspetoria”⁹⁰. Para o órgão indigenista as ações/expedições foram tomadas como medidas protetivas aos indígenas, constituindo-se assim o poder tutelar como algo naturalizado, que busca defendê-los da presença e ameaça dos então *civilizados*.

As expedições constituíram-se assim em uma aliança política-econômica, representada pelo Estado – pelo proprietário da fazenda, SPI, colonos e funcionários das companhias colonizadoras. A estes interessava avançar e consolidar as investidas das frentes de expansão agrícola, no qual a presença dos indígenas era tomada como entrave. Com amplo apoio da política indigenista do SPI, o processo de atração e pacificação significou o desmatamento da floresta, o extermínio e desterritorialização dos grupos familiares Xetá, e abrindo caminho para a consolidação da política de concessão de terras e o incentivo, cada vez maior, da presença do capital agrícola na região.

A aliança do órgão indigenista e dos cientistas durante as expedições não foi ocasional. Em diferentes contextos espaços-temporais esse modelo de contato configurou-se como um campo profícuo de produção de conhecimento, disseminação de ideias e discursos

⁸⁹ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de janeiro de 1956. MAE/UFPR.

⁹⁰ *Idem*.

acerca da natureza e da alteridade⁹¹. Esse arranjo que marcou o contato com os *índios da Serra dos Dourados*, definido por Fabian (2013) como político-epistêmicos concretizou-se em um sistema de saber-poder (FABIAN, 2013) e de submissão da floresta e dos *índios*, no qual a violência marca a sua interface.

1.2 Expedições científicas: a constituição das coleções Xetá

Nos documentos institucionais do IP/UFP, do DEAN/UFR, da 7ª IR/SPI, bem como jornais, revistas, notas, diários de campo e artigos dos pesquisadores encontramos uma série de dados, datas, roteiros, caminhos, acampamentos e informações sobre os atores - os grupos familiares indígenas, os cientistas e as coisas movimentadas no contexto das expedições e constituição das coleções Xetá.

As coisas que atualmente constituem as coleções Xetá foram, durante as expedições científicas, coletadas, pilhadas, presenteadas, trocadas, transferidas, confeccionadas e produzidas objetivamente no intuito de constituir as coleções de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák. Os documentos produzidos, tais como fotografias, filmes e gravações sonoras seguiram roteiros previamente estabelecidos e foram feitos para atender os interesses dos cientistas, pesquisadores e colecionadores.

Na constituição das coleções, os cientistas criaram uma rede de relações que extrapolou o espaço/tempo das expedições. Trocaram correspondências, dados de pesquisa, informações, produziram discursos e ações coletivamente, que ora convergiam, ora divergiam de seus interesses. Além disso, definiram ações e relações junto aos grupos familiares Xetá para que atingissem seus objetivos - o que nem sempre foi possível, visto que as lógicas

⁹¹ A *Odisséia* de Homero, os textos sagrados e cristãos de viagens e peregrinações a terras estrangeiras, as crônicas das *Viagens de Marco Pólo* ao Oriente Médio e Ásia no século XIII, as cartas de Cristovam Colombo e Américo Vespúcio sobre a América no século XVI e *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss no século XX. Sobre o Brasil, no século XVI podemos citar a Carta de Pero Vaz de Caminha (1517), de José Anchieta (1558) e do Padre Manuel Nóbrega (1559), os livros de Hans Staden (1557), André Thevet (1558), Ulrico Schimidel (1567), Jean de Lery (1578); no século XVII, Claude d' Ahheville (1614), e inúmeros outros, configuram-se como narrativas literárias, no qual seus autores/viajantes descrevem suas viagens a partir de uma linguagem histórica, bélica, idílica, religiosa e mitológica.

indígenas e as científicas se desencontravam e os grupos familiares experienciavam cotidianamente um processo de extermínio.

Os pesquisadores possuíam diferentes interesses, oriundos de suas áreas e formações teórico-metodológicas específicas, bem como ocupavam posições distintas na rede de relações que se estabeleceu a partir das expedições científica. Embora a pesquisa científica e a constituição de coleções e arquivos fossem um objetivo em comum, nem sempre foram o alvo privilegiado de atenção em seus registros, notas e diários de campo, o que evidencia lacunas a respeito de sua formação.

Desse modo, no limite das informações dos documentos consultados durante esta pesquisa, nosso foco aqui é identificar como os atores envolvidos no contexto das expedições mobilizaram ações e relações entre si em busca das coisas Xetá. Estas mediaram a relação dos cientistas, dos agentes estatais, colonos e indígenas e foram alvos de alianças, conflitos, disputas, rivalidades e afetos.

1.2.1 Em busca dos *índios da Serra dos Dourados*: as expedições científicas de 1955⁹², 1956⁹³ e 1957

Dados sobre a coleta de coisas Xetá foram registrados na primeira expedição a Serra dos Dourados, ocorrida em outubro de 1955. Nessa ocasião, a equipe encontrou oito acampamentos abandonados no interior da floresta, cada um contendo de três a quatro *tapuy* – abrigo temporário para o período de caça, confeccionado a partir de tronco de canela, coberto com folha de palmeira de jerivá e amarrados com cipós (KOZÁK, 1981, p. 37-38). Nesses acampamentos encontraram vários artefatos, entre eles arcos, flechas, bordunas, pilão vertical e horizontal, material lítico de pedra e madeira, adornos corporais, tais como brincos de penas de aves⁹⁴. Encontraram também grande quantidade de coquinhos de jerivá, armadilhas

⁹² Caderneta de campo de Vladimir Kozák, identificada pelo registro MPKO1430 (Original em inglês e tcheco, tradução nossa do inglês). MP/SEEC.

⁹³ Caderneta de campo de Vladimir Kozák, identificada pelo registro MPKO1430, MPKO1455 E MPKO1438 (Original em inglês e tcheco, tradução nossa do inglês). MP/SEEC.

⁹⁴ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956. MAE/UFPR.

recentes - laços e mundéus para caça de animais de pequeno e grande porte, como anta, veado, porco e onça⁹⁵.

Entre os artefatos encontrados chamou a atenção da equipe um “[...] magnífico machado de pedra polida, cinzéis, agulhas e punctores de osso”⁹⁶. Segundo Kozák “Os machados de pedra, os utensílios de madeira como também alguns cestos que tinham sido encontrados, provocaram grande curiosidade” (s.d., p. 17). A partir das técnicas empregadas e da materialidade dos artefatos, Loureiro Fernandes (1959), adepto dos paradigmas teórico-metodológicos evolucionistas, identificou:

Pudemos assim comprovar que se tratava de um grupo mantendo-se em estágio de cultura primitiva, segregado naquela área de floresta tropical o qual devia viver em plena cultura lítica, pois em todos os acampamentos visitados e estudados, não nos foi dado encontrar qualquer elemento que revelasse contactos com os agrupamentos humanos da civilização brasileira existentes nas regiões circunvizinhas (FERNANDES, 1959, p. 29).

Em relatório encaminhado à administração central do SPI, no Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, Dival de Souza, inspetor da 7ª IR/SPI - Curitiba, afirmou que a expedição “[...] limitou-se a recolher uns poucos objetos [...]”⁹⁷, ficando o material coletado sob a guarda do professor Loureiro Fernandes e do aluno Ney Barreto⁹⁸. De posse dessas coisas, Loureiro Fernandes levou-os para o DEAN/UFPR, que à época iniciava a constituição de uma coleção científica.

No retorno da primeira expedição, Loyola Neto repórter da Revista Guairá, publicou uma matéria intitulada *Essa terra tem dono! A reportagem de Guairá participa da “Expedição da Serra dos Dourados”*⁹⁹ anunciando a existência de índios na *Idade da Pedra* e ressaltando os valores da ciência e da *civilização*. No entanto, é notável a crítica que

⁹⁵ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956. MAE/UFPR.

⁹⁶ LOUREIRO, Fernandes. **Carta para Bosch Grimper**. Curitiba, Paraná, 17 nov. de 1957. MAE/UFPR.

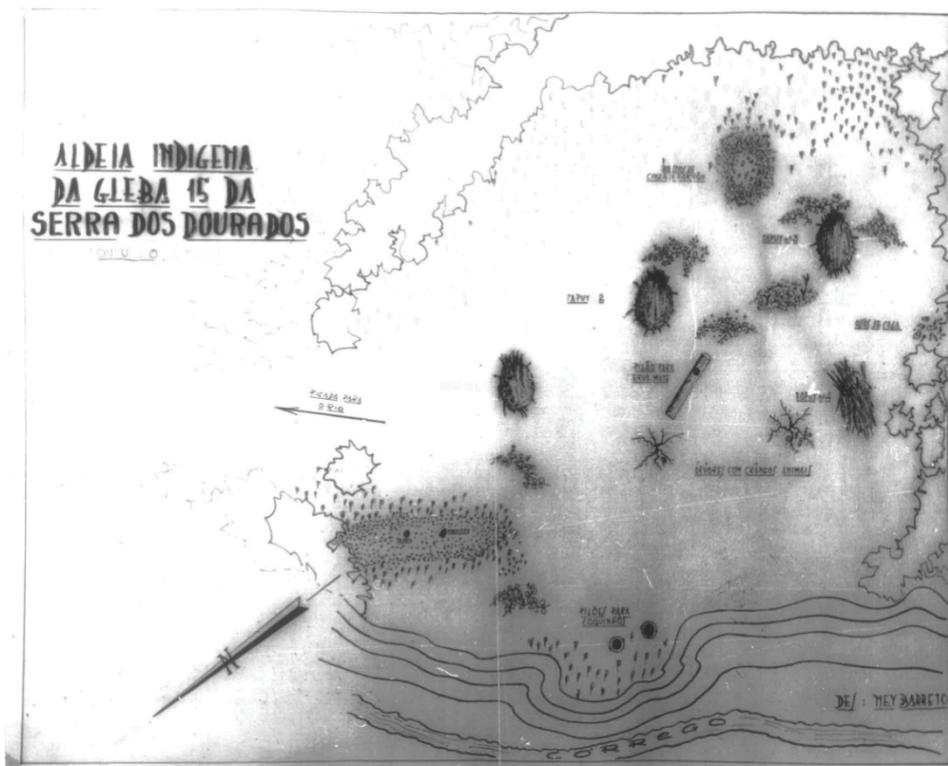
⁹⁷ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de janeiro de 1956. MAE/UFPR.

⁹⁸ Ney Barreto, aluno do curso de Geografia da UFP que acompanhou a expedição, elaborou um mapa dos acampamentos e um inventário dos artefatos e material coletado.

⁹⁹ NETO, Loyola. **Essa terra tem dono**. A reportagem de Guairá participa da “Expedição da Serra dos Dourados”. Revista Guairá, nov. 1955, p. 43-48. CEP/UFPR.

empreende a política de distribuição de terras e as consequências avassaladoras do desmatamento na região, sobretudo dos seus impactos sobre os *índios da Serra dos Dourados*.

Ney Barreto elaborou um mapa dos acampamentos e uma lista de coisas encontradas, entretanto não deixa explícito quais foram coletadas e levadas para o DEAN/UFPR¹⁰⁰. Essa lista contempla registros de uma série de sementes e ossos de animais, o trançado de folha de palmeira, as flautas, os crânios de animais como quati, jaguatirica e cachorro do mato, brincos de pena, miniatura de faixa, bola de cera e um estojo trançado¹⁰¹.



Mapa 5 – Acampamentos Xetá na Serra dos Dourados. Mapa elaborado por Ney Barreto, primeira expedição científica, outubro de 1955¹⁰².

¹⁰⁰ BARRETO, Ney. **Relação de material**. Curitiba, 28 de out. de 1955. MAE/UFPR.

¹⁰¹ *Idem*.

¹⁰² CEPA/UFPR.



Figura 49 – *Tapuy*, abrigo construído nos acampamentos Xetá, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, 1955¹⁰³.

Em seu artigo, Loyola Neto publicou ainda uma fotografia com as coisas coletadas nos acampamentos nessa primeira expedição. Destaca-se o machado de pedra polida encabado em madeira; cinzel feito de osso de anta; artefato para quebrar coquinhos; raspador; e ossos afilados - levantando a hipótese de ser utilizados para retirada de corpos estranhos, como espinhos por exemplo.

Há ainda, no artigo de Loyola Neto, aproximadamente 40 fotografias, onde se reconhece a equipe, o trajeto da viagem, a Fazenda Santa Rosa, a floresta da Serra dos Dourados, os acampamentos, as armadilhas, os *tapuy*, o pilão, a cestaria, os crânios de animais, o colar de rabo de macaco, as sementes de jatobá, etc.

¹⁰³ Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.



Figura 50 – Artefatos Xetá coletados na primeira expedição científica, 1955¹⁰⁴.



Figura 51 – Equipe de pesquisadores e servidores do SPI, primeira expedição científica, Serra dos Dourados, outubro de 1955¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Fotografia publicada na Revista Guaíra, outubro de 1955. MAE/UFPR.

Encerrada a primeira expedição, em novembro de 1955, após alerta de Antônio Lustosa de Freitas de que os indígenas haviam retornado à Fazenda Santa Rosa, rapidamente o SPI e a UFP organizaram uma segunda expedição. Chegando à Serra dos Dourados, a equipe encontrou Kuein, Eirakã[Aricã, Arigã], e os irmãos Mã e Adjatukã – estes dois últimos acompanhado de suas duas esposas e filhos. Ao todo o grupo familiar somava aproximadamente dezesseis pessoas, que foram mantidas na fazenda pelo administrador, no intuito de auxiliar a equipe da expedição em suas investidas na floresta.

Guiados por Tuca e pelo grupo familiar - os homens com seus arcos e flechas, as mulheres carregando as crianças e a cestaria com seus utensílios – a equipe da expedição adentrou na floresta. Segundo Kozák, seguiram os caminhos indígenas que se entrecruzavam com os dos agrimensores e encontraram inúmeras clareiras e acampamentos abandonados - que pareciam ter sido deixados há pouco tempo pelas condições de uso dos *tapuy*, das armadilhas, cestas, pilão, cabaças e sementes. Contudo, dessa expedição a equipe de pesquisa científica também retornou à Curitiba sem encontrar com outros grupos familiares no interior da floresta.

Não há registros, nos documentos pesquisados, de coleta de artefatos nessa segunda expedição. No entanto, adquire relevância a presença de Vladimir Kozák e a produção de um primeiro registro fotográfico com os *índios da Serra dos Dourados*:

[...] fizemos a visita ao acampamento dos Hetas e conseguimos fazer algumas anotações interessantes. Consegui também filmar os dois rolos de Kodachrome mas a equipe já estava se preparando para regressar a Curitiba, uma vez que os jornalistas tinham pressa de preparar o seu “furo” de reportagem para a REVISTA GUAIRA. Devo acrescentar, porém, que malgrado a pressa, o fotógrafo Sr. Feralma conseguiu bater algumas ótimas fotos de mulheres e crianças indígenas [...] (KOZÁK, s.d., p. 19).

Segundo Dival registrou em relatório¹⁰⁵, durante essa expedição foi solicitado aos homens que demonstrassem suas habilidades com seus arcos e flechas. Assim, Adjatukã desferiu uma flecha certa em um macaco no alto de uma árvore e, em seguida Mã, em uma única flechada, atingiu uma coruja. Mataram também uma cobra que, junto com o macaco foi

¹⁰⁵ Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.

¹⁰⁶ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956. MAE/UFPR.

moqueada e cortada com uma pedra muito afiada. Os artefatos e essas ações foram, em sequência, fotografados por Kozák.

No retorno dessa expedição, em dezembro de 1955, Loyola Neto publicou novamente um artigo na Revista Guaíra¹⁰⁷, ilustrado com 41 fotografias dessa segunda expedição, e enviou à 7ª IR/SPI em Curitiba 51 fotografias 9 x 12 e 12 fotografias 18x24¹⁰⁸. Nesses registros é possível identificar as famílias de Mã e Adjatukã e suas respectivas companheiras, filhos e filhas.

Entre estas fotografias, ganha destaque o momento em que ã, com aproximadamente sete anos¹⁰⁹ - e que na ocasião vivia com o grupo familiar de Mã - montada sobre uma mula, foi retirada do *mato*, e levada pela equipe da expedição para ser criada em Curitiba, ao lado do irmão Kaiuá.



Figura 52 – A menina ã sendo retirada da Serra dos Dourados, segunda expedição científica, novembro de 1955¹¹⁰.

¹⁰⁷ LOYOLA NETTO, J. P.. A reportagem de Guaíra participa da “II Expedição da Serra dos Dourados”. *Revista Guaíra*, nº VII, dez. 1955. CEP/UFPR.

¹⁰⁸ LOYOLA NETTO, J.P.. *Correspondência a Dival José de Souza*. Curitiba, 16 de dez de 1955. (MOTA; FAUSTINO, 2018, p. 371).

¹⁰⁹ KOZÁK, Vladimir. *A história hetá*. Curitiba, s.d., MP/SEEC.

¹¹⁰ Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018

Os registros fotográficos, das duas primeiras expedições foram realizados por Álvaro Ferreira de Almeida – fotógrafo da revista Guáira, Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, e compõem o Relatório das duas primeiras expedições, enviado pelo servidor Dival José de Souza, à administração central do SPI, à época sediada no Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro. Atualmente estas fotografias encontram-se nos acervos do Museu do Índio-RJ, que abriga o arquivo documental do SPI, na coleção de Loureiro Fernandes na UNIDOV/MAE/UFPR e na coleção Vladimir Kozák no MP.

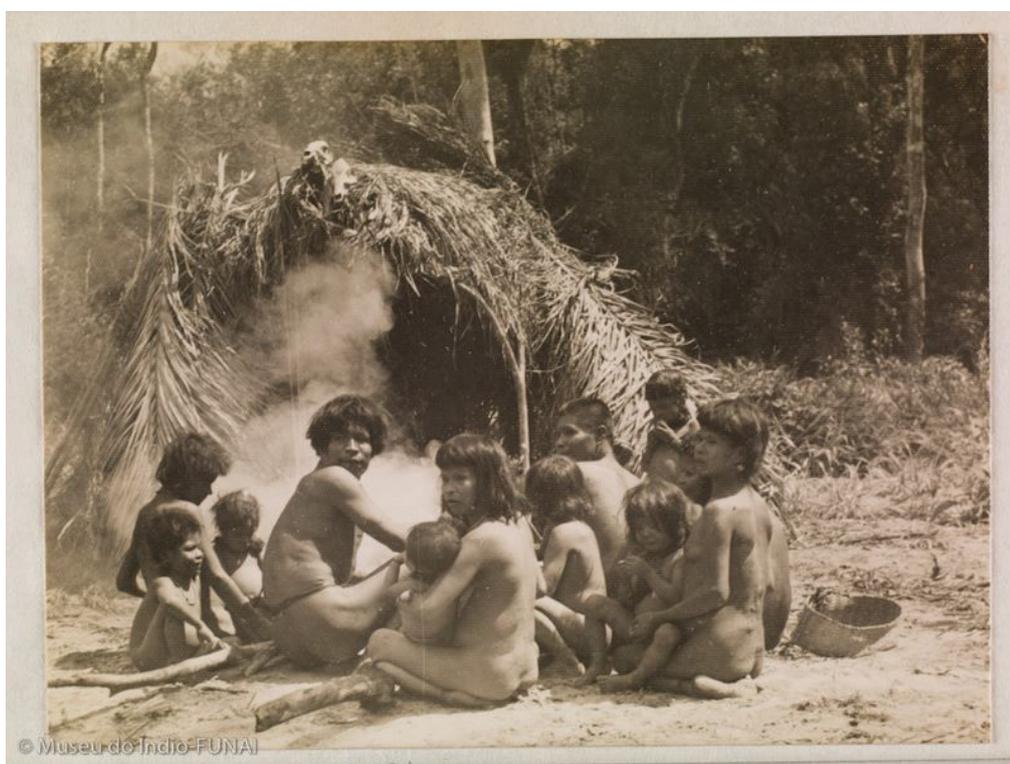


Figura 53 – Grupo familiar de Adjatukã e Aricã, acampamento próximo a Fazenda Santa Rosa, segunda expedição científica, Serra dos Dourados, novembro de 1955¹¹¹.

¹¹¹ Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.

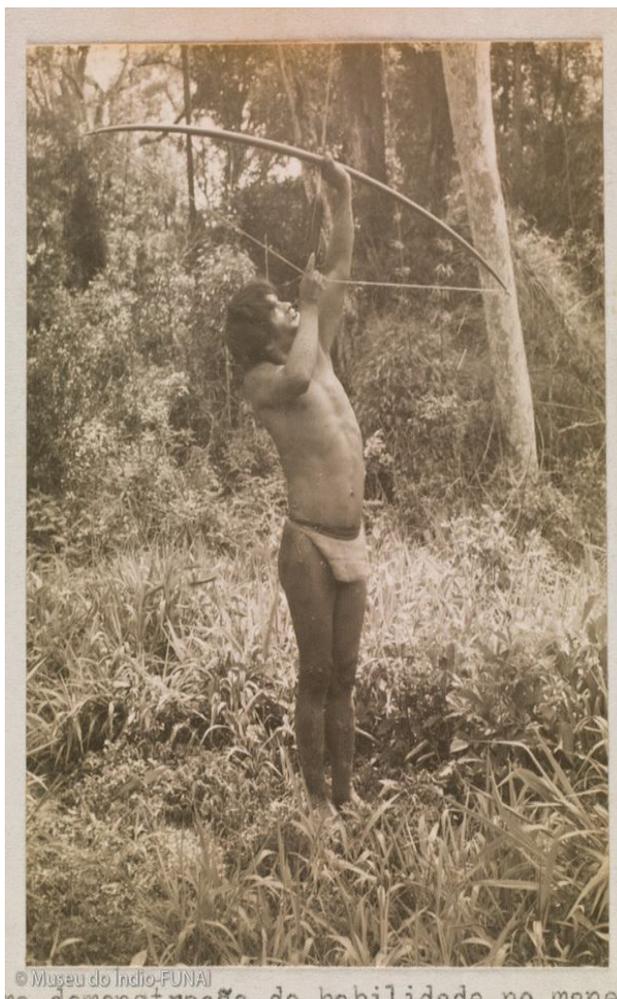


Figura 54 - Adjatukã, segunda expedição científica, novembro de 1955¹¹².

No retorno desta segunda expedição Kozák e a equipe de pesquisa científica já vislumbravam a organização e realização de uma terceira e a possível produção de um documentário. Desse modo, a terceira expedição, ocorreu em fevereiro de 1956 e foi amplamente registrada por Kozák em suas cadernetas de campo, marcando profundamente a sua memória.

Novamente guiados por Tuca, Mã e Adjatukã, suas respectivas esposas e crianças a equipe adentrou na floresta e, após um longo percurso, em uma clareira encontraram aproximadamente 30 pessoas pertencentes aos grupos familiares dos irmãos Nhengo e Moëw (KOZÁK, s.d., p. 29). Segundo Kozák, surpreendidos e assustados, homens e mulheres

¹¹² Disponível em: <http://museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online>. Acesso em: 10 de mai. de 2018.

começaram rapidamente a apanhar as crianças e os artefatos e correram, abandonando o acampamento. Com a intervenção de Tuca e Adjatukã aos poucos se acalmaram, retornaram e estabeleceram uma relação mais amena (KOZÁK, s.d.).

O encontro ficou registrado na memória de Tuca:

Ali (naquele acampamento), todos da expedição pararam. Tiravam fotos, anotavam; Kozák (cine-técnico da UFPR) filmava. Enfim, era um movimento danado. Todos sem entender nada do que acontecia. Eu era o intérprete, já falava um pouco o português. Aos poucos, curioso para saber dos meus pais, pois queria vê-los, falar com eles, ver meus irmãos, tentar trazê-los, quem sabe para ficarem comigo ou com os outros. (SILVA, 2008, p. 49)

Com o objetivo de encontrá-los, dois homens do grupo guiaram Tuca, Pedrinho Nunes¹¹³ e Antônio Lustosa de Freitas, até o acampamento de seu pai, He'vay. Nessa investida, após uma longa caminhada, encontraram também aproximadamente 30 pessoas do grupo familiar de Tuca - pai, mãe, irmãs, irmãos e outros parentes. Foi ao que tudo indica um encontro breve, pois segundo Tuca descreveu os *brancos* insistiram em retornar para junto do restante da equipe: “Foi só aquela vez que vi todos eles e procurei saber como estavam e onde estavam todos. Nem foto foi feita deles, nem filme, nem nada” (SILVA, 2008, p. 49-50).

No acampamento de Nhengo e Moëw, a equipe permaneceu nos dias 20, 21 e 22 de fevereiro de 1956. Segundo Kozák, passado o susto inicial, para satisfação da equipe científica o grupo familiar - homens, mulheres e crianças - retomaram suas atividades cotidianas, utilizando-se de seus machados de pedra, lascas de pedra, varetas para fazer fogo, perfuradores de dentes de animais, formões de osso de anta, arcos e flechas. Prepararam o *kukuay* – bebida a base de mate, que ofereceram à equipe. Na ocasião um falcão era usado com fins medicinais em ritual de cura de uma criança com febre. Sobre os artefatos a equipe deu ênfase em seus registros para os aspectos de sua materialidade, as técnicas e os usos no cotidiano. Além disso, produziu aproximadamente 60 fotografias e um total de cinco minutos de filme em 16 mm. Atualmente parte dessas fotografias compõe a coleção de Loureiro Fernandes e encontram-se na UNIDOV/MAE/UFPR; e a totalidade de fotografias e filmes, faz parte da coleção Vladimir Kozák que se encontra no MP.

¹¹³ Colono da região que também acompanhou e guiou a equipe na floresta, em outubro de 1955.



Figura 55 – Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956¹¹⁴.



Figura 56 – Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956¹¹⁵.

¹¹⁴ MAE/UFPR; MP/SEEC.

¹¹⁵ *Idem.*



Figura 57 - Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956¹¹⁶.



Figura 58 - Grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956¹¹⁷.

¹¹⁶ MAE/UFPR; MP/SEEC.

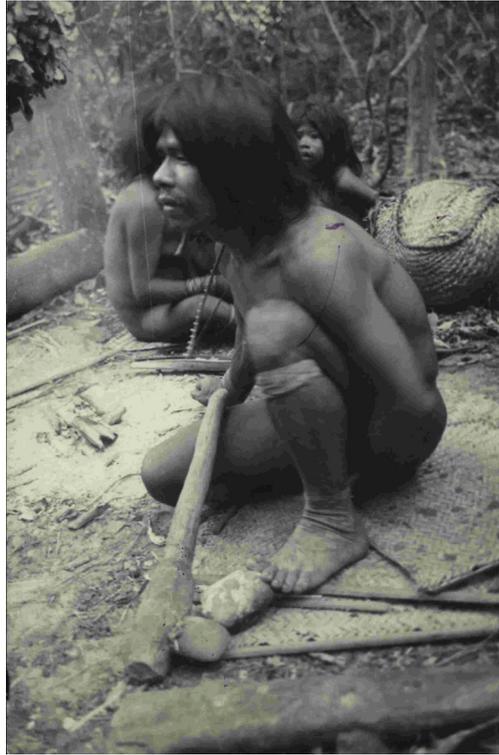


Figura 59 – Terceira expedição científica, fevereiro de 1956¹¹⁸.



Figura 60 - Terceira expedição científica, fevereiro de 1956¹¹⁹.

¹¹⁷ MAE/UFPR; MP/SEEC.

¹¹⁸ *Idem.*

¹¹⁹ *Idem.*

Aos poucos, segundo narrativas de Kozák, o encontro entre a equipe e esses grupos familiares se desenvolveu amigavelmente. No entanto, Loureiro Fernandes, como coordenador da expedição, alegando problemas pessoais resolveu encerrar abruptamente as atividades. Contrariado, Kozák ainda tentou argumentar para que permanecessem na floresta, porém não obteve sucesso e partiu na expectativa de encontrá-los novamente em uma próxima expedição.

No entanto, com exceção de Nhengo, quando retornaram em novembro de 1956 não mais os encontraram. A expedição de 1957 foi considerada por Kozák um grande fracasso (SOUZA, 2017, p. 38) por terem encontrado somente Kuein na região próxima do Rio Ivaí. Kozák registrou que Kuein teria sido levado a São Paulo por um colono da região entre setembro/outubro de 1956 e retornando à Serra dos Durados em fevereiro de 1958 (SILVA, 1998, p. 55). Esta nota de Kozák se encontra em consonância com a informação do inspetor do SPI, Durval Antunes Machado, que em correspondência enviada a Lourival da Mota Cabral, chefe da 7ª IR/SP¹²⁰, informa que Kuein encontrava-se fora da Serra de Dourados no ano de 1957. Há também registros que neste ano, Deoclecisano de Souza Nenê, servidor da 7ª IR/SPI esteve com Tuca na Fazenda Santa Rosa e encontrou com Mã, Nhengo, Kuein, Tikuein, Tiguá, Tiquein¹²¹.

De todo modo, os registros sobre a expedição de 1957 são escassos, não sendo possível analisá-la em detalhes (SOUZA, 2017). Uma das breves notas de Kozák, que desperta atenção sobre a expedição de 1957 é a sua colaboração e participação, junto com Antônio Lustosa de Freitas, no resgate de Geraldo, filho de Mã, que havia sido capturado, pela segunda vez, por um colono da região.

¹²⁰ MACHADO, Durval Antunes. **Correspondência para Lourival da Mota Cabral**. Curitiba, 25 de mai. de 1957. MAE/UFPR.

¹²¹ SOUZA NENÊ. Lourival. **Correspondência para Lourival da Mota Cabral**. Curitiba, 23 de dez. de 1957. MAE/UFPR.

1.3 A identificação dos índios da Serra dos Dourados: as expedições científicas de 1958¹²² e 1959¹²³

Nas expedições que seguiram, em 1958, 1959, 1960 e 1961, embora tenham realizado inúmeras investidas, a equipe não encontrou nenhum grupo familiar no interior da floresta, tampouco os grupos familiares do pai de Tuca, Nhengo e Moew, que haviam contatado anteriormente. Nessas expedições, o contato ocorreu de modo intermitente com Adjatukã e sua esposa Natjé¹²⁴, Eirakã[Arigã] e sua esposa Aluá[Iati]¹²⁵, Mã, Nhengo, Kuein e com as crianças Ana Maria Tiguá (filha de Arigã)¹²⁶, Tiguá (filha de Adjatukã), Maria Rosa Tiguá¹²⁷ (filha de Iratxamëway), Geraldo e Tikuein (filhos de Mã)¹²⁸.

Nas expedições de 1958 e 1959 os pesquisadores permaneceram com os grupos familiares na Fazenda Santa Rosa, coletando dados etnográficos, linguísticos e incentivando a confecção e produção de artefatos, fotografias e filmes. Em janeiro de 1958, Céstmir Loukotka acompanhou a expedição e permaneceu na Fazenda Santa Rosa elaborando um vocabulário, tendo como seu principal interlocutor o menino Geraldo, então com 11 anos¹²⁹.

Em seu processo de identificação dos índios da Serra dos Dourados, as coisas foram alvo de interesse e análise do linguista, contando para tanto, em alguns momentos, com a interlocução de Kuein. Em seu artigo *Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná*¹³⁰, Loukotka apresentou uma série de comparações entre os dados coletados durante essa expedição com os do naturalista tcheco Albert Frič em 1910. Além dos dados linguísticos, Loukotka comparou os acampamentos, os *tapuy*, os tembetás, os arcos, as

¹²² Os dados etnográficos de Vladimír Kozák, relativos a esta expedição, foram extraídos de sua Caderneta de Campo identificada no Museu Paranaense sob os códigos MPKO1438 e MPKO1455 (original em português e inglês, tradução em inglês da autora). MP/SEEC.

¹²³ *Idem*.

¹²⁴ Segundo Maria Rosa Brasil Tiguá, Natjé é um termo de parentesco que indica uma relação de afinidade com uma mulher.

¹²⁵ Em suas notas de campo Kozák se refere à esposa que Arigã recebeu de Adjatukã como Natjé e Aluá (KOZÁK, 1981); Silva (1998; 2003) se refere a ela como Aruay; nos documentos do SPI, a esposa de Arigã está registrada como Iati (MOTA; FAUSTINO, 2018). Neste trabalho, para não haver confusão me refiro a Natjé, como a esposa de Adjatukã; e me refiro a Aluá[Iati], esposa de Arigã.

¹²⁶ Registrada Ana Maria Tiguá.

¹²⁷ Registrada Maria Rosa Tiguá Brasil.

¹²⁸ É possível, a partir do arquivo fotográfico, identificar a presença de outras crianças que permearam o contexto das expedições, no entanto, nos documentos pesquisados há poucas referências sobre elas.

¹²⁹ Tuca também o auxiliou em Curitiba.

¹³⁰ LOUKOTKA, Céstmir. *Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná*. *Acta Ethnographica*. Academiae Scientiarum Hungaricae. Tomus IX, Fasciculi 3-4. Budapeste, 1960.

flechas, os colares, a cestaria, a alimentação, a vestimenta e as flautas. Observou a preparação do *kukuay*, as armadilhas, a pesca e os rituais de cura. Seu limite investigativo esteve relacionado às questões de sistema de crenças, no qual alegou ficar sem respostas dos indígenas (LOUKOTKA, 1960). Como se observa em seu artigo também fez seus próprios registros fotográficos¹³¹, com destaque para uma fotografia de Geraldo, em meio a uma dezena de arcos e flechas.

Kozák empreendeu um extenso registro etnográfico acerca da expedição de 1959, ocasião em que Nhengo, Mã, Geraldo e Tikuein (Mã) encontravam-se na Fazenda Santa Rosa. No local, Antônio Lustosa de Freitas havia construído ranchos¹³² para abrigar os indígenas quando por ali transitassem.



Figura 61 - Fazenda Santa Rosa – Posto de Atração para os grupos familiares Xetá¹³³.

¹³¹ Nesta pesquisa não foi possível identificar o local onde se encontra o acervo de Loukotka.

¹³² Os ranchos foram financiados com recursos do SPI (MOTA; FAUSTINO, 2018, p. 157).

¹³³ CEB

Durante essa expedição os grupos familiares de Adjatukã e Natjé, Eirakã[Arigã] e Aluá[Iati] e seus filhos dividiam um acampamento, localizado próximo ao Córrego 215, à margem esquerda do Rio Ivaí (KOZÁK, 1981, p. 30). Guiados por Geraldo, a equipe seguiu pela floresta em direção ao acampamento e, no caminho passaram por alguns *tapuy* abandonados e armadilhas, ocasião em que Kozák encontrou duas flautas, tembetás, pilão horizontal e vertical e uma peça de suporte para arco e flecha. No entanto, não registrou se foram alvo de coleta ou não.

No acampamento, segundo a narrativa de Kozák, Adjatukã vivia com a sua família, “[...] no velho estilo de vida feliz, completamente nu, com o pino labial, somente com um machado restante, havia alguma água corrente em um profundo riacho, e era só”¹³⁴. No local, a equipe pagou pela visita e para realizar registros fotográficos, enquanto Adjatukã realizava suas atividades cotidianas. Quando retornaram à fazenda, Mã tostava um tamanduá, do qual deu as garras para Loureiro e confeccionava uma nova peça de pino labial de madeira¹³⁵.

Alguns dias depois Eirakã[Arigã] chegou à fazenda com a filha Tigua¹³⁶, que à época tinha aproximadamente três anos e sua esposa Aluá[Iati]. Segundo Eirakã[Arigã] contou à Kozák, que Adjatukã estava furioso porque Antônio, o administrador da fazenda, com auxílio de um funcionário, havia removido os dois pilões do seu acampamento. Há indícios que essa remoção envolvia um pedido de Loureiro Fernandes, visto essas coisas foram entregues ao antropólogo, é possível que estejam atualmente na coleção etnográfica abrigada na reserva técnica do MAE/UFPR.

Loureiro Fernandes estabeleceu uma relação de proximidade com Antônio Lustosa de Freitas e, dessa relação, o antropólogo foi favorecido com hospedagem na Fazenda Santa Rosa, informações e aproximações com os grupos familiares indígenas, bem como de coisas para a constituição de sua coleção científica. Em 1958, recorreu diretamente ao administrador para esse fim:

Sobre os índios quero que você se informe bem. Necessito completar meu trabalho e devo colher algum material mais. Aliás espero seu valioso auxílio, nesse sentido.

¹³⁴ Caderneta de campo de Vladimir Kozák identificada pelo registro MPKO1438.(Original em português e inglês, tradução em inglês da autora). MP/SEEC.

¹³⁵ *Idem*.

¹³⁶ Dados etnográficos de Kozák indicam que Ana Maria Tigua não era filha de Aluá[Iati].

Temos que conseguir mais peças para a coleção: machado de pedra e cabo, arcos, flechas, colares de contas pretas e dentes de coati, cestos, adornos de lábio, tangas masculinas, estojos de palmeira com todo material que guardam internamente, lâminas de pedras, porungos em fim tudo que constitui elemento característico da cultura desses índios. Tenho muito interesse na peça de madeira com que perfuram o lábio, quero também um outro daqueles cacetes com que brigam. Você é pessoa inteligente e pode ir juntando uma coleção para mim deste material, a mais completa possível. Você fale com o Nhatucan e os outros, troque com o que eles quiserem e depois eu indenizo você. É preciso dar um jeito com os pilões (2) de socar erva mate, arranje alguém e com animais tragam dos antigos acampamentos que quando eu for em janeiro trago na caminhoneta¹³⁷.

Sem resposta, Loureiro enviou-lhe outra carta, reforçando o pedido:

Peço para não esquecer o pedido que lhe fiz, arranjar-me mais peças dos índios Xetá, não importa que eu já as possua, como lhe expliquei em carta, responsabilizo-me pelo pagamento das mesmas. Veja se me arranja um novelo grande de fios e barbantes feitos de fibra de abacaxi¹³⁸.

Essas solicitações de Loureiro motivaram uma série de tensões na Fazenda Santa Rosa durante a expedição de 1959. Segundo Kozák, Antônio se mostrou irritado com a equipe e reclamou que não recebeu para realizar serviços de pilhagem do acampamento de Adjatukã, usando seus recursos pessoais para um funcionário remover os dois pilões de troncos de palmeira. Adjatukã, por sua vez, ficou furioso com a atitude de Antônio, e Nhengo teria afirmado para Kozák: “eles deveriam dar-lhe alguns presentes em troca dos saques no seu acampamento”¹³⁹.

Nessa expedição, no período em que permaneceu na Fazenda, Kozák aproveitou para desenhar e fotografar os indígenas enquanto estes preparavam alimentos, como o assado de cobra e tatu. Cuidou de Nhengo e Mã que se encontravam doentes – o primeiro com malária e o segundo com dores abdominais e problemas intestinais. Nessa relação de cuidados Kozák recebeu de Nhengo um perfurador de dente de paca e um pino labial de resina de jatobá – este último confeccionado por Mã.

No rancho construído para os indígenas Kozák, encontrou um pedaço de cera de abelha e solicitou a Mã que confeccionasse um falcão. Com a ajuda de Nhengo, entregou-lhe um urubu e confeccionou um Moëw – a alma dos mortos -, e perguntou-lhe qual animal

¹³⁷ LOUREIRO, Fernandes. **Carta para Antônio**. Curitiba, 5 dez. de 1958. MAE/UFPR.

¹³⁸ LOUREIRO, Fernandes. **Ofício nº 061/58**. Curitiba, 30 dez. 1958. CEB.

¹³⁹ Caderneta de campo de Vladimir Kozák, identificada pelo registro MPKO1438. (Original em português e inglês, tradução em inglês da autora). MP/SEEC.

gostaria de ter. Kozák então solicitou um leopardo e, em troca Mã lhe pediu um pente. Quando recebeu o artefato Kozák, o transferiu para Loureiro Fernandes, e em troca, o antropólogo deu algumas calças para Mã. Adjatukã também presenteou Kozák com uma onça e, diante da contrariedade de Loureiro com o destino dessas coisas, o cinetécnico lhe entregou o artefato.

Durante as expedições, as crianças também confeccionaram bichinhos de cera para Kozák. Geraldo, enquanto se recuperava de um acidente com um cavalo, confeccionou tamanduá, paca, macaco, onça, porco e Moëw. Tikuein tinha uma paca, confeccionada por Kuein, mas não quis lhe entregar.

Ao final dessa expedição, Kozák retornou com dezesseis bichinhos de cera confeccionados por Mã, Geraldo, Nhango, Kuein, Tikuein e Tiguá e ali, segundo ele, começaram a sua coleção desses artefatos. Kozák lamentou a pouca quantidade de cera e, segundo suas narrativas, os indígenas se divertiam, demonstravam alegria e satisfação nos momentos da confecção. Nessas ocasiões, teriam confessado a Kozák que, caso fossem forçados a deixar seu território, retornariam à floresta, colocariam seus pinos labiais, confeccionariam muitas flechas e atirariam em quem encontrassem em seus territórios¹⁴⁰.

Em 1959 duas investidas foram realizadas na floresta em busca dos *índios arredios*. Na primeira participaram Tuca, o servidor do SPI conhecido como João Serrano; o zoólogo Rudolf Lange e o botânico Rubens Elker Braga, interessados na caracterização fitogeográfica das margens do Rio Ivaí¹⁴¹; e o antropólogo paulista Carlos Moreira Neto¹⁴². Estes cientistas foram convidados a participar da expedição a convite de Loureiro Fernandes.

Nessa investida, emprestaram uma mula de Antônio para carregar os seus materiais de pesquisa, entretanto, segundo Kozák retornaram com o animal seriamente ferido nas patas, nas costas e na barriga. Sem nenhuma evidência dos grupos familiares na região, Rudolf, Rubens e Loureiro deixaram a expedição e retornaram à Curitiba.

Na segunda investida a equipe agora formada por Tuca, João Serrano e Carlos Moreira solicitaram novamente o animal emprestado a Antônio, o que deixou o administrador

¹⁴⁰ Caderneta de campo de Kozák, identificada pelo registro MPKO1438. (Original em português e inglês, tradução em inglês da autora). MP/SEEC.

¹⁴¹ MOREIRA NETO, Carlos. **Carta a Loureiro Fernandes**. 1959. CEB.

¹⁴² Em julho de 1959, o antropólogo Carlos Moreira Neto esteve na Fazenda Santa Rosa e na Serra dos Dourados, a convite de Loureiro Fernandes, para estabelecer contato e iniciar uma pesquisa etnográfica junto aos grupos familiares Xetá. MOREIRA NETO, Carlos. **Carta a Loureiro Fernandes**. 03 de ago. de 1959. CEB.

da Fazenda furioso. Kozák, que já estava descontente com Loureiro por ter partido e lhe deixado sem dinheiro para suas despesas durante essa expedição, pagou uma pequena indenização pela mula, no intuito de evitar maiores problemas com o administrador¹⁴³.

Além da sua insatisfação com as promessas não cumpridas de ressarcimento de seus gastos na pilhagem de artefatos no acampamento de Adjatukã e dos prejuízos com o seu animal, Antônio estaria descontente com as ações, principalmente do SPI. Em 24 de outubro de 1959, em meio a essa expedição, por meio de um ofício a instituição¹⁴⁴ o destituiu do cargo de sertanista transferindo essa atribuição a outro servidor. No mesmo documento, o SPI comunicou-lhe que o novo responsável pelos grupos familiares Xetá na Serra dos Dourados, deveria fixar-se definitivamente na localidade. Por fim, o SPI solicitou que o material utilizado para manutenção dos indígenas, que se encontrava sob a responsabilidade de Antônio, fosse entregue aos cuidados do novo servidor.

Antônio solicitou então a Kozák que o ajudasse a redigir uma resposta ao SPI:

Sciente que essa Diretoria designou um funcionário especial para recolher o material do SPI a mim confiado, assim como ficará encarregado de atender aos índios localizados em minha propriedade, até o momento sustentado em parte por mim, venho pelo presente comunicar-lhe que estou pronto para entregar-lhe o referido material bem como solicitar que sejam retirados da minha propriedade o referido funcionário e os selvícolas ali estacionados. Outrossim, solicito a Diretoria da 7ª IR do SPI a fineza de providenciar o pagamento do restante das despesas por mim efetuadas perante esta inspetoria, acerto esse que solicito seja efetuado com a possível brevidade¹⁴⁵.

E os problemas de Antônio com o novo servidor do SPI foram além de questões institucionais. Antônio, D. Carola - sua esposa, e Kozák tinham restrições quanto à presença e participação do servidor durante as expedições, e segundo Kozák, além de não colaborar nas atividades e não se interessar pelas questões indígenas e exibia constantemente uma arma de fogo.

Porém, se houve conflitos entre Antônio, o SPI e as demandas de Loureiro, ao que parece, Kozák estabeleceu uma relação amigável com o administrador da Fazenda. Em suas memórias chegou a afirmar: “Infelizmente nem todos os colonos daquela época imitaram a

¹⁴³ Caderneta de campo de Vladimir Kozák, identificada pelo registro MPKO1438. MP/SEEC.

¹⁴⁴ SOUZA, Dival. **Ofício nº 334**. Curitiba, 24 de out. de 1959. MAE/UFPR.

¹⁴⁵ Caderneta de Campo de Vladimir Kozák, identificada pelo registro MPKO1455. MP/SEEC.

bondade de Antônio Lustosa de Freitas para com os índios” (s.d., p.16). Em relação às crianças capturadas pelo administrador registrou: “As crianças, já desfrutavam segurança, tinham uma vida relativamente boa, com comida abundante” (s.d., p. 04).

Contudo, ao mesmo texto em que o elogia e afirma a benevolência de Antônio, criticou e comparou as ações dos *brancos*, ávidos por raptar crianças indígenas e roubar as suas coisas:

Eventualmente os intrusos brancos chegaram a furtar dos acampamentos indígenas não só os objetos, mas até mesmo crianças, como foi o caso de KAIUÁ e, posteriormente, de TUKA e ČIQUÉN, e talvez, de alguns outros. Naturalmente o rapto de uma criança indígena pelo homem branco não era considerado nenhum crime; o inverso, porém, teria sido punido com a morte! (KOZÁK, s.d., p. 24).

Kozák não poupou a equipe da expedição, os colonos, o Estado, o SPI de ferozes críticas em relação ao tratamento destinado aos grupos familiares Xetá. No entanto, parece se omitir frente à captura de Geraldo e Tiguá (filha de Iratxamëway) por Antônio. Mesmo tendo registrado o sofrimento de Mã com essa situação, atribuiu a Geraldo a decisão de permanecer na Fazenda com Antônio, visto que na sua perspectiva, o menino preferiu a vida junto aos *brancos*, e demonstrou desinteresse em viver na floresta ao lado do pai.

E não se omitiu apenas em relação às crianças. Em suas notas, Kozák registrou que na expedição de janeiro de 1958, Mã apresentava bolhas de queimadura nas costas – do tamanho de duas palmas das mãos – provocadas pelo excesso de sol, enquanto realizava trabalhos agrícolas para Antônio. Entretanto amenizando a violência afirmou: “Alguns desses homens tornaram-se bons trabalhadores no sítio Santa Rosa, onde famílias inteiras residiam por semanas” (KOZÁK, s.d., p.15).

Inegavelmente Kozák estabeleceu uma relação muito próxima com os grupos familiares Xetá, de respeito, cuidado e amizade. Contudo, ciente do lugar ocupado por Antônio na estrutura das relações, sobretudo, para a viabilidade da pesquisa científica e dos seus projetos, estabeleceu uma relação gentil e cordial com o administrador da Fazenda, isentando-o de suas críticas. É bom lembrar que como pesquisador, fotógrafo e cinetécnico, Kozák - assim como todos os outros membros da equipe - estava inserido em uma estrutura político-epistêmica característica das expedições científicas. Ou seja, era também orientado pela objetividade de seus interesses enquanto realizava seus registros e constituía uma coleção de coisas Xetá, compreendendo que manter uma boa relação com Antônio era vital nessa sua empreitada.

1.4 Pessoas e coisas: as expedições científicas de 1960 e 1961¹⁴⁶

Nas expedições de 1960 e 1961, o contato com os grupos familiares Xetá ocorreu no acampamento de Adjatukã e Eirakã[Arigã], o mesmo visitado na expedição de 1959. Nesse contexto, segundo Kozák, Nhengo, Mã e seu filho Tikuein transitavam pelas fazendas da região trocando mão de obra por comida. Nhengo residia em Joaquim Távora com João Serrano, e era levado pela equipe, assim como Tuca, para acompanhar as expedições. Kuein encontrava-se fora da Serra dos Dourados e, por esse período, transitava entre Curitiba e o PIN Duque de Caxias, localizado no município de José Boiteux - SC (MOTA; FAUSTINO, 2018).

Nesse acampamento os grupos familiares de Adjatukã e Eirakã[Arigã], confeccionaram, a partir do incentivo e solicitação dos pesquisadores, parte das coisas que hoje compõem os arquivos e coleções Aryon Rodrigues, Kozák e Laming-Emperaire. Há que se destacar que toda essa produção foi possível a partir de um estreitamento das relações entre a equipe de pesquisa científica e os grupos familiares Xetá.

Nas expedições de 1960 e 1961, a relação pessoal entre Kozák e Loureiro Fernandes, marcada há tempos pelas contradições e divergências, tornou-se acirrada. Em suas cadernetas de campo Kozák manifestou seu desafeto e descontentamento com as atitudes da equipe e com as decisões de Loureiro Fernandes - alvo privilegiado de seus julgamentos.

Segundo Kozák, Loureiro se negava a realizar simples ações cotidianas, fundamentais para o trabalho de pesquisa da equipe, tais como carregar um equipamento. Além disso, acusou o antropólogo de tumultuar, com a sua presença, seus registros fotográficos e as gravações filmicas e sonoras. Uma das atitudes que mais desagrava Kozák era a decisão de Loureiro Fernandes em encerrar abruptamente as expedições – como ocorreu em fevereiro de 1956, única ocasião em que encontraram com os grupos familiares no interior da floresta. Este evento, tomado por Kozák como o grande acontecimento das expedições, mas também de sua vida pessoal, e foi lembrado pelo cinetécnico em praticamente todas as suas cadernetas de campo, demonstrando profundo desejo em experienciar este momento e encontrá-los novamente. Para tal, o seu método era as investidas na floresta.

¹⁴⁶ Os dados etnográficos de Vladimír Kozák, relativas às expedições de 1960 e 1961, foram extraídos de suas notas e Cadernetas de Campo identificadas pelo registro MPKO1454, MPKO1447 e Cadernetas de Campo “I”, “II” e “III” (Original em tcheco, tradução para o português por Ivan Svimek). MP/SEEC.

Loureiro Fernandes, por sua vez acreditava que com apoio político e recursos necessários as expedições teriam o êxito e o sucesso esperado:

A expedição não teve a planejada amplitude inicial, pois não conseguimos apoio para uma necessária exploração da área florestal de helicóptero. Havíamos reconhecido, nas cinco expedições anteriores a conveniência de uma exploração, por via aérea e, particularmente, às duas últimas trouxeram-nos a convicção desse indispensável concurso a fim que de tivessem melhor êxito e eficiência nos trabalhos a serem executados no seio da densa floresta pluvial tropical de Dourados¹⁴⁷.

Porém, a necessidade de um helicóptero era exatamente uma das críticas direcionadas por Kozák ao antropólogo, visto que esta exigência não atendida por parte do Estado levou Loureiro a cancelar subitamente as expedições e as buscas, atrapalhando-os de alcançar os grupos familiares no interior da floresta.

Além disso, Kozák registrou que na primeira expedição de 1960, de modo autoritário Loureiro Fernandes pretendia que o taxidermista Andreas Mayer exumasse o cadáver e preparasse o esqueleto da esposa de Eirakã[Arigã] - morta há dois anos e enterrada próxima a Fazenda Santa Rosa. Em tom de surpresa e desaprovação reforçando seus julgamentos em relação a Loureiro. O antropólogo, que também era médico e catedrático da disciplina de antropologia física, elaborou um projeto de pesquisa antropométrica a ser desenvolvido com os *índios na Serra dos Dourados*¹⁴⁸. Na coleção arqueológica Xetá, que se atualmente na reserva técnica do MAE/UFPR, está incluído um crânio humano não identificado.

Até onde foi possível observar nesta pesquisa, Kozák não se faz presente nos diários e notas de campo de Loureiro Fernandes e, no arquivo de documentos do antropólogo, a relação entre os dois é tratada de modo estritamente profissional. É bem verdade que existe uma série de narrativas e anedotas sobre essa relação, principalmente entre aqueles que conviveram com os dois¹⁴⁹. No entanto, em termos de registro campo, a tensão, a insatisfação e o desafeto foi eminentemente uma narrativa de Vladimir Kozák direcionada ao antropólogo.

¹⁴⁷ Gazeta do Povo, 03 de dez. de 1959.

¹⁴⁸ FERNANDES, Loureiro. **Plano e orçamento de pesquisa enviado a Brasil Pinheiro Machado**. Curitiba, 18 de jan. de 1961. CEPA/UFPR.

¹⁴⁹ Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). ARQUEOLOGIA. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**. Curitiba: CEPA, 2005.

Em relação à equipe das expedições a Serra dos Dourados, Kozák registrou que a considerava despreparada e inexperiente frente às adversidades da floresta e também daquilo que julgava ser o seu objetivo pessoal, isto é, a pesquisa, os registros etnográficos, fotográficos, a produção de filmes, a constituição de coleções e, sobretudo, as investidas na floresta. Sobre o despreparo da equipe e o conflito de interesses, registrou a interferência do motorista da UFR, durante as expedições:

Por ocasião de uma dessas viagens a Serra dos Dourados, a equipe de pesquisa encontrou na floresta um “tápuy” ou cabana, de construção mais ou menos recente. Decidiram desmontá-la para levá-la para Curitiba, onde tencionavam montá-la novamente as peças e colocar o “tápuy” num museu. Os galhos e folhas de palmeiras foram arrastados até o ponto mais próximo da estrada, onde uma camioneta pudesse apanhá-los para fazer o transporte. Alguns dias mais tarde, quando a equipe retornou ao local, para colocar as peças do “tápuy” sobre a camioneta constataram que alguém já tinha cortado os galhos em pedaços e queimado as folhas de palmeira. Pensaram que talvez um caçador, vagando por aquelas bandas, tivesse resolvido queimar os galhos e folhas para fazer uma fogueira, enquanto pousava no local. O incidente foi esquecido e vários anos se passaram. Um belo dia fiquei sabendo que o motorista Alfonso Pereira, em conversa com outros motoristas da UFP gabava-se de ter sido incumbido certa vez, de transportar para Curitiba, “uma ridícula cabana de índios”... Mas, prevendo as dificuldades que a carga poderia causar-lhe na viagem, resolvera queimar “aquela droga” e assim livrar-se do problema. Foi assim que anos mais tarde eu soube como desaparecera o “tápuy”. Será que o Sr. José Loureiro Fernandes ouviu essa estória? Se ouviu terá ficado muito surpreso ao saber quem pôs fim ao “tápuy”, e porque [...] (KOZÁK, s.d., p. 20)

Para Kozák, o grande número de pessoas envolvidas, a diversidade de interesses e ações individualizadas dificultava as relações entre a equipe: “[...] os estudantes que nos acompanhavam, por exemplo, iam simplesmente porque eram mandados e não pretendiam sujar as mãos com trabalho algum” (KOZÁK, s.d., p. 22). Dessa maneira, Kozák registrou que Tuca ocupou não apenas o lugar de guia e intérprete durante as expedições, mas assumiu uma rotina de lavar pratos, colheres e panelas, trazer água e lenha para suprir as necessidades dos pesquisadores. Segundo Kozák, todos esperavam que Tuca lhes servisse.

Kozák também aponta que as relações entre os grupos familiares de Tuca, Kaiuá, Nhengo, Mã, Adjatukã e Eirakã[Arigã] estavam marcadas por conflitos originados em gerações anteriores (SILVA, 2003). Dessa forma, divergências, desconfianças, conflitos, alianças, hierarquias e reciprocidades que permeiam as relações entre os grupos de parentesco (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) estiveram presentes durante as expedições e incidiram na constituição das coleções científicas.

Segundo Tuca narrou para Kozák, um conflito de disputa por mulheres envolveu: Iratxamëway (pai de Nhengo) e He'vay (pai do pai de Tuca); os irmãos de He'vay (pai de Tuca) e Moëw (irmão de Nhengo); Adjatukã e Mã com Moko'Adjo (pai de ã e Kaiuá); Adjatukã, Mã e Nhengo e os tios de Tuca; Eirakã[Arigã] e Moëw. Em termos de relações de parentesco, parte desses conflitos, envolveu de um lado o grupo de irmãos-consanguíneos de He'vay (pai de Tuca) e do outro, o seu grupo de cunhados-afins.

Como desdobramento desses conflitos, segundo Tuca narrou para Kozák, ocorreu a separação dos *índios da Serra dos Dourados* em dois grupos: o grupo familiar de He'vay, denominado *aigareté age*, -nossa gente; e o grupo familiar de Herarekã, pai de Adjatukã, denominado *opábayta*, -gente que morre na água grande.

Kozák investigou a motivação desses conflitos e com auxílio de Tuca levantou hipóteses ligadas à vingança ritual, dívida pessoal e rapto de mulheres – destacando-se este último como possível motivador dos conflitos. Silva (1998, 2003) investigou as relações de parentesco e identificou dois casamentos avunculares – entre o tio materno e a sobrinha cruzada¹⁵⁰; entre primos cruzados; e um homem com a filha do cunhado de seu irmão (2003, p. 204). Segundo Silva, estes casamentos estariam em acordo com as regras de casamento.

No entanto, Silva (2003) identificou também dois casamentos entre um homem e sua sobrinha paralela, ou seja, com suas filhas classificatórias. Segundo informações de Kuein estes casamentos não estavam em acordo com as regras do grupo, configurando uma relação incestuosa. Uma dessas situações, “[...] foi ‘corrigida’ quando o tio materno, da mulher a tirou do marido e casou-se com ela, retornando assim, as normas dos casamentos avunculares” (SILVA, 2003, p. 204)¹⁵¹. Há indícios de que, tomando essa ‘correção’ como rapto teria motivado os conflitos naquele contexto.

Conforme ressalta Silva, há que se considerar que esses casamentos foram identificados no contexto das expedições, isto é, no período de contato e das expedições científicas, no qual a pressão colonizadora vitimou, sobretudo, mulheres e crianças (1998, p. 139). Ou seja, as possibilidades de casamentos seguindo as regras do grupo estavam ameaçadas (2003, p. 206).

¹⁵⁰ Adjatukã, Mã e Iratxamëway possuíam ao menos uma esposa filha do irmão (SILVA, 2003, p. 205).

¹⁵¹ Iratxemeway era casado com a filha de Adjatukã, isto é, sua sobrinha paralela (SILVA, 2003, p. 205).

Segundo narrativas de Kuein, em outros tempos também ocorreram constantes conflitos entre os grupos familiares, provocados pelo roubo de mulheres:

“[...] antigamente, a nossa gente brigava por causa de mulher, mas brigava pouco. Nós éramos muitos nesta época. Eu não era nascido ainda, meu pai que contou que o pai dele contou. Mas os Mbia [provavelmente os kaingang], começaram a invadir nossas aldeias matando e roubando mulheres e crianças. Elas foram diminuindo, mas ainda eram muitas. Mas quando eu era menino, eles já brigavam bastante por causa de mulher. Tinha mulher, mas muitas delas eram parente, não podia casar. As brigas por causa de mulher fizeram com que virasse no que virou quando eu já era maiorzinho. Era um brigueiro danado pra roubar mulher (. . .)” (SILVA, 1998, p. 139).

Ou seja, o rapto de mulheres parece, assim como no caso Parakanã, povo Tupi-guarani, descrito por Fausto (2001), articular ao mesmo tempo eventos históricos e estruturais. Os Parakanã, divididos em ocidentais e orientais, entre o final do século XIX e metade dos anos 1950, “[...] haviam realizado mais de vinte ataques contra inimigos e raptados mais de vinte mulheres” (FAUSTO, 2001, p. 211). Segundo Fausto, antes do contato, a guerra, como um dos caminhos para a constituição da pessoa masculina, constituía-se um campo de realização para a vida adulta, ritual e de casamento – com o qual conseguiam uma esposa raptada (2001, p. 211). No entanto, entre meados dos anos de 1950 e 1960, os inimigos – os grupos menores, os assurinís e/ou os orientais já não existiam para os ocidentais. E, “[...] se não havia guerra, não havia rapto, que permitia amenizar os pontos de estrangulamento da mecânica matrimonial parakanã” (FAUSTO, 2001, p. 211).

Além disso, a aproximação dos *brancos* ameaçou o movimento de expansão e contração dos ocidentais e a dispersão pelo seu espaço territorial para a guerra (FAUSTO, 2001, p. 212). Desse modo, sem inimigos, sem guerra, sem movimento e a possibilidade de rapto “[...] os conflitos por mulheres se tornaram críticos e sua escalada não pôde ser evitada” (FAUSTO, 2001, p. 212).

O objetivo aqui não é esgotar a temática e as questões teóricas acerca do rapto de mulheres entre os povos Tupi-guarani (FAUSTO, 2001; SILVA, 2003), e sim apontar como os eventos históricos acirraram os conflitos entre os grupos familiares Xetá e identificar a tensão nas relações de parentesco e que permeou o contexto das expedições e a constituição dos acervos.

Quando a esposa de Eirakã[Arigã] faleceu, Adjatukã doou para ele sua segunda esposa, Aluá[Iati]. Segundo Silva (2003), essa doação tinha uma dupla estratégia. Eirakã[Arigã] possuía uma filha pequena que futuramente poderia ser doada como esposa

para Adjatukã, ou mesmo para o seu filho. Além disso, viúvo, Eirakã[Arigã] era uma ameaça potencial as relações do grupo, tal como Mã e Nhengo (SILVA, 2003, p. 218). Kozák identificou na expedição de 1959 um possível conflito envolvendo de Adjatukã, que expulsou Mã e Nhengo do acampamento quando ficou sabendo que os dois tinham intenções de lhe roubar sua esposa Natjé. Como a situação entre eles ficou tensa, Nhengo e Mã permaneceram por um tempo na Fazenda Santa Rosa.

Tuca e Kaiuá, primos paralelos, ou seja, irmãos classificatórios se viram na situação de guias e intérpretes entre a equipe de pesquisa científica e um grupo de parentes próximos marcado pela afinidade, rivalidade e conflito. Segundo Kozák, Tuca os evitava e, muitas vezes, conversavam entre si apenas porque os pesquisadores os forçavam com o objetivo de conseguir coisas que eram dos seus interesses.

As narrativas de Kozák e Aryon Rodrigues parecem indicar que havia uma aliança, no contexto das expedições de 1960 e 1961, entre Adjatukã, Mã e Eirakã[Arigã], bem como uma possível hierarquia e rivalidade entre os três e Nhengo. Os pesquisadores observaram que os irmãos Adjatukã e Mã ocupavam uma posição distinta em relação a Nhengo – classificado como primo cruzado dos irmãos - e a Eirakã[Arigã]. Segundo informações de Maria Rosa Tiguá, Eirakã[Arigã] pertencia ao povo Guarani Mbyáa e fora encontrado ainda criança perdido na floresta, e levado para viver entre os grupos familiares Xetá.

Sobre essa hierarquia, observa Rodrigues: “Enquanto que Mã aparentemente não está obrigado a nada, enquanto mora na aldeia de Ayatukã, Nhengo assumiu funções de servente: cortar a lenha, ir colher coco de macaúba, servir kukuway à mulher de Ayatukã” (RODRIGUES, 2013, p.145).

O mesmo parecia ocorrer com Tuca - que nesse contexto ocupava a posição de cunhado de Adjatukã, Eirakã[Arigã] e Mã: “O mesmo Tuca parece subordinar-se aqui não só a Adjatukã, mas também a Arigã e sua mulher, aos quais ele leva comida, e aparentemente faz questão de fazê-lo” (RODRIGUES, 2013, p. 147). Segundo Silva (2003) e Aryon (2013) há indícios de que havia uma relação de prestação de serviços entre afins, que se reproduzia no contexto das expedições científicas.

O contexto de confecção de artefatos e produção de fotografias e gravações também parece ter sido envolvido por essa lógica de relações indígenas. Na primeira expedição de 1960, Rodrigues anotou:

Adjatukã manda, Arigã obedece. Quase tudo que pedimos a Adjatukã para fazer, ele disse que Arigã faria, e assim foi feito. Inclusive nas narrações para gravar, nas quais Adjatukã se reservou apenas uma posição de “ponto” e orientador. Tb. assim nas cenas para filmagem (2013, p. 147).

Situação também observada por Laming-Empeiraire: “Ajatukã, que sa qualité de chef rend inaccessibile, s’y refuse sans doute, mais après plusieurs tentatives, Arigã, sur la promesse d’un cadeau, se décide” (1964, p. 265). E o fato de obedecer Adjatukã também impossibilitava Eirakã[Arigã] de atender as solicitações dos pesquisadores. Loureiro, em sua caderneta, observou que Eirakã[Arigã] não podia fazer cinzéis alegando que ia buscar mel para Adjatukã.

Ao mesmo tempo em que tiveram dificuldades em ter seus interesses e necessidades atendidas, despertou a atenção de Loureiro Fernandes, Kozák e Laming-Empeiraire (1978) o fato de Adjatukã, Eirakã[Arigã], Mã e Nhengo, Natjé e Aluá[Iati] estarem cotidianamente envolvidos em alguma atividade de confecção de artefatos. No acampamento, cotidianamente, continuavam a caçar, preparar armadilhas, seus assados e moqueados, coletar frutas no mato, quebrar coquinhos no pilão, beber o *kukuay* e a usar seus adornos corporais - atividades estas que exigiam a confecção e o uso de seus artefatos. Na primeira expedição de 1960, Kozák recebeu de Adjatukã formões de ossos de anta e jaguatirica, rolos de irara, colar de sementes, brincos, pedaços e bichinhos de cera para sua coleção; e Natjé lhe fez trançado e pino labial de osso.

No entanto, além dos artefatos de uso cotidiano e solicitados pelos pesquisadores, Adjatukã estava envolvido na confecção de arcos, pontas de flecha, tembetás, colares e brincos e sua esposa Natjé preparava faixas para carregar crianças e trançados – artefatos que guardavam entre os arbustos da floresta, distantes da vista dos pesquisadores. Quando questionado Adjatukã explicou a Kozák o destino dos artefatos: andaria pela estrada e pegaria um caminhão, próximo ao rio realizaria trocas com os *brancos*, retornaria de lá com calça, camisa e vestido para a mulher. Durante essa mesma expedição, quando questionado onde estavam as roupas doadas por um colono, Adjatukã respondeu que havia passado para frente, para *gente nua*, levando Kozák a observar “[...] parece que os encontra de vez em quando”.

Não se tem dados etnográficos para aprofundar como ocorria, e se ocorria, um sistema de trocas entre os *índios* e os *brancos* na Serra dos Dourados, porém Kozák tratou a confecção de artefatos de Adjatukã como “encomendas”. Não é novidade na literatura antropológica os interesses indígenas sobre as coisas dos *brancos* e vice-versa. No entanto, o

destino dado por Adjatukã às coisas dos *brancos*, sugere que estas mobilizavam relações e contato de seu grupo familiar com *gente nua*, que bem poderia ser outros grupos familiares Xetá, os *índios arredios* que as expedições buscaram na floresta e não conseguiram alcançar.

As coisas dos *brancos* também permearam de diferentes formas o contexto das expedições e as relações com os pesquisadores. No retorno da primeira expedição, em seu relatório Dival informou ao SPI que em todos os acampamentos percorridos foram deixadas coisas para os indígenas, classificadas pelo SPI como objetos de atração¹⁵²:

Acresce salientar que em todos os acampamentos percorridos deixou as expedições objetos desconhecidos pelos índios, tais como colares, espelhos e outras miudezas, com a finalidade, também, de lhes mostrar o caráter pacífico dos visitantes. Pretendendo não modificar seus costumes, houve-se por bem não deixar nos acampamentos machados, foices, facas o que seria de utilidade para eles¹⁵³.

No entanto, o machado de ferro já era conhecido dos *índios da Serra dos Dourados*. Certa vez Kogway, pai de Eirakã[Arigã], bem como o próprio, foram capturados pelos Kaingang e levaram consigo um machado de ferro para se defender no caminho de fuga (KOZÁK, s.d., p.20).

De todo modo, se no primeiro momento, a equipe das expedições evitou que os indígenas estabelecessem contato com objetos de metal, na expedição de janeiro de 1956, Loureiro Fernandes comprou machados de ferro especialmente para trocá-los por machados de pedra (KOZÁK, s.d., 20). Passados quatro anos, da primeira expedição, em 1960, Kozák observou que Adjatukã utilizava em seus afazeres dente de paca, lasca de pedra e uma faca velha. Após uma filmagem das atividades de corte com machado de pedra, concluiu que havia abandonado o uso desse artefato, preferindo no uso cotidiano os instrumentos de metal.

Além disso, como vimos acima, na expedição de 1959, Kozák e Loureiro trocaram bichinhos de cera por roupas e pentes e, Nhengo afirmou que Adjatukã deveria receber muitas coisas em troca dos pilões saqueados em seu acampamento. Na primeira expedição de 1960, Kozák solicitou para Natjé duas faixas para carregar crianças, pequenas esteiras para dormir e sentar e diz ter-lhe dado em troca perolazinhas de porcelana.

¹⁵² SOUZA, Dival José. **Ofício nº 260 enviado a Lourival da Mota Cabral**. Curitiba, 01 de nov. de 1955. (MOTA; FAUSTINO, 2018, p. 199-200).

¹⁵³ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956. MAE/UFPR.

Ou seja, durante as expedições, observa-se que os pesquisadores também foram inseridos em um sistema de trocas a partir de uma lógica e das necessidades indígenas:

[...] os últimos Xetá, com efeito, não davam espontaneamente seus objetos tradicionais, enquanto não tivessem em troca um objeto de ferro, bem útil para eles. Os artefatos plano-convexos, por exemplo, do tipo lesma, utilizados para polir a madeira do arco em 1960, não foram substituídos e os Xetá não se desfaziam dos mesmos tão facilmente. As trocas frequentemente solicitadas os obrigaram a esconder em suas cestas de tesouros (que eram em 1960 grandes latas vazias de leite em pó), ou nos nichos arranjados na espessura dos tetos com folhas de palmeira das cabanas, um equipamento particularmente apreciado (LAMING-EMPERAIRE, 1978, p. 43).

Interessada nas coisas indígenas e não indígenas daquele contexto, em 1960, Laming-Emperaire realizou um inventário daquelas que encontrou no acampamento:

O equipamento atual não perecível é sobretudo composto de elementos europeus. Anoto um machado, uma escopeta fora de uso, uma enxada (é o equivalente ao que chamamos “binette), diversas latas de conservas nas quais são guardados objetos preciosos (por exemplo, uma harmônica, um pente), vários pratos, canecas de metal, uma caçarola, um caldeirão, uma saboneteira em matéria plástica, duas bacias de alumínio, uma garrafa, uma boneca pequena de borracha, algumas facas, espelhos pequenos, um colar de contas vermelhas e azuis oferecido pela última expedição e usado pelo mais moço dos meninos, e ... uma medalha francesa suspensa no pescoço do menino mais velho. De um lado está escrito, Santa Catarina Laboure e, do outro, Nossa Senhora de Lourdes” (1978, p. 37).

Em seu inventário, identificou também no acampamento os pilões, esteiras, peneiras, traveseiros de madeira e cabaças, bico de urubu, dentes, punctores de osso, pedra e madeira e um estojo de Adjatukã com aproximadamente trinta pedras lascadas. No teto das cabanas, também havia “[...] outros tesouros, mas seria indiscreto fazer-lhes o inventário” (LAMING-EMPERAIRE, 1978, p. 37).

Em setembro de 1960, Laming-Emperaire observou que havia inúmeros artefatos de pedra, osso e madeira, localizados no entorno do acampamento de Adjatukã, e que aparentemente pareciam abandonados. No entanto, podiam ser reutilizados a qualquer momento, ou seja, não eram totalmente desprovidos de uso ou valor (1978, p. 36). Desse modo, Laming-Emperaire estabeleceu uma metodologia de coleta que, em seu ponto de vista, reivindicava a atenção dos indígenas quanto as suas pretensões. No entanto, mesmo na ocasião em que eles responderam negativamente ao processo de coleta, são os interesses da ciência que sobressaem nessas relações:

Para me assegurar que os Xetá estavam indiferentes, pelo fato de recolher assim seus artefatos de pedra, tinha reunido, num lugar bem à vista do acampamento, os diferentes objetos enumerados e que pretendia levar. Dentre esses, o mais bem acabado era sem dúvida o espesso picão ou chopper encontrado perto da cabana de Arigã. Foi justamente este que desapareceu, muito rapidamente do monte que fiz. Encontrei-o dois dias mais tarde perto da cabana de Ayatukã e desta vez o apanhei sem maiores comentários (1978, p. 40)¹⁵⁴.

Laming-Emperaire também recebeu coisas Xetá: “Uma pedra sem marca de trabalho ou de uso saída do teto, que jamais tinha visto e que me foi dada no momento da partida [...]” (1978, p. 43). Nessa expedição, Aryon Rodrigues também foi presenteado com um arco e três flechas e Tuca com três flechas. Durante essa expedição Eirakã[Arigã] finalizou a confecção do machado de pedra, entregando-o à Kozák – tomado pelo cinetécnico como representativo do verdadeiro homem da idade da pedra e, desse modo, ocuparia o lugar de honra em sua coleção.

Ainda como servidor responsável do SPI na Serra dos Dourados, Antônio Lustosa de Freitas recebia da instituição, recursos e materiais para atender os indígenas. Entre as coisas estavam roupas, remédios e comida – charque, açúcar, banha, feijão, arroz, erva mate, mel, farinha de milho, mandioca e trigo. Recebia também lamparinas, pratos, panelas, talheres, copos, foices, machados, querosene, baldes, etc. (MOTA; FAUSTINO, 2018).

¹⁵⁴ SOUZA, Dival José. **Relatório das duas Expedições organizadas pela 7ª IR à Região da Serra dos Dourados, município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná, respectivamente nos meses de outubro de novembro de 1955**. Curitiba, 05 de jan. de 1956. MAE/UFPR.



Figura 62 - Loureiro Fernandes oferece leite em pó para índios Serra dos Dourados¹⁵⁵.

A essas coisas, os indígenas foram dando usos e incorporando à constituição dos seus artefatos. Kozák observou que nos colares das crianças confeccionados com sementes, rabo de irara, garrinhas de coruja, ossinhos de passarinhos e tartaruga foram adicionados medalhinhas de missionários e crucifixos de alumínio. Além disso, colecionavam tampinhas, embalagens de lata e plástico onde guardavam seus artefatos. Ao lado de piões – confeccionados de palmeira e cera –, apitos de taquara, dos bichinhos de cera e insetos, as crianças também receberam brinquedos como bonecas, carrinhos e em suas brincadeiras, além de imitar os adultos, com as coisas dos *brancos* passaram a brincar de boiadeiro imitando a performance dos colonos.

Ou seja, durante o contexto das expedições coisas indígenas e não indígenas permeavam o cotidiano e a vida dos grupos familiares Xetá em seus acampamentos, tais como roupas, sapatos, utensílios, ferramentas e comida, embora estes fossem excluídos pelos cientistas, em suas produções, gravações e roteiros, filmes e fotografias, visto que buscavam registrá-los em sua ‘autenticidade’:

¹⁵⁵ CEB.

A descorticação do seixo prosseguiu o dia seguinte pela manhã. Como queríamos filmá-la e fotografá-la, e conservamos a fraqueza dos etnólogos ocidentais pelos índios nus, pedimos a Arigã para se desvestir. Ele aceita sem dificuldades, retira sua camisa e calça, coloca sua tanga – o esconde-sexo-masculino. Sua mulher, que veio sentar-se ao seu lado, despe seu vestido sem constrangimento ou cerimônia (LAMING-EMPERAIRE, 1978, p. 26).



Figura 63 - Fazenda Santa Rosa - Serra dos Dourados¹⁵⁶

Essa solicitação, embora descrita com harmonia e isenta de objeções, não se refere à totalidade das relações entre a equipe de cientistas e os indígenas. Segundo Kozák, inicialmente Tuca desconfiava de tudo e de todos; Kaiuá se sentia desconfortável; Nhengo e Mã, frequentemente se irritavam e desapareciam durante as expedições. Tensões foram desencadeadas pelas insistências e exigências da equipe de pesquisadores, para que os indígenas atendessem aos seus interesses, estivessem disponíveis e dispostos em acompanhá-

¹⁵⁶ CEB.

los nas longas caminhadas pela floresta, confeccionar coisas e se deixassem fotografar e gravar cenas conforme os roteiros.

Segundo Kozák as interferências dos pesquisadores lhes desagradavam e os impulsionava a abandonar o acampamento. Como exemplo, Kozák cita uma desavença, ocorrida na primeira expedição de 1960, entre o taxidermista Andreas Mayer e Adjatukã:

Certo dia, alguns macacos – animais que já eram escassos – foram abatidos e o taxidermista recebeu a incumbência de tirar a pele dos animais para que pudessem ser empalhados e colocados em um museu em Curitiba. Quando os macacos, já sem pele, foram devolvidos a HATČUAKÁN, este ficou irritado e, inicialmente, recusou a aceitá-los para assar, porque o processo normal era tostar primeiro a pele e, depois assar o macaco com a pele [Grifo do autor]. O incidente deixou HATČUAKÁN realmente contrariado, mas, quando lhe fizeram ver que ainda havia por lá outros macacos que ele poderia comer à moda tradicional, concordou e os macacos foram comidos sem a sua apetitosa pele (KOZÁK, s.d., p. 19).

Também se encontra registros desse impasse na caderneta de campo de Loureiro Fernandes. No entanto, segundo o antropólogo a situação parece não ter se resolvido tão facilmente. Na ocasião, segundo Loureiro, os indígenas haviam matado cinco macacos e pretendiam assá-los segundo suas técnicas e conhecimentos, isto é, com a pele. Loureiro escolheu dois macacos e ordenou a Mayer – o taxidermista – que retirasse as peles. Furioso, Adjatukã desaprovou a sua decisão. De alegres e sorridentes, os indígenas tornaram-se cabisbaixos, silenciosos e magoados – incluindo Tuca, que se recusou a jantar com a equipe. O ambiente, nas palavras de Loureiro, tornou-se “pesado” e se estendeu por dias. Preocupado com o destino da expedição, Loureiro tentou agradá-los nos dias seguintes, esforçando-se em reverter essa desavença.

Em seu texto *A história dos Hětás*, Kozák registrou dois tópicos sobre a produção de sua pesquisa. O primeiro denominado: “*Problemas que surgiram durante visitas aos Hětás: pesquisa versus atividades cinematográficas*” (s.d., p. 28) descreve seus desafios pessoais para gravar as cenas de produção de um machado de pedra, atividade que se estendeu por aproximadamente seis meses:

Foi lutando contra dificuldades desse tipo que conseguimos filmar as atividades dos Hětás e, se obtivemos algum sucesso, devêmo-lo a observações minuciosas acompanhadas de pedidos insistentes para que nos permitissem assistir a execução dos trabalhos que nos interessavam. Um documentário aparentemente simples, como a confecção de um machado de pedra – o ITÁ NEPRAKÁ – uma das atividades já abandonadas pelos Hětás, estendeu-se por uns seis meses de planejamento,

experiências e tentativas, antes que o trabalho pudesse ser dado concluído. Os Hětás tinham muitos outros processos aparentemente simples, mas que aguçavam a minha curiosidade e eu não descansava enquanto não descobria como é que eles faziam certas coisas e qual a finalidade das mesmas (KOZÁK, s.d., p. 30).

Quanto à coleta do fruto de jerivá na floresta registrou:

Quando tentei reconstituir a sequência de coleta de ZERIVÁ, perguntei a uns cinquenta rapazes se estavam dispostos a subir numa palmeira de ZERIVÁ e cortar alguns cachos de coquinhos. Embora todos se considerassem bons atletas, nenhum se dispôs a fazê-lo, mesmo depois de eu lhes prometer uma recompensa. Desta forma uma sequência aparentemente simples, tornou-se uma tarefa impossível, o mesmo acontecendo com outras atividades que precisavam ser recriadas para que uma sequência filmada pudesse ser apresentada a contento (KOZÁK, s.d., 31).

Em outra passagem, denominada “*Incidentes e frustrações na filmagem*”, (s.d., 31) afirmou: “Planejar um documentário em casa é uma coisa; filmá-lo em campo de pesquisa, é outra bem diferente” (s.d., 31). No entanto, diante do que considerava os “verdadeiros filhos da natureza” (KOZÁK, s.d., p. 28), “o verdadeiro homem pré-histórico”, o projeto do cine-técnico de fotografar e filmar a confecção dos artefatos e as atividades cotidianas, e para tanto não mediu esforços. Em uma ocasião emprestou dois gaviões em um parque de Curitiba para filmar cenas de rituais de cura.

Além disso, não satisfeito com uma experiência de gravação do assado com cascavéis que teria realizado anteriormente, e ciente que “[..] não podia esperar que os índios ficassem a minha espera, com as cobras de prontidão” (KOZÁK, s.d., 32), Kozák resolveu viajar de Curitiba para a Serra dos Dourados levando consigo uma cascavel. Segundo Chmyz,

Em uma ocasião, no final de semana, antes de descermos a rampa do prédio, o Kozák pediu que o esperasse porque queria retirar da geladeira da cantina um pacote que havia guardado há dias. Era uma cobra cascavel recebida de conhecido do interior. Contou-me que combinara com índios para encenar, conforme o costume tribal, o preparo e o consumo do ofídio no fundo do seu quintal. Costumava elaborar adereços e artefatos indígenas, também baseado em suas descrições, para com eles reviver práticas que não haviam sido documentadas *in loco* (2005, p. 102).

No entanto, um contratempo o obrigou a “[..] abandonar a ideia de “brincar com a cascavel” ... uma brincadeira perigosa, além do fato dos índios tinham um pavor mortal desse bicho” (KOZÁK, s.d., p. 32). Não fica explícito se os grupos familiares naquele momento ainda praticavam o assado da cobra cotidianamente, mas o fato é que Kozák os incentivou para que pudesse gravar as suas cenas.

Laming-Emperaire, também registrou:

Foram necessários longos colóquios, promessas, explicações, para se conseguir a repetição dos gestos tradicionais, diante do aparelho fotográfico ou da câmera; e logicamente, não se pode pedir sempre esse esforço que lhes parece absurdo (1978, p. 24).

Encarregada de pesquisar os usos, as técnicas e a produção de artefatos de pedra, osso e madeira, a arqueóloga também encontrou dificuldades:

Foi difícil fazer com que Arigã fabricasse para nós uma lâmina de machado polida. Ele se esquivava alegando diversos pretextos e o mais freqüente era que não possuía a matéria-prima necessária ou que os seixos empregados na fabricação de machados eram encontrados muito longe do acampamento. Além disso, era evidente que ele considerava meu pedido um absurdo e não chegava a perceber o interesse do mesmo; finalmente, decidiu atendê-lo (LAMING-EMPERAIRE, 1978: 25).

No entanto, observa-se que durante a expedição de setembro de 1960, houve uma demanda em certa medida excessiva de solicitações aos indígenas por parte dos pesquisadores. Foi-lhes solicitado que realizassem o lascamento de pedras, confeccionassem artefatos destinados ao polimento do arco, foram estimulados a confeccionar tembetás a partir de material de resina levado pela equipe, a identificar peças líticas levadas do MAAP (LAMING-EMPERAIRE, 1978). Nessa expedição foram também fotografados, filmados e realizaram gravações de áudio, além de terem que satisfazer suas atividades cotidianas, tais como buscar frutos, caçar e preparar o *kukuay*. Desse modo, Laming-Emperaire descreve os resultados de todas essas solicitações como desconcertantes e desanimadoras, inclusive com Tuca não colaborando no seu papel de intérprete (1978, p. 29).

Em conjunto, as observações de Kozák, Loureiro Fernandes, Laming-Emperaire (1979) e Rodrigues (2013) ressaltam uma relação característica desses contextos de pesquisa e confecção de artefatos marcada pela tensão entre uma lógica de relações e saberes indígenas e um tipo de saber constituído na epistemologia objetiva dos pesquisadores/colecionadores, interessados em dominar pessoas e se apropriar de suas coisas.

Para Laming-Emperaire (1978) o desinteresse dos indígenas em confeccionar artefatos estava diretamente relacionado ao desuso destes na vida cotidiana, bem como crescente introdução de ferramentas e utensílios não indígenas. Contudo, uma observação da arqueóloga sugere outro entendimento acerca dessa situação: “[...] atos provocados permanecem incompletos e de pouco interesse, enquanto que os atos espontâneos foram mais ricos de ensinamentos” (1978, p. 29).

E a espontaneidade parece ter sido a motivação durante as gravações de áudio. Segundo registrou Kozák, as gravações realizadas pelo professor Aryon Rodrigues nas expedições de 1960 e 1961 foram um momento singular com o grupo familiar de Adjatukã e Eirakã[Arigã]. As gravações ocorriam geralmente à noite, perto do fogo, porém sem deixar de respeitar o horário específico para as narrativas e a execução dos cantos:

O canto do urubu foi cantado por Arigã e por Ažatukã no dia 25 depois do almoço. Entusiasmaram-se tanto, que queriam continuar a repeti-lo até ao anoitecer. O canto da jacutinga e o do surucuá foram cantados por Arigã no dia 26, nas horas correspondentes. Dia 26, ali pelas 9hs., Ažatukã foi buscar água e, na margem do rio, pôs-se a cantar o canto do urubu. Ouvia-se da aldeia o seu canto. Perguntado, disse o Tuca que cantam também na festa da perfuração dos lábios, mas que não só nela e sim também quando querem. Ao nascer o sol, dia 26, depois de Arigã ter cantado [para gravarmos] o surucuá, Ažatukã quis cantar o canto do pai de Arigã. Fê-lo a primeira vez intercalando algumas frases cantadas. Como as crianças falaram durante a gravação, pedi-lhe que repetisse. Fê-lo então, porém sem as frases. A melodia, entretanto, difere consideravelmente da dos outros cantos até agora registrados (RODRIGUES, 2013, p. 59. Grifo do autor).

Talvez, de algum modo, as gravações de áudio conferissem certo grau de autonomia ou criatividade aos indígenas por não permitir que os pesquisadores elaborassem um roteiro prévio aos cantos, embora as narrativas pudessem ser direcionadas. De todo modo, o entusiasmo e a espontaneidade parecem ter levado Adjatukã a dar sugestões durante as gravações: “Só depois do jantar, que foi entre 5 e 6 horas é que se dispuseram a gravar. Mas aí Hadjatukã deu a ideia de que se gravasse um “discurso de chegada”, i.é, o que a pessoa que chega de fora à aldeia, diz ao ser recebida” (RODRIGUES, 2013, p. 151).

Nas palavras de Kozák, as gravações de áudio eram usadas para “quebrar o gelo”, isto é, momentos de aproximação das relações com os indígenas, na medida em que ouvir suas vozes no gravador os alegrava e os surpreendia, incluindo as crianças. Kozák se referiu a esses momentos como de grande êxito, sucesso extraordinário e felicidade. No artigo *Objets et mondes: la revue du Musée de l'Homme* (1964) de Laming-Emperaire incluiu uma foto com a seguinte legenda: “Ayatukã écoute au magnétophone le récit qu’il nous a fait à la précédente veillée” (LAMING-EMPERAIRE, 1964: 274), e na fotografia, expressa um largo sorriso. E ao ouvir as gravações de áudio, disponível no acervo do CEPA, é possível perceber as gargalhadas de Adjatukã e Eirakã[Arigã], mulheres e crianças, durante suas narrativas.

Segundo Tuca comentou com Silva: “O gravador e as vozes dos narradores exibidas nele foi algo tão inusitado quando ouvido pelo grupo, que as três crianças da aldeia,

entre elas Tiguá (filha de Eirakã, hoje sobrevivente) reproduziram uma réplica do aparelho em madeira e a exibiram para o pesquisador” (SILVA, 2004/2005, p. 29)



Figura 64 - Aryon Rodrigues, Tuca, Natjé, Adjatukã, Mã e Arigã, Serra dos Dourados, fevereiro de 1961¹⁵⁷.

O fato é que a presença dos pesquisadores, as exigências e a confecção de artefatos afetavam as emoções dos indígenas:

Tipologia, fabricação, utilização, subitamente tornaram-se gestos cotidianos, acompanhados de gritos, risos, de bom ou mau humor, da chuva ou do Sol, integrados na vida real. O bom estado do gume verificado pelo ensaio do dedo do fio do instrumento e demonstrado por um sorriso satisfeito, e o utensílio quebrado por uma exclamação de mau humor (LAMING-EMPERAIRE, 1978, p. 23).

As emoções permearam as relações com os pesquisadores. Foram necessários seis anos para que Kozák afirmasse “[...] parece que o grupo se acostumou com nossa presença”, visto que expressavam na alegria em recebê-los nas últimas expedições. Esse tempo foi necessário para que Tuca revelasse a Kozák o nome de seu pai e de sua família e atendesse as suas insistentes solicitações, ao longo de todos esses anos, para que se deixasse fotografar. Com seus adornos corporais e artefatos - brincos, tanga, tembetá, arco, flechas e borduna –

¹⁵⁷ MAE/UFPR.

Tuca foi fotografado com uma jaguatirica e uma ave em punho, e ao lado de Eirakã[Arigã] e Adjatukã. Segundo registrou Kozák, nesse momento, Tuca tornou-se alvo de risos, zombarias e piadas por parte de Adjatukã e Eirakã[Arigã] e, da mesma forma, Tuca retribuiu as provocações durante as gravações realizadas com esses dois. No entanto, em suas notas de campo Kozák expressou preocupação com a qualidade técnica, a escassez de seus materiais e a preciosidade de seu trabalho. Ou seja, para o cinetécnico as emoções dos indígenas dificultavam e atrapalhavam os seus registros (KOZÁK, s.d.).

As doenças, advindas do contato e que acometiam os indígenas durante as expedições também afetavam seus estados de humor – principalmente Mã e Nhengo. Em 1959, quando cuidou de Nhengo, Kozák mencionou que a doença não apenas o deixava indisposto, mas irritado e, ao que tudo indica, suas constantes variações de humor levaram Antônio a proibi-lo de permanecer na Fazenda Santa Rosa. Na primeira expedição de 1960, Tuca sentia dor de dente e Nhengo encontrava-se gripado, mas mesmo assim acompanharam a expedição. Segundo Kozák, Nhengo demonstrou alegria ao encontrá-lo, no entanto chegando ao acampamento de Adjatukã abandonou a equipe científica. Em julho de 1960, Adjatukã encontrava-se indisposto, disentérico, apresentando vômito, calafrios, febre alta e dor no tórax. Na expedição de 1961, Eirakã[Arigã] e Aluá[Iati] apanharam chuva e ficaram doentes por alguns dias. No acampamento, Kozák observou que as condições alimentares dos indígenas, durante essa última expedição, eram precárias.

Na expedição de 1961, Adjatukã encontrava-se novamente doente:

Pelas 5hs, quando subi do rio para a aldeia, estavam Arigã e sua mulher chorando. Esta trabalhava em qualquer coisa e êle tomava água ou kukuay. A pequena distância deles estavam sentados Ayatukã e sua mulher e logo adiante Mə, os quais conversavam um pouco, sem nenhuma manifestação de choro. Ao chegar Tuca, que estava no rio, explicou que choravam porque a dor de estômago de Ayatukã, que se supõe causada por um espinho de porco-espinho que êle comeu, não passou ainda e acham que êle não aguenta, que vai morrer. (Isto não obstante êle ter melhorado consideravelmente depois de medicado pelo Dr. Loureiro e ter-se tornado [aparentemente] normalmente bem disposto). Tuca disse que ontem tb. a mulher de Ayatukã esteve chorando pelo mesmo motivo (RODRIGUES, 2013, p. 145-146).

Nessas ocasiões, segundo Kozák, continuavam a utilizar seus conhecimentos e rituais de cura, na maioria das vezes, friccionando a bebida de *kukuay*, animais e os pés das crianças nas regiões afetadas. Recorriam também à medicina de Loureiro Fernandes, que os avaliava e medicava com injeções e remédios não indígenas.

1.5 O encerramento das expedições científicas

De forma inesperada as expedições foram encerradas e, ao que parece, foi o desentendimento entre o administrador da Fazenda - Antônio Lustosa de Freitas - com o SPI que pôs fim a essas jornadas:

Não resta dúvidas que os grupos de visitantes estavam sendo guiados pelo Sr. Antônio Lustosa de Freitas, pois é fácil reconhecê-lo nas fotografias publicadas. Mas, de acordo com comentários feitos por ele mesmo, as visitas acabaram sendo um incômodo, contribuindo apenas para transtornar os seus afazeres particulares. Algumas das primeiras expedições à terra dos HÉTAS arriscaram-se bastante, já que não lhes faltavam recursos financeiros. Entretanto, a Universidade Federal do Paraná ainda dispunha de recursos quando, por algum motivo misterioso, suspendeu as pesquisas junto ao grupo dos HÉTAS. Mais tarde fiquei sabendo que o Sr. Antônio Lustosa de Freitas, em consequência de desentendimentos com o S.P.I., mostrara-se indisposto a receber visitantes no seu sítio e, conseqüentemente, à região dos HÉTAS (KOZÁK, s.d., p. 24).

Documentos do SPI (MOTA; FAUSTINO, 2018) mostram que desde a década de 1940, *os índios da Serra dos Dourados* eram vistos e transitando pelas fazendas e cidades da região e muitas vezes, estabeleceram brevemente um ou outro contato com colonos, fazendeiros e agrimensores¹⁵⁸. Contudo, foi na Fazenda Santa Rosa que de forma sistemática esse grupo familiar estabeleceu relações.

Não se pode negar que Antônio Lustosa de Freitas – como servidor do SPI na região - e sua esposa D. Carola, foram fundamentais nessa empresa científica, visto a disposição do casal em receber uma equipe grande de pesquisadores, disponibilizarem alojamento, materiais de pesquisa, participar das investidas e atender solicitações em nome da ciência. Embora Antônio recebesse financeiramente recursos do SPI, a partir de seu cargo de sertanista, o casal colaborou de forma direta e indireta com as expedições e suas ações foram decisivas para a constituição das coleções.

Como vimos acima, Antônio já havia solicitado em 1959, que o SPI tomasse providências e retirasse os indígenas da sua propriedade. Além disso, Kozák registrou também uma indisposição do administrador com um servidor do SPI e com um pesquisador, por conta do uso de bebida alcoólica (s.d., p. 24). Em conjunto, esses fatores podem ter

¹⁵⁸ NENÊ, Deoclesiano de Souza. **Notas de Viagens**. Curitiba, 27 de dez. de 1958. MAE/UFPR.

influenciado a resistência de Antônio em continuar recebendo na fazenda pessoas e a equipe de pesquisa científica.

Desse modo, em 1961, Nhengo, Mã e seu filho Tikuein (Mã) foram transferidos compulsoriamente pelo SPI para o PIN de Pinhalzinho, município de Tomazina; em 1963, Eirakã[Arigã], Aluá[Iati] e o filho Tiquein foram transferidos para o PIN de Marrecas, município de Turvo (SILVA, 1998, p. 08).

Na última expedição Kozák encontrava-se abalado com a morte da irmã¹⁵⁹: “Depois que a KARLA morreu todos os meus interesses morreram também. Estou indo nessas viagens mais para me livrar da solidão em casa. Sinto-me doente, apesar do médico ter me afirmado, que meu caso é só velhice, idade. Tenho agora 64 anos”. No entanto, nem a tristeza, nem a idade, nem as notícias de extermínio dos grupos familiares Xetá na região, o impediu de continuar viajando até a Serra dos Dourados ao encontro do grupo familiar de Adjatukã.

Em 1964 morreu Adjatukã e, em 1966, sua esposa Natjé. Em suas notas Kozák¹⁶⁰ registrou sua morte e enterro como um momento dramático:

A morte do último cacique dos Hětás:

Hadjätukan, aliás de nome correto Táhey, morreu na Fazenda Santa Rosa em 15 de fevereiro de 1964 (provavelmente de úlcera). Sempre se queixava de dor no estômago. No dia anterior da morte, ele sentindo-se mal foi procurar o remédio do mel amargo. Porém no dia seguinte piorou, pedindo a Antônio Lustosa de Freitas para dar a ele remédio. Antônio e dona Carola pegaram a carroça e foram para Douradina falar com vereador, para conseguir recursos para levar o índio para hospital em Curitiba. Este negou ajuda e assim, Antônio procurando meios, chegou um empregado d'elle da Fazenda, avisando que Hadjätukan teria morrido e a mulher dele com os filhos fugiu pro mato e desapareceu, voltando 3 meses depois de ter vivido com os filhos todo este tempo na mata virgem. O enterro do Hadjätukan foi ainda mais dramático que a própria morte dele. Pelo costume local, os [...] da fazenda lavaram o corpo dele que foi vestido com roupa limpa, camisa e sapatos, e foi enfiado no cobertor e levado para Douradina, na carroça puxada por burro, por Antônio L. de Freitas mesmo. Ahi avisou o cabo da polícia da morte, este não quis permitir o sepultamento por dever ser feita a cerimônia na igreja, que Antônio L. F. recusou, temendo que o padre ia se opor a fazer o sepultamento pois índio não era católico batizado – e causava algumas dificuldades o cabo [...] seguiu para a Fazenda para ver se o índio não foi morto por violência ou diferentemente. Somente depois dessa verificação mandou recado que permitia enterro do índio diretamente no cemitério. Antônio sozinho, com ajuda do coveiro fizeram a cova e baixaram o corpo (sem caixão) dentro da terra. Com isso desapareceu uma figura muito interessante do grupo dos índios Hětás, talvez o último dos chefes Hětás. Uma cruz

¹⁵⁹ Karla Kozák acompanhou o irmão em suas viagens aos povos indígenas e faleceu de malária em 1960 (BENETTI, 2016, p.87).

¹⁶⁰ KOZÁK, Vladimir. **Notas de campo**. MP/SEEC.

com o nome Hadjätukan marca a simples sepultura, deste homem primitivo, que nasceu e viveu nas selvas antes impenetráveis do noroeste do Paraná, cujo grupo até hoje é quase totalmente enigmático, se não mistério total, pois houve pouco contato com os Hětás, e muito pouco conhecimento do modo de vida deles. O grupo dos Hětás foi destruído pelo avanço da civilização antes de algum reconhecimento mais profundo destes índios pudesse ser feito. [...] A mulher, ou digamos, a esposa do falecido Hadjätukan, depois da morte dele começou a fase de vida muito rude e drástica. Regressando da mata ela ficou localizada na Fazenda Santa Rosa com Antônio de Freitas, depois passando de um lugar para outro [...].

Em julho de 1966, Kozák procurou por Natjé, esposa de Adjatukã na cidade de Umuarama, que segundo suas notas, trabalhava como auxiliar de cozinha no Hospital Municipal. Lá foi informado que ela havia falecido em 08 de julho de 1966, de tuberculose e subnutrição.

Encerradas as expedições científicas Vladimir Kozák atuou para permanecer em contato com os grupos familiares Xetá. Nas décadas de 1960 e 1970 foi ao PIN de Pinhalzinho junto à Mã, Nhengo e Tikuein (Mã) e ao PIN de Marrecas junto à Kuein, Eirakã[Arigã], Aluá[Iati], Tiquein e Rondon e recebia, em sua casa em Curitiba, visitas de Tuca. Movido pelo afeto de amizade, mas também como cine-técnico, interessava a Kozák o destino dos grupos familiares Xetá. Com eles, Kozák deu continuidade a sua pesquisa sobre *os antigos e a vida no mato*, seus registros fotográficos, a produção de filmes e a constituição de seu acervo etnográfico.

Loureiro Fernandes, por sua vez, pretendia dar continuidade as pesquisas¹⁶¹, no entanto interrompeu, em 1961, o contato com os grupos familiares na Serra dos Dourados e ao que parece com o administrador da fazenda Santa Rosa, bem como a constituição da sua coleção etnográfica Xetá.

Em um artigo publicado no *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, em 1962, Loureiro ainda manifestava seus planos de pesquisa científica na Serra dos Dourados:

A principal tarefa para o prosseguimento do estudo deste povo de coletores e caçadores é, agora, pôr um etnólogo em convivência com o grupo, ou os grupos ainda arredios. Este empreendimento deve realizar-se com a maior urgência, pois a qualquer momento esses grupos podem entrar em contato descontrolado com os colonizadores, de consequências imprevisíveis (LOUREIRO, 1962, p. 153).

¹⁶¹ FERNANDES, Loureiro. **Plano e orçamento de pesquisa enviado a Brasil Pinheiro Machado**. Curitiba, 18 de jan. de 1961. CEPA/UFPR.

Segundo Chmyz, Loureiro tentou atrair o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, no intuito de desenvolver uma análise do sistema de parentesco e organização social Xetá, e o sertanista Orlando Vilas Boas, para influenciar na criação do Parque Nacional na região da Serra dos Dourados (2005, p. 108).

Para tanto, o antropólogo movimentou o campo político-científico mobilizando antropólogos, arqueólogos, historiadores, museólogos nacionais e internacionais. Além disso, usou seu capital político, atuando junto a diversas instituições - SPI, CNPI, Ministério da Agricultura, Senado, Assembleia Legislativa, Governo do Estado, Presidência da República, etc. - para garantir aquilo que considerava o grande problema Xetá: a garantia constitucional de direito territorial, com a criação de um Parque Nacional Indígena para a permanência dos grupos familiares na floresta da Serra dos Dourados:

Este aspecto humano do problema tem, ao lado dos trabalhos científicos, sido objeto de preocupações do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, que reiteradamente tem encarecido sua importância junto às autoridades estaduais e federais, atuando, quanto possível com a colaboração do Serviço de Proteção aos Índios. Também outras instituições científicas, como a União Internacional das Ciências Antropológicas, a Associação Brasileira de Antropologia, o Congresso Internacional de Americanistas, se tem interessado profundamente por esse aspecto, votando moções dirigidas ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil e o Governador do Estado do Paraná, insistindo, inclusive, no dever de levar-se àquele povo a necessária assistência médica e técnica (FERNANDES, 1962, p. 151).

Entretanto, algumas dificuldades interromperam definitivamente o seu projeto de pesquisas – entre eles “[...] o desaparecimento prematuro do Prof. Alfred Métraux, que se interessava pelo projeto, impediram sua realização” (LAMING-EMPERAIRE, 1978, p. 21), bem como a distribuição e apropriação da totalidade do território da Serra dos Dourados pelo Estado paranaense e investidores particulares.

Em 1962, encerradas as expedições científicas, Loureiro Fernandes publicou alguns números referentes ao acervo do DEAN/UFP:

O Departamento de Antropologia possui, presentemente, uma coleção de 105 peças de cultura material que abrange, praticamente todo o acervo ergológico dos índios da Serra dos Dourados; a coleção de gravações magnetofônicas compreende presentemente mais de 40 textos de mitos, lendas e narrações e mais de 100

exemplos de cantos. O documentário cinematográfico feito até agora, de cerca de 5.500 pés de filme colorido, registra uma grande variedade de atividades e de técnicas, inclusive o lascamento e o polimento de instrumentos líticos e a confecção de um cinzel de osso mediante o emprego de artefatos de pedra (1962, p. 152).

No DEAN, como objetos etnográficos e parte da coleção Loureiro Fernandes inicia uma nova etapa da história de vida das coisas Xetá.

CAPITULO 2

A Coleção Loureiro Fernandes



Figura 65 - Loureiro Fernandes na Serra dos Dourados¹⁶²

¹⁶² MAE/UFPR.

2.1 O Loureiro Fernandes: biografia

José Loureiro de Assunção Fernandes nasceu em 1903, em Lisboa, Portugal. Seu avô - José Loureiro Fernandes - imigrante português, radicado em Curitiba no século XIX, dedicou-se a um próspero comércio na cidade e casou-se com a neta de Idelfonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul - político, fazendeiro, ervateiro e industrial. Por meio desse casamento, a família Loureiro de Assunção Fernandes passou a pertencer a uma rede de relações com a elite política e econômica da capital paranaense. Loureiro Fernandes, como ficou conhecido no meio científico, casou-se com Gabriella Lustosa de Barros, também pertencente a uma importante família do cenário político local (HOERNER JR., 2003; ANDERSON, 2018).

Dessa posição privilegiada, Loureiro Fernandes acessou diferentes campos de prestígio reservados à elite, entre eles a posição de intelectual, impulsionado pela sua formação em medicina, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927 (ANDERSON, 2018).

Imbuído desse duplo capital simbólico, ocupou cargos em importantes instituições que estavam sendo criadas e consolidadas na capital e no estado paranaense na primeira metade do século XX. Segundo Ardigó (2011), nesse contexto, as principais instituições paranaenses eram, majoritariamente, ocupadas por médicos, advogados, engenheiros, autoridades políticas e religiosas, membros da elite local:

[...] uma influente lista de membros fazia com que participar de uma dessas instituições ou, de preferência, dirigi-la fosse um motivo de *status*. Diretores e presidentes de institutos se encontravam no centro das atenções do público, tinham acesso a plateias privilegiadas e concentravam em si responsabilidades que lhes davam certo poder e influência. Por fim, pertencer a uma instituição garantia certos privilégios e benefícios (ARDIGÓ, 2011, p. 106).

Loureiro Fernandes esteve à frente da fundação do CEB¹⁶³ (1929); foi Diretor do Museu Paranaense (1936 a 1949); Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (1951 a 1953); fundador, vice-diretor e catedrático da FFCLPR¹⁶⁴ (1938 a 1950); Secretário de Estado da Educação e Cultura (1947 a 1948); fundador do CEPA/UFPR (1956); fundador, diretor e catedrático do DEAN/UFPR (1958 a 1967); e fundador e diretor do MAAP (1962 a 1976)¹⁶⁵. Além disso, foi Diretor do IP/FFCL/UFPR entre as décadas de 1950 e 1960; membro e presidente da ABA (1959 a 1961); membro das Comissões Estadual e Nacional do Folclore (1948 a 1954); e do IBECC¹⁶⁶ (GARCIA, 2000). Na esfera política, Loureiro Fernandes foi vereador da cidade de Curitiba e na área literária foi membro da Academia Paranaense de Letras (GARCIA, 2000; HOERNER JR., 2003).

Indubitavelmente, em cada uma dessas instituições Loureiro Fernandes empenhou-se em mobilizar sua rede de relações pessoais, políticas e intelectuais no intuito de incentivar, modernizar e institucionalizar a ciência paranaense. Desse modo, boa parte de sua biografia publicada e das narrativas de colegas e alunos, versa especialmente sobre seu campo de atuação como gestor, isto é, acerca das ações e das relações político-institucionais que estabeleceu a partir dos cargos que ocupou (GARCIA, 2000; HOERNER JR, 2003; CEPA/UFPR, 2005; REVISTA CEPA, 2005; FURTADO, 2006).

Em outras palavras, análises acerca de produção do seu campo epistemológico são mais escassas e reforçam a ideia de que Loureiro Fernandes dedicou-se, antes de tudo, ao seu papel como gestor mais do que cientista. Segundo arqueólogo e ex-aluno Igor Chmyz: “Na verdade, não lhe sobrava tempo para escrever. Encurralado pela diversificação de interesses, não lhe era possível o aprofundamento em vários campos” (2005, p. 108).

¹⁶³ Em 1929, Loureiro Fernandes, ao lado de membros da elite paranaense, políticos e intelectuais católicos, tais como os padres Luiz Gonzaga Miele (Filósofo e Teólogo); Antônio Rodrigues de Paula (Promotor e Juiz); Benedicto Nicolau dos Santos (Músico e Professor); Bento Munhoz da Rocha Neto (Deputado Federal e Governador do Estado do Paraná); José Mansur Guérios (Promotor e Professor); Liguarú Espírito Santo (Agrônomo), entre outros, como catedráticos da Faculdade de Medicina, que vieram se juntar ao grupo - criaram o CEB. Sua sede funcionou inicialmente no porão da casa de Loureiro Fernandes (HANICZ, 2006, p. 215), e seus membros passaram a se reunir com o objetivo de promover debates intelectuais acerca de um cenário científico e cultural católico – que movimentava a virada do século XIX e início do século XX (ARDIGÓ, 2011, p. 108).

¹⁶⁴ Ao integrar o debate entre modernidade, catolicismo e ciência, membros do CEB participaram diretamente na criação da FFCLPR, em 1938. Sobre a criação e fundação da FFCLPR, ver Prado (2017).

¹⁶⁵ Sobre a fundação do MAAP, ver Vörös (2011).

¹⁶⁶ Instituto criado no Rio de Janeiro, em 1946, ligado a UNESCO/ONU e vinculado ao Ministério das Relações Exteriores (ABRANTES, AZEVEDO, 2010).

No entanto, em acordo com Anderson, “[...] o espectro do “cientista” foi central em sua trajetória formativa desde o princípio, manifestando-se em pertencas distintas nos diferentes momentos de sua vida” (2017, p. 144). Além da medicina e antropologia, Loureiro Fernandes dedicou-se também a arqueologia, a museologia e ao folclore. Realizou atividades de pesquisa frente à Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Paranaense, onde permaneceu atuando após deixar o cargo de diretor da instituição. Atuou como catedrático da disciplina de Antropologia, Etnografia e Língua Tupi Guarani na FFCLPR (1938 a 1950) e de Antropologia, Antropologia Física, Antropologia Cultural, Arqueologia Pré-Histórica, Etnologia e Etnografia Geral, Etnografia do Brasil no DEAN/UPR na UPR (1950 – 1967). Ademais criou dois museus, para o qual constituiu um vasto acervo etnográfico, de etnologia para o Museu Didático do DEAN/UPR e de cultura popular para o MAAP, a partir do qual organizou uma série de exposições científicas nas instituições.

Como gestor, cientista e docente articulou as disciplinas de seu interesse e diferentes referenciais teóricos, tornando-se difícil limitá-lo a um único paradigma. Seus planos de aula, como docente na FFCLPR e no DEAN/UPR, exemplificam a multiplicidade dos seus referenciais que transitam entre Carlos Lineu¹⁶⁷, Jean-Batiste Lamarck¹⁶⁸, Georges Cuvier¹⁶⁹ e Charles Darwin¹⁷⁰; Ralph Linton, Edgar Roquette-Pinto, Franz Boas, Ruth Benedict, Dina Lévi-Strauss e Paul Rivet. Propôs a discussão dos conceitos de raça, mestiçagem, aculturação, evolucionismo, difusionismo e antropogênese. Como recurso metodológico fez uso das expedições científicas, de técnicas da fisiologia, osteologia, da craniologia, somatologia, genética e da hematologia, da fonologia e morfologia linguística, bem como de objetos científicos.

Desse modo, compreende-se que sua trajetória epistemológica está em movimento, desloca-se constantemente de um campo a outro e deve ser compreendida na convergência, mas também na ambiguidade e no constante reposicionamento de sua atuação e dos seus conhecimentos.

Nesse movimento, nos interessa compreender as particularidades e a sua trajetória no âmbito das disciplinas ao qual se dedicou - a antropologia, a etnografia, a arqueologia e a

¹⁶⁷ Médico, botânico e zoólogo sueco (1707 – 1778).

¹⁶⁸ Naturalista francês (1744 – 1829).

¹⁶⁹ Naturalista e zoologista francês (1769 – 1832).

¹⁷⁰ Naturalista, geólogo e biólogo britânico (1809 – 1882).

museologia, visto que a partir destas articulou a constituição, o destino e os usos de uma coleção científica.

Como vimos, os artefatos coletados, pilhados e comprados na Serra dos Dourados foram destinados ao acervo do Museu Didático, instalado por Loureiro Fernandes no interior do DEAN/UPR. A partir da articulação de recortes teóricos e metodológicos de cada uma dessas disciplinas, a coleção Xetá foi identificada e constantemente e recontextualizada, constituindo assim uma das fases de sua história de vida. Este fato nos permite indagar não apenas o diálogo epistemológico estabelecido por Loureiro Fernandes entre as disciplinas, bem como o modo que a coleção anima esta relação.

Sobre a trajetória político-epistemológica de Loureiro Fernandes, podemos destacar os recentes trabalhos de Furquim (2015) e Anderson (2018) que abordam a ambiguidade intelectual de Loureiro Fernandes entre a antropologia, cultura popular e folclore; e de Guérios (2017) entre ciência e religião. Além disso, Prado (2017) dedicou-se a compreender o sentido da fundação e funcionamento do curso de ciências sociais da FFCLPR, entre o período de 1938 e 1960 a partir de dois eixos: a trajetória de seus agentes – alunos e docentes - e o conhecimento elaborado por estes. Cumpre destacar que, no contexto institucional analisado pela autora, Loureiro Fernandes é um ator fundamental, atuando como gestor e catedrático da instituição.

Há que se destacar que a trajetória de Loureiro Fernandes não ocorre à margem do cenário nacional e internacional de institucionalização da pesquisa científica, do ensino universitário e da disciplina de antropologia, bem como do processo de constituição de coleções científicas destinadas aos museus. Ou seja, como um homem de seu tempo, as ações, teorias e metodologias de Loureiro Fernandes como gestor, docente e cientista podem ser tomadas como microcosmo de um cenário mais amplo.

No entanto, esta afirmação não implica tomar sua trajetória como uniforme, homogênea ou invariável, quando colocada em relação à atuação de outros atores que lhe são contemporâneos. Como sugere Guérios (2011, p. 24), implica evidenciar a rede de relações ao qual participou, seja no âmbito local, nacional e internacional e que lhe permitiram colocar em prática seu específico projeto político-epistemológico. Para tal, iniciamos primeiramente com uma abordagem acerca da trajetória intelectual de Loureiro Fernandes, isto é, seu caminho trilhado entre a medicina e a antropologia.

2.2 Loureiro Fernandes: a trajetória intelectual médico-antropólogo

Em 1928, após formar-se em medicina, Loureiro Fernandes especializou-se em Urologia pela Faculdade de Medicina das Universidades de Paris e Viena - área ao qual se dedicou em seu consultório particular e no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Curitiba¹⁷¹ (FURTADO, 2006). Em 1931, iniciou sua carreira como docente na Faculdade de Medicina do Paraná¹⁷², ao assumir a função de assistente da cadeira de clínica cirúrgica e, em 1932, tornou-se regente da cadeira de urologia. Foi também assistente do médico Victor Ferreira do Amaral (1862-1953)¹⁷³, fundador e primeiro reitor da Universidade do Paraná (FURTADO, 2006, p. 105).

Segundo Furtado, possivelmente influenciado por teorias de história natural, raça, evolucionismo e estudos de antropologia física, que permeavam debates nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro, Loureiro Fernandes se interessou pelos estudos do campo da antropologia (FURTADO, 2011, p. 120-121; SANTOS, 2011, p. 152; SOUZA, SANTOS, 2012, p. 639). Observa-se o seu interesse a partir de alguns de seus trabalhos apresentados nas Reuniões de Estudos do CEB, no início da década de 1930. Nessas ocasiões, membros dessa instituição apresentavam trabalhos pessoais – no formato de comentários, críticas ou leituras – relacionados a diferentes áreas, tais como “[...] filosofia, literatura, linguística, educação, moral, psicologia, antropologia, história, etc. [...]” (HANICZ, 2006, p. 233).

Em suas oportunidades, Loureiro Fernandes apresentou trabalhos intitulados: ‘Cronologia Pré-histórica’ (1930), ‘Unidade da espécie humana’ (1930), ‘Serviço de Proteção aos Índios’ (1931), ‘Arte Paleolítica’ (1932), ‘Visita ao Museu Paulista’ (1933), ‘Pedras Lascadas de Alfredo Ellis Junior’¹⁷⁴ (1933) (HANICZ, 2006). Cabe destacar que na primeira metade do século XX, as disciplinas de pré-história, história, arqueologia, bem como questões

¹⁷¹ Do qual foi fundador e médico-chefe (ANDERSON, 2018, p. 90).

¹⁷² Fundada em 1912, a Faculdade de Medicina, Direito e Engenharia do Paraná, formaram em conjunto a primeira universidade brasileira (ARDIGÓ, 2011, p. 107).

¹⁷³ Fundador da Faculdade de Ciências Médicas; Diretor da Clínica Urológica da Santa Casa de Misericórdia; Diretor-Redator da Revista Médica do Paraná; Membro da Associação Brasileira de Urologia (GARCIA, 2000; HOERNER JR., 2003).

¹⁷⁴ Alfredo Ellis Junior, historiador e antropólogo, realizou levantamento com crianças em idade escolar no estado de São Paulo, contribuindo na década de 1920 com informações antropométricas para a Seção de Antropologia do Museu Nacional, à época dirigida por Edgar Roquette-Pinto (SOUZA, 2011, p. 165)

envolvendo museus, indígenas e indigenismo, eram correlatas ao campo de estudos das disciplinas de história natural e antropologia.

Nesses trabalhos, já estava presente uma questão que, como veremos, norteará as reflexões de Loureiro Fernandes em sua trajetória científica: o problema da antropogênese. Sobre esses trabalhos, Guérios (2017) e Anderson (2018) destacam que seu discurso reivindicava, de modo ambíguo, rigor científico para analisar as questões apresentadas, contrapondo-se as perspectivas religiosas e católicas que permeavam a formação e os debates entre os membros do CEB:

Entre as doutrinas debatidas no campo da antropologia, uma sempre mereceu lugar de realce, a unidade da espécie humana. Tema de interesse vital em questões de fé e, hoje cientificamente povoado pelos sábios cuja honestidade está ao abrigo de qualquer suspeita, bem merecia ser ventilado nas sessões do Círculo de Estudos¹⁷⁵.

É provável que a confluência dessas experiências - formação em medicina no Rio de Janeiro, interesse pessoal e trabalhos no CEB, somado às relações políticas que permeavam as instituições paranaenses, tais como a Faculdade de Medicina e a Santa Casa de Misericórdia tenham favorecido sua indicação ao cargo de Diretor do MP, em 1936. Naquela ocasião membros do CEB possuíam estreitas relações com o Partido Social Democrata (PSD, do qual Loureiro Fernandes também era correligionário, do então interventor Manoel Ribas (1932 a 1945) (ARGIDÓ, 2011, p. 109), e do governador Moysés Lupion (1947-1951). Para o cargo, Loureiro Fernandes foi indicado por Aluísio França¹⁷⁶ - vereador e Presidente da Câmara Municipal de Curitiba; e por Dr. Eduardo Virmond Lima - Diretor da Santa Casa de Misericórdia (GARCIA, 2000, p. 126; FURTADO, 2006, p. 47).

Segundo Anderson, sua experiência no MP fortaleceu a sua relação com o campo da antropologia:

Provavelmente foi no MPR onde ele teve contato com uma biblioteca mais vasta, com mais obras etnográficas, pesquisas em etnologia indígena. Também foi o local onde Loureiro teve contato com obras antropológicas e arqueológicas, o que o credenciou lentamente à posição de catedrático da área na FFCLPR - lembrando que não muito era necessário para se ser autorizado a ocupar uma cátedra para além de ser um membro da elite e intelectual de dentro do mais proeminente grupo de pensadores de Curitiba, os católicos do CEB (2018, p. 134).

¹⁷⁵ CEBDOC3301

¹⁷⁶ Prefeito da cidade de Curitiba entre os meses de junho e setembro de 1937.

Em 1938, quando a FFCLPR foi fundada, a partir de um movimento que contou ativamente com membros da Faculdade de Medicina e do CEB – e para o qual Loureiro Fernandes atuou diretamente (GUÉRIOS, 2017; DOTTI, 2017) -, assumiu na instituição a cátedra de Antropologia, Etnografia e Língua Tupi-Guarani do curso de História e Geografia.

Para além das suas relações pessoais e políticas que envolviam a distribuição de cargos nessas instituições (FURTADO, 2006, p. 114), sua formação em medicina e projeção intelectual também influenciaram nesta decisão. Embora não tenha sido uma regra absoluta¹⁷⁷, nesse período, era recorrente que médicos assumissem a disciplina de antropologia nas instituições de ensino superior que estavam sendo criadas no Brasil (AZEVEDO, 1984, p. 259)¹⁷⁸. Segundo Azevedo, o campo da antropologia estava relacionado à morfologia humana e zoologia e, mesmo ligado à Etnografia e Etnologia, as cátedras de antropologia eram ocupadas, preferencialmente por médicos (1984, p. 261).

Ao analisar o trabalho dos catedráticos de antropologia nas décadas de 1930 e 1940, Azevedo destaca que estes mantinham pouco diálogo entre si e, na maioria das vezes, atuavam de modo autodidata, projetando os referenciais teóricos e metodológicos da medicina sobre a antropologia. Desse modo, predominavam os estudos de antropologia física, questões envolvendo genética relacionada à raça e à cultura, à paleontologia e antropogênese (1984, p. 268).

Tal escolha segue Azevedo (1984), acompanhava também duas experiências correlacionadas naquele contexto e que favoreciam a atuação de médicos como catedráticos da disciplina de antropologia. A primeira estava relacionada aos currículos e programas de instituições científicas europeias, tais como faculdades de medicina e museus de história natural que propagavam teorias e métodos de estudos de antropologia anatômica, influenciando as instituições brasileiras (AZEVEDO, 1984; SOUZA, SANTOS, 2012, p. 639).

Entre essas instituições, responsável por interconectar correntes teóricas europeias às brasileiras – sobretudo advindas da Alemanha e França – destaca-se o Museu Nacional do

¹⁷⁷ À exceção, destacam-se as Universidades de São Paulo, do Distrito Federal e a Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul (1984, p. 165).

¹⁷⁸ A título de exemplo, Azevedo cita a Faculdade Nacional de Filosofia da Bahia, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Pará (AZEVEDO, 1984).

Rio de Janeiro (AZEVEDO, 1984). Entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, o Museu Nacional figurou como paradigma político-epistemológico para as demais instituições brasileiras que se dedicavam ao campo da antropologia (LOPES, 2009)¹⁷⁹. À frente da Seção de Antropologia, médicos como João Batista de Lacerda (1846 - 1915), José Bastos Ávila¹⁸⁰ (1888 - s.d.) e Edgar Roquette-Pinto¹⁸¹ (1884 - 1954) privilegiaram os estudos de antropologia física - no final do século XIX como disciplina ligada à zoologia; e, posteriormente, na primeira metade do século XX ligada à etnografia e a arqueologia (SANTOS, MELLO e SILVA, 2006; KEULLER, 2008, SOUZA, 2011; SANTOS et. al., 2012; SOUZA, 2012).

Estes dois últimos médicos e antropólogos aparecem nas referências bibliográficas e nos planos de aula de Loureiro Fernandes, em especial o artigo *Tipos antropológicos brasileiros*, trabalho apresentado por Edgar Roquette-Pinto, no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, no ano de 1929, no Rio de Janeiro. Neste artigo, o autor concentrou estudos na formação do povo brasileiro, incluindo grupos indígenas, negros, sertanejos e imigrantes, na interface dos efeitos de miscigenação, imigração e eugenia (SOUZA, SANTOS, 2012, p. 639), a partir do qual organizou um amplo sistema de classificação racial em que definiu como ‘tipos antropológicos do Brasil’ (SOUZA, 2012, p. 646)¹⁸².

Os ‘tipos’ estavam pautados em minuciosos estudos raciais de constituição fisiológica - tais como a cor dos olhos, tipo de cabelo, estatura, perímetro do tórax, força muscular, índice cefálico e nasal (SOUZA, 2011, p. 170-171). Aos caracteres físicos agregou

¹⁷⁹ Influenciado pela mobilização internacional dos museus – a Era dos Museus - e mudanças em seus paradigmas, tais como a expansão, especialização e profissionalização dos cientistas (LOPES, 2009, p. 153), a partir de 1870, o Museu Nacional se consolidou como um museu científico (ARDIGÓ, 2011, p. 103). Fatores que também colaboraram com a criação do Museu Paraense Emílio Goeldi (1871), do Museu Paranaense (1876) e do Museu Paulista (1894) (ABREU, 2008, p. 39; LOPES, 2009, p. 152).

¹⁸⁰ Atuou como antropólogo do Museu Nacional e no Instituto de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro, dedicando-se aos estudos de antropometria (GONÇALVES, et. al., 2012, p. 671).

¹⁸¹ Professor de História Natural na Escola Normal e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na década de 1920 (SOUZA, 2011, p. 158); professor-chefe da Divisão de Antropologia e Etnografia e Diretor do Museu Nacional entre 1926 e 1935 (SANTOS et. al., 2012).

¹⁸² O resultado completo da pesquisa de Roquette-Pinto foi publicado em 1928, nos *Arquivos do Museu Nacional* com o título “Notas sobre os typos antropológicos no Brasil” (SOUZA, 2012, p. 649). Denominou o ‘tipo branco’ de Leucodermos; os mestiços originados do ‘cruzamento’ entre brancos e negros, de Phaiodermos; os mestiços de brancos e índios, de Xanthodermos; para ‘tipo negro’, de Melanodermos. Outros ‘tipos raciais’ não foram incluídos em sua classificação por serem “numericamente insignificantes” (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 125 *apud* SANTOS, 2012 p. 655).

dados psicológicos e sociais da população brasileira (SANTOS, MELO e SILVA, 2006; SOUZA, 2011, p. 156; GONÇALVES *et al.*, 2012, p. 671).

Souza argumenta que Roquette-Pinto

[...] entendia que somente a partir do “conhecimento objetivo” da realidade, pautado pelo rigor científico da moderna antropologia física, é que os problemas relativos à formação nacional e o melhoramento da população poderiam ser enfrentados (2011, p. 151-152).

Desse modo, seus estudos receberam apoio da esfera política, que creditava no conhecimento da formação da população o meio de enfrentar o ‘atraso’ econômico e civilizacional em que se encontrava o Brasil, durante o contexto da Primeira República (SOUZA, 2011, p. 162 – *grifos do autor*). Como problemas brasileiros a serem enfrentados nesse período, Roquette-Pinto enumerava questões relacionadas à política de imigração, colonização, território, saúde, educação e a reforma urbana (ROQUETTE-PINTO, 1978, p. 13; SOUZA, 2011, p. 162).

Segundo Souza (2011), Roquette-Pinto era adepto das técnicas de mensuração antropométrica, constituiu uma coleção de crânios e apresentou uma classificação racial brasileira. No entanto, procurou se distanciar da prática antropológica desenvolvida no Museu Nacional em fins do século XIX, em particular dos estudos do médico João Batista de Lacerda¹⁸³ (1846-1915), para quem a leitura craniana servia para identificar a origem racial e medir a capacidade intelectual ou o grau de inferioridade de diferentes raças (SOUZA, 2011, p. 172).

Roquette-Pinto, por sua vez

[...] acionou a antropologia física como uma ferramenta de ação política, empregada acima de tudo, para refutar a ideia de que a formação racial brasileira seria responsável pelos problemas do país (SOUZA, 2012, p. 646)

A partir da oposição de uma ‘nova antropologia’, Roquette-Pinto buscava se afastar do que denominava a prática de ‘velha antropologia’:

¹⁸³ Diretor do Museu Nacional entre 1895 a 1915. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf. Acesso em: 05 de jun. de 2019.

[...] os diferentes estudos da moderna biologia, sobretudo aqueles desenvolvidos em laboratórios, eram fundamentais para o sucesso do antropólogo, uma vez que a antropologia física deveria ser vista como “a biologia comparada dos grupos humanos”, encarados do ponto de vista do sexo, da idade, da constituição e da raça. Ao contrário da “velha antropologia”, que “perdia um tempo enorme discutindo a origem do homem e outras coisas remotas, problemas quase insolúveis”, lembrava Roquette-Pinto em artigo publicado no Diário Nacional, a “moderna antropologia é muito mais interessante e tem os seus problemas atuais, esse que é positivamente dominador: quais são os fatores da raça?” (SOUZA, 2011, p. 177-178).

Em 1939, quando assumiu a cátedra de antropologia na FFCLPR, sem formação específica, Loureiro Fernandes aproximou-se dos paradigmas do Museu Nacional e de Roquette-Pinto, projetando os referenciais teóricos e metodológicos da medicina sobre a antropologia – sobretudo a partir do conceito de raça (AZEVEDO, 1984, p. 268). Embora esta pesquisa não tenha encontrado relações pessoais diretas entre os dois médicos, tais como troca de cartas e correspondências, parte do arcabouço teórico proposto por Roquette-Pinto esteve presente na prática docente do antropólogo paranaense, estando incluído em suas leituras e indicações de referências bibliográficas aos seus alunos.

Embora divergentes acerca da ‘velha antropologia’ e a questão da antropogênese, que permeou por décadas as reflexões e a epistemologia de Loureiro Fernandes, ao refletir sobre a mestiçagem no Brasil, Loureiro Fernandes argumentou:

É o próprio Roquette-Pinto que em trabalho publicado nos “Archivos do Museu Nacional”, em 1928, sobre os nossos typos anthropológicos também contesta a inferioridade dos mestiços. Do que vem a ser exposto, vemos o problema da hierarchia racial não mais como subsiste para a antropologia, como não subsiste muito em terras brasileiras. Todos, negros, mestiços ou brancos, gozam mais ou menos das mesmas considerações sociais que só dependem do grau de instrução e riqueza.¹⁸⁴

À frente do Museu Paranaense, Loureiro Fernandes, gradativamente, transformou a instituição em uma referência científica nacional, em um momento em que os museus perdiam espaço para as universidades (ARDIGÓ, 2011, p. 102). Dedicou-se à constituição e reorganização dos acervos, estreitando relações com o Museu Nacional, o Museu Paulista e o SPHAN (FURTADO, 2006, p. 52; ARDIGÓ, 2011). Essas ações impulsionaram um importante permuta de espécimes e objetos entre as instituições, mobilizando, acima de tudo o

¹⁸⁴ CEBDOC3306.

intercâmbio de conhecimentos nas diferentes seções científicas da instituição (ARDIGÓ, 2011; FURTADO, 2008).

Em 1939, o Decreto nº 8.201, proposto por Loureiro Fernandes e assinado pelo interventor Manoel Ribas, criou no MP as Seções de História; Botânica; Geologia e Paleontologia; Zoologia; Antropologia e Etnografia (ARDIGÓ, 2011). Para cada Seção, Loureiro Fernandes¹⁸⁵, priorizou a indicação de catedráticos e cientistas da FFCLPR, em substituição aos intelectuais literários pertencentes à elite local e indicados politicamente (GARCIA, 2000, p. 126; MARANHÃO, 2005, p. 163) e, assumiu também a função de Diretor da Seção de Antropologia e Etnografia da instituição. À exceção foi o convite realizado ao engenheiro e cine-técnico tcheco Vladimir Kozák, que embora não fizesse parte do quadro de docentes da Faculdade, assumiu como Assistente Voluntário a Seção de Cinema Educativo do Museu, dado que possuía amplo conhecimento, experiência e equipamentos nessa área.

Para Loureiro, o vínculo da equipe de catedráticos da FFCLPR com o Museu, permitiu que o acervo da instituição fosse (re)distribuído em cada Seção a partir de critérios eminentemente científicos, afirmando que a atuação do grupo de especialistas

[...] constituiu inegavelmente, na história administrativa da instituição, ato fundamental que permitiu assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento que teve a instituição depois de 1930, acompanhando até certo ponto o progresso técnico científico de organizações congêneres nacionais e internacionais (FERNANDES e NUNES, 1956, p. 13).

No MP, na década de 1940, Loureiro Fernandes incentivou à pesquisa por meio de expedições científicas, sobretudo, em direção ao litoral paranaense (ARDIGÓ, 2011, p. 133-134). Nessas ocasiões incorporou a presença de catedráticos, cientistas e alunos da FFCLPR, de diferentes áreas: antropólogos, zoólogos, taxidermistas, botânicos, geólogos, mineralogistas¹⁸⁶ e etc. Cumpre destacar que essas viagens tinham por objetivo estimular em seus alunos da FFCLPR experiências empíricas, ou nas palavras de um de seus alunos, o aprendizado *in loco* (BIGARELLA, 2005, p. 19). Além disso, durante as expedições, a equipe

¹⁸⁵ O advogado Arthur Martins Franco assumiu a Seção Científica de História; o engenheiro Joaquim de Assis Fonseca, a Seção de Geologia e Minerologia; o padre Jesus Santiago Moure, a Seção de zoologia - que contava também com os trabalhos do taxidermista Andreas Mayer (FURTADO, 2006 p. 54; ARGIDÓ, 2011, p. 113).

¹⁸⁶ Destacando-se as expedições organizadas pelo taxidermista Andreas Mayer, e os botânicos Richard Maack e Frederico Lange (ARDIGÓ, 2011, p. 134).

realizava coleta de espécimes naturais e objetos científicos, além de produzirem documentos, tais como filmes e fotografias, no intuito de constituir coleções e arquivos para os acervos do museu e da faculdade.

As expedições constituíam-se também como um veículo de intercâmbio com instituições científicas de outras regiões do país - entre elas a USP - que enviavam alunos e cientistas para participarem dessas viagens. Entre eles destaca-se a participação do zoólogo Paulo Sawaya, que além de consultor científico, permitiu ao MP projetar suas pesquisas na esfera nacional e internacional, visto que intermediou o contato da instituição paranaense com o *Smithsonian Institution*, localizado em Washington, Estados Unidos (ARDIGÓ, 2011, p. 134-135).

Segundo Furtado, a reorganização das Seções do MP proposta por Loureiro Fernandes, também acompanhava o parâmetro científico, as orientações e diretrizes emanadas do Museu Nacional e de seus diretores, entre as quais destaca a gestão da antropóloga Heloísa Alberto Torres (2006, p. 72), aluna *abraço direito*¹⁸⁷ de Edgar Roquette-Pinto (RIBEIRO, 2019, p. 30). Ao que parece, as relações teóricas e metodológicas de Loureiro Fernandes e Edgar Roquette-Pinto, foram mediadas por Heloisa Alberto Torres.

Seguindo as lições epistemológicas de seu professor e mentor intelectual, Heloisa Alberto Torres tornou-se notória pesquisadora na técnica de antropometria, sobretudo com o gênero feminino (SOUZA, 2011, p. 164). Em 1946, no contexto pós-Estado Novo e Segunda Guerra Mundial, Heloísa Alberto Torres apresentou um plano político para as ciências naturais e antropológicas à UB¹⁸⁸, intitulado *Promoção de um Inquérito Nacional sobre as Ciências Naturais e Antropológicas* (DOMINGUES, 2010, p. 626). No documento, se posiciona de modo contrário à separação epistemológica e ontológica entre estudos de sociedade e natureza - impensável em sua perspectiva e naquela defendida a partir do Museu Nacional (DOMINGUES, 2006, p. 630-631). Desse modo, Heloisa desenvolveu na instituição, estudos de antropologia física na interface das disciplinas de biologia, etnografia e arqueologia (SANTOS, MELLO e SILVA, 2006)¹⁸⁹.

¹⁸⁷ Grifos da autora.

¹⁸⁸ UB, instituição ao qual o Museu Nacional estava submetido administrativamente (DOMINGUES, 2010, p. 626).

¹⁸⁹ Dedicou-se também a pesquisas em sítios arqueológicos de sambaquis em Iguape, no estado de São Paulo; de cerâmica tupi-guarani, em Magé no Rio de Janeiro; e cerâmica marajoara, na Ilha de Marajó no Pará (RIBEIRO, 2019).

Além de Diretora do Museu Nacional, cargo que exerceu entre os anos de 1937 e 1955; Heloisa Alberto Torres foi Diretora do CNPI entre 1955 e 1967; integrou os conselhos dirigentes do SPHAN; do Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil entre 1934 e 1939; e da FUNAI (RIBEIRO, 2019, p. 30).

Contemporâneos à frente dos museus, Loureiro Fernandes reconheceu o capital político¹⁹⁰, científico¹⁹¹ e indigenista da antropóloga, o que lhe permitiu acioná-la, em diferentes momentos, para a efetivação do seu projeto político-epistemológico, trocando material, dados e informações científicas. No arquivo documental de Loureiro Fernandes encontra-se correspondência trocada com antropóloga, sobretudo no período que esta ocupou o cargo de diretora do CNPI, contexto que coincide com o das expedições científicas a Serra dos Dourados e o processo de contato com os grupos familiares Xetá. Para Heloisa Alberto Torres, Loureiro solicita helicóptero para sobrevoar a Serra dos Dourados¹⁹²; apoio institucional quanto à situação do genocídio¹⁹³ e principalmente garantia constitucional dos direitos territoriais¹⁹⁴ aos grupos familiares Xetá.

Se havia limites institucionais para a gestora, como antropóloga Heloisa Alberto Torres apoiava Loureiro Fernandes nas questões Xetá:

Eu também não gostei nada da nota publicada na imprensa sobre a pacificação dos Setá. A meu ver o S.P.I. nunca deveria usar tal expressão, arma que os inocentes avançadores em terras indígenas poderão valer-se inventando ataques dos índios e justificando assim supostos revides a que se vejam forçados em defesa própria¹⁹⁵.

¹⁹⁰ Heloisa Alberto Torres era filha do político e intelectual Alberto Torres e foi inserida, por suas relações familiares, em alianças sociais, políticas e intelectuais do Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2019). Ribeiro destaca que “O “capital social” da jovem, que ainda se tornaria a diretora do Museu, traduziu-se em uma sólida posição no campo, inclusive junto ao governo de Getúlio Vargas” (2019, p. 37), tornando-se bastante próxima aos primeiros escalões do Governo Federal (2019, p. 37).

¹⁹¹ Heloisa Alberto Torres iniciou sua trajetória de antropóloga como discípula de Edgar Roquete-Pinto, professor-chefe da Seção de Antropologia e Etnografia e Diretor do Museu Nacional (1926 - 1935). Em 1931, Heloisa substituiu o professor na referida Seção (GONÇALVES, 2019, p. 33); e no período em que foi Diretora da Instituição, estabeleceu parceria científica com a *Rockefeller Foundation*, *Carnegie Foundation*, *Committee for Artistic and Intellectual Relations with Latin America*, *Columbia University*, *Northwestern University*, *University of Michigan*, *The United States National Museum*, *Chicago Museum*, *Buffalo Museum of Science*, *Stanford University* e UNESCO. Além disso, manteve relações com Ruth Landes, James e Virginia Watson, Alfred Metraux, Paul Rivet, Claude Levi-Strauss e Charles Wagley (RIBEIRO, 2019, p. 39-40).

¹⁹² FERNANDES, Loureiro. **Telegrama à Heloisa Alberto Torres**. Curitiba, 19 de mai. de 1958. CEBDOC347.

¹⁹³ FERNANDES, Loureiro. **Carta à Heloisa Alberto Torres**. Curitiba, 12 de set. de 1960. MAE/UFPR.

¹⁹⁴ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 56/58**. Curitiba, 05 de dez. de 1958. MAE/UFPR.

¹⁹⁵ TORRES, Heloisa Alberto. **Carta a Loureiro Fernandes**. Rio de Janeiro, 30 de set. de 1957. MAE/UFPR.

Ao analisar o paradigma institucional e metodológico adotados por Heloisa Alberto Torres no Museu Nacional para estimular o desenvolvimento científico, pode-se traçar uma série de paralelos com aquele proposto por Loureiro Fernandes no Museu Paranaense e na FFCLPR: investimento em expedições e coleções científicas, voltadas aos acervos dos Museus, publicação de resultados de pesquisa¹⁹⁶ e intenso intercâmbio com pesquisadores nacionais e internacionais.

Ambos não mediram esforços para proporcionar aos seus alunos experiências de estudo e pesquisa dentro e fora do país¹⁹⁷. Entre os alunos de Heloísa destacam-se os antropólogos Luiz de Castro Farias, Eduardo Galvão e Marília Alvin (RIBEIRO, 2019). Além disso, dedicaram-se em trazer cientistas nacionais e estrangeiros para atuar nas instituições que dirigiram (GONÇALVES, 2010). Em destaque, Heloisa Alberto Torres estabeleceu relações próximas com a Universidade de Columbia, trocou farta correspondência com Franz Boas, chegando a estabelecer informalmente um acordo para o financiamento de estudos etnológicos no Brasil (CORRÊA, 1997, p. 13). Assim, durante sua gestão o Museu Nacional recebeu Charles Wagley e Ruth Landes (CORRÊA, 1997, p. 13), alunos de Franz Boas. Além disso, Heloisa estabeleceu relações e correspondências com Ralph Linton, Paul Rivet e Alfred Métraux (CORRÊA, 1997, GONÇALVES, 2010) – com quem Loureiro Fernandes também constituiu relações científicas.

2.3 Loureiro Fernandes: trajetórias de pesquisa

Como uma das primeiras experiências e exemplo da relação antropologia-biologia em de Loureiro Fernandes, à frente da Seção de Antropologia e Etnografia do MP, destaca-se sua viagem, realizada em janeiro de 1939, as aldeias Kaingang de Toldo das Lontras e Campinas dos Índios, localizadas no município de Palmas - Paraná. Dessa experiência, o antropólogo publicou na Revista Médica do Paraná, o artigo *Notas hemato-antropológicas*

¹⁹⁶ Durante a gestão de Loureiro Fernandes foram publicados três volumes da Revista *Arquivos do Museu Paranaense* – Volumes I (1941), II (1942) e III (1943).

¹⁹⁷ Entre eles destacam-se Luiz de Castro Farias, que Heloísa vinculou à Expedição de Claude Levi-Strauss pelo Brasil em 1938; e Marília Duarte Nunes, aluna de Loureiro Fernandes, que foi à Paris estudar museologia no *Musée l'Homme de Paris* e, em seu retorno, tornou-se Diretora do Museu Paranaense entre os anos de 1963 e 1967.

sobre os caingangues de Palmas (1939). Além de caracterizá-los a partir de suas constituições físicas (1939, p. 04), Loureiro Fernandes justifica a importância da sua pesquisa, ao relacionar o tipo sanguíneo predominantemente encontrado entre Kaingang de Palmas, com os seus processos de miscigenação. Nas palavras de Loureiro,

A determinação dos grupos sanguíneos figura como um dos mais recentes capítulos da antropobiologia, e não obstante serem numerosas as contribuições recebidas dos diferentes pontos do ecumênico ainda são excepcionais estas pesquisas em populações primitivas do Brasil. Se a descoberta dos quatro grupos sanguíneos grande importância teve nas ciências médicas, pelas possibilidades terapêuticas dela decorrentes, não menor parece ser a sua influência nos setores de Antropologia pelo contingente que poderá trazer à solução de interessantes problemas científicos (FERNANDES, 1939, p. 01).

Como resultado de sua pesquisa hematológica Loureiro Fernandes (1939) identificou que 92,5% dos Kaingang de Palmas, que concordaram em se submeter à coleta de material, apresentavam sangue de tipo O. Ao comparar esse resultado com estudos hematológicos realizados em outros grupos indígenas¹⁹⁸, e que apontam a predominância do sangue tipo O com a *pureza racial*, Loureiro Fernandes sugeriu que os Kaingang de Palmas possuíam grau relativamente baixo de miscigenação:

A escassez do material de que podemos dispor, não nos permitiu conclusões definitivas, mas, de certo modo, veio reforçar a nossa convicção de que o cruzamento dos Caingangues de Palmas com indivíduos de outra raça se fez numa proporção muito restrita (FERNANDES, 1939, p. 08).

Além das fotografias que ilustram essa publicação, encontra-se no arquivo do CEB uma caderneta de campo com anotações, amostras de cabelo e papéis com as impressões digitais Kaingang, o que indica uma provável intenção de seus estudos em antropologia física. Na década de 1940, estudo semelhante foi realizado pelo antropólogo Pedro Lima do Museu Nacional, em que articulou somatologia, hematologia, dermatóglifos (impressões digitais) e mutilações dentárias entre os grupos indígenas na região do Xingu (SANTOS, 2006, p. 12).

Em um segundo artigo, publicado em 1941, na Revista dos Arquivos do Museu Paranaense, intitulado *Os caingangues de Palmas*, Loureiro Fernandes se aproxima dos

¹⁹⁸ Segundo Loureiro: “[...] as porcentagens maiores do grupo zero (O), observadas em índios americanos *puros*, foram as de Snyder (91,3%) e as de Vela no Equador (95,5%). Merece uma especial referência por ser fato excepcional o trabalho de L. Ribeiro, Berardineli e Roiter “Grupo Sanguíneo dos Índios Guaranís” no qual esses pesquisadores 100% dos grupos O para os Guaranís da colônia Missões do Rio Grande do Sul” (FERNANDES, 1939, p. 08).

referenciais teóricos desses antropólogos, ao articular a antropologia e etnografia. Diferentemente do artigo de 1939, em que estudos de antropologia física são centrais, na primeira parte deste artigo, Loureiro Fernandes busca identificar o território e a participação dos grupos familiares Kaingang no processo de povoação e colonização da região dos municípios de Palmas e Guarapuava, região centro-sul do estado do Paraná, no século XIX.

Para tanto, articulou documentação histórica – incluindo os trabalhos de Arthur Martins Franco, responsável pela Seção de História do MP; artigos publicados por missionários, viajantes e etnógrafos, tais como os produzidos pelo Padre Francisco de Chagas Lima (1821), Frei Luiz de Cemitille (1882), Telêmaco Borba (1908) e Herbert Baldus (1935); bem como dados de sua pesquisa etnográfica junto aos grupos familiares Kaingang:

[..] panorama da primitiva vida indígena, da qual certos pormenores nos foram realçados não só por etnógrafos e sertanistas, como também pela observação local dos remanescentes da população caingangue no Estado do Paraná (1941, p. 204)

Na segunda parte, Loureiro Fernandes descreve minuciosamente os ‘costumes’ Kaingang e seus artefatos, tais como os materiais, o tamanho, as formas, os usos, as funções do cordel de cipó imbé, as cabaças, os arcos, flechas, bordunas, pilão, os instrumentos musicais, a cestaria, a cerâmica e o vestuário. Além disso, descreve o habitat, as formas de cultivo, das pinturas corporais, dados da organização social, o sistema de cura e rituais e etc.

Recorrendo aos dados e análises de Herbert Baldus (1937), Loureiro Fernandes reafirmou a influência dos costumes não indígenas sobre a população indígena do Toldo de Palmas, assinalando que estes buscam se aproximar ‘tanto quanto possível dos seus vizinhos brasileiros’ (FERNANDES, 1941, p. 204). Desse modo, ao observar que produziam poucos artefatos de valor etnográfico, concluiu que se encontravam “[...] última etapa de transição à cultura sertaneja [...]”, e em pouco tempo “[...] dada perda total de sua cultura, serão autênticos caboclos [...]” (FERNANDES, 1941, p. 208).

Em um item denominado a ‘Capacidade Intelectual’, Loureiro Fernandes relaciona a ‘Acuidade Sensorial Kaingang’, isto é, o apurado desenvolvimento de sua visão e audição à potência em se ‘adaptar ao progresso’, tais como em sua capacidade em aprender a ler e escrever (FERNANDES, 1941, p. 198-199). Desse modo, embora adepto de estudos em antropologia física, a partir dos conceitos de aculturação, miscigenação e extinção, tal como os estudos desenvolvidos no Museu Nacional, de Edgar Roquette-Pinto e Heloisa Alberto

Torres, neste artigo Loureiro Fernandes busca aproximar de uma análise etnográfica em relação ao processo de miscigenação Kaingang.

Em suas primeiras experiências como antropólogo Loureiro Fernandes já demonstra interesse pela imagem fotográfica e a constituição de uma coleção etnográfica como recurso de apoio à pesquisa. As fotografias que ilustram os dois artigos, de 1939 e 1941, se encontram no arquivo documental Loureiro Fernandes no CEB. Conforme aponta em seu artigo, os artefatos advindos dessa experiência¹⁹⁹ Loureiro Fernandes doou ao MP²⁰⁰, asseverando os objetivos que permeavam a sua coleta, isto é, a de transformá-los em objetos e coleções etnográficas.

No campo da arqueologia Loureiro Fernandes realizou suas primeiras pesquisas ainda na década de 1940, coletando fragmentos de cerâmica, bem como artefatos e ossos humanos dos sambaquis do litoral paranaense (CHMYZ, 2006, p. 61)²⁰¹. Essas experiências levaram Herbert Baldus – na ocasião chefe da Seção de Antropologia do Museu Paulista e catedrático de Etnologia Brasileira na Escola Sociologia e Política de São Paulo –, a indicá-lo a Comissão Científica Franco-Brasileira²⁰².

Organizada pelo *Institut Francés des Hauts Études Brésiliennes* e *Musée de l'Homme de Paris* em parceria com a UB e USP²⁰³, com o objetivo de desenvolver estudos pré-históricos, antropológicos e etnográficos, a partir de estudos sistemáticos dos sambaquis do litoral brasileiro (FURTADO, 2006, p. 81; CHYMZ, 2006, p. 52), a indicação a esta Comissão estreitou as relações de Loureiro Fernandes e da arqueologia paranaense com as

¹⁹⁹ Durante esta pesquisa não foi possível identificar se Loureiro Fernandes comprou ou coletou esses artefatos.

²⁰⁰ Entre eles estão o *curú-cuxá* - manto tecido de fibra vegetal de urtiga; *borék* - colar feito de frutos silvestres pretos, de dentes incisivos e caninos de animais mortos em caçadas, tais como coatís, pacas, macacos; flechas; vasilhas de taquaruçu para armazenar líquidos, impermeabilizados com de cera (FERNANDES, 1941). Na coleção, se encontram também cestos, bengala, colher, flechas e maracá Kaingang coletados por Loureiro Fernandes em 1941, e doados pelo antropólogo ao MP.

²⁰¹ É importante destacar que Loureiro Fernandes se empenhou junto ao poder público estadual, na proteção dos sambaquis do litoral paranaense, condenando projetos de desenvolvimento econômico - tais como a construção da Serra do Mar - que resultava em destruição dos sítios arqueológicos. Para tanto, criou em 1948, na Secretaria de Educação e Cultura - do qual ocupava o cargo de secretário -, a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Em 1951 esteve à frente da promulgação do Decreto Estadual Nº 1.346, “[...] que reservava para fins de pesquisas de proto-história os sítios conchíferos existentes no litoral do Paraná. O regulamento daquele ato, na forma de Decreto Nº 5.405, editado em 09 de maio de 1952, estabelecia que a licença para a exploração de sambaquis deveria ser requerida pelos detentores de concessões ao referido órgão estadual, a quem caberia a análise do seu valor científico”. (SCHYMZ, 2006, p. 52).

²⁰² PEREIRA JUNIOR, José Antero. **Carta a Loureiro Fernandes**. São Paulo, 26 de dez. de 1946. CEBDOC177.

²⁰³ *Idem*.

instituições organizadoras, sobretudo, com o *Musée de l'Homme de Paris* (FURTADO, 2006, p. 81; CHYMZ, 2006, p. 52).

Em conjunto, a partir de suas ações e pesquisas na década de 1940, Loureiro Fernandes lançou as bases de seu projeto político-epistemológico entre a biologia, etnografia, arqueologia e museologia. Contudo, entre o final da década de 1940 e o início da década de 1950, mudanças significativas na estrutura político-administrativa do governo estado do Paraná influenciou os destinos das instituições que atuava, tanto do MP como da FFCLPR (ARDIGÓ, 2008, p. 141) redefinindo os projetos científicos de Loureiro Fernandes.

Em 1947, os impasses entre Loureiro Fernandes e o governo do estado paranaense, a respeito do local destinado a construção de uma nova sede para o MP o levaram a pedir demissão do cargo de Diretor da instituição. Tal impasse envolvia um terreno localizado na Praça Santos Andrade, situado em frente à UPR, ao lado da FFCLPR e do CEB (ARDIGÓ, 2008, p. 143). A posição estratégica do terreno correspondia aos anseios político-epistemológicos de Loureiro Fernandes, isto é, marcado espacialmente pela relação do museu com a faculdade. Em 1956, ao se referir ao terreno, Loureiro afirmou “[...] local sem dúvida condigno para a sua importância e utilidade como entidade complementar do ensino superior” (FERNANDES, NUNES, 1956, p. 15).

A pressão, ocasionada pelo pedido de demissão recebeu não apenas o apoio de Moysés Lupion – então governador do estado – mas levou a convidá-lo a assumir o cargo de Secretário de Estado da Educação e Cultura, instituição ao qual o MP se encontrava jurisdicionado. O objetivo era que Loureiro Fernandes conduzisse diretamente os encaminhamentos e a obra da nova sede do Museu²⁰⁴ (ARDIGÓ, 2006, p. 143).

Contudo, embora tenha assumido o cargo, a referida obra nunca teve início e seu projeto para a nova sede do Museu nunca se concretizou. O antropólogo não era o único a vislumbrar a posição estratégica de localização do terreno, e uma disputa acirrada por este envolveu diferentes atores, tais como a Faculdade de Medicina do Paraná (FURTADO, 2006, p. 144; ARDIGÓ, 2006, p. 146). Como desfecho final, Loureiro Fernandes desligou-se definitivamente da direção do Museu em 1949; e, em 1954 foi inaugurado no local, o maior teatro público da capital, denominado de Teatro Guaíra.

²⁰⁴ LUPION, Moysés. **Ofício nº 137/49**. Curitiba, 17 de fev. de 1949. CEBDOC602

Esses embates políticos estavam contextualmente imbricados ao processo de federalização da FFCLPR²⁰⁵. Em 1950, a instituição passou por uma ampla reforma administrativa, didática e científica, tornando-se a UPR (FURTADO, 2006, p. 109; DOTTI, 2017). Entre as mudanças epistemológicas no interior da instituição, destaca-se a exigência de qualificação específica dos servidores e docentes, que eram ainda indicados a partir de relações de amizade e prestígio político (FURTADO, 2006, p. 114). Paralelamente, a criação do IP na UPR - com laboratórios e bibliotecas especializadas – fortaleceu a produção do conhecimento e da pesquisa científica na instituição (FURTADO, 2006, p. 109; DOTTI, 2017, p. 49), realizadas a partir de critérios e metodologias específicas de cada área.

Em conjunto, é provável que essas mudanças tenham redirecionado os caminhos científicos de Loureiro Fernandes no campo da antropologia no início da década de 1950. Ou seja, ao ver enfraquecido seu capital político na disputa do terreno para a sede do MP e a se deparar com os novos paradigmas científicos no cenário universitário, Loureiro Fernandes, assumiu o cargo de Diretor do IP/UPR a partir de onde passou a conduzir suas pesquisas no campo da antropologia. No entanto, não atendia um dos requisitos para ocupar o cargo, isto é, formação específica na área de antropologia.

2.4 Entre a *École d'Anthropologie* e o *Institut d'Ethnologie de Paris*: a formação antropológica de Loureiro Fernandes

Entre os anos de 1952 e 1953, Loureiro Fernandes esteve em Paris, dedicando-se a cursos de especialização nas áreas de medicina²⁰⁶ e antropologia (ANDERSON, 2018, p. 151). Estudou na *École d'Anthropologie*, ligada à *Société de Anthropologie de Paris*, e foi certificado pela *Association pour l'enseignement des sciences anthropologique*²⁰⁷. No mesmo

²⁰⁵ Lei nº 1.254, de 04 de dez. de 1950 (FURTADO, 2006, p. 114).

²⁰⁶ Em Paris, Loureiro Fernandes dedicou-se a cursos de especialização em Ginecologia e Endocrinologia e de Uretro-cistoscopia na *Faculté de Médecine da Université de Paris* (ANDERSON, 2018, p. 151).

²⁰⁷ MARIN, Louis. *Certificat de les cours d'Ethnographie, d'Anthropologie Anatomique, d'Anthropologie Differentielle, de Prehistoire*. Paris, 15 de fev. de 1953. CEBDOC450.

período estudou no *Institut d'Ethnologie*²⁰⁸, ligado ao *Musée de l'Homme de Paris*, sendo certificado pela *Université de Paris*.

Entre uma e outra instituição há diferenças em seus paradigmas constituintes, e a escolha de suas denominações não é fortuita. Na primeira metade do século XX, debates em torno dos conceitos teóricos e metodológicos envolvendo a definição do campo da antropologia e da etnologia movimentavam as instituições francesas, sobretudo os museus, espaços institucionais que abrigavam tais cátedras.

Como parte da *Société de Anthropologie de Paris*, criada pelo médico francês Paul Broca (1824-1880) junto à Faculdade de Medicina de Paris, os paradigmas teóricos metodológicos da *École d'Anthropologie* constituíram-se na segunda metade do século XIX. Segundo Sanabria, em 1859, ao criar a *Société*, Paul Broca estava alinhado às ideias de Edward Willians (1877 – 1842), médico e fundador da *Société d'Ethnologie de Paris* (1839), e propunha que o campo da antropologia abarcasse o estudo da diversidade de raças humanas a partir de suas múltiplas facetas: biológica, social e cultural (SANABRIA, 2018, p. 46; KEULLER, 2008, p. 40). Seguindo esse programa, a *École d'Anthropologie* foi constituída em 1872, a partir de seis cátedras de ensino: duas na área de antropologia física – voltada aos estudos em ciências naturais; duas de antropologia sociocultural – com ênfase nos estudos de linguística e etnologia; e outras duas, dedicadas à pré-história e a demografia (WARTALLE, 2004, p. 133).

No entanto, Paul Broca e os membros da *Société de Anthropologie de Paris*, constituída predominantemente por médicos, preteriram os estudos em etnologia, privilegiando estudos de antropologia física, anatômica e biológica, bem como suas técnicas de craniologia e antropometria, dedicando-se à história natural do homem, à anatomia comparada dos primatas, à filogenia dos homínídeos e à diferenciação racial (CASTRO FARIAS, 1959, p. 07; WARTALLE, 2004; KEULLER, 2008; SANABRIA, 2018, p. 47). Em seu horizonte teórico, relacionavam os caracteres físicos de uma determinada raça como determinantes de seus aspectos intelectuais, culturais e morais (SANABRIA, 2018, p. 48), estabelecendo a partir desse pressuposto uma hierarquia racial da humanidade.

²⁰⁸ No *Institut d'Ethnologie* foi aluno de Melle Alimen, Leroi-Gourhan, Harteg, Paul Levy, Antonin Lanquine e Marcel Maget. RIVET, Paul. **Certificado de regularidade e assiduidade de Loureiro Fernandes**. Université de Paris, Paris, 08 de fev. de 1953. CEBDOC449.

Após a morte de seu precursor Paul Broca, a *Société de Anthropologie de Paris* enfrentou um permanente problema a respeito de seus paradigmas científicos, seus limites de pesquisa - incluindo questões a respeito de sua denominação (WARTALLE, 2004, p. 125). Contudo, no início do século XX, consolidou-se a partir de um caráter estritamente biológico e os estudos socioculturais não encontravam espaço entre os seus membros, incluindo na *École d'Anthropologie* (SANABRIA, 2018, p. 47).

Nesse contexto, os estudos de etnologia realizados na África, Ásia e América permaneceram ligados à empresa colonial francesa, isto é, a cargo de viajantes, missionários e agentes coloniais (SANABRIA, 2018), que também investiam na coleta de espécimes animais, vegetais e artefatos, bem como de ossos e crânios humanos. Transferidos às instituições europeias como coleções científicas, essas coisas estimularam os estudos de cultura material, a partir de um campo denominado etnografia (SANABRIA, 2018, p. 47). Nesse contexto, entre os museus franceses que passaram a receber tais materiais, destacam-se o MNHN de Paris (1793) e o *Musée d'Ethnographie du Trocadéro* (1882).

Como meio de se desvincular de uma antropologia ligada a pressupostos físicos, anatômicos e biológicos, ao lado de Lucien Levy-Bruhl (1857 – 1939) e Marcel Mauss (1872 – 1950), Paul Rivet (1872 – 1958) criou, em 1925, o *Institut d'Ethnologie de Paris*, vinculado à *Univesité de Paris*. Segundo Sanabria, a criação do *Institut* “[...] marcou o reconhecimento acadêmico da Etnologia na França e possibilitou sua estruturação como disciplina, permitindo-lhe forjar seus princípios teóricos e metodológicos e formar os primeiros profissionais especializados” (2018, p. 72).

Em 1928, o debate entre antropologia e etnologia nas instituições francesas foi marcado pela tensão e disputa protagonizada por dois ilustres representantes da *École d'Anthropologie* e do *Institut d'Ethnologie de Paris*: os médicos e antropólogos Henry Victor Vallois (1889-1981) e Paul Rivet. Concorrentes na titularidade da cátedra de antropologia²⁰⁹ do MNHN – o vencedor assumiria também a direção do *Musée d'Ethnographie du Trocadéro* (SANABRIA, 2018, p. 68). Segundo Sanabria, tal disputa “[...] representava não somente a eleição de um novo intelectual para esses cargos, mas, principalmente, a definição e os futuros caminhos da Antropologia nas duas instituições” (2018, p. 117). Exitoso nessa disputa, Paul

²⁰⁹ Em 1856, o naturalista Armand de Quatrefages (1810 -1892), defensor da teoria monogenista acerca da origem humana, transformou a cátedra de Anatomia e História Natural em cátedra de Antropologia (ANDERSON, 2018, p. 158).

Rivet consagrou-se nos cargos das duas instituições e acirrou a ruptura entre a antropologia – predominantemente ligada às questões físicas - e a etnologia na *Université de Paris* (SANABRIA, 2018, p. 73).

Ao comparar a passagem de Loureiro Fernandes nas duas instituições, Anderson argumenta que o *Institut d’Ethnologie* influenciou os rumos da trajetória político-epistêmicos de Loureiro Fernandes nas décadas de 1950 e 1960. Segundo o autor, Loureiro teria se afastado da antropologia física e se aproximado dos referenciais teórico-metodológicos de Paul Rivet e Marcel Mauss – fundadores do *Institut* - sobretudo no campo da antropologia das técnicas (ANDERSON, 2018, p. 154): “Nesta experiência de atualização antropológica, enfim, pode-se dizer que prevaleceu a aderência de José Loureiro Fernandes aos conhecimentos da antropologia das técnicas” (ANDERSON, 2018, p. 155).

Como antropologia das técnicas argumenta Anderson,

Tinha-se por objeto central nesta antropologia a tecnicidade e os produtos da ação humana. A “tecnologia” humana ao longo do tempo estava em evidência, sobretudo o das populações autóctones pretéritas de alhures (e que, sim, continuavam a implicar em leituras teleológicas da humanidade) (2018, p. 155).

Na *École d’Anthropologie* Loureiro Fernandes se dedicou a cursos livres e conferências²¹⁰ nas áreas de: Etnografia com o professor Louis Marin, discutindo as “formas de matrimônio dominantes nos diferentes povos da terra”²¹¹; em Antropologia Diferencial, com Dr. Martiny aprofundou conhecimentos em biotipologia humana “para o estudo das raças humanas”²¹²; em Pré-história²¹³ com J.L. Baudet, aprofundou conhecimentos acerca das principais ideias da pré-história da Europa Ocidental, com aulas práticas no Vale do Sena e em laboratório²¹⁴.

Segundo Loureiro Fernandes, as experiências desse último curso “foram úteis, para quem, não sendo especialista nesses estudos, deve deles se ocupar pela correlação que guardam com o problema da antropogênese²¹⁵”. Dedicou-se também ao curso de

²¹⁰ CEBDOC3102.

²¹¹ *Idem.*

²¹² *Idem.*

²¹³ MARIN, Louis. *Certificat de les cours d’Ethnographie, d’Anthropologie Anatomique, d’Anthropologie Differentielle, de Prehistoire*. Paris, 15 de fev. de 1953. CEBDOC450.

²¹⁴ CEBDOC3102.

²¹⁵ *Idem.*

Antropologia Anatômica, com Henry Victor Vallois, médico, antropólogo físico e paleontologista, catedrático da disciplina ‘*d’Ethnologie des Hommes actuels et des Hommes fossiles*’ do MNHN e diretor do *Musée de l’Homme de Paris* (SANABRIA, 2018). Neste curso, as aulas foram ministradas no *Institut de Paléontologie*, focando “sob o ponto de vista antropológico o tronco e os membros superiores e inferiores”²¹⁶, com análise de técnicas para a documentação desses segmentos do corpo humano.

No *Institut d’Ethnologie* estudou Pré-história, Tecnologia Comparada, Instruções de Antropologia; Etnografia e Linguística da Ásia Meridional, Geologia dos tempos Quaternários e Paleontologia Humana, e Etnografia da França e da Europa²¹⁷. Em sua passagem pelo *Institut*, Loureiro Fernandes destacou a importância das aulas ministradas pelo professor Raul Hartweg em Instruções de Antropologia, a partir de aulas práticas com a coleção de osteologia humana, sobretudo com os diferentes tipos de crânios e reconstituição de ossadas coletadas em jazidas pré-históricas²¹⁸.

De sua experiência no *Institut d’Ethnologie* é inegável a influência dos referenciais teóricos de Paul Rivet sobre Loureiro Fernandes²¹⁹. Em comum, como antropólogos, partilhavam intelectualmente, como destaca Anderson (2018) o interesse pela ‘tecnologia humana’, situando-a em uma linearidade histórica, evolutiva e ao conceito de antropogênese (RIVET, 1943). De volta ao Brasil, o antropólogo paranaense tentou atrair o francês para o DEAN/UPR (RODRIGUES, 2005, p. 60); e articulou com então governador do estado do Paraná - Bento Munhoz da Rocha Neto (1951 – 1954) - para comprar exemplares de livros raros, sobre o Brasil e o continente americano, que figuravam na biblioteca de Paul Rivet²²⁰.

Formado em 1897 no curso de medicina pela Escola Militar de Lyon, a trajetória de Paul Rivet entre a medicina e a antropologia teve início com a sua experiência na Missão

²¹⁶ CEBDOC3102.

²¹⁷ No *Institut d’Ethnologie*, Loureiro Fernandes foi aluno de Alimen Melle; Andre Leroi-Gourhan (1911-1986) - arqueólogo, paleontólogo, paleoantropólogo francês; de Raoul Hartweg, professor de Instruções de Antropologia e Antropologia Física (ANDERSON, 2018, p. 154); de Paul Levy (1909-1998); Antonin Lanquine (1877-1955), Marcel Maget (1909-1994).

²¹⁸ CEBDOC3102.

²¹⁹ No período de sua passagem no *Institut*, Marcel Mauss já havia falecido e o campo teórico proposto por este antropólogo francês não será trazido para debate neste trabalho visto que não foram encontradas relações diretas do antropólogo francês, nos documentos pesquisados, com os referenciais teóricos e metodológicos de Loureiro Fernandes.

²²⁰ FERNANDES, Loureiro. **Carta a Paul Rivet**. Curitiba, 12 de mai. de 1953. CEBDOC051.

Geodésica do Serviço Geográfico do Exército no Equador, onde permaneceu entre os anos 1901 e 1906. Durante esta Missão realizou estudos de história natural – enviando espécimes vegetais e animais para o MNHN e mantendo correspondência com o médico e antropólogo Ernest-Théodore Hamy (1842 – 1908), titular da cátedra de antropologia do referido museu e diretor do *Musée d’Ethnographie du Trocadéro* (SANABRIA, 2018, p.68).

No Equador, Rivet aproximou-se dos grupos indígenas com quem passou a realizar estudos de antropologia física, registrando dados antropométricos e coletando ossos e crânios, que foram enviados às instituições francesas (SANABRIA, 2018, p. 68). Essas relações movimentaram seu interesse pela cultura material do continente americano, mas também pelo registro etnográfico de histórias, costumes e línguas dos grupos indígenas (LAURIÉRE, 2008, p. 484).

De volta à Paris, com uma vasta coleção óssea, arqueológica, etnográfica e linguística, foi consolidando seus estudos no campo da antropologia, mediante o prestígio adquirido durante sua estadia no Equador (LAURIÉRE, 2008; SANABRIA, 2018). Em 1906, integrou como trabalhador livre a equipe de Ernest-Théodore Hamy no MNHN, tornando-se nessa instituição, em 1909, assistente de cátedra do paleoantropólogo René Verneau (1852 – 1938) (LAURIÉRE, 2008; SANABRIA, 2018).

Inevitavelmente, nesse contexto, envolveu-se nos estudos de antropologia física, colaborando em análises de anatomia, craniometria e antropometria a partir dos dados de sua experiência com os grupos indígenas no Equador (SANABRIA, 2018, p.68). No entanto, ciente dos limites e dos determinismos biológicos da antropologia física para responder suas indagações científicas a respeito da origem do homem, afastou-se, em 1910, do campo da antropometria (LAURIÉRE, 2008, p. 488).

Na interface da etnografia, da arqueologia, da paleontologia, da pré-história e da linguística, Paul Rivet passou a dedicar-se ao campo da etnologia, sem, contudo, abandonar completamente os estudos de antropologia física (SANABRIA, 2018). Além disso, assim como os membros do *Institut d’Ethnologie* – Mauss e Levy-Bruhl – voltou-se a combater teorias e práticas científicas racializadas tais como a praticada pela *Société de Anthropologie de Paris*.

Política e intelectualmente influenciado por Franz Boas (1858 – 1942) - com quem se correspondeu entre os anos de 1919 e 1941 (LAURIÉRE, 2008b, p. 70), Rivet declarou: “Franz BOAS a été pour moi un Maître, bien que je n’aie jamais eu la possibilité de suivre son enseignement. Ses ouvrages furent ceux où j’ai trouvé une méthode de travail, et

dans la mesure du possible, um modèle” (RIVET, 1958, p. 251). Segundo Laurière (2008b), entre outros motivos intelectuais que os ligava em um projeto comum, destaca-se a internacionalização da ciência, o interesse pela linguística ameríndia e a luta antirracista.

Interlocutor do antropólogo alemão a respeito de um contexto bélico internacional, que marcou a primeira metade do século XX (LAURIÈRE, 2008b), Paul Rivet destacou-se como intelectual e militante de esquerda na luta contra a ascensão do fascismo europeu²²¹. Com Franz Boas dividiu a convicção acerca das responsabilidades políticas do etnólogo, defendendo que este deveria se engajar em amplos debates contra o preconceito, o fascismo, o racismo, bem como a favor da ciência e da paz mundial. (LAURIÈRE, 2008b, p. 71-72):

Não há razão para acreditar que uma raça seja naturalmente mais inteligente, dotada de grande força de vontade, ou emocionalmente mais estável do que outra, e que essa diferença iria influenciar significativamente sua cultura. também não há razão para acreditar que as diferenças entre as raças são tão grandes, que os descendentes de casamentos mistos devem ser inferiores a seus pais (CASTRO, 2004, p. 82).

Em 1930, Boas teria afirmado que “[...] a questão a respeito de quando ocorreu a primeira migração do homem para a América ainda seja um dos problemas de destaque nas pesquisas sobre paleontologia do período glacial na América” (CASTRO, 2004, p. 90). Em 1943, a partir dessa questão levantada por Boas, Paul Rivet publicou o livro *As origens do homem americano* (1943), orientado pelo método histórico e pela teoria difusionista de Franz Boas (CASTRO, 2004) - defensor dos conceitos de migração, disseminação e crítico das perspectivas evolucionistas que propagavam uma única evolução geral e uniforme da cultura humana (CASTRO, 2004, p. 41).

Nesta obra, Paul Rivet analisa os processos de origem, ocupação e migração do homem no continente americano a partir de seu desenvolvimento biológico, mental e cultural.

²²¹ Entre suas ações, fundou o Comitê de Intelectuais Antifascistas (1934 - 1958); participou da criação da Revista Raça e Racismo (1937) – em que combatia cientificamente os pressupostos racistas hierarquizantes. Durante a Segunda Guerra Mundial, na ocasião da ocupação de Paris pelo exército alemão, Rivet recusou-se a cessar as atividades do MH e, junto com outros funcionários da instituição, editou o jornal chamado *Résistance*, com o objetivo de orientar a população contra os invasores. Denunciados, enquanto seus companheiros foram executados, Rivet refugiou-se na Colômbia - período em que trabalhou, palestrou e escreveu *As origens do Homem Americano* (SANABRIA, 2018, p. 77-78). No período pós-guerra, Paul Rivet elegeu-se deputado em Paris (1945 – 1951) (SANABRIA, 2018) e participou ativamente das ações políticas internacionais da UNESCO, tornando-se e *Membre du Comité central de la Ligue des droits de l'homme* (1947-1958). Além disso, comungava com os projetos científicos desta instituição, a partir de uma evolução científica e cultural da humanidade (LAURIÈRE, 2008, p. 496).

Com interesse nas invenções e nos aperfeiçoamentos tecnológicos da cultura material no continente, Rivet investiga o que as coisas são, mas como elas vieram a ser a partir da propagação de traços culturais e de artefatos, em uma inter-relação cronológica com a geologia²²², a pré-história, a paleontologia, a arqueologia e a linguística (RIVET, 1948, p. 13; CASTRO, 2004, p. 88).

Institucionalmente, a influência política-epistemológica de Boas sobre Rivet concretiza-se na fundação, em 1937, do *Musée de l'Homme de Paris* – antigo *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*:

C'est donc a BOAS que je dois d'avoir réalisé, après 20 ans d'efforts, le Musée de l'homme. C'est aussi lui que m'a fait comprendre la solidarité qui existe entre les caractères physique, biologiques, culturels, linguistiques des différentes branches de l'humanité. Il fut em effet avec une égale maîtrise: anthropologue, ethnographe et archéologue, historien de l'art et linguiste (RIVET, 1958, p. 95).

Inspirado no projeto museológico de Franz Boas, que incluía o desenvolvimento da ciência, o entretenimento, a instrução e a pesquisa (JACKNIS, 1985, p. 86), ao lado de Georges Henri Rivière – vice-diretor do *Musée* -, Paul Rivet empreendeu uma vasta reforma física e intelectual na instituição, definindo os princípios que orientavam o MH como museu etnográfico.

Além de impulsionarem o aumento do acervo, a partir de expedições que passaram a coletar coisas com critérios eminentemente científicos, ambos consideravam a educação como ponto central dos objetivos do *Musée*: “os museus deveriam ir além da preservação e conservação das coleções, assumindo importância social que deveria ampliar-se a cada dia e estava ligada à educação popular” (SANABRIA, 2018, p. 85). Contudo, segundo Sanabria, a mudança intelectual mais importante no projeto do *Musée* que ‘transformaria a museologia etnográfica’ foi a ideia de museu-laboratório.

De sua experiência de formação no *Musée de l'Homme*, Loureiro argumentou acerca dos cursos de antropologia e etnologia serem ministrados em seu interior:

Asseguravam uma maior eficiência, pois, frequentemente eram solicitadas peças antropológicas ou etnográficas para as demonstrações em aula e, além disso, periodicamente os assistentes das cadeiras ministravam aulas práticas no próprio

²²² Paul Rivet recorreu aos períodos geológicos, divididos cronologicamente - azóico, mesozóico, cenozóico e quaternário - para problematizar o surgimento do homem neste último período, a partir de um conceito evolucionista e geológico da terra e dos seres que a habitam (RIVET, 1948, p. 13-14).

recinto da exposição do museu, servindo-se das vitrinas de demonstração ao público. Aliás, a organização dada as coleções representam uma síntese muito bem ilustrada e documentada de um curso de antropologia e etnologia²²³.

Como principais objetivos, o *Musée* privilegiava o seu papel científico, e os objetos ali depositados eram tomados como fontes e “testemunhos” de conhecimentos, principalmente para alunos de escolas de etnologia. A educação popular e pedagógica, promovida pela instituição, ocorria por meio de exposições do acervo abertas ao público externo da academia, e nesse contexto, os objetos eram também tomados como representativos de arte primitiva (SANABRIA, 2008; LAURIÉRE, 2008, p. 500).

Sob a administração de Paul Rivet, a partir desses critérios, o circuito de suas exposições temporárias e permanentes do *Musée* reunia objetos etnográficos, mapas, textos e fotografias e foram divididos em galerias: a de antropologia física e paleontologia dedicavam-se ao estudo do ser humano, sua evolução e raças; as galerias étnicas denominada ‘*Des Arts et Techniques*’ apresentavam as características raciais, a vida material, as técnicas e as artes de diferentes partes do mundo (SANABRIA, 2018, p. 88).

Entre as ideias de Boas presente em Rivet, ambos defendiam uma identidade do campo da etnologia com uma ciência de cunho humanista (SANABRIA, 2018, p. 75). Desse modo, fundado em conceitos humanistas, o *Musée* voltou-se a defender a igualdade humana e o respeito à diferença cultural. Para tanto, estabeleceu-se uma relação entre ‘tecnologia’ e uma solidariedade universal humana:

[...] museo absolutamente revolucionario para su tiempo y que pretendía ser una máquina de guerra contra las ideas prevalentes sobre el primitivismo de las poblaciones exóticas, contra su inferioridad, al tiempo que se proponía desmontar el racismo y sus prejuicios. Conservador de la civilización material, el Museo del Hombre demuestra que la etnología es una disciplina de vigilancia, una escuela de optimismo que busca, mediante los objetos allí expuestos, probar la indefectible solidaridad que une a todos los hombres mostrando las aptitudes técnicas comunes que equivalen a un peldaño en el camino de ascenso hacia el progreso (LAURIÉRE, 2008, p. 490-491).

Embora criado para combater os ideais fascistas, racistas, biologicistas e hierarquizantes, à frente do *Musée de l’Homme de Paris*, Paul Rivet não eliminou completamente de seu arcabouço etnológico e museológico o conceito de raça, e com apoio das coleções etnográficas ali depositadas, o campo da etnologia desenvolvia-se em paralelo

²²³ CEBDOC3102.

com os estudos de antropologia física, etnografia, arqueologia, linguística e paleontologia, visando alcançar uma visão abrangente do desenvolvimento tecnológico humano (SANABRIA, 2018, p. 83).

Além disso, ancorado em paradigmas colonialistas em que reafirmava a superioridade europeia e seu papel em conduzir o desenvolvimento dos demais povos, então colonizados, rumo à civilização (SANABRIA, 2018, p. 73), durante a gestão de Rivet, o *Musée* instituição se converteu em um importante instrumento de propaganda colonial, abrigando vasta documentação das populações ao qual dominavam (SANABRIA, 2008).

Em outras palavras, o conceito de humanismo de Rivet abarcava uma crítica política-epistemológica aos limites da antropologia física, anatômica e biológica para compreender questões raciais, históricas, socioculturais e tecnológicas de diferentes contextos, ao mesmo tempo em que defendia uma hierarquia epistemológica eurocêntrica entre ‘selvagens’ e ‘civilizados’ (LAURIÉRE, 2008, p. 492-493).

Não apenas o *Musée de l’Homme de Paris*, mas o próprio *Institut d’Ethnologie* fundado e financiado pelo Ministério das Colônias (SANABRIA, 2018, p. 73), também emerge em meio às relações da antropologia com a empresa colonial francesa, e que assumiram um importante papel institucional de domínio colonial e civilizatório:

Sendo assim, a Etnologia institucionalizou-se na França como uma ciência intrinsecamente ligada ao colonialismo, sendo até mesmo amparada economicamente por este. Os princípios científicos e os ideais por trás da criação do *Institut d’Ethnologie de l’Université de Paris* demonstram a existência de um conjunto de intelectuais franceses que, no início do século XX, começavam a repensar a importância da diversidade cultural e das alteridades para a humanidade, mas, ao mesmo tempo, compreendiam o colonialismo como um processo legítimo e favorável ao desenvolvimento das colônias e da ciência etnológica (SANABRIA, 2018, p. 73).

Esse viés colonialista marcou as exposições etnológicas permanentes organizadas por Paul Rivet (1938 – 1949) no período que esteve à frente do *Musée de l’Homme de Paris*:

Nesse sentido, a produção de um discurso expositivo que sustentasse a ideia de que as intervenções nas colônias eram realizadas para o próprio bem dessas e para fornecer direitos iguais a todos os seres humanos – o que seria alcançado quando estes reproduzissem os modos de vida europeus –, somente poderia dar origem a um humanismo paradoxal, no qual o princípio da universalidade dos seres humanos era utilizado como um artifício retórico para cercar a sua autonomia (SANABRIA, 2018, p.116).

Nesse sentido, como aponta Sanabria (2018), compreende-se também como a antropologia física perdia espaço nos discursos expositivos, visto que apresentava limites para expor a diversidade cultural e o discurso colonial-humanista. Por outro lado, a etnografia se expandia enquanto ciência, e os objetos oriundos dessa prática, figuravam em destaque, diante do qual era possível atingir tal objetivo (SANABRIA, 2018, p. 120).

Em um tripé de conceitos, as exposições etnológicas do *Musée* sustentavam:

[...] como ciência (Etnografia), empreendimentos culturais (Exposição Colonial) e política (projeto imperial) se entrelaçaram para a produção do discurso humanista colonial, ao mesmo tempo em que se favoreciam (eram produzidos) por eles (SANABRIA, 2018, p. 119-20)

Em 1949, ao ser obrigado a deixar o *Musée* devido à sua aposentadoria compulsória, Paul Rivet entregou o cargo ao seu grande rival – por quem “nutria uma inimizade alimentada durante décadas”²²⁴ (SANABRIA, 2018, p. 116): o antropólogo físico Henry Victor-Vallois – catedrático de antropologia anatômica na *École d’Anthropologie*, de antropologia pré-histórica no *Institut de Paléontologie Humaine*, diretor da Revista *L’Anthropologie* e secretário geral da *Société de Anthropologie de Paris* (1937 – 1969) (SANABRIA, 2018).

De 1950 a 1960, enquanto esteve à frente do *Musée de l’Homme de Paris*, Vallois dedicou-se a essas coleções e ao setor de antropologia, sobretudo ao estudo da coleção osteológica de Paul Broca (SANABRIA, 2018, p. 122). No entanto, como apontado acima, a antropologia física perdia cada vez mais espaço nas instituições francesas, não apenas pelo interesse do *Institut de Ethnologie* e de Paul Rivet nos aspectos da diversidade tecnológica humana; mas também reforçado nos paradigmas intelectuais pós-guerra – sobretudo emanados pela UNESCO – contra a violência de teorias racistas e colonialistas (SANABRIA, 2018, p. 123).

Na França, este movimento político e intelectual contou com o apoio de Claude Lévi-Strauss e Michel de Leiris – este último responsável pelo departamento de África Negra

²²⁴ Em 1941, perseguido pela GESTAPO, Paul Rivet foi forçado ao exílio na Colômbia entre 1941 e 1944. Durante esse período, o antropólogo Henry Victor-Vallois assumiu os cargos de Paul Rivet nas instituições francesas, tais como a cadeira de *Ethnologie des hommes actuels et des hommes fossiles* no MNHN e de diretor do *Musée de l’Homme*, fato que teria acirrado a rivalidade entre ambos (SANABRIA, 2018, p. 120)

do *Musée de l'Homme de Paris* e atingiram sobremaneira a relação dos estudos de antropologia física e etnologia, mas também as exposições com a retirada das coleções osteológicas das galerias etnográficas a partir do ano de 1952. Paradoxalmente, enquanto esteve à frente da instituição Paul Rivet manteve a exibição dessas coleções, sendo desvinculadas pelo antropólogo físico Henry Victor-Vallois (SANABRIA, 2018, p. 123).

Ao desvincular as coleções osteológicas da etnografia e da etnologia, a relação com as disciplinas de linguística e geologia ganham amplo destaque no *Musée de l'Homme de Paris* (SANABRIA, 2018, p. 125). Estas disciplinas permitiam a instituição estabelecer relações de aproximação e expansão cultural entre as diferentes culturas e regiões, congregando difusionismo e evolucionismo, tal como defendia Paul Rivet (SANABRIA, 2018, p. 132). Em suas exposições etnográficas, o conceito evolucionista se assentava no discurso de que costumes denominado 'primitivos' eram sobrevivências de um passado superado pelos europeus, e em via de superação pelos demais povos e regiões ali representadas (SANABRIA, 2018).

Na década de 1950, quando Loureiro Fernandes se especializou em Paris, o *Musée de l'Homme de Paris* já era reconhecido internacionalmente pelos seus no campo da etnologia com ênfase nos estudos americanistas (SANABRIA, 2018, p. 82). Nesse contexto de debates e de importantes mudanças nos paradigmas institucionais franceses em torno das disciplinas de antropologia e etnologia, que Loureiro Fernandes se encontrava em Paris.

Sobre a passagem de Loureiro com a *École d'Anthropologie*, com a antropologia física e Henri Victor-Vallois, Anderson argumentou:

Ele fora um professor de Loureiro Fernandes, conforme aponta o certificado da *École d'Anthropologie* e seu caderno de anotações que não traremos à análise, pois este foi um episódio de sua trajetória quando em que tão somente foi reforçada a ênfase de antropologia física em Loureiro Fernandes, que, já dissemos, não volta a ser sua prioridade de carreira enquanto antropólogo que renuncia a labuta médica. O que é diferente de sua especialização no *Institut d'Ethnologie*, instituição que com seus membros renovou e expandiu o quadro da antropologia estritamente física na França (2018, p. 155).

E mais:

[...] a década de 1950 para ele foi uma década de nova aproximação no campo da antropologia: estava se envolvendo com a Associação Brasileira de Antropologia (nas comissões organizadoras da RBA), credenciado por sua frente nas questões indigenistas e arqueológicas, bem como lidando com o folclore. Há um forte enraizamento destas frentes com a causa patrimonial que Loureiro Fernandes vinha se engajando, cuja amplitude sua participação enquanto um intelectual público, professor universitário com cátedra em antropologia e experiente em gestões

museológicas foram decisivas. Todos esses tópicos demonstram bem a antropologia das técnicas sendo modular em suas interfaces temáticas, principalmente na antropologia e no folclore - não mais tanto a antropologia física que sua herança formativa propiciara até então (2018, p. 155-156).

De fato, a experiência de Loureiro Fernandes em Paris, sobretudo no *Musée de l'Homme de Paris*, consolidou a relação do antropólogo paranaense com os estudos de cultura material, com seu interesse na produção e na tecnologia humana, bem como com o campo da etnografia e da linguística. No entanto, do mesmo modo que os estudos de antropologia física permaneceram nessa instituição, ainda que em segundo plano, vinculadas às galerias de antropologia, sendo suprimida completamente apenas na década de 1970 (SANABRIA, 2018, p. 126), a relação de Loureiro Fernandes com a antropologia física e os paradigmas da *École d'Anthropologie* também permearam diferentes momentos de sua trajetória intelectual nas décadas de 1950 a 1970.

2.5 Os paradigmas antropológicos de Loureiro Fernandes

De volta ao Brasil, entre os anos de 1953 a 1967 – ano de sua aposentadoria, a partir do IP/UEF Loureiro Fernandes movimentou sua vida intelectual organizando cerimônias, conferências e homenagens a diversos cientistas; exposições etnográficas; cursos e intercâmbio científico nas áreas em que realizou cursos nas instituições francesas.

Em 1954, participou do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, na cidade de São Paulo. Na ocasião, Loureiro Fernandes apresentou o artigo *Notas de antropologia física nos Kaingang de Palmas*, em que descreve os resultados de suas observações de pesquisa antropométricas e somatoscópicas realizadas nos anos 1939, 1953 e 1954²²⁵. Do mesmo modo que o artigo publicado em 1939, articula o campo da antropologia à biologia, a partir de dados osteológicos, da estatura, índice cefálico, facial e nasal, Loureiro Fernandes levanta hipóteses acerca do grau de mestiçagem dos índios Kaingang.

²²⁵ FERNANDES, Loureiro. **Notas de antropologia física nos Kaingang de Palmas**. Curitiba, ago. de 1954. CEBDOC3442

Sobre essa experiência pode-se entrever os objetivos de Loureiro Fernandes em dar continuidade aos estudos de antropologia física²²⁶:

A carência de estudos antro-po-físicos sobre os Kaingangue do Paraná, levou o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia do Paraná a planejar uma investigação nesse setor a ser progressivamente realizada nos postos indígenas desse Estado da Federação Brasileira, pois nesses postos, da 7ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios, encontram-se ainda indivíduos com puras características ameríndias a par de indivíduos de franca fisionomia mestiça²²⁷.

Em 1956 criou o CEPA vinculado ao IP da UPR, investindo em escavações nos Sambaquis da Ilha do Corisco (município de Antonina), Sambaquis do Guaraguaçu (município de Paranaguá), na Jazida José Vieira (no Vale do Rio Ivaí). Segundo Loureiro, essas pesquisas propiciaram “significativos resultados obtidos no estudo preliminar desta para a proto-história paranaense”²²⁸. Por meio do CEPA aprofundou as relações de intercâmbio com os arqueólogos franceses Joseph Empereire e Annette Laming-Empereire do *Musée de l’Homme de Paris*; e Clifford Evans e Betty Meggers do *Smithsonian Institution de Washington* (CHMYZ, 2005, p. 95). Em 1957, Joseph ministrou o curso ‘Arqueologia Pré-histórica’ na UPR, que segundo Loureiro Fernandes permitia a formação inicial de alunos e bolsista²²⁹.

Em 1958, criou o DEAN, para onde tentou atrair, como apontado anteriormente, o antropólogo Paul Rivet (RODRIGUES, 2005, p. 60). Seguindo o modelo do *Musée de l’Homme de Paris*, em seu interior criou um Museu Didático, constituindo predominantemente um acervo científico de coisas indígenas que utilizava como apoio didático às cátedras que ministrava. Além disso, organizou uma sala de exposições de ‘Educação Popular’, voltada ao público externo da universidade; um Gabinete de Antropologia Física; um Gabinete de Linguística, além de uma vasta biblioteca. Organizou também uma sala acústica destinada a receber os arquivos sonoros de pesquisa e um Laboratório Cinematográfico, local em que Vladimir Kozák atuava e arquivava os materiais

²²⁶ FERNANDES, Loureiro. **Notas de antropologia física nos Kaingang de Palmas**. Curitiba, ago. de 1954. CEBDOC3442.

²²⁷ CEBDOC3796b.

²²⁸ CEBDOC2082

²²⁹ *Idem*.

fotográficos, filmicos e sonoros de pesquisas realizadas pelo IP, CEPA e DEAN (CHMYZ, 2005, p. 102).

Entre os eventos organizados por Loureiro Fernandes em Curitiba, destacam-se o II Congresso de Folclore Brasileiro em 1953 (FURQUIM, 2015, p. 39) e a IV Reunião de Antropologia Brasileira, em 1959. Neste último evento, a relação de Loureiro Fernandes com a antropologia física e sua experiência na *Société d'Anthropologie de Paris* permeou as conferências de abertura, destinadas a homenagear o centenário de três acontecimentos relevantes para o pensamento científico: a fundação da *Société d'Anthropologie de Paris*, a publicação da *Origem das Espécies* de Darwin (1859) e o reconhecimento público da antiguidade do homem proclamada por Boucher de Perthes²³⁰.

A homenagem à Darwin ficou a cargo do antropólogo Egon Schaden na conferência intitulada “*A obra científica de Darwin e sua importância para a antropologia*”²³¹; e Luís de Castro Farias, antropólogo do Museu Nacional, proferiu uma Conferência de abertura intitulada “*Paul Broca e a Société d'Anthropologie de Paris*”²³², destacando a trajetória antropológica do fundador desta instituição.

Como presidente de ABA, em sua conferência de abertura, Loureiro Fernandes também fez referências aos homenageados. Quanto à contribuição de Darwin afirmou:

[...] a publicação da “ORIGEM DAS ESPÉCIES” e dos trabalhos de Darwin que se seguiram, merecem ter seu valor realçado pelas novas referências que emprestaram à antropogênese e à taxonomia. Quando buscamos uma referência para classificar, para situar numa categoria taxonômica, no mundo biológico, o homem, é que sentimos o alto valor do pensamento de Darwin, procurando vincular no tempo e no espaço categorias zoológicas extintas às ainda viventes. Não há [como] negar o interesse que proporcionou para os estudos da antropogênese esta perspectiva darwiniana, ao tentar elucidar elos que prendem entre si diferentes formas de vida²³³.

E mais,

Se não podemos ir ao extremo de afirmar que só Darwin, nesse momento, tornou possível o progresso da antropologia, não podemos deixar de reconhecer quão

²³⁰ Jacques Boucher de Crèvecœur de Perthes (1788 – 1868) foi o primeiro arqueólogo francês a relacionar a existência do homem no início do Período Quaternário. CASTRO FARIAS, Luís. *Paul Broca e a Société d'Anthropologie de Paris*. Conferência de Abertura, **IV RBA**. Curitiba, 15 a 18 de jul. de 1959. MAE/UFPR.

²³¹ SCHADEN, Egon. *A obra científica de Darwin e sua importância para a antropologia*. Conferência de Abertura, **IV RBA**. Curitiba, 15 a 18 de jul. de 1959. MAE/UFPR.

²³² CASTRO-FARIA, Luiz. **Paul Broca e a Sociedade de Antropologia de Paris**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Publicações Avulsas do Museu Nacional, 59). 1973.

²³³ FERNANDES, Loureiro. Discurso de Abertura. **IV RBA**, Curitiba, 15 a 18 de jul. de 1959. MAE/UFPR. (*Grifos do autor*).

fecunda foi esta concepção nova da antropologia ter como objeto - o homem em evolução. A curiosidade do homem sobre o seu próprio ser, estendendo-se por novos e amplos campos de investigação torna forçosamente necessária a especialização, mas nos seus excessos, não podemos esquecer, que, para determinados fins científicos o ser humano não pode deixar de ser colocado no mesmo plano dos demais seres vivos²³⁴.

Sobre a relação da *Société d'Anthropologie de Paris*, Paul Broca e a antropologia, Loureiro Fernandes argumentou:

Na Conferência a ser realizada hoje à noite, pela palavra do Prof. Luís de Castro Faria, vamos, por decisão do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Antropologia, homenagear a Sociedade de Antropologia de Paris, a primeira fundada no mundo, neste setor de ciências, cujo centenário ocorreu a 19 de maio do corrente ano. Sociedade pioneira, a qual teve um dos seus principais fundadores, Paul Broca, um dos homens da ciência mais sábios de sua geração, cujos métodos e técnicas bem como orientação geral das pesquisas em antropologia física, tiveram influência universal, “das mais amplas e duradouras”, pois foram as melhores da época. Decorrido um século, seria um pecado grave de emissão, esquecermos entre as brilhantes iniciativas intelectuais daquela época, a fundação da Sociedade de Antropologia e as seguras diretrizes transmitidas por Broca e sua escola a todos os pesquisadores do mundo, inclusive aos raros brasileiros que naquele tempo se ocuparam de estudos dessa natureza²³⁵.

Por fim, quanto à antropologia física ressaltou:

As comemorações centenárias do corrente ano, de predominante interesse para os antropólogos físicos, mais uma vez nos darão ensejos a meditarmos sobre as etapas percorridas no mundo das ideias, pelo pensamento antropológico, particularmente em face ao biológico. Em uma sincera análise, por mais breve que seja, força-nos a reconhecer que o biológico e o antropológico não só têm sido influenciados mutuamente, mas também se tornaram parte de um mesmo clima intelectual. No entanto, nos últimos anos tem sido registrada a tendência de antropólogos sociais a prosseguirem sua tarefa, sem qualquer referência aos campos da biologia, não parece desejável essa especialização, a ponto de omitir relações que serviriam a esclarecer, no passado, teorias biológicas e comportamentos sociais na solução de problemas antropológicos²³⁶.

Em seus discursos, os conferencistas destacaram a importância da trajetória desses cientistas, da antropologia física, do evolucionismo e da *Société* para os estudos em antropologia. No entanto, também reconhecem que seus referenciais teóricos não permaneceram incólumes ao tempo e às críticas científicas.

²³⁴ FERNANDES, Loureiro. Discurso de Abertura. **IV RBA**, Curitiba, 15 a 18 de jul. de 1959. MAE/UFPR. (*Grifos do autor*).

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ *Idem*.

Como antropólogo, a relação de Loureiro Fernandes com a antropologia física foi também movimentada pela experiência de contato com os Xetá. Em 1961, ano da última expedição científica a Serra dos Dourados, o antropólogo paranaense esteve empenhado em conseguir apoio financeiro, nacional e internacional, para a continuidade de suas pesquisas junto aos grupos familiares. Para tanto, elaborou a partir do DEAN um orçamento complementar e solicitou recursos à UPR e ao CNPQ²³⁷. Vale ressaltar que neste orçamento, Loureiro Fernandes menciona um projeto de pesquisa, com previsão de duração de dois anos²³⁸, aprovado pelo *International Committee on Urgent Anthropological Research* da UNESCO²³⁹ e contaria com o montante de \$2.000,00 dólares.

Em seu orçamento complementar estava previsto o pagamento de compra de material de pesquisa - filmes Kodak Chrome, fitas magnetofônicas e demais equipamentos²⁴⁰; serviço de etno-sociólogo, antropólogo, intérprete, desenhista, cinetécnico, taxidermista²⁴¹ e um especialista em genética humana²⁴². Por fim, o projeto culminaria com a organização de uma exposição científica com a coleção Xetá. Neste projeto, o antropólogo Herbert Baldus atuaria como Diretor e Loureiro Fernandes como coordenador das pesquisas²⁴³. Para a pesquisa em etno-sociologia, Baldus e Loureiro cogitaram o nome de Roberto Cardoso de Oliveira:

[...] quando o nosso saudoso Herbert Baldus foi procurado em fins dos anos 50 por Alfred Metraux, então da UNESCO, para indicar alguém – brasileiro ou estrangeiro – que pudesse realizar uma pesquisa sobre a estrutura social dos Xetá (então recentemente descobertos), ele inçou-me justificando ser eu um ‘etnosociólogo’ que poderia dar conta do recado! Na cópia da carta, que teve a gentileza de me mandar, baseava-se no fato de ter eu – segundo ele – formação sociológica... (foi um convite que, aliás, afinal não pude aceitar, interessado que estava então em iniciar o estudo dos Tükúna). (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 114).

²³⁷ FERNANDES, Loureiro. **Plano e orçamento de pesquisa enviado a Brasil Pinheiro Machado**. Curitiba, 18 de jan. de 1961. CEPA/UFPR.

²³⁸ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 148/60 enviado a Heloisa Alberto Torres**. Curitiba, 07 de nov. de 1960. CEPA/UFPR.

²³⁹ FERNANDES, Loureiro. **Plano e orçamento de pesquisa enviado a Brasil Pinheiro Machado**. Curitiba, 18 de jan. de 1961. CEPA/UFPR.

²⁴⁰ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 124/1961**. 29 de dez. de 1961. CEBDOC613.

²⁴¹ FERNANDES, Loureiro. **Orçamento para o projeto de pesquisa antropológica sistemática dos índios da Serra dos Dourados, Paraná-Brasil. Anos de 1961 e 1962**. Curitiba. 17 de out. de 1960. CEPA/UFPR.

²⁴² FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 124/60 enviado a Herbert Baldus**. Curitiba, 10 de set. de 1960.

²⁴³ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 137/60 enviado a Robert Heine Geldern**. Curitiba, 12 de out. de 1960.

Demonstrando explicitamente suas intenções em estudos antropométricos, nesse mesmo orçamento, Loureiro Fernandes solicita recursos para a aquisição de aparelhos na Suíça para pesquisas em Antropologia Física e Biologia Racial²⁴⁴; e também auxílio à pesquisa intitulada “Desenvolvimento Físico de Escolar em Curitiba”, realizada pela sua aluna Eny Camargo de Maranhão, que possuía “[...] por base 900 fichas antropométricas, resultantes da mensuração em escolas de vários grupos da capital”²⁴⁵.

Em 1966, em cartas trocadas com sua aluna Maria José - que se encontrava na ocasião realizando estágio em museologia, arqueologia e pré-história em Portugal e na França – Loureiro Fernandes solicitou que a aluna adquirisse materiais expositivos, tais como: “[...] moldes de crânios de pitecantropídeos, pré sapiens, pré neandertalianos, neandertal, grimaldi, cro-magnon, chancelade e etc”²⁴⁶, para serem usados em uma exposição permanente, sem, no entanto, identificar a instituição que os receberia.

Em resposta Maria José lhe encaminha faturas dos moldes de gesso de restos humanos fósseis, emitidos pelo *Institut de Paléontologie* do MNHN e do *Musée l’Homme de Paris*, a serem pagos pelo DEAN/UPR e MAAP. Na carta a aluna lhe explica:

Difícil obter moldagens de antropídeos, principalmente peças originais: por exemplo, de gorila, o museu não faz moldagem; a peça original custa caríssimo visto a caça aos gorilas estar proibida, pois, os mesmos estão em vias de extinção na África²⁴⁷.

Ainda em 1966, Loureiro Fernandes pretendia realizar um curso de especialização em antropologia física, com ênfase em:

[...] craneologia e osteologia, fundamentado no material ósseo, colhido nas jazidas arqueológicas do Paraná, de comum acordo, formulei por carta uma consulta ao Prof. Raul Hartweg de Paris, atualmente também lecionando Antropologia e Paleontologia Humana na Universidade de Québec no Canadá. Especializado em material ósseo, paleo-ameríndio, seria o cientista indicado para a realização do curso de que o nosso Departamento carece nesta fase de seu desenvolvimento [...]”²⁴⁸.

²⁴⁴ FERNANDES, Loureiro. **Orçamento para o projeto de pesquisa antropológica sistemática dos índios da Serra dos Dourados, Paraná-Brasil. Anos de 1961 e 1962.** Curitiba. 17 de out. de 1960. CEPA/UFPR.

²⁴⁵ *Idem.*

²⁴⁶ Fernandes, Loureiro. **Carta a Maria José.** Curitiba, 04 de mar. de 1966. MAE/UFPR.

²⁴⁷ Maria José. **Carta a Loureiro Fernandes.** Paris, 27 de mar. de 1966. MAE/UFPR.

²⁴⁸ FERNANDES, Loureiro. **Carta à Helena Garfunkel.** Curitiba, 30 de set. de 1966. CEBDOC489.

Os estudos de antropologia física e paleontologia também estão presentes em seus programas didáticos da disciplina de antropologia física²⁴⁹ entre as décadas de 1950 e 1970, ao propor estudos de zoologia, antropogênese, antropometria, craniometria, fisiologia e hematologia a partir do conceito de raça. No entanto, em 1963, o programa de Loureiro incluía a disciplina de antropologia cultural, com discussões a respeito da ‘indústria da tecnologia humana’, ‘desenvolvimento da cultura’, organização social, estrutura social e estudos de parentesco – família, descendência, linhagens, clãs e sistema de metades. No entanto, esta pesquisa não encontrou os referenciais bibliográficos e teóricos que embasavam suas discussões acerca desses conteúdos.



Figura 66 - Loureiro Fernandes, DEAN/UPR, s.d.. Ao fundo, observa-se painel de crânio de homínídeos²⁵⁰.

²⁴⁹ FERNANDES, Loureiro. **Planos de aula**. Curitiba, s.d.. CEPA/UFPR.

²⁵⁰ CEB.



Figura 67 - Loureiro Fernandes, DEAN/UPR, s.d.. Ao fundo, observa-se molde ou coleção osteológica de corpo humano²⁵¹.

Como catedrático de arqueologia Loureiro propunha os estudos de geologia e pré-história – com destaque para a arte e o ‘homem na pré-história da América’. Na disciplina de etnografia, orientava-se por meio dos conceitos de raça, cultura e aculturação. Dividida em etnografia brasileira e etnografia geral, as disciplinas ambas propunham estudos correlatos à área de antropologia física, linguística e etnologia, incluindo estudos com as populações negra e ameríndia – com destaque para os grupos Tupinambá e do tronco linguístico Jê - e ‘outros povos’ da Europa, da Ásia, da Oceania, da África e da América,

Em sua trajetória como catedrático de antropologia, o Programa de Loureiro Fernandes apresenta pouca variabilidade teórico-conceitual, visto que suas questões científicas permanecem em seu horizonte de interesses, conforme se observa em seus programas de 1956, 1958, 1959, 1960, 1961 e 1963²⁵². Entre uma divisão de antropologia geral e física, dispostas na interface das áreas da etnografia, geologia, paleontologia, pré-história, linguística e arqueologia uma questão temporal se impõe na política-epistemológica de Loureiro Fernandes.

²⁵¹ CEB.

²⁵² *Idem.*

Seguindo os referenciais de Paul Rivet, como pesquisador e catedrático, os estudos de Loureiro Fernandes incluíam de modo significativo estudos acerca da esfera biológica e tecnológica. Para tanto, recorria a estudos de antropometria, craniometria, fisiologia e etc., mas também aos aspectos de cultura material – a habitação, a alimentação, o vestuário, as armas e instrumentos, a agricultura, a indústria, o comércio e os meios de transporte e a linguística, situados em distintos espaços e tempos²⁵³. Conteúdos esses imbricados aos conceitos de raça e cultura.

No entanto, diferente de Rivet, esses conteúdos animavam suas reflexões acerca de teorias da ‘evolução humana’ e antropogênese – e suas questões relativas ao surgimento, à antiguidade e evolução física e cultural do homem – problemas que inquietaram a intelectualidade de Loureiro Fernandes, desde os tempos em que discursava no CEB. Em outras palavras, mesmo após suas experiências em Paris, a trajetória política-epistemológica de Loureiro Fernandes não abandonou completamente as questões propostas pela ‘velha antropologia’, ao qual se referiu e criticou Edgar Roquette-Pinto (SOUZA, 2011).

Desse modo, divergimos de Anderson (2018) quando afirma que Loureiro Fernandes teria se afastado dos estudos de antropologia física após sua experiência no *Institut d’Ethnologie*. Contudo, concordamos com o autor quando este afirma que o espaço que permitia a Loureiro Fernandes abarcar e consolidar seu projeto político-epistemológico multifacetado, entre a biologia e a tecnologia humana, era sem dúvidas os museus e a sua relação com as coleções científicas:

Ao menos na França, o único local onde havia uma aparição ou um cruzamento desses diferentes resultados metodológicos de Antropologias polarizadas, todas elas a tornarem-se autônomas, só se encontrava nos acervos etnográficos dos museus de etnologia, museus focados na exposição da diversidade étnica advinda de várias localidades do mundo, mesmo que esta tenha sido representada pela ótica da exotividade (ANDERSON, 2018, p. 153).

Em outras palavras, argumentamos que o campo da antropologia de Loureiro Fernandes, é eminentemente aquele gestado no interior dos museus europeus e brasileiros, ainda na primeira metade do século XX. Sobretudo quando comparado aos cânones da antropologia social britânica, estrutural francesa e norte-americana, que na primeira metade

²⁵³ CEB.

do século XX procuraram se distanciar dos estudos biológicos e raciais, e se institucionalizar nos espaços universitários.

Para Anderson, Loureiro Fernandes tinha consciência dos diferentes programas dessa ciência em crescente processo de consolidação de seus referenciais teóricos e de sua institucionalização universitária (2018, p. 153). No entanto, seguindo os pressupostos de Rivet e sua experiência no *Musée de l'Homme de Paris*, Loureiro Fernandes defendia que os museus eram uma 'entidade complementar do ensino superior' (1956, p. 15), conforme se verifica no organograma abaixo:

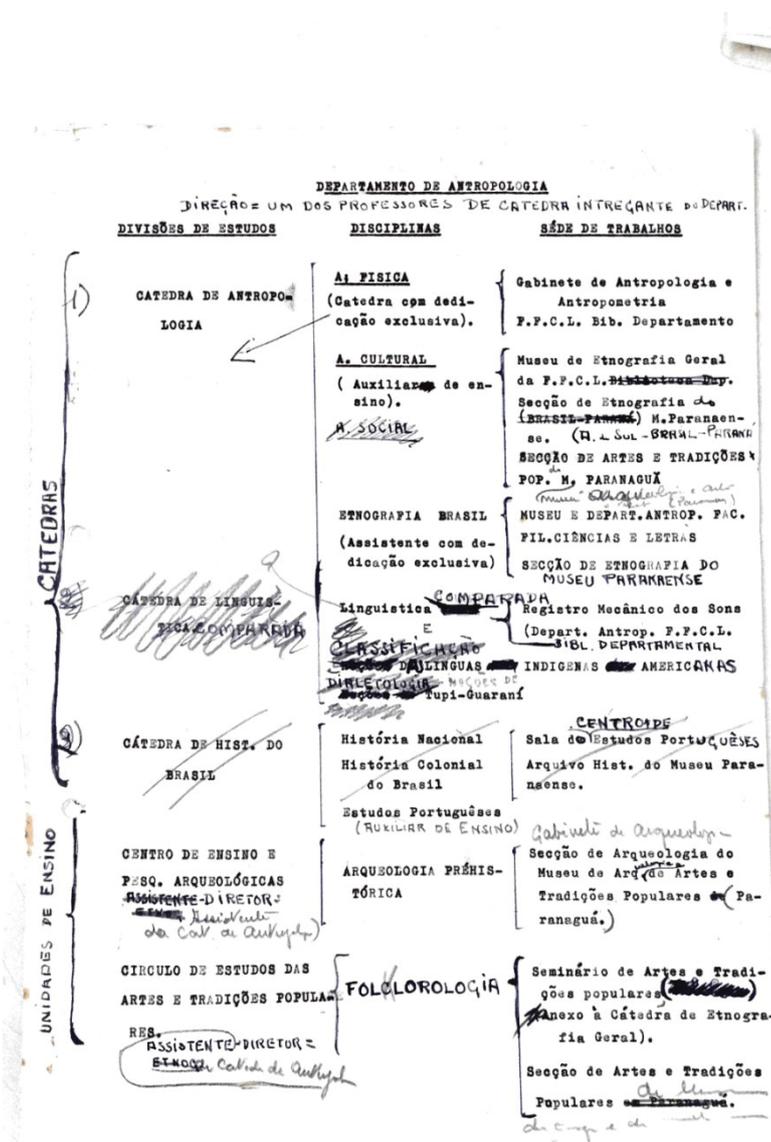


Figura 68 - Organograma do DEAN/UFPR²⁵⁴

²⁵⁴ MAE/UFPR.

Desse modo, o antropólogo paranaense manteve ao longo de sua trajetória político-epistemológica o constante diálogo com as práticas museológicas, com o colecionismo e a organização de exposições científicas. Para compreender melhor os argumentos aqui propostos analisaremos as exposições científicas organizadas por Loureiro Fernandes no DEAN/UPR, como o destino da coleção Xetá, visto que se destaca como protagonista nas ações do antropólogo.

2.6 A coleção Xetá no DEAN: as exposições científicas

Entre 1958 e 1993 a coleção Xetá foi exibida em exposições científicas nas galerias do seu Museu Didático - localizado nas estruturas do DEAN. Organizadas, sobretudo, no mês de abril, em comemoração à Semana do Dia do Índio, as exposições contaram com a colaboração de diferentes agentes e distintos referenciais teórico-metodológicos - tanto da antropologia como da museologia – e que refletem etapas distintas de sua história de vida.

Em uma primeira etapa no DEAN é marcada pela relação com o seu colecionador, isto é, Loureiro Fernandes. Entre os anos de 1955 e 1967, o antropólogo recorreu a objetos classificados com científicos que constituíam a coleção do DEAN, em que estava inserida a Xetá, como materiais de apoio pedagógico para as disciplinas que então ministrava. Além disso, nesse período, foi direta e indiretamente, o responsável pela organização das exposições científicas no Departamento.

Para esta ação, contou com a colaboração de Marília Duarte Nunes, sua aluna do curso de Geografia e História na UPR e estagiária na Seção de Antropologia do Museu Paranaense. No início da década de 1950, Marília estagiou no Museu do Índio-RJ, sendo a única estagiária da instituição entre 1953 e 1957 (MARTINEZ, 2012, p. 137). Segundo Martinez, sobre essa experiência lhe foi transmitido:

[...] instruções sobre técnicas museológicas, restauro, organização de fichários e mostruários, fotografias, classificação, registro e numeração de peças, projetos de exposição, química para proteção e conservação de artefatos indígenas (MARTINEZ, 2012, p. 137).

Posteriormente, entre 1963 e 1967, Marília tornou-se Diretora do MP. Em 1964, com o apoio de Loureiro Fernandes, realizou estágios de museologia em Lisboa-Portugal e no *Musée de l'Homme de Paris*.

Em 1958, ocasião da inauguração das novas instalações da UFP e do DEAN, a coleção Xetá figurou como protagonista na primeira exposição científica organizada pelo Departamento. Sobre essa exposição Loureiro Fernandes declarou:

Na exposição do Índio Brasileiro, referente aos indígenas do Paraná damos particular ênfase aos índios recém descobertos na Serra dos Dourados, no município de Cruzeiro do Oeste. Os já hoje famosos índios “Xetá”²⁵⁵.



Figura 69 - Professor Loureiro Fernandes apresenta a exposição “Índio Brasileiro”²⁵⁶.

Objetos Xetá foram expostos ao lado das coleções Karajá e Kayapó, também pertencentes ao Departamento, e de objetos da plumária Urubu Kaapor, emprestados do Museu do Índio; de uma coleção de pinturas de Vladimir Kozák – retratando os ornamentos de grupos indígenas do PINX²⁵⁷, a exposição foi intitulada *O índio Brasileiro*.

²⁵⁵ Gazeta do Povo, 26 de out. de 1958.

²⁵⁶ *Idem*.

²⁵⁷ Gazeta do Povo, 19 de out. de 1958.

A segunda exposição ocorreu em 1959, também em comemoração a Semana do Dia do Índio e foi *O índio americano* (NUNES, 1963, p. 06). Nessa exposição, a coleção Xetá figurava novamente ao lado de objetos do PINX, tais como Karajá e Tukano; e de objetos emprestados do MP pertencentes aos grupos Chamacôco do Paraguai, Lengua da Argentina e Guarayo da Bolívia (NUNES, 1963, p. 06). Ainda como parte do evento, foi exibido um cine-documentário sobre os adornos dos grupos Sanapaná, Jívaro e Sirionó – em que se destacava a matéria-prima e a confecção dos objetos (NUNES, 1963, p. 06).



Figura 70 - Exposição *O índio americano*, DEAN/UPR, 1963²⁵⁸.

Segundo Nunes, essas duas exposições seguiram os mesmos referenciais teóricos, metodológicos e museológicos. Em relação à primeira exposição à autora afirmou: “[...] como técnica museológica lançou-se mão de “stands” práticos onde se procurou documentar seqüências da vida tribal, funcionando anexo o sistema de visita guiada” (NUNES, 1963, p. 04). Ao descrever os ‘stands’, Nunes (1963) ressalta os conceitos temáticos e tipológicos que orientaram a exposição:

²⁵⁸ CEB

[...] o problema da **habitação** foi focalizado partindo-se do conceito de que “habitação é o resultado pelo qual o homem modifica parte do ambiente natural para torná-lo apto a oferecer abrigo, criando-lhe meio favorável que possibilita a vida humana nas mais diversas latitudes” (NUNES, 1963, p. 04 – grifos da autora).

No **vestuário** salientada sua finalidade protetora, apresentou-se diferentes tipos de tangas e cobre sexos, esclarecendo-se sobre as diversas matérias-primas empregadas, bem como a função do traje como distintivo social, como é o caso da tanga Karajá (NUNES, 1963, p. 04 – grifos da autora).

A objetivação dos **adornos** foi feita através da arte plumária do índio brasileiro, documentando-se para o visitante, como o indígena explora com maestria a avifauna das regiões que habita, aproveitando a multicolor plumagem dos pássaros, material precioso que a natureza lhe oferece para sua expressão artística (NUNES, 1963, p. 04 – grifos da autora).

A mostra de cerâmica explicava o que representou para nosso aborígene a conquista da arte oleira sem descuidar-nos contudo, do seu aspecto artístico (NUNES, 1963, p. 05).

[...] montamos um ‘stand’ no qual diferenciamos os tipos de pontas de flechas (de madeira, osso e virote) explicando-se sua utilização (NUNES, 1963, p. 05 – grifos da autora).

Aliando conceitos de função e estética dos objetos ali representados, bem como a relação entre natureza e cultura seguindo os conceitos que marcavam a experiência de Marília Duarte Nunes no Museu do Índio. Nesse contexto, este Museu organizava exposições voltadas:

A exibição das habilidades humanas e dos conhecimentos práticos de processos biológicos, químicos, físicos e mecânicos e de uso dos materiais pelas populações indígenas, no Brasil, procurava demonstrar o aproveitamento e controle do mundo natural em defesa da universalidade da ação, do espírito e das necessidades humanas (MARTINEZ, 2012, p. 133-134).

Ainda em 1959, foi organizada uma terceira exposição no DEAN, como uma das atividades da IV RBA, realizada em Curitiba. Uma primeira parte da exposição foi dedicada à apresentação da coleção Xetá, com destaque para o “[...] vestuário, adornos, armas, utensílios e instrumental lítico” (NUNES, 1963, p. 07). Com apoio de documentação fotográfica, foi dada primazia à sequência de confecção do arco Xetá, que apresentava cenas da madeira bruta, do corte com lascas de pedra até a pintura e colocação da corda (NUNES, 1963, p. 07). Ao lado, como material expográfico, figurava o artigo de Loureiro Fernandes, *Os índios na Serra de Dourados* (NUNES, 1963, p. 07), apresentado em 1958 na III RBA, em Recife. No artigo, a descrição rigorosa dos artefatos Xetá, caracterizando em detalhes os seus materiais, confecção e usos.

A segunda parte da exposição, intitulada *A Evolução do Homem*, foi organizada em homenagem a Charles Darwin e em comemoração aos cem anos de publicação do livro *A origem das espécies* (1859). Nessa parte da exposição, fica novamente evidente a amplitude epistemológica de Loureiro Fernandes no campo da antropologia, ao incluir a relação da disciplina não apenas com a arqueologia pré-história, mas com a ‘evolução do homem’, conceitos de raça e as áreas da biologia e zoologia:

Por gentileza do BRITIS MUSEUM (Natural History) que nos cedeu os negativos das fotografias das vitrines que no referido museu documentam “A evolução do homem”, pudemos em ampliações de 1,25 x 0,95 realizar boa montagem museológica, distribuindo o material em oito painéis e complementando a apresentação dos moldes em gesso dos pré-hominídeos e Raças Humanas Fósseis, adquiridas no MUSÉE DE L’HOMME de Paris (NUNES, 1963, p. 08 – grifos da autora).

Seguindo princípios evolucionistas, essas exposições destacavam o estágio pré-histórico, lítico e primitivo dos grupos familiares Xetá contatados no contexto das expedições científicas. Para tanto, Loureiro Fernandes e Marília Nunes recorriam aos objetos da coleção como materialidade dessa temporalidade. Loureiro Fernandes afirmou “[...] a primitividade foi assinalada pelos machados de pedra, raspadores, lascas de cortar e implementos de osso”²⁵⁹; enquanto a Nunes reforçou: “O instrumental lítico consistiu na apresentação do machado e de lascas de pedra, utilizadas por essa população primitiva, como lâminas cortantes e raspadores” (NUNES, 1963, p. 07).

Nunes também afirmou:

Nesta exposição dedicada ao índio americano, procuramos dar ênfase a um “facie” regional. Uma vitrine especial documentava a cultura Xetá, grupo descoberto, recentemente no Paraná e que tem despertado, no público paranaense, um grande interesse (NUNES, 1963, p. 07).

Vale lembrar que o artigo de Loureiro Fernandes incluído como material da exposição de 1959²⁶⁰, o antropólogo afirmava:

A nosso ver, um dos méritos dessa comunicação é podermos graças à organização cine-fotográfica da Universidade do Paraná, trazer a exame dos presentes em boa

²⁵⁹ Diário do Paraná, 19 de abr. de 1960; O Estado do Paraná, 20 de abr. de 1960.

²⁶⁰ FERNANDES, Loureiro. **Ofício n° 13/59**. Atividades da Seção de Antropologia no ano de 1958. Curitiba, 30 de jan. de 1959. MAE/UFPR

técnica kodak chrome, cenas da vida extremamente primitiva desse grupo indígena cuja existência era ignorada. Além de ser documentário único do gênero, pois ao focalizar os índios brasileiros, em plena cultura lítica, conseguiu registrar um fâcies sobrevivente, do índio na era pré-cabralina.²⁶¹

Essa temporalidade pré-cabralina perpassa também a narrativa de Loureiro ao comentar a primeira exposição, organizada em 1958:

As condições nas quais esses índios foram encontrados - assegurou - são verdadeiramente excepcionais. Vivendo ao sul do Ivaí, nos vales profundos dos afluentes da margem esquerda de sua foz, conseguiram evitar contato com os civilizados, mantendo assim em toda a pureza a sua cultura primitiva. São índios que verdadeiramente se encontram na situação dos índios do Brasil na era pré-cabralina²⁶².

Ainda no ano de 1959, foi organizada uma exposição do DEAN/UPR, em comemoração ao Dia das Nações Unidas²⁶³ orientada pelos paradigmas emanados da IBECC/UNESCO. Segundo Nunes, em diálogo com a Comissão Estadual do IBECC – do qual Loureiro Fernandes era presidente - e do DEAN/UFPR, do qual era diretor, foi organizada uma exposição de fotogravuras intitulada *UNESCO: Declaração Universal dos Direitos do Homem* (NUNES, 1963, p. 08). Em acordo com as diretrizes do *Musée de l'Homme de Paris* e como membro da Comissão Estadual da IBECC/UNESCO²⁶⁴, Loureiro Fernandes, seguia os documentos, objetivos e diretrizes internacionais emanados desta instituição no período Pós Guerra, entre eles a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Para a UNESCO, os museus assumiam um papel pedagógico de assegurar a valorização e o respeito à diversidade cultural, no intuito de evitar ou prevenir medidas discriminatórias, bem como possíveis conflitos entre os interesses de diferentes povos (ABRANTES; AZEVEDO, 2010, p. 471; NUNES, 1963, p. 08).

Para tanto, essas exposições científicas eram organizadas a partir de um caráter didático-pedagógico, com o objetivo atrair não apenas a comunidade acadêmica da universidade, mas estudantes e professores de escolas públicas, bem como os demais interessados buscando despertar "[...] a atenção do grande público para aspectos

²⁶¹ *Idem.*

²⁶² Gazeta do Povo, 28 de out. de 1958.

²⁶³ Comemorado em 24 de outubro.

²⁶⁴ Criada em 1946, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criada como o objetivo de propagar por meio da educação a cultura da paz (ABRANTES; AZEVEDO, 2010, p. 471).

antropológicos de nossos problemas" (1963, p. 02). Desse modo, a exposição de 1959 teve como objetivo o combate à discriminação racial, os direitos do homem que envolve educação, vida cultural, liberdade religiosa e de pensamento (NUNES, 1963, p. 08).

De sua experiência, na organização das quatro primeiras exposições científicas realizadas no DEAN, Marília Duarte Nunes publicou, em 1963, um artigo na Revista Arquivos do Museu Paranaense denominado *As apresentações museológicas num departamento universitário*, resultado de um primeiro trabalho apresentado no II Congresso Nacional de Museus, realizado em São Paulo, em 1959.

Assim como defendia Loureiro Fernandes, Nunes destacou a importância da visitação pública às exposições científicas, reforçando o caráter didático do museu no ensino da cátedra de antropologia não apenas para os alunos da UPR, mas a sua potência de expandir os objetivos de sua ação educadora:

Face a aceitação que teve pelo público a primeira exposição departamental deliberamos realizar outras mostras cujo temário foi tratado num aspecto menos especializado, o qual sem prejudicar seriamente, o caráter didático específico dos alunos da Faculdade, dava margem à apresentação mais genérica dos temas, tornando-se assim acessíveis ao grande público. Ocorre também que a Antropologia, tomada no seu sentido lato, como ciência do homem, tem a possibilidade de, ao expor temas específicos e restritos, de finalidade didática, e ao usar técnica museológica adequada, interessar igualmente, o grande público na apresentação desses temas (1963, p. 02).

Além disso, as exposições movimentavam o capital político e científico de Loureiro Fernandes, do DEAN e da UPR, ao promoverem suas pesquisas no campo da antropologia. Desse modo, a imprensa jornalística se fazia presente assumindo um papel fundamental: visibilizar, valorizar e atrair público para as exposições científicas e a Universidade, como se observa na matéria publicada em 1959 no jornal *Gazeta do Povo*:

Não seria estranhável, portanto, que passemos a elogiar o esforço da Universidade, em favor das pesquisas antropológicas, na extensão geográfica paranaense. Sentimos, contudo que o trabalho do Instituto de Antropologia, hoje ligado diretamente à Universidade do Paraná, merece mais do que referências esporádicas e encomiosas. Precisa ser exaltado e divulgado pois a meritório, do ponto de vista científico²⁶⁵.

E mais,

²⁶⁵ *Gazeta do Povo*, 24 de abr. de 1959.

A exposição sobre índios americanos, presentemente aberta, nas modernas instalações da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, representa um esforço sincero dos que se dedicam aos estudos antropológicos. A começar pelos objetos colhidos entre os índios que habitam a região de Cruzeiro do Oeste, até o material obtido no Maranhão, tudo é interessante para assinalar a valiosa colaboração dos que se empenham em estudar os usos e costumes das tribus indígenas americanas²⁶⁶.

A partir de jornais da época, que se encontram nos arquivos do CEPA/UFPR, foi possível identificar três exposições no início da década de 1960 no DEAN/UPR. A primeira em 1960, organizada pelo linguista Aryon Rodrigues – na ocasião, professor das disciplinas de Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani no DEAN/UPR²⁶⁷, e responsável pela constituição do arquivo linguístico e sonoro Xetá na Serra dos Dourados. Organizada em comemoração ao Dia do Índio, essa exposição foi denominada *Índios e suas línguas* e privilegiou a importância do conhecimento sobre os grupos indígenas a partir de sua língua²⁶⁸. Desse modo, a coleção e a língua Xetá foram apresentadas, novamente ao lado dos objetos Karajá, Urubu-Kaapor, Kamayurá, Auetí e Kayapó²⁶⁹. Na ocasião, dois jornais locais noticiaram a presença de “um índio Xetá”²⁷⁰ na abertura da exposição. Possivelmente, Tucanambá, que nesse período residia em Curitiba e mantinha relações esporádicas com Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák.

Em 1961, o DEAN/UFPR também organizou duas exposições. A primeira, em comemoração ao “Dia do Índio Pan-Americano”²⁷¹. Como organizadores, alunos de Loureiro Fernandes recorreram a mapas, fotografias e material arqueológico no intuito de “[...] mostrar as evidências das primitivas populações índias que ocupavam o território da América²⁷²”, particularmente das jazidas do planalto e do litoral paranaense.

Embora esta pesquisa não tenha encontrado referências a coleção Xetá nessa exposição, as referências ao povo precederam à exposição. Como parte das comemorações do DEAN/UFPR, uma homenagem do *Rotary Clube Leste* aos grupos indígenas contou com a presença de Dival de Souza, chefe da 7ª IR/SPI, Loureiro Fernandes e Tucanambá “[...] figura

²⁶⁶ Gazeta do Povo, 24 de abr. de 1959.

²⁶⁷ Diário do Paraná, 19 de abr. de 1960.

²⁶⁸ Diário do Paraná, 12 de abr. de 1960.

²⁶⁹ O Estado do Paraná, 20 de abr. de 1960.

²⁷⁰ O Estado do Paraná, 20 de abr. de 1960; Diário do Paraná, 19 de abr. de 1960.

²⁷¹ Oldemar Blasi, Maria José Menezes, Margarida Andreatta e Wilson Rauth arqueólogos e alunos do DEAN/UPR. FONTE: Estado do Paraná, 20 de abr. de 1961.

²⁷² Estado do Paraná, 20 de abr. de 1961.

central na reunião, recebendo justas homenagens dos rotarianos, em nome de toda a população aborígene”²⁷³.

Em 1963, com o tema *Adornos Indígenas* a exposição do DEAN/UFPR. Jornais da época dão conta de que esta seria a sua VIII exposição. Entre seus objetivos apresentar a “[...] a tendência inata de manifestação artística que os silvícolas possuem”²⁷⁴. Nessa exposição, o evolucionismo, como referencial teórico ainda se faz presente:

[...] à civilização o que o elemento autóctone produz, suas características e costumes. Através dos adornos por eles utilizados no corpo, os antropologistas podem distinguir as diferentes tribos em que estão divididos os indígenas brasileiros, servindo para aquilatar os diferentes níveis e traços de culturais, em evolução que denotam²⁷⁵.

Também não foi possível encontrar referências diretas à presença da coleção Xetá nessa exposição. No entanto, ao analisar a descrição dos materiais que constituem os objetos apresentados na exposição, há indícios que estes estivessem representados com os adornos labiais, os colares de ossos de animais e tangas de fibras vegetais²⁷⁶.

Furtado (2006, p. 325) registra ainda as seguintes exposições organizadas pelo DEAN/UPR na década de 1960: *Declaração dos Direitos Humanos*, em dezembro de 1964; *Ritos Brasilíndios de Passagem*, em abril de 1964; *Aspectos Religiosos do Folclore no Paraná*, em agosto de 1964; *Arqueologia Pré-Histórica e Origem do Homem Americano*, em abril de 1964; *Os números na superstição*, em agosto de 1965. Contudo, esta pesquisa não encontrou documentos com informações a respeito dessas exposições.

²⁷³ Estado do Paraná, 20 de abr. de 1961.

²⁷⁴ Última Hora, 18 de abr. de 1963.

²⁷⁵ *Idem.*

²⁷⁶ *Idem.*

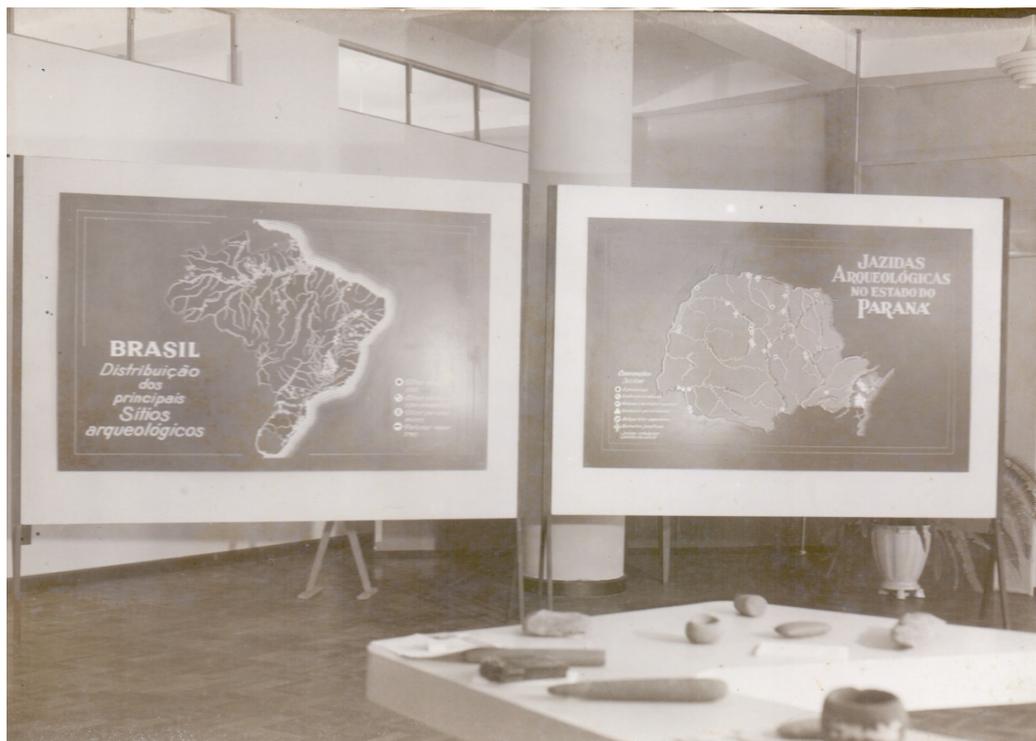


Figura 71 - Exposição DEAN/UPR, Curitiba, s.d.²⁷⁷.

Documentos encontrados nos arquivos da UNIDOV/MAE/UFPR indicam que em 1963 a coleção Xetá, tais como o machado de pedra, as armadilhas, o pilão e as fotografias estavam presentes na exposição de inauguração do MAAP. Como vimos anteriormente, este museu assim como o DEAN, foram espaços criados, institucionalizados e organizados por Loureiro Fernandes e, em princípio, foram destinados a receber, abrigar e exibir coleções científicas de contextos socioculturais diferentes.

Enquanto o DEAN recebia e exibia predominantemente artefatos representativos dos grupos indígenas - sobretudo do PINX – e suas coleções eram classificadas como científicas e/ou etnográficas; o MAAP por sua vez, recebia e exibia objetos do litoral paranaense, constituindo coleções identificadas como de folclore, cultura popular e arqueologia (FURQUIM, 2015).

Ao defender que essas instituições eram complementares didática e cientificamente e considerando a fluidez da política-epistemológica de Loureiro Fernandes, como coisas, os objetos científicos eram contextualizados e recontextualizados constantemente a cada exposição. Em outras palavras, o uso dos objetos como material de

²⁷⁷ CEB.

apoio didático e nas exposições científicas mediava o trânsito e o intercâmbio entre as disciplinas de seu interesse e nas instituições ao qual esteve à frente.

Orientado pelo problema da “evolução do homem” as coleções de grupos indígenas eram tomadas a partir de categorias analíticas temporalizadas que permeavam o arcabouço teórico das disciplinas a que Loureiro Fernandes se dedicava. Entre as categorias que recorriam para se referir ao povo e coleção Xetá destacam-se lítico, pré-histórico, primitivo, caçador-coletor, etc.. Em relação ao povo Xetá, chama atenção a constante referência de que se tratava de “[...] *“fácies”* vivos da pré-história brasileira [...]”²⁷⁸.

E essa referência não é ocasional. A categoria *fácies* foi evidenciada pela geologia ainda na primeira metade do século XIX²⁷⁹ para se referir as especificidades de minerais; foi (re)apropriada pela paleontologia a partir do termo fósseis utilizada pela arqueologia para se referir ao conjunto de artefatos com características semelhantes de um espaço tempo passado. Acompanhada do termo “*vivos*”, Loureiro Fernandes mobiliza ainda referenciais de um tempo presente, evidenciando referenciais da biologia, da etnografia e da linguística. Vale lembrar que desde o século XIX, as exposições etnográficas do Museu Nacional buscavam representar os grupos indígenas como grupos “vivos”, em oposição às exposições de antropologia física e arqueologia com ênfase nos grupos passados (ANDERMANN, 2004, p. 147).

Em outras palavras, ao se referir aos grupos Xetá como *‘fácies vivos’* permite Loureiro Fernandes mobilizar passado e presente e estabelece uma linearidade evolutiva da humanidade, tanto na esfera biológica, tecnológica e histórica. E do qual a coleção Xetá é exibida como testemunha dessa temporalidade.

Situados nessa categoria temporal fluida, abria-se espaço para os objetos Xetá - e de outros grupos indígenas - estivessem presentes nas exposições do MAAP. Denominada *Evolução das Técnicas* (VÖRÖS, 2011) ou *Roteiro Evolutivo das Técnicas* (FURQUIM, 2015), a exposição de 1963 no MAAP, foi organizada por Loureiro Fernandes – na ocasião, fundador e Diretor do Museu – e contou com a colaboração da museóloga Marília Duarte Nunes e do arqueólogo Igor Chmyz (VÖRÖS, 2011, p. 27).

Segundo Nunes,

²⁷⁸ FERNANDES, Loureiro. **Ofício para Moisés Lupion**. Curitiba, 19 de abr. de 1956. MAE/UFPR.

²⁷⁹ Pelo geólogo suíço, Amann Gressly, em 1838.

[...] a programação adotada pelo Museu de Arqueologia, estabelecendo que as coleções arqueológicas e etnográficas deveriam ressaltar as técnicas utilizadas pelo homem brasileiro, nos períodos pré-histórico e histórico, veio, desde logo determinar o objetivo básico dos planos da exposição: a necessidade de documentar a dinâmica das técnicas nos vários aspectos da cultura material do homem brasileiro (NUNES, 1966, p. 01-02).

Seguindo os mesmos princípios museológicos das exposições do DEAN/UPR, e do qual Nunes colaborou, a primeira exposição do MAAP, ressaltou os aspectos tipológicos e funcionais dos objetos, isto é, os diferentes tipos matérias-primas e da “atividade humana dentro de uma cultura”, “para melhor compreensão do problema evolutivo das técnicas” (NUNES, 1966, p. 02). Além disso, também com vistas à educação popular e didática, Nunes destacou:

[...] foi nossa intenção transmitir, em cada vitrine, dois conteúdos, duas mensagens culturais ao público: uma de caráter tecnológico, fixando os meios de ação do homem sobre a matéria-prima; a outra de natureza funcional, documentando o uso desse instrumental criado, face às necessidades do homem de atuar no meio ambiente (NUNES, 1996, p. 02).

Segundo Loureiro,

Logo no início dos trabalhos tivemos de considerar que no projeto de montagem das coleções estava estabelecido para o museu um roteiro de técnicas, partindo das técnicas pré-histórias do lascamento lítico, focalizando a sua sobrevivência e a existência de outras próprias nas comunidades indígenas brasileiras, para por fim, atingir a tecnologia popular da nossa era pré-industrial (FERNANDES, 1973, p. 26)

Em entrevista à Voros (2011) Igor Chmyz afirmou:

O Museu não visava uma determinada cultura, não se interessava em dizer aquele grupo fazia isso, isso e aquilo. O Museu desejava mostrar como surgiram as técnicas que permitiu o Homem sobrepujar o ambiente, quer dizer, dominar o ambiente e sobreviver. Então aí começa: Pedra. Pedra Lascada, Pedra Polida, passando pelo domínio da cerâmica, e... um hiato, porque o museu não queria se dedicar muito à etnografia, mas saltar dessa evolução inicial tecnológica para o que o Loureiro chamava de “Arte Popular” (...) E então, aí tratava da tecnologia caipira, tecnologia cabocla, pré-industrial. Aí parava, porque aí quando entra a máquina, a coisa muda de figura, mas enquanto era artesanato, o Museu enfocou. (VÖRÖS, 2011, p. 28).

Por se tratar de uma exposição na estrutura de um Museu, foram montadas vitrines temáticas: vitrine da pedra lascada, técnicas de plumária, técnicas de alimentação, técnicas de pesca (NUNES, 1966), indicando uma linha de tempo universal que visava mostrar o desenvolvimento de técnicas na relação de transformação de matérias-primas (VÖRÖS, 2011, p. 27; FURQUIM, 2015, p. 151).

A ‘vitrine’ Xetá esteve representada por um painel do artista curitibano Poty Lazzarotto (1924 – 1998), produzido em 1962, a partir das fotografias de Vladimir Kozák na Serra dos Dourados. O painel apresenta os Xetá nesse espaço tempo, confeccionando e produzindo artefatos – tais como o machado de pedra, empregando técnicas de subsistência com o uso de pedras, madeira e cestaria, o pilão, o preparo do fogo, da erva mate, descansando no *tapuy* etc.

Ao recorrer a este painel na exposição, Furtado questiona: “Por que Loureiro Fernandes, que estudou e divulgou internacionalmente, este grupo indígena paranaense não fez uso da sua produção cultural nas salas de exposições do Museu de Paranaguá” (2006, p. 319). Como resposta, levanta a hipótese de que uma cláusula no convênio firmado entre o DPHAN e o MAAP, em 1958, o preocupava quanto ao destino das coleções depositadas no MAAP:

[...] deixando de convir à Universidade do Paraná, a manutenção do serviço, poderá denunciar o presente convênio, com a antecipação de seis meses, mediante notificação à DPHAN. Nessa eventualidade o acervo passará a ser jurisdição exclusiva desse órgão (FURTADO, 2006, p. 319).

Em outras palavras, esta cláusula estabelecia que eventuais problemas na administração do MAAP ou o desinteresse da UPR – e que o arquivo documental de Loureiro Fernandes revela que não eram poucos – os acervos da instituição passaria a pertencer ao DPHAN. Ou seja, para Furtado haveria indícios que o destino da coleção Xetá para as estruturas do DEAN e o pouco uso que Loureiro Fernandes a dispôs no MAAP foi uma estratégia encontrada pelo antropólogo para resguardá-los sob seu domínio e do DEAN, “[...] a salvo de qualquer risco de perda para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [...]” (2006, p. 320).

Ao mesmo tempo, o painel de Poty Lazzarotto foi o modo encontrado para incluí-los na referido exposição do MAAP. Segundo Furtado, à época Loureiro comunicou a Rodrigo de Melo Franco, Diretor do DPHAN:

[...] a montagem do museu teve um avanço razoável, apesar de todas as dificuldades... o Poty, esteve aqui e executou o painel destinado a dar uma visão do conjunto de uma pequena aldeia índia cujo grupo ainda se encontra sob o ponto de vista das técnicas na área da cultura marginal (FURTADO, 2006, p. 319).

No entanto, ao comparar a presença da coleção Xetá nas exposições DEAN e MAAP, se observa que embora fossem orientados pelos dos mesmos princípios epistemológicos, antropológicos e museológicos - guardam devidas particularidades a respeito das formas que foram inseridos nesses contextos. Diferente das exposições temáticas do DEAN, organizadas anualmente, no MAAP, em uma temporalidade expositiva de longa

duração (VÖRÖS, 2011; FURQUIM, 2015, p. 147), a presença Xetá configurou-se no roteiro permanente, a partir do qual algumas coisas foram inseridas e retiradas, isto é, contextualizados e recontextualizados de forma constante e dinâmica, até início dos anos de 1990 (VÖRÖS, 2011, p. 32).

No DEAN, a coleção Xetá era exibida como protagonistas ao lado outras coleções etnográficas, predominantemente de outros grupos indígenas – com destaque para aqueles do PINX. No MAAP, objetos etnográficos Xetá foram dispostos ao lado de objetos de outros contextos socioculturais, no intuito de projetar uma linha temporal, evolutiva e universal da evolução do homem e suas técnicas: primitivas, pré-históricas, populares, folclóricas ou etnográficas. Nessa linha, os objetos Xetá materializavam e reforçavam as teorias de Loureiro Fernandes acerca da antiguidade da presença humana em território paranaense e na América. Ademais, nos registros do DEAN, Tucanambá, um dos sobreviventes do povo Xetá aparece como convidado, na exposição do MAAP um recibo de pagamento indica que foi contratado como consultor, tendo recebido remuneração para fornecer informações a respeito das funções e os usos dos artefatos no espaço de vida na Serra dos Dourados²⁸⁰.

Furtado conclui de forma muito pertinente os usos da coleção Xetá:

[...] estes artefatos permaneceram em um limbo científico, ou seja, foram apropriados em nome da ciência e da investigação, foram exibidos nacional e internacionalmente como troféus exóticos e amordaçados como os atores sociais que o fizeram e, na reserva técnica do museu permaneceu engessado, representando a dura realidade da pesquisa etnológica [...] (2006, p. 321)

Por fim, mas não menos importante, os objetos, fotografias e o cine-documentário Xetá, testemunhos da temporalidade acima mencionada e da experiência científica de Loureiro Fernandes e do DEAN, permitiram a estes agentes movimentarem seu capital político e científico.

²⁸⁰ PARANÁ, Tucanamba José. **Recibo** proveniente de pagamento por serviços especializados prestados na montagem do material indígena. Curitiba, 12 de dez. de 1963. MAE/UFPR.



Figura 72 - Loureiro Fernandes exige o machado de pedra Xetá²⁸¹.

Ao publicar em 1959, 1.000 duplicatas do artigo *Os índios da Serra dos Dourados*, Loureiro Fernandes o distribuiu para inúmeras instituições científicas, nacional e internacional²⁸², mobilizando a partir do caso Xetá, seu reconhecimento como antropólogo, os méritos das pesquisas do DEAN/UFPR e da ciência paranaense, ampliando desse modo, sua rede de relações intelectuais, bem como angariando apoio político a sua mais expressiva atuação indigenista: a demarcação de uma reserva florestal para o povo Xetá.

Ao se referir a sua pesquisa afirma:

Cabe, pois, o mérito a cátedra de Antropologia da Universidade do Paraná de haver revelado a existência, realmente, no noroeste do Paraná, de um grupo étnico completamente desconhecido para a ciência. Fato dos mais notáveis, pois graças a colaboração técnica de Vladimir Kozák, chefe do serviço cine-fotográfico da Universidade do Paraná, fizemos um registro de Kodachrome em plena era atômica de técnicas sobreviventes de indústrias líticas²⁸³.

Como se observa, já em 1956, logo após os primeiros contatos com os *índios da Serra dos Dourados*, Loureiro Fernandes enviou uma carta à Moysés Lupion em que solicita

²⁸¹ CEB.

²⁸² No arquivo documental UNIDOV/MAE/UFPR e CEBDOC, é possível identificar que Loureiro Fernandes distribuiu o referido artigo para instituições científicas do Brasil, Argentina, México, Estados Unidos.

²⁸³ FERNANDES, Loureiro. **Ofício n° 13/59**. Atividades da Seção de Antropologia no ano de 1958. Curitiba, 30 de jan. de 1959. MAE/UFPR

a interferência do governador estadual no sentido de impedir que a população indígena da Serra dos Dourados seja “esbulhada do território que lhe pertence por uma ocupação secular e cuja posse lhe é assegurada pela constituição federal”²⁸⁴. Como ‘prova’ da presença indígena e desse direito, Loureiro Fernandes cita o DEAN e o documentário:

Possui hoje, a Antropologia, documentário comprobatório da segregação secular desse elemento indígena na referida Serra; segregação essa que permitiu, à referida população perpetuar até nossos dias nos sertões do oeste paranaense, métodos e técnicas utilizados outrora pelos homens da era da pedra polida. Concomitantemente ao dever, que temos de assegurar a esses brasileiros o direito de sobrevida no território que lhes foi berço, soma-se o alto interesse de serem um “fácies” vivo da pré-história brasileira²⁸⁵.

Uma carta à Heloisa Alberto Torres, à época Diretora do CNPI, expressa bem esse contexto. Nela Loureiro cobra da referida diretora providências na esfera federal a respeito da situação Xetá:

Em seis viagens que fiz à Capital da República, como Professor de Antropologia da Universidade do Paraná, aí no Conselho, numa delas, por solicitação de V. Excia, mostrei o cine-fotográfico, aos Diretores dos Serviços do Ministério da Agricultura, convocados para uma mesa redonda, nesse Conselho, onde se debateu interesse de focalizar os problemas do índio, da floresta, da caça, da pesca e a função protetora, no caso concreto da floresta protegendo contra erosão. Resultou um alto interesse, em consequência V. Excia fez uma articulação com o Dr. David Azambuja e esse ilustre Diretor esteve no Paraná e articulou com o senador Alô Guimarães [...]. Surge, agora, um aspecto mais grave, este na esfera do SPI e do CNPI. Venho saber que a companhia colonizadora “COBRINCO” entrou francamente na demarcação da área dos Xetás. Mas verdadeiramente trágico é a informação que chegou do Norte do Estado que foram vistos, pelo menos duas vezes, caminhões conduzindo índios para fora da área de Dourados. Qual o destino desses índios? Nada se sabe?²⁸⁶

Pode-se destacar também a mobilização científica de Loureiro Fernandes junto a ABA, a *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* da UNESCO, e a União Internacional de ao Congresso Internacional de Americanistas para a questão Xetá.

Em 1959, durante a IV RBA, em documento final, elaborado durante o *Seminário sobre Problemas de antropologia aplicada em relação ao indígena brasileiro*, a causa Xetá foi incluída:

Dirigir um apelo ao governo do estado do Paraná, à Universidade do Paraná e ao Ministério da Agricultura sobre a necessidade imperiosa de instituir-se o Parque

²⁸⁴ FERNANDES, Loureiro. Carta a Moisés Lupion. Curitiba, 19 de mar. de 1956. MAE/UFPR.

²⁸⁵ *Idem.*

²⁸⁶ FERNANDES, Loureiro. **Ofício n° 56/58**. Carta a Heloisa Alberto Torres. Curitiba, 05 de dez. de 1958. MAE/UFPR.

Florestal da Serra dos Dourados, dotando-o de administração própria, autônoma e integrada por cientistas capazes de tratar adequadamente o problema de assistência aos índios Xetá, da preservação do patrimônio florístico e faunístico da área, bem como de coordenar as pesquisas científicas naquele laboratório de estudos do Homem e da Natureza²⁸⁷.

Nesse mesmo ano, Loureiro Fernandes comunicou a *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* que o DEAN havia descoberto um povo seminômade, identificado como Xetá. Na ocasião, Bosch Gimpera - secretário geral da instituição enviou “[...] apelos as altas autoridades brasileiras no sentido de ser preservado o habitat desses índios criando-se a reserva florestal da Serra dos Dourados”²⁸⁸.

Como desdobramento, Loureiro Fernandes publicou, em 1959, no *Bulletim of the International Committe Urgent Anthropological Ethnological Research - UNESCO*, o artigo *The Xetá - a Dying People in Brazil*; e em 1962, no mesmo *Bulletim*, o artigo Os índios da Serra dos Dourados. Nos artigos, promove as pesquisas científicas do DEAN, a coleção etnográfica e alerta e denuncia a grave situação territorial em que se encontram, visto a consequente invasão e desmatamento da região como “[...] consequência de uma errada política de distribuição de terras na zona arenítica do noroeste do Paraná” (FERNANDES, 1962, p. 154).

Ademais, uma moção de apoio à questão Xetá foi aprovada durante a XXXIV Seção do Congresso Internacional de Americanistas, realizada em Viena no ano de 1960. Loureiro Fernandes solicita então ao seu presidente, Robert Heine-Geldern, que interceda junto a Juscelino Kubitschek - então presidente do Brasil – no sentido de dar atenção “[...] para este povo que morre pela destruição do seu atual habitat florestal no estado do Paraná”²⁸⁹.

A nosso ver, a medida legal para fazer face a esta ameaça consistiria na criação de um Parque Indígena Nacional na região em questão. Tomamos a liberdade de consultar Vossa Excelência sobre a possibilidade de ser estudado um projeto de lei a esse respeito²⁹⁰.

²⁸⁷ JUNIOR, Diegues. Seminário sobre Problemas de antropologia aplicada em relação ao indígena brasileiro. **IV RBA**. Curitiba, 18 de jul. de 1959. CEPA/UFPR.

²⁸⁸ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 79/59**. Carta a Robert Heine-Geldern. Curitiba, 09 de set. de 1959.

²⁸⁹ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 97/59**. Carta a Robert Heine-Geldern. Curitiba, 10 de nov. de 1959.

²⁹⁰ HEINE-GELDERN, Robert. **Carta a Juscelino Kubitschek**. Viena, 25 de jul. de 1960. CEPA/UFPR.

O capital científico mobilizado por Loureiro Fernandes, junto a essas instituições, culminou na aprovação e financiamento, por parte da UNESCO, do projeto de pesquisa junto aos índios da Serra dos Dourados, em 1961. Contudo, nem a pesquisa nem o território, isto é, o Parque Indígena, projetado por Loureiro Fernandes se concretizaram. Desses fatos, narrativas acerca de sua biografia dão conta de que este teria sido o segundo golpe crucial na trajetória institucional de Loureiro Fernandes, sendo o primeiro a disputa pelo terreno para o MP (CEPA, 2005).

No entanto, de modo ambíguo, ao dominar discursiva e objetivamente a alteridade Xetá, por meio de exposições científicas em que (re)produzem uma narrativa dicotômica e temporalizada (FABIAN, 2013) - em torno das categorias acima apresentadas – Loureiro Fernandes neutraliza uma série relações de dominação dos grupos familiares Xetá, que permeiam o contexto de colonização e o processo de coleta, apropriação e esbulho de suas coisas entre os grupos familiares no interior da floresta. Em outras palavras, Loureiro Fernandes, afirmava e (re)produzia um saber-poder hegemônico e institucional (COSTA, 2013:50), sustentando em um potente discurso científico, em que a ciência antropológica emerge, se legitima e consolida nas instituições paranaenses, entrelaçada na aliança político-epistêmicos (FABIAN, 2013) de um complexo mundo em disputa por narrativas, coisas, vidas e territórios.

Em 1967, Loureiro Fernandes se aposentou de suas atividades como docente da DEAN/UPR, dedicando seus esforços à criação do MAAP. Com seu afastamento, os docentes e assistentes do DEAN, constituído majoritariamente por seus ex-alunos – como Cecília Maria Vieira Helm, que se tornou de Chefe do Departamento; Igor Chmyz, José Wilson Rauth, Marília José Menezes, Eny Camargo Maranhão e Marília de Carvalho Kraemer²⁹¹ - deram continuidade a organização das exposições científicas e temáticas.

Embora o arquivo institucional do DEAN/SCH/UFPR seja escasso em informações acerca das exposições que ocorreram entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, foi possível identificar que em 1971, o Departamento organizou a Exposição *Práticas Funerárias do Índio Brasileiro desde a Pré-História até os nossos dias*, e recebeu visitantes externos e alunos de escolas de Curitiba²⁹². Em 1972, a docente Cecília Helm

²⁹¹ HELM, Cecília Maria Vieira. **Ofício n° 54/1972**. Curitiba, 20 de mar. de 1972. SCH/UFPR

²⁹² HELM, Cecília Maria Vieira. **Ofício n° 01/1971**. Curitiba, 12 de jan. de 1972. SCH/UFPR

proferiu uma palestra intitulada *Música Indígena* e Marília Carvalho uma palestra intitulada *Pintura dos Nossos Índios*. Esteve sob a responsabilidade desta última, a seleção de material etnográfico, legendas e organização da XVIII Exposição “A arte dos nossos índios”²⁹³. No entanto, dessas duas exposições não foram encontradas informações a respeito das coleções que participaram dessas exposições.

Conforme o Plano de Trabalho do DEAN/UFPR do ano de 1973, a coleção etnográfica do DEAN estava alocada em um espaço denominado ‘cabine de som’ e o ‘salão de exposições’, destinado à sua exibição. O local deveria ser adaptado em gabinete de trabalho, visto a expansão do Departamento e a contratação de novos auxiliares de ensino²⁹⁴. Naquele ano, documento a respeito da divisão dos encargos departamental aponta que as coleções de slides, discoteca, coleções etnográficas ficaram a cargo da professora Zulmara Posse²⁹⁵.

No entanto, sem recursos, no ano de 1973, a Exposição Etnográfica do DEAN, em comemoração à Semana do Índio não foi organizada e seu lugar, foram proferidas uma série de palestras sobre os *Índios do Paraná* e projetos de pesquisa na área de antropologia e arqueologia pré-histórica²⁹⁶.

²⁹³ KRAEMER, Marília. **Relatório de Atividades**. Curitiba, 28 de ago. de 1972. SCH/UFPR.

²⁹⁴ HELM, Cecília Maria Vieira. **Plano de Trabalho do DEAN**. Curitiba, 1973. SCH/UFPR.

²⁹⁵ HELM, Cecília Maria Vieira. **Plano de Trabalho do DEAN**. Curitiba, 1973. SCH/UFPR.

²⁹⁶ HELM, Cecília Maria Vieira. **Relatório do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 13 de dez. de 1973. SCH/UFPR.

Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos de Loureiro Fernandes, nesse período, as disciplinas de antropologia física e referências ao evolucionismo ainda permeavam os debates acerca dos povos indígenas²⁹⁷. Contudo, desde 1972, quando o Curso de Especialização em Antropologia foi criado, os referenciais da Antropologia Social Britânica e da Antropologia Estrutural Francesa, estavam presentes nos referenciais teóricos do DEAN/UFPR²⁹⁸, sobretudo a partir de seminários, conferências, mesas redondas e disciplinas ministradas por docentes internos²⁹⁹ e convidados externos³⁰⁰.

2.5 O DEPAN: aculturação e a extinção Xetá

De 1974 a 1985 o curso de Psicologia e seu corpo docente foram incorporados ao DEAN, que se transformou no DEPAN - Departamento de Psicologia e Antropologia. O motivo da anexação ocorreu por razões administrativas: “Entretanto, apesar de existir uma administração comum, cada conjunto funcionava de maneira autônoma, no que respeita a questões acadêmicas e científicas”³⁰¹.

Nesse período, os estudos de etnologia tinham à frente as antropólogas e docentes, Cecília Maria Vieira Helm e Maria Lígia Moura Pires, especialistas nos povos do tronco-linguístico Jê e orientandas do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Adeptas dos referenciais teóricos do orientador, em seus trabalhos seguiam o conceito de fricção interétnica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1960; 1976; 1978). Neste conceito, Roberto Cardoso propõe como método uma análise de caráter sociológico para as relações entre os povos indígenas e a então denominada ‘sociedade nacional’. Recorrendo ao conceito de ‘situação

²⁹⁷ LIMA, Máximo Pinheiro. **Programa de Antropologia Física** - FFCL/UFPR. Curitiba, 1969.

²⁹⁸ DEAN/UFPR. **Ofício nº 71**. Curitiba, 12 de janeiro de 1971. SCH/UFPR; DEPAN/UFPR. **Plano Departamental para o 2º Semestre de 1977**. Curitiba, junho de 1977. SCH/UFPR.

²⁹⁹ DEAN/UFPR. **Relatório de Atividades**. Curitiba, 28 de agosto de 1972. SCH/UFPR; DEAN/UFPR. **Programação dos Seminários 2º Semestre de 1977**. Curitiba, 1977. SCH/UFPR.

³⁰⁰ O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira ministrou o curso de 'Antropologia das Sociedades Complexas (1973). Entre os cursos de extensão universitária, estavam previstos ainda em 1973, 'O método Estruturalista de Levi-Strauss', com participação da antropóloga Ruth Cardoso de Oliveira; e o 'Sistemas de Parentesco' com o antropólogo Roque Laraia; 'Antropologia Estrutural', com Roberto da Matta. O DEAN/UFPR contou ainda com cursos de Júlio César Mellati e Silvio Coelho dos Santos. DEAN/UFPR. **Plano de Trabalho 1º Semestre de 1973**. Curitiba, 1973. SCH/UFPR. HELM, Cecília Maria Vieira. Relatório do Departamento de Antropologia. Curitiba, 13 de dez. de 1973. SCH/UFPR.

³⁰¹ DEAN/UFPR. **Processo Administrativo nº 62272/82. Breve histórico do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de abr. de 1982. SCH/UFPR.

colonial’ de Balandier, para Roberto Cardoso as sociedades indígenas (sem classes sociais) mantinham com a sociedade nacional (dividida em classes sociais) relações de oposição histórica e estrutural, bem como de exploração e dominação. Nesse sentido, Cardoso de Oliveira partia do pressuposto de que com o contato, os grupos indígenas se acomodariam em um novo sistema de relações da sociedade capitalista.

Orientados por esse paradigma, os estudos em etnologia brasileira, tiveram suas análises voltadas para os processos de interação entre os grupos indígenas e não indígenas³⁰², e o foco desses trabalhos voltou-se para as mudanças, processos de “aculturação” e inserção das sociedades indígenas na economia regional.

A partir desse referencial, no ano de 1978, como Plano de Pesquisa Departamental, Cecília Helm, propôs para pesquisa o *Projeto Kaingang*, com o objetivo de desenvolver estudos com esse grupo a partir de suas relações de trabalho assalariado no PIN de Apucarana. Maria Lígia Moura Pires apresentou o projeto *Campesinato Indígena no Paraná*, com o objetivo de analisar o processo de proletarização e acamponesamento nos PIN³⁰³ do estado.

Nos documentos do DEAN/UFPR, analisados durante esta pesquisa, é possível identificar que durante este período, as comemorações da “Semana do Índio” permaneceram, no entanto, foram incorporaram seminários e mesas redondas sobre a temática indígena, que passaram a ocorrer em espaços dentro e fora da universidade. Em 1977, a professora Cecília Helm proferiu uma palestra sobre seu projeto de pesquisa junto aos Kaingang do PIN de Apucarana; e em 1978, sobre ‘Os Xetá na Serra dos Dourados’, na Cinemateca do Museu Guido Viaro. Nesse mesmo ano, Maria Cecília Solheid da Costa, uma das organizadoras da semana de comemorações, exibiu o cine-documentário *Os xetá na Serra dos Dourados*, no Teatro Universitário de Curitiba³⁰⁴. Em 1980, a semana de comemorações, intitulada *Sociedade Tribal x Sociedade de Classes: o drama do índio brasileiro* ocorreu no CEB.

Nesse contexto, os estudos dos povos Jê tinham centralidade, e se nas exposições organizadas por Loureiro Fernandes os Xetá eram concebidos como “em vias de extinção”,

³⁰² Dentre os que etnólogos que adotaram essa perspectiva, podemos citar os trabalhos de Schaden (1954), Baldus (1937; 1968), Cardoso de Oliveira (1960;1976;1978), Ribeiro (1970).

³⁰³ DEPAN/UFPR. **Plano de Trabalho Departamental** – Pesquisa. Curitiba, 1978. SCH/UFPR.

³⁰⁴ DEPAN/UFPR. **Programação Semana do Índio**. Curitiba, 1978. SCH/UFPR.

nesse contexto, tomados a partir dos conceitos de ‘integração’ e ‘aculturação’, o DEPAN/UFPR os considera como efetivamente extintos³⁰⁵.

Em 1982, um inventário do DEPAN/UFPR contabilizou 1.634 peças etnográficas³⁰⁶ cadastradas no acervo do Museu Didático, constituídas de instrumentos de caça, pesca, coleta, adornos, fiação, cestaria, cerimonial e etc., abrangendo uma diversidade dos grupos indígenas atuais e aqueles considerados extintos³⁰⁷. Sem espaço físico adequado, na década de 1980, o DEPAN/UFPR descentralizou as exposições etnográficas e passou a emprestar peças para o MP e no MAA³⁰⁸.

No entanto, é em nome desse acervo que o DEAN reivindica sua permanência no 6º andar do Edifício Dom Pedro I e sugere a transferência do Departamento de Psicologia para outro espaço³⁰⁹:

A manutenção da Antropologia no 6º andar, justifica-se entre os acima mencionados motivos, sobretudo pelo acervo do Museu Didático nessa área adequadamente depositado, e cujo transporte representará risco de perda e danificação. Para ilustrar essa afirmação, convém mencionar que parte dos recipientes do material etnográfico foi importado da França, com verba do Museu do Homem de Paris³¹⁰.

Além disso, as referências a pessoa e às pesquisas de Loureiro Fernandes, suas viagens e expedições científicas a Serra dos Dourados, bem como a coleção Xetá são trazidas à tona, exemplificando o protagonismo científico do DEAN. É em nome do legado e das pesquisas, na área de arqueologia e antropologia, de Loureiro Fernandes que o DEAN solicita, em 1983, o desmembramento do Departamento de Psicologia. No processo administrativo, o Departamento argumenta:

Tal decisão será não só um ato de respeito ao profícuo trabalho universitário desenvolvido pelos professores de Antropologia, mas, antes de tudo, uma justíssima homenagem à memória do professor Dr. José Loureiro Fernandes, que tanto fez

³⁰⁵ DEPAN/UFPR. **Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³⁰⁶ Sendo: 596 confeccionadas em madeira; 294 em cerâmica; 48 em purungo; 46 em cera; 16 em pele; 39 em osso; 171 em pluma; 40 em pedra; 230 em cestaria; 48 unhas e dentes; 12 em couro; 51 sementes, raízes, fibras e folhas; 43 em algodão. DEPAN/UFPR. **Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³⁰⁷ DEPAN/UFPR. **Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³⁰⁸ DEPAN/UFPR. **Processo nº 62272/82 - Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³⁰⁹ DEPAN/UFPR. **Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia**. Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³¹⁰ *Idem*.

como professor e pesquisador desta Universidade em favor dos estudos de Etnografia Indígena, Antropologia Física, Cultura Popular e Arqueologia Pré-História no Estado do Paraná³¹¹.

Ou seja, a história e a coleção Xetá são mobilizadas politicamente nesse momento importantes da história do DEAN:

[...] os registros em filmes, fitas magnetoscópicas, depositadas no DEAN, representam a documentação única sobre esse povo desaparecido. O papel desempenhado pelo Departamento de Antropologia em ocasião do contato com os Xetá, assim como aquele na preservação do material sobre o grupo, demonstra uma das mais importantes contribuições do mesmo para a história da universidade e para a comunidade científica brasileira e internacional³¹².

Pode-se argumentar que até o final da década de 1980, a memória de Loureiro Fernandes era ainda marcada pelas relações que estabeleceu junto aos docentes do DEAN. No entanto, guardadas as devidas especificidades de cada contexto, a memória do antropólogo, seus referenciais para constituir as exposições e a importância da coleção Xetá para o DEAN parecem transcender o contexto dessas relações.

Em 1985, ocasião do desmembramento do Departamento de Psicologia, o DEAN retomou as exposições etnográficas sob a organização da docente Maria Regina Furtado, intitulada XXI Exposição do DEAN: *Adornos entre os índios do Brasil*³¹³. Além disso, junto com o docente Igor Chmyz, Maria Regina Furtado elaborou com recursos do MEC³¹⁴, em 1986-1987, o *Projeto de Recuperação e Manutenção do Material Etnográfico e Fotográfico*, com o objetivo de conservação, limpeza, catalogação e registro para a utilização do acervo como material didático; aquisição de material e reforma do espaço físico para abrigar as exposições etnográficas; e incentivar a pesquisa científica³¹⁵.

Nos anos seguintes, 1988 – 1989, sob o título de *Revitalização do Acervo Etnográfico José Loureiro Fernandes*, além dos objetivos elencados acima, e embora os

³¹¹ DEPAN/UFPR. **Processo nº 62272/82 - Solicitação de reinstalação do Departamento de Antropologia.** Curitiba, 24 de ago. de 1982. SCH/UFPR.

³¹² Processo administrativo DEPAN, Arquivo do Setor de Ciências Humanas, UFPR.

³¹³ DEAN/UFPR. **Produção científica dos docentes da UFPR.** Relatório de Produção Acadêmica. Curitiba, 1985. SCH/UFPR.

³¹⁴ SCHUTZ, Romeu Afonso. **Ofício Circular nº 016/87 - PNU/PREP.** Curitiba, 01 de abr. de 1987. SCH/UFPR.

³¹⁵ CRAVO, Veraluz Zicarelli. **Ofício nº 26/86.** Curitiba, 20 de mai. de 1986. SCH/UFPR; DEAN/UFPR. **Projeto de Recuperação e Manutenção do Material Etnográfico e Fotográfico do DEAN.** Curitiba, 1986. SCH/UFPR.

grupos indígenas representados neste acervo sejam dados como extintos e aculturados, emerge novos referenciais teóricos a respeito dos objetos etnográficos:

[...] ampliar a dimensão do documento material como parte histórica e/ou antropológica; ressaltar a sua importância primordial para o estudo de certos traços culturais; questionar o papel do objeto e/o veículo de mensagens e símbolos de determinado contexto-socio cultural³¹⁶.

Em 1993, como atividade do projeto intitulado *O conhecimento etnográfico do Paraná e o Ensino Fundamental*, foi organizada uma exposição etnográfica que, entre outros objetivos, visava “[...] contar a história não escrita dos povos Kaingang, Guarani e Xetá”. As coleções etnográficas do DEAN são concebidas como “[...] material de inigualável valor histórico e didático, adequadamente explorado, permitirá as novas gerações o conhecimento da evolução histórica da sociedade paranaense”. Através de fotografias da exposição, observa-se que a coleção Xetá que se destaca e ocupa um espaço considerável, sendo representada com grande número de objetos.

Na divulgação da exposição do DEAN o jornal *Gazeta do Povo* publicou:

[...] a exposição homenageia um dos fundadores do Departamento de Antropologia. Médico o professor Loureiro Fernandes encontrou na antropologia o rumo dos seus estudos e foi quem registrou o dia a dia do povo Xetá, em filme. Hoje não há nenhum representante desse grupo indígena³¹⁷.

Dado o aqui exposto, algumas ideias preliminares surgem quanto ao espaço ocupado pela coleção Xetá no DEAN como parte de sua memória institucional. As expedições científicas a Serra dos Dourados e a coleção Xetá permitiram à instituição se consolidar enquanto espaço de produção científica e mobilizar relações com a comunidade científica local, nacional e internacional. Com um viés pedagógico, voltados às escolas, visitantes e demais interessados a coleção e os documentos Xetá foram usados para ampliar o contexto de relações para além da comunidade científica, colaborando na consolidação de um lugar social para a ciência e a antropologia paranaense. Mais que isso, como parte da memória institucional, a coleção Xetá parece mediar relações em diferentes temporalidades no interior do próprio DEAN.

³¹⁶ DEAN/UFPR. **Revitalização do Acervo Etnográfico José Loureiro Fernandes**. Curitiba, 1988. SCH/UFPR.

³¹⁷ *Gazeta do Povo*, 16 de out. de 1993.

2.6 A coleção etnográfica DEAN: a transição MAAP- MAEP – MAE/UFPR

O início da década de 1990 foi marcado por mudanças significativas no corpo docente e na distribuição do espaço físico do DEAN que incidiram sobre a direção e as ações desenvolvidas no MAAP. Indicada pelo DEAN (VÖRÖS, 2011, p. 38) a professora e museóloga Maria Regina Furtado assumiu a direção do museu entre os anos de 1989 e 1998³¹⁸. Entre as mudanças na sua gestão está a nomenclatura do museu que passou a ser denominado em 1992 de MAEP – Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, visto que o museu passou a dar gradativamente um maior espaço para este campo, embora a cultura popular ainda ocupasse um lugar de destaque (VÖRÖS, 2011, p. 39).

Segundo entrevista da professora Márcia Kersten à Vörös (2011, p. 39), essa alteração está relacionada à transferência gradativa do acervo do DEAN para o museu, constituído majoritariamente de objetos etnológicos, visto que as constantes reorganizações no corpo docente e no espaço físico do DEAN impossibilitavam a permanência do acervo, do Museu Didático e das exposições etnográficas na instituição.

Naquele contexto, como apontado acima, os objetos etnográficos do DEAN eram emprestados para suas exposições científicas no MAAP. Entre 1991 - 1994, a servidora da instituição, Carmen Lúcia da Silva, iniciou um estudo intitulado *Sub Projeto de Análise e Contextualização do Acervo Etnográfico Indígena do MAEP*, sob orientação de Zulmara Clara Sauner Posse, docente e antropóloga do DEAN/UFPR, identificando os objetos etnográficos, pertencentes ao acervo do DEAN, e que se encontravam em situação irregular na instituição³¹⁹.

Desse modo, no sentido de regularizar essa situação, o DEAN/UFPR doou, em 1993, 56 peças de seu acervo etnográfico em que estavam incluídos seis objetos da coleção etnográfica Xetá³²⁰. Em 24 de março de 1994, o MAEP recebeu 1278 peças³²¹, sendo 71

³¹⁸ Disponível em: http://www.mae.ufpr.br/?page_id=28. Acesso em: 15 ago. de 2020.

³¹⁹ SILVA, Carmen Lucia. **Relatório parcial a respeito do acervo de etnologia indígena do MAEP/UFPR**. Curitiba, 14 de dez. de 1998. MAE/UFPR.

³²⁰ UFPR. **Termo de empréstimo em regime de comodato nº 01/94**. Curitiba, 24 de mar. de 1994. MAE/UFPR.

³²¹ SILVA, Carmen Lucia. **Relatório parcial a respeito do acervo de etnologia indígena do MAEP/UFPR**. Curitiba, s.d., MAE/UFPR.

objetos da coleção etnográfica Xetá³²². Naquela ocasião, outros 25 objetos etnográficos Xetá, permaneceram expostos nas vitrines do DEAN/UFPR, como parte do projeto *O conhecimento etnográfico do Paraná e o Ensino Fundamental*.

Como significativo nesse período, a presença de Carmen Lúcia da Silva que alterou a relação dos sobreviventes do extermínio (SILVA, 1998) com a sua coleção etnográfica Xetá. Em 1994, poucos meses após receber a coleção, uma ação interinstitucional envolvendo o Governo do Estado do Paraná, a Prefeitura Municipal de Curitiba e o MAEP, organizou o *Encontro dos Índios Xetá - Remanescentes do Extermínio*. Na ocasião, oito sobreviventes Xetá (SILVA, 1998) visitaram a casa de Vladimir Kozák e as reservas técnicas do MP, do MAEP e do CEB.

Esse encontro impulsionou a dissertação e a tese em antropologia de Silva (1998; 2003), que inseriu como metodologia de pesquisa o trabalho de memória a partir das coleções etnográficas de Xetá, tanto a constituída por Loureiro Fernandes, como a de Vladimir Kozák, bem como aos arquivos linguísticos de Aryon Rodrigues. Ao trazê-los à contemporaneidade como *povo vivo*, seu trabalho tornou-se referência para a história e a memória dos grupos familiares Xetá, bem como para o meio científico.

No ano 2000, no agora MAE/UFPR, houve interesse da instituição em organizar a publicação de uma série de Catálogos Etnográficos, sendo o primeiro volume destinado à coleção etnográfica Xetá. Embora tenham trabalhado na sua organização, o material, na ocasião, não chegou a ser publicado. Este projeto foi retomado no ano de 2016, e têm colocado uma nova geração de representantes do povo Xetá em contato com a sua coleção.

Desse modo, o MAE/UFPR vem nesses últimos anos inserindo a presença Xetá em suas atividades, em um processo de publicação compartilhada e de acesso à repatriação digital, trabalho que conta com o apoio de pesquisadores do DEAN/UFPR, visto que além desta pesquisa, atualmente³²³, desenvolvem pesquisas de mestrado com o povo Xetá.

³²² UFPR. **Termo de empréstimo em regime de comodato nº 01/94**. Curitiba, 24 de mar. de 1994. MAE/UFPR.

³²³ Sendo finalizados três trabalhos de graduação e uma dissertação de mestrado. Atualmente, estão em curso dois trabalhos de pesquisa de mestrado e um de doutorado. Além disso, uma ex-aluna da UFPR desenvolve pesquisa de mestrado no PPGAS/UFPS e um ex-aluno de mestrado, desenvolve pesquisa de doutorado no PPGAS/USP.

Em junho de 2018, a docente Edilene Coffaci de Lima organizou o evento *Os Xetá e seus acervos: história, antropologia e arqueologia*³²⁴ (2018), no CEB e contou com a presença do grupo familiar Xetá da TI de São Jerônimo, pesquisadores e alunos do DEAN/UFPR, com a arqueóloga e antropóloga do MP e apoio do MAE/UFPR. Ou seja, subvertendo as teorias de extinção, (re)afirmadas historicamente por estas instituições, encontramos na contemporaneidade os grupos familiares Xetá, as coleções etnográficas junto ao DEAN, MAE/UFPR, CEB e MP mediando novas relações, teorias e ações científicas.

E na contemporaneidade, para os grupos familiares, as coleções etnográficas recontextualizadas permitem-lhes estabelecer processos de constituição de suas memórias, conhecimentos, pertencimentos, política, direitos e afetos, como veremos no último capítulo.

³²⁴ Organizado em parceria do DEAN, MAE/UFPR e CEB.

CAPÍTULO 3

A COLEÇÃO VLADIMIR KOZÁK



Figura 73 - Vladimir Kozák junto aos grupos familiares Xetá, terceira expedição científica, Serra dos Dourados, fevereiro de 1956³²⁵.

³²⁵ MP/SEEC.

3.1 Vladimir Kozák: biografia

Vladimir Kozák nasceu em 1897, em *Bystřice pod Hostýnem*, antiga Morávia, região do Império Austro-Húngaro, atualmente República Tcheca. Na cidade de Brno, em seu país de origem estudou engenharia mecânica, escultura e pintura, atividades ao qual se dedicou ao longo da vida.

Em 1924 mudou-se para o Brasil e, segundo Benetti (2016), múltiplos fatores motivaram Kozák a deixar o seu país de origem. Entre eles uma nova oportunidade de trabalho, como também o contexto conturbado e bélico, do período Entre Guerras que a Europa enfrentava no início do século XX (BENETTI, 2016, p. 81), visto que a infância e a adolescência de Vladimir Kozák se situam em um espaço tempo de expansão imperialista.

Segundo Rosato (2009) a predileção de Kozák pelo gênero literário de viagem também teria despertado seu interesse na natureza e nos grupos indígenas, bem como a sua escolha pelo Brasil (2009, p. 58). Em acordo, para Benetti a literatura de viagem poderia ter impulsionado a sua decisão de deixar a Europa:

Desejo de conhecer novos lugares e (ou) ímpeto da juventude? Não são claros os motivos que influenciaram a sua escolha de emigrar. Muitos são os fatores que podem ter contribuído para isso: leitura, curiosidade, oportunidade ou quem sabe, provavelmente, a soma destes fatores. Quando jovem, ele foi um leitor voraz e assíduo das aventuras fantásticas do escritor alemão Karl Friedrich May e do personagem Tarzan, do escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs, leituras retomadas quando ficou mais idoso e não podia viajar (BENETTI, 2016, p. 80).

Nesse contexto, autores como Karl Friedrich May³²⁶ e Edgar Rice Burroughs³²⁷, ganharam notoriedade na Europa ao apresentarem crônicas de heróis desbravadores e idílicos, protagonistas de aventuras romantizadas nas colônias da América, África e Ásia (BENETTI, 2016; FETZ, 2010/2011, p. 45). Semelhante a outros contextos históricos, entre o final do século XIX e início do XX, esse gênero literário colaborou no processo de inteligibilidade e representação desses continentes, mas também de exploração e dominação acerca da natureza

³²⁶ Com a narrativa de viagem Karl Friedrich May (1842-1912) foi um dos mais bem-sucedidos escritores alemães. Vendeu aproximadamente 80 milhões de livros na Europa e 200 milhões e 200 milhões fora (KORFMANN; MENEGUZZO, 2017, p.101).

³²⁷ Escritor norte-americano (1875 – 1950), criador do personagem Tarzan, representativo da imagem do *bom selvagem*.

e da alteridade de territórios e povos colonizados (FABIAN, 2013). Além disso, desde o decorrer do século XVIII as narrativas de viagem reuniam objetivos literários e também científicos, em que destemidos naturalistas assumiram o papel central na comunicação entre Europa e o restante do mundo, legitimando as ações, o horizonte e o discurso científico entre o público leigo (FETZ, 2010/2011, p. 48).

Ao partir da Europa, Vladimir Kozák iniciou a escrita de um Diário³²⁸, registrando o que ele define como “[...] aventuras e acontecimentos [...]”³²⁹. Rosato (2009, p. 17) tomou esta referência como categoria analítica que permite situá-lo em um espaço tempo em que a noção de *aventura* é concebida como forma moderna de produzir conhecimento e estabelecer relações.

Ao aproximar-se da costa brasileira registrou suas primeiras impressões acerca do clima e da natureza afirmando: “[...] noite tropical que desde criança esperava sentir na própria pele”³³⁰ (BENETTI, 2016, p. 83), expressando assim um desejo antigo de experienciar um destino distante e diferente àquele de sua origem, reafirmando ao desembarcar no Rio de Janeiro:

Não creio que alguma vez na minha vida já tenha participado de tamanho enlevo como agora. É difícil, muito difícil descrever o que o espectador sente diante de tão grandioso espetáculo, é preciso *ver, viver*; a pena é muito fraca para transcrever (passar o sentido) o verdadeiro sentimento (*grifos do autor*)¹⁶.

Após uma semana de seu desembarque seguiu para Vitória, no estado do Espírito Santo, com a promessa de um emprego. Fixou residência em Vila Velha³³¹ e, sem a expectativa de trabalho fixo, dedicou-se nesse primeiro ano de residência no Brasil, a uma pequena oficina de consertos de máquinas e equipamentos. Nesse período, além da instabilidade financeira demonstrou ambiguidade quanto ao seu futuro no país:

Mas creio que tudo vai dar certo, que vingarei. Sou caseiro, mecânico, construtor, marceneiro, eletricitista, desenho, faço contas, percorro construções e não sei o que será mais de mim. Por enquanto nossa situação não é nem plus nem minas – poderia ser melhor³³².

³²⁸ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MP/SEEC.

³²⁹ *Idem*.

³³⁰ *Idem*.

³³¹ Município criado em 1890, localizado a 12 km da cidade de Vitória (ES).

³³² KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MP/SEEC.

Em Vila Velha dividiu uma casa, o cotidiano e os desafios de trabalho com Alois³³³, um colega estrangeiro (BENETTI, 2016, p. 85). A partir dos registros em seu Diário³³⁴, é possível observar que o seu círculo de convívio e relações próximas era constituído, predominantemente, por estrangeiros: italianos, americanos, portugueses, alemães e tchecos. Com a população local sua relação é marcada pelo preconceito, etnocentrismo, mostrando-se por vezes irritado com a administração pública do Estado, com a rotina movimentada e barulhenta das cidades brasileiras³³⁵, bem como com os hábitos e costumes da população negra e indígena com o qual compartilhava o cotidiano.

Em relação aos seus primeiros vizinhos registrou:

Por ora ainda não reservei sequer uma linha aos meus vizinhos, que valem registrar - não tanto os vizinhos da direita - como os da esquerda, são índios mestiços - família numerosa - várias mulheres de variadas idades. A mais velha - uns 70 anos - imunda como uma feiticeira - fuma de manhã à noite; as outras, sentadas no chão da calçada, tecem (no que aqui os índios são peritos, por isso as rendas costumam pouco) ou todos sentam enfileirados na calçada, sobre o pó e uma cata piolhos na outra - conclui-se que são muito higiênicas³³⁶.

Nesse período, seu foco de atenção e contemplação no Brasil é a natureza, que lhe estimulou a fotografar e a pintar. Segundo Trevisan, foi ainda no Espírito Santo, em 1926, que adquiriu a sua primeira máquina fotográfica (1979, p.13): “Estou me saindo bem com minhas fotografias - o que não é de se admirar, pois aqui há muitas belezas naturais (amontoadas)”³³⁷. Além disso, registrou: “Desde 1924, eu costumo pintar, esboçar e rascunhar paisagens no meu tempo disponível como “hobby””³³⁸.

Esse cenário incentivou e favoreceu também sua qualidade de naturalista, constituindo então sua primeira coleção de borboletas: “Consegui alcançar com a mão a primeira borboleta, que irá enriquecer o meu álbum. É o meu trabalho”³³⁹. E foi essa atividade, isto é, a constituição de uma coleção que permitiu os primeiros contatos com seus

³³³ Em seu Diário Kozák não identifica a identidade de Alois, mas há indícios de que o colega fosse jovem e europeu. É a sua presença na vida cotidiana de Kozák que o leva a descrever as suas atividades, nesse período, na terceira pessoa do plural.

³³⁴ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MP/SEEC.

³³⁵ *Idem*.

³³⁶ *Idem*.

³³⁷ *Idem*.

³³⁸ KOZÁK, Vladimir. *Vladimir Kozák por ele mesmo*. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³³⁹ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MPP/SEEC.

vizinhos próximos: “Neste meio tempo, minha coleção de borboletas, aos poucos, cresce. Até os vizinhos se encarregam de me mandar espécimes de borboletas, que em geral, danificadas é preciso inutilizá-las”³⁴⁰.

Como engenheiro, Vladimir Kozák conseguiu trabalhar na *Companhia Elétrica Bond e Share Company*³⁴¹ e na *Mecânica das Companhias Linha Circular e Energia Elétrica*, com sede em Salvador, na Bahia, para onde se mudou em 1930. Outra mudança ocorreu em 1933, quando passou a trabalhar na *Companhia Força e Luz*, em Belo Horizonte, Minas Gerais (ROSATO, 2009, p. 38).

Nesse período, entre 1930 e 1937, ampliou seu foco de interesse para além da natureza e se dedicou a filmar³⁴², fotografar³⁴³ e pintar³⁴⁴ aspectos da vida sociocultural brasileira, tais como a Festas de Iemanjá (1930), o interior do Mosteiro de São Francisco (1930) e a lavação da Igreja do Bomfim (1930) na Bahia. Em Minas Gerais filmou a cidade de Ouro Preto (1935) (ROSATO, 2009, p. 39). Além disso, filmou sua viagem Brasil – Europa (1935), e para os Estados Unidos (1937) (ROSATO, 2009, p. 39).

Em 1938, fixou residência em Curitiba e trabalhou como engenheiro mecânico na *Companhia Força e Luz do Paraná* até sua aposentadoria, em 1954. Nos seus primeiros anos na cidade, estabeleceu relações com um grupo de pessoas, também constituído majoritariamente por estrangeiros, que se deslocavam eventualmente para lugares próximos da capital, tais como a Mata Atlântica e o litoral paranaense. Nessas ocasiões, dedicou-se também a filmar e a fotografar³⁴⁵, ainda bastante atraído pela natureza – pássaros, animais grutas, fazendas e ilhas (BENETTI, 2016, p. 88).

Segundo Benetti é provável que por meio desse círculo de interesses e relações que Vladimir Kozák conheceu duas pessoas significativamente importantes para a sua biografia, uma na esfera pessoal, outra no campo profissional. A primeira trata-se da canadense Marjory Baillon, que à época residia em Curitiba (2016, p. 31) e que após retornar

³⁴⁰ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MPP/SEEC.

³⁴¹ Multinacional, com sede em Nova Iorque, criada em 1982 pela *General Eletric*. No Brasil, estava presente nos estados da Bahia e do Espírito Santo.

³⁴² Segundo Rosato, todos em Bitola 16 mm, preto-e-branco (2009, p. 39).

³⁴³ As fotografias registradas em câmeras de 35 mm (ROSATO, 2009, p. 39).

³⁴⁴ Pinturas em pastel, aquarelas e óleo sobre tela (ROSATO, 2009, p. 39).

³⁴⁵ Entre 1940 e 1949, Kozák viajou para regiões próximas como Rio Branco, Palmeiras, Colônia Witwarsum e litoral paranaense; Foz do Iguaçu – onde filmou as Cataratas; Pantanal Matogrossense – onde filmou o Rio Paraguai; e também para o estado de Santa Catarina (ROSATO, 2009, p. 56).

para o seu país de origem, se correspondeu com o fotógrafo-cinetécnico entre os anos de 1940 e 1978. Constituíram uma relação duradoura marcada pela amizade e afeto mútuo, mesmo que nunca mais tenham se encontrado pessoalmente (BENETTI, 2016, p. 31).

A segunda pessoa com quem Kozák estabeleceu relações no ano de 1946, e alterou o seu destino, foi o então Diretor do MP e catedrático da FFCLP: Loureiro Fernandes. Como o universo das fotografias e cine-documentários integrava o interesse científico do antropólogo, Loureiro Fernandes reconheceu a qualidade técnica dos trabalhos do fotógrafo-cinetécnico tcheco e o convidou para atuar como Assistente Voluntário, na Seção de Cinema Educativo do MP³⁴⁶, onde permaneceu entre os anos de 1947 e 1963. Como vimos no capítulo anterior, MP e UFP eram instituições complementares para Loureiro Fernandes, desenvolvendo atividades científicas e educacionais interligadas. Desse modo, em 1952, Vladimir Kozák passou a exercer, paralelamente à suas atividades no MP, a função de fotógrafo e cinetécnico da UPR (ROSATO, 2009; BENETTI, 2016).

A partir de sua inserção institucional, observa-se que as relações de Vladimir Kozák se expandiram consideravelmente, para além daquelas estabelecidas desde a sua chegada ao Brasil. Entre aqueles que passaram a integrar as suas relações estão cientistas, políticos, servidores públicos, indigenistas e militares da esfera local e nacional. Benetti verificou que 76% de suas correspondências foram trocadas de 1947 e 1979 – período que corresponde entre o ano em que iniciou suas atividades no MP e o ano em que faleceu (2016, p. 24).

No entanto, o fato de não ter constituído uma família e de viver sozinho estimula uma narrativa - entre aqueles com os quais conviveu, bem como entre pesquisadores - de que seria uma pessoa reservada, avessa à proximidade e solitária.

Para Rosato,

Um aspecto é a voz corrente entre as pessoas que conheceram Kozák em Curitiba: a vida solitária que aqui viveu. Teria sido inteiramente solitária, não fosse a vinda de sua irmã Karla para o Brasil, com quem passou a compartilhar a vida doméstica e muitas de suas viagens de trabalho [...] (2009, p. 28).

Karla imigrou para o Brasil em 1938, após a morte dos pais na República Tcheca e, teria sido a única pessoa com quem dividiu a intimidade da vida cotidiana. Companheira de

³⁴⁶ MP/SEEC.

viagem ao PINX, a irmã faleceu no ano de 1960, acometida por complicações de malária. Benetti sugere que Kozák se sentia responsável pelo seu destino (2016, p. 159) e teria ficado bastante abalado com a morte da irmã: “A ausência dela foi muito sentida e afetou o engenheiro, tornando-o mais solitário” (BENETTI, 2016, p. 221). No ano de 1961, ocasião da última expedição científica a Serra dos Dourados, o fotógrafo-cinematográfico registrou em notas de campo que após a morte de Karla, havia perdido o interesse por tudo.

Ao analisar as relações de amizade de Kozák por meio de suas cartas, Benetti incorporou ao título de seu livro o apelido de “*lobo solitário*”, dado por Gene Woiski, ao perceber que o amigo evitava falar de si e de seus eventuais problemas (2016, p. 33): “Professor, como você aprendeu a gostar da solidão? O que você faz com a vida, além de pintar, ler, comer (lavar os pratos) e dormir? Você ainda vai às suas viagens? Diga-me”³⁴⁷.

Segundo Benetti,

Ainda censurando a solidão do engenheiro, em dado momento ela, ao mesmo tempo em que questionou, carinhosamente ofereceu sua amizade, perguntando acerca do lugar ocupado pelas cartas nas suas relações, observando-as como um meio de preencher o vazio da solidão e um remédio para espantar a tristeza (2016, p. 172).

Marjory Baillon, também o questionava e afirmou que em trinta e cinco anos morando no Brasil o amigo não teria estabelecido nenhuma relação de amizade (BENETTI, 2016, p. 223). Em acordo, o amigo e advogado Edilberto Trevisan, que conviveu com Kozák até o final de sua vida, constatou que “Além da correspondência, resumia-se ao seu mundo nos quadros e nos filmes que guardava como verdadeiro tesouro – que de fato são. Restaram-lhe estes como únicos motivos de entusiasmo e vibração” (1979, p. 27).

E Benetti reforçou:

Esse conjunto de informações evidencia que grande parte de sua vida ele viveu só, especialmente os últimos dezenove anos. Para Hurt³⁴⁸, que frequentava sua casa, ele não tinha amigos, mas não desperdiçava seu tempo; observando o ensinamento materno, estava “sempre fazendo algo”, pintando, esculpindo ou filmando e, especialmente, ele tinha as suas correspondências. Kozák conheceu e contactou com muitas pessoas, mas daí a ter amigos há uma distância considerável (BENETTI, 2016, p. 222).

³⁴⁷ WOISKY, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 5 set. 1968; WOISKY, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. 14 dez. 1971. MP/SEEC. Original em inglês, tradução Benetti (2016, p. 172).

³⁴⁸ Entrevista concedida a Rosalice Carriel e a antropóloga Maria Fernanda Campelo Maranhão (BENETTI, 2016, p. 253).

De fato, como afirma Benetti (2016), nos diálogos presentes em suas correspondências e também na vida cotidiana, é bem provável que Kozák tenha sentido e se ressentido da falta de amigos e manifestado a sua solidão no Brasil. Contudo, a questão que aqui nos interessa nessas narrativas é a diferenciação que se estabelece na relação entre pessoas e coisas. Em outras palavras, a sua preferência pela companhia de suas coisas, isto é, cartas, pinturas, fotografias, livros, filmes e artefatos, em detrimento à relação com as pessoas. Subjacente a esta narrativa, o domínio de que a relação de proximidade com as pessoas é a única dotada de potência em criar vínculos e afetos e aplacar a solidão do fotógrafo-cinetécnico.

No entanto, para Benetti, a troca de cartas com Marjory Baillon preenchia a solidão de ambos:

Além de ser uma oportunidade para eles compartilharem ideias, a relação pode ser observada como um convívio que preenchia espaços em suas vidas, permitindo aos amigos partilhar uma intimidade que os tornava menos solitários (BENETTI, 2016, p. 224).

Como aponta Benetti, as cartas eram para Vladimir Kozák uma forma de comunicação, mas também aquela privilegiada em estabelecer as suas relações:

Através das cartas Kozák criou uma rede de relações pessoais, dialogou, criou laços, intelectuais e afetivos. As missivas revelam relacionamentos sociais, profissionais e pessoais do indivíduo, assim como possibilitaram perceber sentimentos quanto a diversos temas (2016, p. 153).

Em acordo com Benetti (2016), observa-se sua troca de correspondências movimentavam assuntos pessoais e/ou profissionais, visto que Kozák compartilhou com Marjory Baillon e Gene Woiski afeto, frustrações pessoais, suas experiências de pesquisa, viagens ao PINX, expedições a Serra de Dourados e demais trabalhos no MP e na UPR. Da mesma forma com o casal de antropólogos norte americano Robert Carneiro e Gertrude Dole que conheceu em uma de suas viagens ao PINX (BENETTI, 2016); com os linguistas Čestmir Loukotka e Aryon Rodrigues; e com os servidores da 7ªIR/SPI, Wismar da Costa Lima Júnior e Lourival da Mota Cabral – com estes últimos compartilhou as expedições científicas a Serra dos Dourados.

Além destes, destaca-se também a troca de correspondência o Coronel Amorety³⁴⁹ e o Capitão-Comandante João Monteiro³⁵⁰, ambos da Força Área Brasileira, a quem de forma recorrente Kozák solicitou transporte de avião para chegar ao PINX, ao Mato Grosso e em Goiás; Eduardo Galvão, antropólogo e servidor do SPI entre os anos de 1952 e 1954³⁵¹ - a quem solicitou autorização para realizar pesquisas em diferentes PINs do PINX; e o casal Sr. Carmino³⁵² e sua esposa D. Iracy³⁵³, e Antônio Sarmiento Junior³⁵⁴.

Em comum, esses sujeitos foram inseridos pelo fotógrafo-cinetécnico na categoria de *amigo*, com quem se permitia trocar cartas, permeadas de afetos, anseios, alegrias, experiências cotidianas, dados e informações de pesquisas. Como *amigos*, incentivaram, valorizaram e colaboraram na gravação de seus filmes e registros fotográficos, na publicação de artigos, intermediaram a sua aproximação com os grupos indígenas, bem como impulsionaram e intermediaram a aquisição e a venda de peças da sua coleção. Desse modo, as cartas criavam, mobilizavam e animavam a sua rede de relações, mas como veremos, à vista disso, a sua prática de colecionismo. Nesse sentido, suas experiências pessoais são marcadas pela relação dinâmica entre pessoas e coisas, e desse ângulo Vladimir Kozák nunca esteve sozinho.

3.2 Vladimir Kozák: relações institucionais

No capítulo 2, vimos que entre as décadas de 1940 e 1950, quando Kozák foi admitido na Seção de Cinema Educativo do MP³⁵⁵ e contratado como fotógrafo e cinetécnico da UFP, essas duas instituições afirmavam-se como referência de ações científicas e educativas, tanto no cenário paranaense como na esfera nacional.

³⁴⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Carlos Amorety Osório**. Curitiba, jun. de 1960. MP/SEEC.

³⁵⁰ KOZÁK, Vladimir. **Carta a Comandante João Monteiro**. Curitiba, 01 de mai. 1959. MP/SEEC.

³⁵¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta a Eduardo Galvão**. Curitiba, 09 de jun. 1953. MP/ SEEC.

³⁵² KOZÁK, Vladimir. **Carta a Carmino Lopes**. Curitiba, 24 de mar. 1957. MP/SEEC.

³⁵³ Vladimir Kozák trocou correspondências com Carmino e Iracy, casal de servidores do Posto Indígena General Gomes Carneiro, localizado no Mato Grosso, território Bororo.

³⁵⁴ Enfermeiro do Posto Indígena Getúlio Vargas, território Karajá.

³⁵⁵ MP/SEEC.

Inserido em um contexto de consolidação institucional da ciência, do ensino universitário e da disciplina de antropologia no cenário paranaense (ROSATO, 2009, p. 56), que marcou as décadas de 1950 e 1960, conforme vimos no capítulo 2, o lugar de fotógrafo e cinetécnico do MP e, posteriormente da UFP, foram fundamentais para efetivar sua prática de colecionismo. Viajando sozinho e/ou acompanhando nas expedições científicas organizadas pelo antropólogo Loureiro Fernandes, Vladimir Kozák atuou diretamente na constituição da coleção científicas do MP e do DEAN e, paralelamente, constituiu uma coleção de coisas de cunho particular.

À frente das instituições, Loureiro Fernandes, Diretor do Museu e do IP/UPR procurou estimular e modernizar a pesquisa nas áreas das ciências naturais³⁵⁶ e humanas – botânica, zoologia, paleontologia, geologia, antropologia, museologia, arqueologia, história e etnografia (FURTADO, 2006, p. 08; MARANHÃO, 2005, p. 163). Visando inovar, dar credibilidade e visibilidade às pesquisas desenvolvidas nas instituições, o antropólogo incentivou as expedições científicas, os trabalhos de campo e a publicação de artigos e periódicos, sobretudo, a constituição de coleções científicas e a formação de um acervo áudio visual (FURTADO, 2006; BENETTI, 2016).

Responsável pela produção de filmes e fotografias, Vladimir Kozák participou das expedições científicas organizadas por Loureiro Fernandes em direção ao interior e ao litoral paranaense, contribuindo sobremaneira para os acervos das instituições (BENETTI, 2016, p. 99).

Nas instituições paranaenses em que atuou, sua rede de relações era composta por sujeitos, predominantemente, da elite curitibana, nas esferas intelectual, política e econômica, que ascendiam, como vimos no capítulo 3, ao *status* de cientistas (ROSATO, 2009, p. 76; BENETTI, 2016). Segundo Benetti (2016), o fato de ser estrangeiro³⁵⁷ gerou inicialmente alguns entraves burocráticos à sua contratação pelo MP. Uma vez inserido, sua origem estrangeira teria influenciado o seu lugar na rede de relações institucionais que então se delineava: “[...] era o estrangeiro, ocupando um lugar marginal, ou seja, um outsider” (BENETTI, 2016, p. 103).

³⁵⁶ Desde a sua fundação, em 1876, o Museu se destacava na realização de atividades ligadas as Ciências Naturais (ROSATO, 2009, p. 53).

³⁵⁷ Vale ressaltar ainda que havia por essa época desconfianças, advindas do contexto político internacional do período entre e pós Segunda Guerra, no qual as identidades estrangeiras, sobretudo, as oriundas da região do Império Austro-Húngaro estavam em suspeita (GRUPIONI, 1998).

De fato, as fronteiras estabelecidas pela sua nacionalidade permeavam o cotidiano de relações de Vladimir Kozák desde sua chegada ao Brasil³⁵⁸. Como vimos, o cine-técnico privilegiava a relação com estrangeiros e demonstrava não ter muita paciência com a população local, bem como com as instituições, a burocracia e o Estado brasileiro³⁵⁹. Além disso, institucionalmente, perseguições a estrangeiros foram acirradas no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) e período do Estado Novo do governo Getúlio Vargas (1937 - 1946), sobretudo, àqueles oriundos da região do antigo Império Austro-Húngaro que foram colocados em constante suspeita (GRUPIONI, 1998; BENETTI, 2016).

No entanto, conforme aponta Rosato (2009), é necessário compreender o lugar institucional destinado a Kozák, não apenas em relação a sua nacionalidade estrangeira, mas somado a isso, ao seu lugar na configuração de um campo em ascensão e disputas de produção científico-institucional, tanto no MP como na UFP. Para esta autora, os argumentos de Loureiro Fernandes para a contratação de Kozák como fotógrafo e cinetécnico nestas instituições envolveram, inegavelmente, seus atributos técnicos e artísticos para este trabalho (2009, p. 64).

Contudo, como cientista, critério fundamental para o prestígio e *status* institucional (ROSATO, 2009, p. 77), sua atuação e projeção foi bastante limitada, visto que Vladimir Kozák supervalorizou a produção de imagens, em detrimento à textual, instrumento que projetava cientistas e intelectuais. Ao comparar o valor da imagem e da escrita, recorrendo a sua experiência com os grupos familiares Xetá, o fotógrafo/cinetécnico registrou: “Posso atribuir isso à minha convicção pessoal que é a seguinte: uma boa fotografia vale mais do que mil palavras, e uma boa sequência filmada tem valor de dez mil palavras” (KOZÁK, s.d., p. 02). E complementou,

Infelizmente, porém, o alto custo da produção desse tipo de documentário coloca-o fora do alcance do público; o trabalho escrito, por outro lado, graças ao seu baixo custo de produção, tem a vantagem de estar sempre à mão para que possa ser consultado a qualquer instante. No entanto, não se pode por em dúvida a importância e o valor das filmagens em trabalhos de pesquisas e na realização de documentários em trabalho de campo. O que devemos lamentar é que, em tantos casos, isso não tenha sido devidamente compreendido e apreciado (KOZÁK, s.d., p. 02).

³⁵⁸ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MP/SEEC.

³⁵⁹ *Idem*.

Diante dessas afirmações, compreende-se que Kozák não tenha centrado seus esforços na publicação de artigos. De sua experiência com os grupos indígenas, publicou apenas um único em vida intitulado *Ritual of a Bororo funeral*³⁶⁰ (1963), na Revista *Natural History* do *American Museum* de Nova York. Para tanto, contou com a colaboração do antropólogo norte-americano Robert Carneiro, o mesmo que o ajudou a realizar, em 1966, uma exposição de suas pinturas na *Glenbow Gallery*, em Alberta, no Canadá (ROSATO, 2009, p. 84).

De sua experiência de quase vinte anos com os grupos familiares Xetá, parte de seus escritos foram registrados como narrativas de memória, como se observa em seu texto *The hëta history*³⁶¹, escrito provavelmente na metade da década de 1970 e nunca publicado. Nesse texto, afirmou: “Não vai ser fácil escrever sobre os HËTAS, principalmente porque, durante o tempo em que convivi com eles, nunca fiz muitas anotações; contentei-me em filmar cenas características do seu “modus vivendi”” (s.d., p. 01). E mais: “Já que os nossos informantes não passavam de crianças, pouca importância dava às informações que forneciam e, por conseguinte, a informações mais fidedignas são as filmagens feitas “in loco”” (KOZÁK, s.d., p. 01). Ao estabelecer uma relação entre imagem e verdade, Kozák complementou: “As observações que seguem não têm a pretensão de serem científicas, mas, na medida do possível, são verídicas” (KOZÁK, s.d., p. 11).

À vista da potência e do valor projetado em suas imagens, emerge em Kozák, uma narrativa acerca da falta de investimento financeiro em suas pesquisas, compreendida por ele como um aspecto de desvalorização do seu trabalho. Quanto às dificuldades e o descaso institucional, uma de suas solicitações de recursos à UPR, ficou marcada em Kozák:

Um belo dia criei coragem e compareci diante do então Diretor (Reitor?...) da U.F.P., Dr. Homero de Barros, a quem expus meus planos de realizar um documentário baseado tanto em filmes como em fotografias, sobre o grupo dos HËTAS. O Dr. Homero de Barros era uma pessoa simpática e isso me levava a crer que conseguiria algo de concreto e positivo no sentido de obter a verba necessária para filmar um documentário que seria a história dos últimos homens livres do Estado do Paraná. Após ouvir a minha exposição, ele respondeu com muita gentileza: “Mas porque ir tão longe para fazer um trabalho dessa espécie? Seria muito melhor trazer esses índios para o Passeio Público e colocá-los dentro de jaulas, onde o Sr. Poderia fotografá-los à vontade. Bem mais fácil e bem mais barato. Além do mais, não temos recursos para esse tipo de trabalho. Falta verbas! É

³⁶⁰ KOZÁK, Vladimir. *Ritual of a Bororo funeral*. Natural History. Vol. LXXII, p. 38-49 New York: The American Museum of Natural History, 1963.

³⁶¹ MPKO2345. Traduzido para o português pelo MP/SEEC.

difícil saber se o Dr. Homero falou sério ou se estava pilheriando. O fato é que as palavras dele foram um jato de água fria no meu entusiasmo e, se depois disso, algum trabalho foi feito, foi tudo com a “cara e a coragem”, como se diz na linguagem popular (KOZÁK, 1976, p. 27-28).

Sobre seus filmes e fotografias produzidos com os grupos familiares Xetá, destacou:

[...] não tendo eu recebido da Universidade do Paraná o estímulo e o apoio necessários para realizar um trabalho de maior profundidade, a continuação dessa pesquisa baseada em documentários filmados ficou a mercê do acaso (KOZÁK, s/d, p. 01).

De fato, a excepcionalidade de seu método de pesquisa, isto é, o registro de imagens exigia equipamentos e filmes importados, recursos para transporte, pagamento de auxiliares e das solicitações dos indígenas para se envolver nessa forma de trabalho, visto que demandava tempo. Em conjunto estes fatores oneravam os investimentos institucionais (KOZÁK, s.d., p. 27).

No arquivo documental de Loureiro Fernandes, é possível vislumbrar uma série de problemas ocasionados pelos poucos recursos institucionais que atingiam as reformas nas estruturas físicas das instituições. Entre eles destacam-se falta de recursos para a compra de materiais, de equipamentos, para a contratação de profissionais especializados, transporte para as viagens e expedições, bem como para a constituição, conservação e exposição das coleções científicas.

Como Diretor do MP, do IP/UFR, do MAAP/UFP, boa parte das correspondências que Loureiro Fernandes dirigiu aos seus superiores, tais como Flavio Suplicy de Lacerda e Homero de Barros - ambos reitores da UPR; bem como a Moysés Lupion, governador do Estado do Paraná; e Rodrigo Melo de Franco de Andrade, Diretor do SPHAN, o antropólogo constantemente reivindicou verbas para o desenvolvimento das pesquisas científicas. E nestas solicitações, é preciso destacar que estavam incluídos recursos para compra de filmes e equipamentos as pesquisas e viagens de Vladimir Kozák.

Desse modo, a falta de recursos deve ser compreendida, nesse contexto como um problema estrutural, em que instituições, cientistas e catedráticos, incluindo Loureiro Fernandes, viviam as voltas com esse obstáculo para o planejamento de suas ações e pesquisas. Ou seja, a falta de investimentos e de recursos institucionais, destinados às ações e as atividades de pesquisa científica não eram exclusivas dos projetos de Vladimir Kozák. O

próprio chegou a afirmar: “A maior parte das pesquisas sofre de um mal crônico que é a falta de verba” (s/d, p. 27 - *grifos do autor*).

Como aponta Rosato (2009), é importante compreender que Kozák estava imerso em um campo de disputas e tensões institucionais, em que os sujeitos eram hierarquicamente marcados:

Kozák, como cine-técnico, tinha seu acesso aos recursos institucionais limitados pela posição que ocupava na estrutura universitária. Os financiamentos para suas pesquisas e viagens de trabalho, por exemplo, dependiam da mediação dos agentes que tinham acesso aos mecanismos de obtenção de verbas, e também da consideração sobre a relevância do trabalho ou até mesmo da disposição em acolher suas solicitações. Tanto é assim que grande parte de seu trabalho foi financiada com seus próprios recursos, como ficará demonstrado mais à frente (2009, p. 85).

Os arquivos documentais de Vladimir Kozák e de Loureiro Fernandes revelam que havia um intercâmbio de interesses e financiamentos, particulares e institucionais para as pesquisas, viagens, produção de fotografias e filmes, e constituição de coleções científicas (ROSATO, 2009, p. 74).

De fato, frente às disputas institucionais, boa parte das pesquisas de Kozák foi financiada com o seu salário de engenheiro mecânico, que lhe assegurava, além da subsistência cotidiana, a possibilidade de investir em viagens e adquirir equipamentos fotográficos e cinematográficos³⁶² - de elevado custo e alta qualidade, visto que eram adquiridos no exterior (BENETTI, 2016, p. 105).

Por conseguinte, emerge em Kozák uma narrativa meritocrática acerca das suas pesquisas:

Porque eu nunca fui financiado por ninguém e nunca ajudado por alguém, todas as minhas expedições foram meus negócios privados executados com meus próprios recursos. [...] A explanação acima é necessária porque muitas pessoas não acreditavam que tais aventuras possam ser efetuadas a não ser através de instituições governamentais, porque elas custam dinheiro e geram altíssimas despesas³⁶³.

³⁶² Analisando as correspondências de Kozák, Benetti ressalta que o fotógrafo estabeleceu inúmeros contatos comerciais, para compra ou pesquisa de material de filmagem, fotografia e pintura e revelação de filmes fotográficos (2016, p. 54).

³⁶³ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. MP/SEEC.

Indubitavelmente Vladimir Kozák investiu, e muito, do seu tempo, do seu dinheiro e dos seus esforços pessoais para viajar, comprar equipamentos, fotografar, filmar e adquirir artefatos para os acervos daquelas instituições:

*“Embora com essas dificuldades, continuei trabalhando e colecionando material, pagando as despesas de meu bolso como de costume, e consegui colecionar boa documentação, a qual será preciosa para futuras atividades do museu”*³⁶⁴ (ROSATO, 2009, p. 75).

Contudo, sua narrativa acerca desses fatos é marcada pela ambiguidade. Em suas notas e diários de campo junto aos grupos familiares Xetá, correspondências e textos produzidos, ora parece orgulhar-se de seus investimentos, méritos, desprendimento e autonomia frente às instituições para a realização de suas pesquisas. Ora ressentir-se da falta de vínculo, apoio financeiro e valorização institucional para a continuidade do seu trabalho (BENETTI, 2016).

Dado a qualidade de suas fotografias e cine-documentários produzidos com recursos próprios e institucionais, estes foram amplamente usados para dar visibilidade e credibilidade às pesquisas, aos cientistas e as referidas instituições paranaenses do qual fazia parte (ROSATO, 2009, p. 64).

Segundo Rosato,

Pelas lentes de Vladimir Kozák, uma geração de intelectuais, produtores de conhecimento, estabelecida nas instituições de ensino e pesquisa de Curitiba pôde registrar e *mostrar* suas ideias, concepções humanísticas, científicas e suas preocupações patrimoniais (2009, p. 64).

Desse modo, como documentos científicos, o material constituído e produzido por Vladimir Kozák foi exibido em exposições didáticas e científicas, suas fotografias ilustraram artigos e publicações e seus filmes foram apresentados em congressos, eventos políticos e científicos. No entanto, ao mesmo tempo em que colaborou para projetar os cientistas e instituições paranaenses, seu lugar de ‘cine-técnico’ foi relegado, nessa rede de produção científica, ao papel de coadjuvante:

³⁶⁴ Relatório de Atividades da Seção de Cinema Educativo do MP, Curitiba, 22 de dez. 1949. MP/SEEC.

A participação da Secção de Cinefotografia, por intermédio de seu Diretor, Kozák, é citada como coadjuvante em alguns dos congressos realizados naquele ano, particularmente no de *folklore* organizado pelo Dr. Loureiro Fernandes, Diretor da Secção de Antropologia e Etnografia e professor da cátedra de mesmo nome na universidade. Nesse congresso foram exibidos vários trabalhos de Kozák que, no entanto, não era o representante oficial do Museu, cabendo esse papel ao Diretor da Secção de História, Dr. Júlio Estrela Moreira, também professor da Faculdade de Filosofia (ROSATO, 2009, p. 77).

E seu papel de coadjuvante se manifesta em relação ao seu material Xetá. As fotografias de Kozák ilustram o artigo *Os índios da Serra dos Dourados*, publicado por Loureiro Fernandes (1959) sem, no entanto, haver nenhuma referência à sua autoria. Neste artigo, versão da comunicação apresentada pelo antropólogo em 1958 durante a III RBA, e publicada nos Anais do congresso, há duas breves referências ao trabalho do fotógrafo e cinetécnico. A primeira em uma nota de rodapé e se refere ao cine-documentário Xetá, exibido durante a referida Reunião:

O filme apresentado foi feito sob orientação do autor e realizado pelo cine-técnico da Universidade do Paraná, Sr. Wladimir Kozák. Do seu valor etnográfico diz a aprovação unânime que recebeu do plenário por sugestão do Prof. Darcy Ribeiro (FERNANDES, 1959, p. 27).

A segunda referência a Kozák é feita ao final do artigo, indicando sua colaboração na organização de um vocabulário Xetá: “[...] é organizado por nós, em Dourados, com a colaboração do engenheiro checo Dr. Wladimir Kozák, revisto pelo prof. Chestmir Loukotka e posteriormente analisado com o Prof. Rosário Mansur Guérios” (FERNANDES, 1959, p. 42).

Como vimos no primeiro capítulo, segundo Kozák, sua participação e convite para participar nas expedições a Serra dos Dourados foi incluída como pesquisador: “[...] convidaram-me para integrar a expedição organizada pelo S.P.I. na qualidade de pesquisador para, posteriormente, apresentar um relatório sobre os fatos mais interessantes” (KOZÁK, s.d., p. 18). Entretanto, no decorrer das expedições científicas sua atuação limitou-se ao trabalho de fotógrafo e cine-técnico, seguindo roteiros, orientações e interesses científicos do antropólogo Loureiro Fernandes.

Ainda em referência ao artigo, a participação de Vladimir Kozák se situa entre a orientação e a avaliação de quatro cientistas de destaque, que legitimam sua contribuição como fotógrafo e cinetécnico para a ciência: Loureiro Fernandes, Darcy Ribeiro, Čestmir Loukotka e Mansur Guérios. Além disso, ainda no artigo Loureiro Fernandes ressalta sua

formação de engenheiro e de ‘cine-técnico’, em desvantagem ao seu trabalho de pesquisador, fotógrafo, cinetécnico e etnólogo, que por vezes Vladimir Kozák se autodenominava.

Nesse sentido, para Rosato as imagens, que tanto Vladimir Kozák valorizava, permeavam um campo de conflitos entre Vladimir Kozák e seus colegas cientistas:

[...] deixa ver tanto o jogo figuracional das relações quanto o mecanismo de validação das modalidades de conhecimento e seus agentes. Isso parece recontar o papel que as imagens ocupam no contexto do conhecimento científico nacional. Ou seja, as imagens válidas seriam aquelas capazes de reproduzir a objetividade do mundo visível, ilustrando o conhecimento dos agentes competentes para tanto (2009, p. 207-8).

Vale lembrar também que, além de ser publicado nos Anais da III RBA, em 1959 a UPR imprimiu 1.000 (mil) cópias de separata do referido artigo³⁶⁵. Organizado e distribuído por Loureiro Fernandes para centenas de museus e universidades, em todas as regiões do Brasil e países como México, Dinamarca, Estados Unidos, Uruguai, Chile, Paraguai, França e Portugal e etc³⁶⁶, o artigo promoveu a instituição e o antropólogo.

Internacionalmente, as imagens fotográficas dos grupos familiares Xetá registradas por Vladimir Kozák, ilustram também os artigos de Čestmir Loukotka, *Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná* (1960), e de Annette Laming-Emperaire, *O trabalho de pedra entre os Xetá - Serra dos Dourados Paraná* (1979). Embora nesses artigos as fotografias contenham as devidas referências à sua autoria, o antropólogo Loureiro Fernandes é o interlocutor privilegiado dos autores, com quem debatem dados etnográficos e científicos a respeito dos grupos familiares Xetá.

Para o casal de antropólogos americanos Robert Carneiro e Gertrude Dole, Vladimir Kozák parece ter compartilhado seus ressentimentos a respeito dos usos de suas fotografias por parte de terceiros. Em uma de suas cartas o casal menciona o uso o artigo de Čestmir Loukotka:

“Um de nós (Trudie) recentemente descobriu um artigo de Loukotka sobre os Xetá em um periódico húngaro *Acta Ethnographica*. Ele deu todos os créditos das

³⁶⁵ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 88/59 encaminhado á Flávio Suplicy de Lacerda**. Curitiba, 12 de out. 1959. MAE/UFPR.

³⁶⁶ MAE/UFPR.

fotografias e vocabulário utilizados a você. Seu nome consta na bibliografia. É bom ver você obtendo crédito pelo seu trabalho”³⁶⁷ (BENETTI, 2016, p. 193).

Reinhard Maack³⁶⁸, geólogo e geógrafo alemão radicado no Paraná, também utilizou suas fotografias no artigo *Unbekannte Indianer in West-Paraná*, publicado na revista alemã *Kosmos*, em 1962. Maack participou da expedição a Serra dos Dourados realizada em 1961 e, segundo Chmyz, Vladimir Kozák teria se aborrecido com o fato do geólogo ter se aproveitado das cenas que organizou junto aos Xetá, para filmar e gravar um material particular (2005, p. 102).

Quanto ao uso de suas fotografias Benetti conclui:

[...] com os elementos disponíveis até o momento não é possível compreender a percepção de Kozák quanto a Maack e sua publicação [...]. Aliás, não há qualquer indício de que Kozák tenha fornecido ou autorizado o uso de suas imagens (2016, p. 195).

O que se pode afirmar é que Kozák movimentou sua rede de relações para conseguir uma cópia do referido artigo e teria localizado um exemplar, com um professor alemão que residia no município de Ibirama, no estado de Santa Catarina³⁶⁹.

Ademais, os originais dos filmes realizados por Kozák com os grupos familiares Xetá na Serra dos Dourados também estiveram envolvidos em um enredo de disputas entre a UPR e o *Comité du Film Ethnographique* do *Musée de l’Homme de Paris*:

Disse-nos certa ocasião o ilustre historiador conterrâneo Dr. Newton Carneiro, que um extrato dessas filmagens de Kozák constitui a parte mais disputada do arquivo do Museu do Homem de Paris, fato que verificou pessoalmente quando de sua estada naquele Museu (TREVISAN, 1979, p. 16).

No arquivo documental de Loureiro Fernandes foi possível identificar cartas trocadas com a arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire que nos permite compreender, em parte, o embaraço entre as instituições. Em 1964, rolos originais dos filmes, sem edição, foram enviados por Loureiro Fernandes ao referido *Comité*, em Paris, sob os

³⁶⁷ CARNEIRO, Robert; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. s.d.. MP/SEEC. Original em inglês, tradução Benetti (2016).

³⁶⁸ Geólogo e geógrafo alemão que residiu em Curitiba de 1923 a 1969, ano em que faleceu.

³⁶⁹ LIMA JR, Wismar da Costa. **Carta para Vladimir Kozák**. Itajaí, 01 de set. 1976. MP/SEEC.

cuidados da arqueóloga francesa, com o objetivo de realizar uma cópia em preto e branco de uma edição de 45 a 55 minutos das cenas, incluindo uma versão de áudio em francês:

O filme (pedaços e o carretel com gravações [...] devem seguir aéreo (provavelmente Panair) amanhã. O pacote vai endereçado a senhora para o Musée de l'Homme Palais de Chaillot. Portanto se a senhora viajar antes do pacote aéreo aí chegar encarregue alguém de procurar o pacote e entregar alguém do filme. Junto com os pedaços do filme, vai uma lista explicativa de sequências de cenas. Há cenas muito interessantes, mas infelizmente comprometidas pela interferência de Kozák³⁷⁰.

Na troca de correspondências de Loureiro Fernandes com Laming-Empeaire há indícios de que após a edição, o referido *Comité* demonstrou interesse em ficar com os originais dos filmes. Em resposta a uma carta de Laming-Empeaire, datada de 09 de junho de 1965, Loureiro Fernandes escreveu:

Falei com o Prof. Brasil Pinheiro Machado, Diretor do Conselho de Pesquisas, o qual por sua vez conversou com o Reitor atual. Não vejo possibilidades do filme original, que é propriedade da Universidade do Paraná, ficar definitivamente depositado no Comité du Film Ethnographique do Musée de l'Homme³⁷¹.

Em 1970, Loureiro Fernandes voltou a solicitar os originais a Laming-Empeaire:

Seu equívoco é afirmar que o filme supramencionado foi depositado em dezembro de 1968 na Embaixada do Brasil em Paris, e remetido em janeiro de 1969 ao nosso Ministério das Relações Exteriores (Brasil) e por ela confiado ao Ms. Flávio. Peça que reveja a cópia de sua correspondência a esse respeito. O que foi remetido foi apenas uma cópia, feita em Paris, de parte do filme original; o qual é muito mais extenso e encerra documentário, inclusive da parte preliminar dos contatos aculturativos dos Xetá; partes que não foram aproveitadas na montagem do filme editado pelo referido Comité francês³⁷².

Benetti (2016) também apontou uma desavença envolvendo os filmes de Vladimir Kozák e a Universidade de Sorbonne de Paris. Segundo essa autora, há duas produções de filmes Xetá. Um primeiro produzido com orientação e narração de Loureiro Fernandes, e foi projetado, montado e legendado por Kozák. Segundo Benetti, é a cópia deste filme que teria permanecido no *Musée de l'Homme* de Paris (2016, p. 140). Além desse, há um filme

³⁷⁰ FERNANDES, Loureiro. **Carta para Annette Laming-Empeaire**. Curitiba, 28 de jun. 1964. CEB.

³⁷¹ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 36/65 para Annette Laming-Empeaire**. Curitiba, 09 de jun. 1965. CEB.

³⁷² FERNANDES, Loureiro. **Carta a Annette Laming-Empeaire**. Curitiba, 1970. CEBDOC121.

produzido exclusivamente por Kozák que reúne cenas com os grupos familiares Xetá na Serra dos Dourados e também em sua casa na cidade de Curitiba (2016, p. 141).

Durante esta pesquisa não foi possível identificar se a disputa em torno do cine-documentário Xetá que envolveu a UPR e o *Musée de l'Homme* seria ou não a mencionada por Benetti (2016). Contudo, uma afirmação da autora, permite supor de seja a mesma:

[...] se em um primeiro momento Kozák ficou muito satisfeito com o fato de a Universidade de Sorbonne ter solicitado um de seus filmes para estudar, no transcurso do tempo, a ausência de resposta da universidade e a não devolução do original de seu filme geraram dúvidas e desconfiança (2016, p. 197).

No ano de 1977, comentando sobre essa questão, a antropóloga Gertrude Dole, escreveu em carta para Kozák:

Você mencionou em sua carta de janeiro último que a Sorbonne não devolveu o original de seu filme que você enviou para eles. Esta foi a minha experiência com ambos os meus filmes sobre os Kuikuro e Amahuaca [...]. Eu não espero rever meus originais novamente³⁷³ (BENETTI, 2016, p. 197).

Assim como Dole, há indícios de que Loureiro e Kozák não tiveram mais contato com os filmes originais Xetá e, de que estes permanecem depositados até o presente no *Musée de l'Homme de Paris*. Nesta pesquisa não foram encontrados documentos que indiquem a sua devolução e, recentemente a antropóloga Laura Perez Gil – atual Diretora do MAE/UFPR, em diálogo com o *Musée* durante o desenvolvimento de uma pesquisa, verificou que a instituição permanece reivindicando os direitos de propriedade sobre o referido filme.

Diante desses fatos, evidentemente é compreensível que as narrativas de Kozák acerca da desvalorização e do desprestígio de suas pesquisas pelos cientistas e instituições locais. Em suas cartas confidenciou suas insatisfações tanto financeiras como institucionais e, em resposta, seus amigos sugeriram que deixasse o Brasil e/ou insistiram para que vendesse suas pinturas, fotografias, filmes e peças de sua coleção para obter uma fonte de renda.

Com essa proposta Čestmir Loukotka tentou persuadi-lo a retornar ao seu país de origem:

³⁷³ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º. jan. 1977. MP/ SEEC. Original em inglês, tradução Benetti (2016).

[...] em 1961 o linguista retomou o assunto, insistindo para o seu retorno à Tchecoslováquia, apresentando algumas possibilidades para que ele pudesse se manter, como vender sua coleção de artefatos indígenas e suas pinturas e viver de rendas, ou mesmo colocar esse material à disposição do governo tcheco e usufruir dos benefícios. (BENETTI, 2016, p. 109).

A amiga Marjorie Baillon também tentou convencê-lo a mudar-se para o Canadá:

[...] buscou atrair o amigo para viver no país, apontando as vantagens econômicas e culturais que ele e a irmã Karla encontrariam caso decidissem por se transferir, pois na sua concepção o país necessitava “de talento”. Esse assunto foi retomado em outras vezes, especialmente, quando ele se queixava da falta de ajuda e do não reconhecimento de seu trabalho no Brasil, seja como cineasta e fotógrafo, seja como etnólogo, e ela indicava o Canadá como uma opção viável que lhe possibilitaria reconhecimento profissional e satisfação pessoal (BENETTI, 2016, p. 215).

No entanto, desconsiderou os convites e optou por permanecer vivendo e realizando suas pesquisas no Brasil, mesmo diante das dificuldades e das suas insatisfações. Em vida, Kozák parece ter recusado também o interesse das instituições sobre a sua coleção e recusou acordos com museus e para constituir coleções, diferentemente do que fizeram outros colecionadores como Curt Nimuendaju (GRUPIONI, 1998; TAMBASCIA, 2013), Wanda Hanke (ARIAS, 2017), Lévi-Strauss (GRUPIONI, 1998) e etc.. Segundo Benetti, quanto ao destino de sua coleção, criou-se a anedota de que teria afirmado para os seus vizinhos que “[...] quando se sentisse mal, queimaria a casa, ele e seus pertences” (2016, p. 153).

Retomando Rosato (2009), há que se observar que o conjunto de narrativas apresentadas acima – tanto de Kozák como de terceiros – o situam na sua rede de relações marcadas por uma série de tensões e disputas institucionais mobilizadas em torno de um tipo de conhecimento em processo de ascensão nas instituições paranaenses: o científico. Essas narrativas situam os movimentos e as ações de Kozák por meio de uma série de categorias em oposição: pessoal/institucional; elite local/estrangeiro; público/privado; escrita/imagem; cientista/cine-técnico; engenheiro/etnólogo; pesquisador/colaborador; autoria/apropriação.

Em outras palavras, inserido em uma rede de relações institucional, elitista, pública e científica Vladimir Kozák é tomado como estrangeiro, engenheiro, cine-técnico, coadjuvante, que atua a partir de uma perspectiva pessoal e estética. Desse modo, essas narrativas o colocam em desvantagem nas disputas pelos recursos institucionais, no domínio sobre sua autoria e nos usos de seu material de pesquisa. Contudo, isto não significa que o caráter científico de seu trabalho fosse desvalorizado. Muito pelo contrário. Como aponta Rosato (2009), seu material de pesquisa foi amplamente usado – não apenas o produzido entre

os Xetá -, no entanto, era fundamental ser inserido em paradigmas teóricos, metodológicos e epistemológicos modernos, para o qual se volta o corpo de cientistas da sua rede de relações.

Segundo Benetti Kozák “[...] viveu entre o espaço da ciência e o espaço das artes, mas não se sentia partícipe de nenhum desses ambientes” (2016:25). No entanto, no campo das suas ações Kozák soube reconhecer o potencial de suas pesquisas e articular o lugar estratégico que ocupava institucionalmente, atuando como uma *pessoa* a partir da sua rede de relações científicas. Em outras palavras, valorizou de diferentes formas, o capital simbólico inerente a essa posição:

As viagens de Kozák para o Brasil Central, as cartas de apresentação, bem como o processamento de filmes realizados no Xingu em laboratórios americanos partiram do Museu Paranaense; no entanto, parte dos objetos etnográficos recolhidos destinava-se à Cátedra de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Os financiamentos, por sua vez, eram uma composição de recursos oficiais e pessoais de Kozák (ROSATO, 2009, p. 74).

Nesse contexto, as cartas de apresentação constituíam-se como capital político extremamente importante para o livre trânsito entre aldeias indígenas, realização de filmes, fotografias e pesquisas científicas, bem como para a coleta de artefatos e constituição de coleções etnográficas e científicas. Dessa posição, Kozák emitia diretamente correspondências, recorrendo ao papel timbrado, ao nome de *pessoas* e instituições, solicitando transporte da FAB e autorização de entrada no PINX e aldeias indígenas. Em carta enviada a Eduardo Galvão, servidor do SPI, Kozák escreveu:

Hoje já seguiu ofício ao Museu Nacional solicitando passagem a FBC até Jacare, conforme amigo sugeriu. Também uma carta para Luís Castro Faria, pedindo auxiliar com o caso, e seria favor amigo perguntar a elle a respeito do progresso. O ofício e a carta foram encaminhado por Dr. José Fernandes Loureiro, por intermédio da Faculdade¹⁷⁵.

Segundo Benetti, Vladimir Kozák tinha consciência de que cientistas ligados às instituições estrangeiras tinham vantagens de pesquisa sobre os brasileiros (2016, p. 165). Contudo, na posição de estrangeiro, se encaminhasse suas pesquisas sem vínculos institucionais, teria que se submeter às rígidas regras do órgão fiscalizador (GRUPIONI, 1998, p. 50-51). Nesse sentido, mais do que recursos financeiros, cientistas brasileiros e

estrangeiros³⁷⁴ sem vínculo institucional precisavam se submeter a um imenso trâmite burocrático para obter licenças de pesquisa junto *Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*³⁷⁵ (GRUPIONI, 1998, p. 53-54). E, segundo Grupioni, os critérios de autorizações, controle às expedições e pesquisas de cientistas brasileiros e/ou vinculados às instituições brasileiras eram, de fato, mais brandas (1998, p. 78).

Por meio de seu vínculo institucional Kozák foi admitido, por Heloisa Alberto Torres, na equipe de pesquisa científica do Museu Nacional, tendo à frente o professor Pedro E. de Lima no Alto Xingu³⁷⁶. Em 1952, Darcy Ribeiro encaminhou um memorando ao encarregado do PIN Nilo Peçanha, do grupo Kayapó Kubekrâkégn, no sul do Estado do Pará apresentando o fotógrafo e cinetécnico:

Apresento-lhe o Sr. Vladimir Kozák e respectiva irmã D. Karla Kozák, do Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Os referidos senhores tem permissão desta secção para procederem filmagens e coleta de material etnográfico para o aludido Instituto, sem onus para o S.P.I.; devendo o mesmo compensar o trabalho dos índios do Posto, segundo os critérios de trocas e presentes. Solicito seus préstimos no sentido que sejam dadas todas as facilidades necessárias para que os referidos senhores possam realizar o programa que se propuseram³⁷⁷.

Desse modo, Kozák soube reconhecer o capital político mobilizado a partir do pertencimento as instituições e movimentou, a partir dessa posição, uma a rede de relações para atingir os seus interesses e objetivos de pesquisa. Dessa perspectiva em parte, é compreensível a sua decisão de permanecer no Brasil, bem como o fato de continuar a usar os recursos pessoais para viajar, comprar artefatos, equipamentos, filmar, fotografar, além de doar e compartilhar os resultados de suas pesquisas com aqueles que, segundo suas narrativas, reiteradamente o desvalorizavam. Entretanto chegou a afirmar sobre sua pesquisa com os

³⁷⁴ Entre os antropólogos e colecionadores estrangeiros que se submeteram as regras do Conselho estão Curt Nimuendaju (1935-1945), Levi-Strauss (1935-1939), Charles Wagley (1939) e David Maybury Lewis (1957), entre outros (GRUPIONI, 1998).

³⁷⁵ Criado pelo Decreto nº 22.698, de 11 de maio de 1933, jurisdicionado ao Ministério da Agricultura, composto por membros de especialistas distintas ligadas cientificamente às áreas da botânica, zoologia, mineralogia, antropologia, arqueologia, paleontologia e etc. De modo geral, o Conselho funcionou de 1933 a 1968 e exerceu o papel de fiscalizar as expedições científicas, nacionais e estrangeiras, sobretudo aquelas com iniciativa privada e sem vínculo institucional, em nome da defesa do patrimônio científico do Brasil (GRUPIONI, 1998, p. 53-4).

³⁷⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Heloisa Alberto Torres**. Curitiba, 30 de ago. de 1952; KOZÁK, Vladimir. **Carta para Heloisa Alberto Torres**. Curitiba, 09 de dez. 1952.

³⁷⁷ RIBEIRO, Darcy. **Memorando ao Snr. Cícero de Albuquerque Cavalcanti**. Rio de Janeiro, 12 de ago. 1955.

Xetá: “Talvez outro pesquisador que tenha um pouco mais de sorte no seu trabalho possa ajudar a completar a minha narrativa” (KOZÁK, s.d., p. 02).

Mas mais que isso, foi como parte de uma rede de relações institucionais, consolidada no Paraná, que Vladimir Kozák constituiu e foi constituído a partir das coisas que transcendem as relações de seu espaço/tempo, isto é, a sua coleção.

3.3 Vladimir Kozák: Loureiro Fernandes e o campo de disputas

Da rede de relações institucionais de Vladimir Kozák, Loureiro Fernandes era o exemplo mais significativo do lugar ocupado pela elite brasileira nesses espaços. Como vimos anteriormente, pertencente a uma família de comerciantes de ascendência portuguesa, Loureiro era médico, político, antropólogo e professor universitário. Constituiu uma carreira estável como político, gestor e cientista, ocupando cargos de Direção no MP, na FFCLPR, UFP e MAAP. Em resumo, sua posição facilitava o acesso a pessoas, cargos e recursos institucionais.

No entanto, esses fatores não eram o grande ponto de divergência com Vladimir Kozák, embora o pesquisador tcheco tenha julgado - como se observa em suas correspondências, notas e diários de campo - o temperamento e o comportamento elitista e autoritário do antropólogo, sobretudo durante as expedições científicas a Serra dos Dourados.

O arquivo documental de Loureiro Fernandes revela uma série de desentendimentos, divergências e conflitos do antropólogo com servidores das instituições a que esteve vinculado, e que vez ou outra culminou em rompimentos definitivos. Contudo, em relação a Kozák, o antropólogo, ao longo dos anos, conduziu uma relação baseada na impessoalidade, ou seja, sem indícios de estima, mas também de desafeto ou desagrado em relação ao cinetécnico. Quanto ao trabalho que desenvolveram juntos, Loureiro Fernandes se limitou a apontar algumas divergências quanto ao conteúdo dos filmes e fotografias produzidos em campo, isto é, a respeito das cenas do cine-documentário Xetá.

Como apresentado no capítulo anterior, o interesse de Loureiro Fernandes sobre os grupos familiares Xetá é eminentemente científico, visto se tratarem da representação máxima de *‘fácies vivos da Idade da Pedra’*. Imbuído desse referencial teórico, e como

coordenador das expedições científicas, o antropólogo conduz de modo objetivo a pesquisa e os registros fotográficos e filmicos na Serra dos Dourados.

No entanto, divergiam a respeito de tal referência temporal Xetá. Vladimir Kozák, por sua vez, afirmou sobre a denominação “Povo da Idade da Pedra”: “Em nossa opinião, trata-se de um qualificativo duvidoso” (s.d., p. 11): “[...] o fato de aquele “Povo da Idade da Pedra” já ser versado na técnica da tecelagem, embora primitiva, coloca-os numa classe diferente e talvez alguma reclassificação deva ser feita pelos antropólogos” (KOZÁK, s.d., p. 12). Divergiam também na denominação e nomenclatura do grupo. Enquanto Loureiro referia-se como Xetá, Kozák afirmavam que se tratava dos Hëta.

De todo modo, ao concebê-los com ‘filhos da natureza’, Kozák compartilha dos referenciais de Loureiro Fernandes, situando-os em um tempo passado romantizado:

Quanto a mim, tentei apenas pintar um quadro mais ou menos autêntico da vida e dos costumes daqueles indígenas. Eles atraíram minha atenção pelo simples fato de serem FILHOS DA NATUREZA, criaturas que, em nossos dias, já são uma raça extinta em quase todas as partes do mundo (KOZÁK, s.d., p. 12).

Em nome da ‘autenticidade’, ambos se aproximam, e se manifesta no cine-documentário “*Os Xetá na Serra dos Dourados*”:

O foco central do filme é a tecnologia e a técnica empregada na obtenção e preparo de artefatos e alimentos pelo grupo, destacando nas cenas o estado de natureza desta sociedade caracterizada como ‘viveres na idade da pedra’ (SILVA, 2004/2005, p. 27).

Embora com os mesmos propósitos, para seus colegas contemporâneos, tais como os arqueólogos Oldemar Blasi e Igor Chmyz, a relação entre o antropólogo e o cinetécnico era tensa. Em entrevista para Benetti, Blasi

[...] buscou explicar a relação entre ambos afirmando que os dois tinham um “temperamento forte” e opinião própria, no entanto, quem dominava o espaço era Loureiro Fernandes, e a Kozák restava “obedecer” (2016, p.103).

Chmyz, também afirmou:

O prof. Loureiro, como rigoroso etnógrafo, procurava entender e registrar as manifestações culturais como as encontrava. O Kozák, às vezes inconformado com o que deparava, procurava contribuir para, baseado em relatos, complementá-lo (2005, p. 102).

Segundo Benetti:

Mas, em que pese o esforço de Kozák para implementar os projetos do Museu, as relações com o diretor da instituição foram permeadas por divergências e conflitos. O engenheiro ocupava um lugar claramente definido de subordinado, pois o referencial naquele ambiente era Loureiro Fernandes (2016, p. 103).

Opostos e complementares Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák trabalharam juntos por aproximadamente 20 anos. Depois de aposentados, mesmo desligados institucionalmente, em 1970, como Diretor do MAAP, Loureiro Fernandes convidou³⁷⁸ Vladimir Kozák para atuar como cine-técnico no documentário que então produzia sobre as Cavalhadas de Guarapuava. Em resposta, o cine-técnico não apenas negou o convite como manifestou diretamente a Loureiro seu ressentimento quanto à desvalorização do seu trabalho:

O custo com certeza surpreende V.S., sendo conhecedor, que eu trabalhei para o M.P. de graça e anos para a UPR pelo salário miserável além de ser desprestigiado. Embora entusiasmado, não me é possível fazer esse trabalho³⁷⁹.

No entanto, Loureiro não se deu por satisfeito e insistiu com o cinetécnico, que por fim, aceitou o trabalho. Segundo Blasi, um precisava do outro (BENETTI, 2016, p. 104) e “[...] apesar dessas dificuldades, os interesses institucionais sobrepujaram o relacionamento pessoal” (BENETTI, 2016, p. 104).

Inegavelmente a relação de trabalho entre os dois colaborou no fortalecimento das instituições, do MP e da UFR, enquanto espaço educativo e de produção científica. Contudo, nessa relação, obviamente não apenas interesses institucionais, mas pessoais estavam em jogo e, cada qual a seu modo, soube valer-se dessa relação e dos conhecimentos um do outro.

Como apresentado anteriormente, o espaço institucional aberto por Loureiro foi fundamental para Kozák constituir-se como uma *pessoa* e assim, fotografar, filmar, viajar e experienciar o trabalho de campo e movimentar a sua prática de colecionismo. Do mesmo modo, a pesquisa e o material produzido e fornecido por Kozák projetaram, nacional e internacionalmente, às instituições dirigidas por Loureiro Fernandes e o próprio antropólogo.

³⁷⁸ FERNANDES, Loureiro. **Ofício nº 86 enviado a Vladimir Kozák**. Curitiba, 1970. MP/SEEC.

³⁷⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Loureiro Fernandes**. Curitiba, 08 de nov. 1970. MP/SEEC.

Boa parte da Coleção etnográfica DEAN, do qual a Coleção Loureiro Fernandes e Xetá estão incluídas, foram eminentemente constituídas pelas fotografias, filmes e objetos mobilizados pelas relações de Vladimir Kozák. Desse modo, é impossível analisá-los isoladamente, na medida em que, de modos distintos, pessoal e/ou cientificamente se constituíram um no trabalho do outro.

Aqueles que conviveram com ambos (ROSATO, 2009, BENETTI, 2016) concordam que o grande embate entre os dois dizia respeito ao destino dos artefatos oriundos das expedições científicas, visto que eram organizadas com recursos públicos e particulares. O auge da disputa, segundo Langes (2005, p. 33), ocorreu quando Kozák manifestou interesse em ficar com as peças e as gravações dos filmes produzidos com os grupos familiares Xetá na Serra dos Dourados. Loureiro, por sua vez, exigiu que as peças fossem destinadas à UPR (LANGES, 2005, p. 33).

Em nome da ciência, Loureiro/DEAN vislumbrava a extinção dos grupos familiares Xetá e a ‘preservação’ de seus artefatos como objetos científicos nas instituições. Desde a primeira expedição ficou evidente que, para Loureiro o destino das coisas coletadas em suas viagens de pesquisa era as instituições científicas, particularmente naquela ocasião, o DEAN/UEFS. Para Vladimir Kozák o destino é a sua casa, junto a si, em meio as suas fotografias, correspondências, filmes e artefatos, materializando suas experiências pessoais e pesquisas junto aos grupos Xetá.

No centro das disputas entre Kozák e Loureiro, o machado de pedra Xetá - o objeto científico tomado pela ciência como a máxima materialidade representativa da *primitividade*, da existência do homem pré-histórico, que vivia em pleno século XX em estágio neolítico. E mais, em território paranaense:

O atrito havido por causa de uma lâmina de machado de pedra, que teve as fases de produção por ele filmadas durante uma pesquisa do prof. Loureiro na Serra dos Dourados, deveu-se ao fato, conforme o prof. Loureiro, de Kozák desejar incorporá-la ao seu acervo. Conforme a explicação de Kozák, os Xetá, após o contato, já estavam usando machados e facas de metal e não se podia mais documentar como produziam as lâminas de machado ou como obtinham lascas de pedra. Por sua iniciativa e persistência, alguns índios se dispuseram a demonstrar as técnicas utilizadas. No caso da lâmina de machado, por se um processo mais demorado, o índio abandonava frequentemente, jogando-a no mato. Kozák, recorrendo a agrados, conseguia que o trabalho tivesse continuidade até que fosse concluída e, assim, documentada. Por esse motivo, ele achava que tinha direito de possuí-la (CHMYZ, 2005, p. 102).



Figura 74 - Machado de pedra Xetá³⁸⁰

Vale lembrar que Kozák não mediu esforços para motivar Eirakã[Arigã] a confeccionar um machado de pedra, cine documentando todo o processo de produção. Ao finalizá-lo, registrou: “Mas, o machado, que está em minha posse, me faz acreditar que isso não é um sonho”³⁸¹, prometendo colocá-lo no lugar de honra da sua coleção. No entanto, após um conflito, segundo Lange, a peça acabou indo para a Universidade (2015, p. 33) e Loureiro teria perdido a estima de Kozák.

Ao partilhar com Robert Carneiro suas angustias em relação a Loureiro Fernandes e os objetos Xetá, Kozák recebeu apoio do antropólogo norte-americano, o incentivando a publicar um artigo com seu material Xetá:

Não seria ótimo ter o artigo publicado? Tenho certeza de que é um limite para despertar grande interesse. Eu certamente espero que lhe agrade, e que você vai gostar que os seus amigos vissem. Loureiro deve ver uma cópia também, então ele pode dizer quem é o verdadeiro especialista nos Xetá. [...] Não vai demorar muito para que a história do machado de pedra apareça, então prepare-se para beber um

³⁸⁰ MP/SEEC.

³⁸¹ *Idem.*

copo de vinho, pelo menos. Eu vou fazer o mesmo. Nós dois temos motivo para comemorar³⁸².

Para Loureiro, o machado de pedra possuía valor científico, expressando a relação objetiva que estabeleceu com sua coleção etnográfica e com os grupos familiares Xetá. Kozák, por sua vez constituiu uma coleção Xetá a partir de vínculos e experiências pessoais. Embora desejasse registrar objetivamente a “verdade” a respeito desse povo, estabeleceu relações de proximidade e afeto com Mã, Adjatukã, Tuca, Tikuein e Kuein. Por suas habilidades em estabelecer essas relações e experiências reivindica seu direito ao machado de pedra Xetá.

E essas diferentes relações estabelecidas pelos colecionadores com os grupos familiares e as coisas Xetá parece se desdobrar na contemporaneidade. O processo de objetificação de Loureiro em nome da ciência é compreendido por Claudemir, filho de Tikuein(Mã), que diante das *coisas dos antigos* afirma para os pesquisadores (as): “Para nós é uma realidade, mas pra vocês é uma história”. E quando indagados sobre as coisas Xetá musealizadas, se referem imediatamente a pessoa e a coleção de Kozák, a sua casa, as suas câmeras, fotografias e filmes. Como veremos no próximo capítulo, o fotógrafo- cinetécnico e suas relações com os grupos familiares são referência de memória transmitida entre pelos parentes *do tempo do mato*.

3.4 Vladimir Kozák: o ‘amigo’ dos índios

“[...] porque esses índios os quais eu tenho pintado são meus amigos, eu os conheço pelos seus nomes e eu nunca dei o cuidado de colocar seus nomes embaixo”.³⁸³

Segundo Baxter (2000), em 1925, quando residia no Espírito Santo, Vladimir Kozák teve sua primeira experiência de contato com os Aymoré - Botocudo (BRAXTER,

³⁸² CARNEIRO, Robert L. *Carta para Vladimir Kozák*. New York, 24 ago. 1972. MP/SEEC. Original em inglês, tradução Rosalice Benetti (2016).

³⁸³ KOZÁK, Vladimir. *Vladimir Kozák por ele mesmo*. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. MP/SEEC.

2000)³⁸⁴ e, nesse mesmo período, teria visitado os Kaingang no Paraná. Contudo, segundo esse autor, mudança na vida desses grupos suscitou dúvidas no cinetécnico a respeito da possibilidade de realizar pesquisas futuras.

A segunda experiência ocorreu possivelmente em 1948, quando participou como fotógrafo e cinetécnico do MP, de uma viagem de estudos geomorfológicos em direção à fronteira do Paraná, Mato Grosso e Paraguai (ROSATO, 2009, p. 57). Na ocasião, o contato com o grupo³⁸⁵ territorializado na região reavivou seu interesse nos grupos indígenas.

Entre 1949 e 1966, Kozák realizou ao menos vinte e três viagens à diferentes aldeias indígenas (BENETTI, 2016, p. 18). Além dos Kaiowá no Mato Grosso do Sul; esteve no PINX filmando, fotografando e pintando os Kuikuro, Kamaiurá e Waujá nos anos de 1952 e 1953; entre os Karajá, em Goiás em 1954 e 1956; entre os Kuben-Krân-Krên, em 1954 e 1955. Esteve com os Xavante em 1955; com os Bororo, no Mato Grosso, em 1956 e 1957; com os Gavião, no Pará, em 1961 e 1962; e entre também com os Urubu Kaapor, no Maranhão³⁸⁶. Além disso, nos estados do Paraná e Santa Catarina esteve entre os grupos Kaingang e Guarani; e, manteve relações entre os anos de 1955 e 1976 com os grupos familiares Xetá.

A partir de suas experiências com os grupos indígenas - no PINX e no sul do Brasil - emerge uma quarta narrativa acerca das relações de Vladimir Kozák. Em suas cadernetas e notas de campo é possível observar que o cinetécnico estabeleceu com estes uma relação de proximidade. Quanto a suas experiências de viagem afirmou:

Em todas, ou quase todas as visitas que tenho feito a qualquer grupo de “Filhos da Natureza”, empenhei-me ao máximo em descobrir como viviam e como confeccionavam os utensílios de uso diário e demais objetos que facilitavam sua sobrevivência num meio-ambiente hostil. Quantas vezes, ao observar seus métodos de trabalho, fiquei surpreso diante da habilidade e da criatividade dos selvagens! (KOZÁK, s.d., p. 28).

Essa relação de ‘amizade’ com os grupos indígenas é reforçada nas narrativas das instituições, de seus colegas contemporâneos, de biógrafos e pesquisadores. Ao se referir a

³⁸⁴ BAXTER, David N. P. **Vladimir Kozák** (1879-1979): fotógrafo, artista e etnógrafo dos índios brasileiros, 2000. Datilografado. MP/SEEC.

³⁸⁵ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. Curitiba, 27 fev. 1966. MP/SEEC.

³⁸⁶ *Idem*.

essa relação Trevisan afirmou: “Eis o branco bom dos Bororo” (1979, p. 26) e Benetti, assim destacou:

[...] ele se dedicou, com avidez e persistência, à difícil tarefa de registrar os índios brasileiros, fazendo algo que lhe dava imenso prazer, pois entre os índios ele realmente se sentia à vontade e feliz. O professor Blasi afirmou: “eu sei o que ele me contou, ele me disse: os meus amigos índios, eu gosto de estar mais com eles do que aqui em Curitiba. Ele adorava os índios. Nas fotos você vê que ele está risonho, está alegre. Depois ele dançava com eles. Ele colocava cocar (2016, p. 118-119).

Em 2012, o Museu Paranaense, curador de sua coleção, organizou uma exposição intitulada *A poesia das imagens de Vladimir Kozák*³⁸⁷. Uma das vitrines da exposição foi denominada *Kozák e seus amigos* e apresentava uma imagem em que o cine-técnico aparece em meio a um grupo de homens indígenas no PINX, com uma referência encontrada em seus registros de campo: “Todo o meu trabalho foi feito por um impulso pessoal e apreciação do HOMEM e da NATUREZA e do mundo em torno dele”³⁸⁸. Possivelmente influenciado pela sua preferência em literatura de viagem, essa afirmação marca uma autorreflexão romantizada a respeito de suas pesquisas e sua relação com os grupos indígenas.

No entanto, como apontado acima suas relações também foram guiadas pela objetividade de seus trabalhos como pesquisador, fotógrafo, cinetécnico e colecionador. Inegavelmente Kozák compreendeu que o estreitamento das relações era fundamental para as suas pesquisas, visto que para fotografá-los, filmá-los e pintá-los, sobretudo a partir de roteiros previamente estabelecidos, necessitava permanecer por períodos relativamente prolongados nas aldeias e contar com a negociação e colaboração dos indígenas (KOZÁK, s.d., p. 28-9).

Para colocar em práticas a objetividade de suas pesquisas junto aos grupos indígenas, contou também com as relações que estabeleceu junto aos não indígenas. Em seu artigo *História Hëta*, Kozák afirmou:

Chamará atenção, igualmente, o fato de o nome do Sr., Antônio Lustosa de Freitas ser mencionado com frequência. Há para isso uma explicação lógica: foi ele o homem que levou ao conhecimento do mundo informações detalhadas a respeito da presença desses estranhos indígenas em suas terras (s.d., p. 02).

³⁸⁷ Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=180>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

³⁸⁸ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. Curitiba, 27 fev. 1966. MP/SEEC.

A colaboração dos não indígenas marcou também o contexto e as relações que estabeleceu no PINX e são significativas da objetividade em constituir suas coleções. Nas cartas enviadas a Antônio Sarmento Leite, enfermeiro no PIN Bananal, aldeia Karajá, Vladimir Kozák solicitou ao amigo, dados etnográficos, demonstrando interesse nos rituais indígenas:

Gostaria muito, para o amigo me escrever como que saíu a tal festa do Hetohoká, este anno. Foi melhor que aquela que eu tinha assistido no anno retrazado, ou foi pior???? Favor veja se pode me dizer algo a respeito desta festa Hetohoká, pois eu creio, que ella tem um significado muito profundo³⁸⁹.

Quanto ao uso dos artefatos nos rituais, especificamente acerca de uma saia Karajá solicitou: “Em caso, que o Karajá quem vai fazer, ser um velho, então vê perguntar a elle tudo de significativo dessa dança ARUANÁ, pois hoje elles dizem, que isto é uma brincadeira, porém o significativo desta, é de uma dança da fertilidade”³⁹⁰.

Além de dados etnográficos, Vladimir Kozák contou com a colaboração de Antônio Sarmento Leite na compra de artefatos, via correio, para a constituição de sua coleção Karajá, Xerente³⁹¹, Tapirapés³⁹² e Javaé³⁹³. Para tanto, enviou-lhe dinheiro e orientações acerca da compra:

Eu espero então, que o correio voando de novo, talvez o amigo já tem recebido o dinheiro mencionado no início desta carta, e espero que isto lhe tirou dos apuros, podendo assim adquirir novo material, para as próximas remessas. Eu creio que o amigo ainda tem a lista de material para ser conseguido e de qualquer forma, caso gente vai obter as duplicatas, isto não faz mal, pois estas poderão ser usadas como reservas, em caso de uma peça danificada ou quebrada³⁹⁴.

Além de artefatos para sua coleção pessoal, alguns desses fornecidos por Antônio Sarmento Leite movimentaram as relações de Vladimir Kozák com as instituições científicas paranaenses:

³⁸⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 21 de mar. 1956. MP/SEEC.

³⁹⁰ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 04 de fev. 1958. MP/SEEC.

³⁹¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 17 de mai. 1956. MP/SEEC.

³⁹² *Idem.*

³⁹³ *Idem.*

³⁹⁴ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 21 de mar. 1956. MP/SEEC.

Não lhe mencionei que desejo passar para a Universidade a coleção completa, e por isso não entreguei remessas parciais, pela simples razão que a coleção completa vai causar boa impressão, de qualquer forma vai impressionar melhor do que apresentar peças individuais³⁹⁵.

Para tanto, Vladimir Kozák envolveu em uma rede de comércio e trocas entre as instituições científicas paranaenses, e os seus ‘amigos’ indígenas e não indígenas: Antônio Sarmiento Leite lhe enviava peças e dados etnográficos; como contrapartida, Kozák tentava angariar recursos financeiros e coisas de uso cotidiano de difícil acesso nos contextos das aldeias indígenas³⁹⁶, tais como isqueiros³⁹⁷, espingardas, livros³⁹⁸, roupas, comida³⁹⁹, medicamentos⁴⁰⁰, fotografias⁴⁰¹, anzóis, fumo e etc., de acordo com as solicitações de seu interlocutor.

Ao comprar as peças Kozák movimentou uma fonte de renda juntos aos indígenas e não indígenas. Ao mencionar a Universidade como destino das coleções, afirmou para Antônio:

Também, aí eu quero pleitear para amigo alguma percentagem pelos seus esforços que embora que seja talvez pequena sempre consigo alguma coisa, o que será mais do que justo, pela cooperação e ajuda neste campo científico, para salvar esta documentação para a posteridade. Certo que não se pode contar com isto, e nem se pode contar para ninguém, mas esta é a minha intenção boa, pois, para mim toda vida foi uma ideia somente, que quem trabalha deve ser reconhecido e recompensado. Por isto também na mesma base, desejo manter os preços razoáveis e assim para nós podermos completar a coleção mais possível. De outra forma, continuando do mesmo jeito, nos poderemos sempre comprar as coisas dos índios, onde se garante de todo jeito alguma receita, em continuação para esta gente⁴⁰².

No entanto, em diferentes momentos Kozák reclamou para Antônio da “[...] contabilidade inflacionária dos Karajás [...]”⁴⁰³, dos preços elevados dos artefatos Tapirapé⁴⁰⁴ e dos Bororo⁴⁰⁵. Sobre estes últimos afirmou:

³⁹⁵ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 17 de mai. 1956. MP/SEEC.

³⁹⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 30 de jul. 1956. MP/SEEC.

³⁹⁷ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 17 de mai. 1956. MP/SEEC.

³⁹⁸ *Idem*.

³⁹⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 27 de abr. 1957. MP/SEEC.

⁴⁰⁰ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, s.d., 1956. MP/SEEC.

⁴⁰¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 13 de jun. 1958. MP/SEEC.

⁴⁰² KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 06 de jun. 1956. MP/SEEC.

⁴⁰³ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 26 de abr. 1956. MP/SEEC.

⁴⁰⁴ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 17 de mai. 1956. MP/SEEC.

⁴⁰⁵ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 15 de out. 1956. MP/SEEC.

Os Bororo hoje estão em desintegração, porém são uns índios bonitos e tem muita aparência com os Karajá. Mas o dinheiro para eles é uma obsessão. São loucos por dinheiro. Nunca vi gente tão tonta por dinheiro como são os Bororo⁴⁰⁶.

As peças recebidas em duplicata movimentavam também as relações pessoais de Kozák, visto que se transformavam em presentes para os seus amigos:

Caso eu receber umas duplicatas, nada importa, pois eu muitas vezes preciso dar uns presentes para meus amigos, sempre se deve algum favor, e assim eu dou de presente uma panelinha ou assim, e assim contas ficam outras vez pagas⁴⁰⁷.

Ademais, com as peças recebidas Vladimir Kozák buscou movimentar um mercado de arte indígena com as suas relações pessoais⁴⁰⁸:

Sua oferta em mandar mais material para cá, está bem boa, e eu estou de acordo, pois tenho no Rio dois amigos, que desejam adquirir algum material da cerâmica dos Carajá, para fazer um pequeno mostruário em casa, na vitrine do salão, da arte indígena⁴⁰⁹.

E continua:

Estes meus amigos não são nem ricos nem pobres, e assim os seus preços, já deverão figurar com o acréscimo da sua porcentagem, pelo trabalho e etc. Porém sempre observando uma margem de não exagerar os preços, assim, que o pessoal continuar colecionar os objetos e não dar pra traz de susto. Por isso torna-se também necessário primeiramente fornecer maior quantidade de peças miudas, pois o maior número de peças, atrai muito a vista. Ah, até quero apostar, que o amigo vai fornecer muita caixa durante muito tempo, e querendo, para este material, vamos encontrar a saída mesmo no Rio entre os amigos⁴¹⁰.

Quanto à produção de filmes e fotografias, Kozák compartilhou com Antônio Sarmiento Leite suas intenções de realizá-los junto aos Karajá. Para tanto, solicitava seu apoio, e o orientava quanto aos métodos para estabelecer relações com os indígenas para obter o que desejava:

Seria bem interessante estudar o systema d'elles de currar, o que sobrou dos antigos tempos. Amigo vai descobrir coisas do arco da velha. Não pense, porém, que o page vai lhe contar o que elle sabe. Vai levar tempo e como o amigo fala a língua d'elles, e já ganhou a confiança, vai conseguir descobrir muita coisa, o que os velhos ainda

⁴⁰⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 15 de out. 1956. MP/SEEC.

⁴⁰⁷ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 04 de nov. 1956. MP/SEEC.

⁴⁰⁸ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 12 de jun. 1958. MP/SEEC.

⁴⁰⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 08 de dez. 1956. MP/SEEC.

⁴¹⁰ *Idem*.

ocultaram para os ethnologos em visita as aldeias. Considere essas sugestões como uma tarefa do trabalho de estudo, e enfrente com optimismo, dando a necessária confiança para o Índio. Torne-se amigo íntimo e vai ver que vai longe. Que tal???

E mais:

[...] tendo na mão um índio Karajá que sabe fazer, então aproveite a ocasião. Veja então, que a parte de baixo (a tal saia de fibra) fique bem grande e bastante densa (encorpada). Como o amigo conhece bem o assunto, então controle o Karajá, para ele fazer tudo de acordo, bem rico, de tipo antigo⁴¹².

Para Antônio Sarmiento Leite, o Vladimir Kozák confidenciou que tentava contato, por meio de cartas, com outros servidores de PINs, queixando-se de que não recebia retorno. A exceção parece ter sido Carmino e Iracy, servidores do PIN Bororo. Em 1957, ao agradecer o convite para visitá-los, sugere que poderia esperar a oportunidade na ocasião da morte de um indígena importante, visto que assim poderia realizar o seu trabalho:

[...] cacique – ou assim personagem de boas relações quando as festas funerais vão ser feitas com as muitas ceremonias, e com muita gente, e as visitas das outras aldeias, assim eu gostaria de chegar para fazer algo mais deste festejo funestes. Eu tenho certeza que os assuntos e scenas aí não vão faltar⁴¹³.

E complementa:

Assim como o amigo vê, eu fiquei com a sua sugestão bem animado, só agora falta para nós conseguir “um índio morrer”, e o resto já está feito. Com esta possibilidade da minha visita, também seria fácil de nós colher mais alguns objetos da arte indígena, que eu poderia depois levar comigo, evitando assim os transportes destes objetos, assim facilitando até este problema. Desta forma amigo pode sempre colecionar algo sempre interessante para mim, e aguardamos as decisões suas sobre os festejos dos funerais. Não resta dúvida amigo deverá contar com a minha recompensa nestes casos, que conforme a minha chegada combinaremos⁴¹⁴.

Como vimos no capítulo anterior, as pesquisas de Vladimir Kozák com os grupos familiares Xetá se situavam e estavam condicionadas aos paradigmas científicos que orientavam as expedições científicas e a produção de conhecimento de um grupo situado

⁴¹¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, s.d.. MP/SEEC.

⁴¹² KOZÁK, Vladimir. **Carta para Antônio**. Curitiba, 04 fev. 1958. MP/SEEC.

⁴¹³ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Carmino e Dona Iracy**. Curitiba, 1957. MP/SEEC.

⁴¹⁴ *Idem*.

temporalmente como *‘fácies vivos da pré-história’*. Para tanto, o interesse e o propósito da pesquisa de Loureiro Fernandes voltou-se a registrar e materializar essa temporalidade, por meio de artefatos e imagens, seja fotográficas ou filmicas, produzidas a partir de roteiros previamente estabelecidos e discutidos com outros cientistas, entre elas Annette Laming-Emperarie⁴¹⁵.

Diante da objetividade de Vladimir Kozák, a sua narrativa acerca de si mesmo como ‘amigo’ dos indígenas parece ter sido um recurso metodológico para acessar dados do universo social indígena, fotografá-los, pintá-los e gravá-los, além de colocar em prática o seu colecionismo. Essas narrativas expressam também seus princípios de auto julgamento e moralidade que permeiam esses contextos invasivos de apropriação de espaços, corpos e coisas indígenas, para o qual o fotógrafo-cinetécnico teceu inúmeras críticas, mas que do qual não permaneceu alheio.

No entanto, como apontado anteriormente, as relações de Kozák não se limitaram a atender a objetividade de suas pesquisas. De sua experiência com os Xetá, Rosato concluiu:

A objetividade não era, para Kozák, senão um fragmento da vida dessa sociedade – isso ele apreendia em suas imagens técnicas; a objetividade parece ser para ele, a concessão feita pela história, em outras palavras, mostrava um “cadinho” do que teria sido a sociedade Hëta, denominação por ele utilizada. Para conhecer essa sociedade um pouco mais, seria necessário superar a *objetividade* e nesse sentido mobilizou seus recursos internos, suas atitudes metodológicas (sempre fronteiriças, a meio caminho entre a atitude científica e a sensibilidade artística) (ROSATO, 2009, p. 216).

Como o próprio Kozák defendia (s.d.), a produção de conhecimento por meio de imagens adquire um papel central em suas pesquisas (ROSATO, 2009, p. 212). Sobre sua produção de imagens, Rosato afirma:

[...] importa o *quadro*, mas também o *extraquadro* entendido como uma fração, um momento recortado da diacronicidade, assim a convergência de ambos no ato fotográfico indica um processo interacional eivado pelos significados dispersos na vida daquele que operacionaliza o uso das objetivas (2009, p. 213).

Esse momento recortado de diacronicidade é analisado por Rosato a partir da ideia de ‘acontecimento’, definido como:

[...] ideia de um instantâneo, de um momento suspenso, de algo que se autonomiza. O acontecimento é um fragmento decalcado da continuidade. Por meio dele se elege, bem como se reapresenta, a importância conferida por um olhar singular a qualquer momento (2009, p. 214).

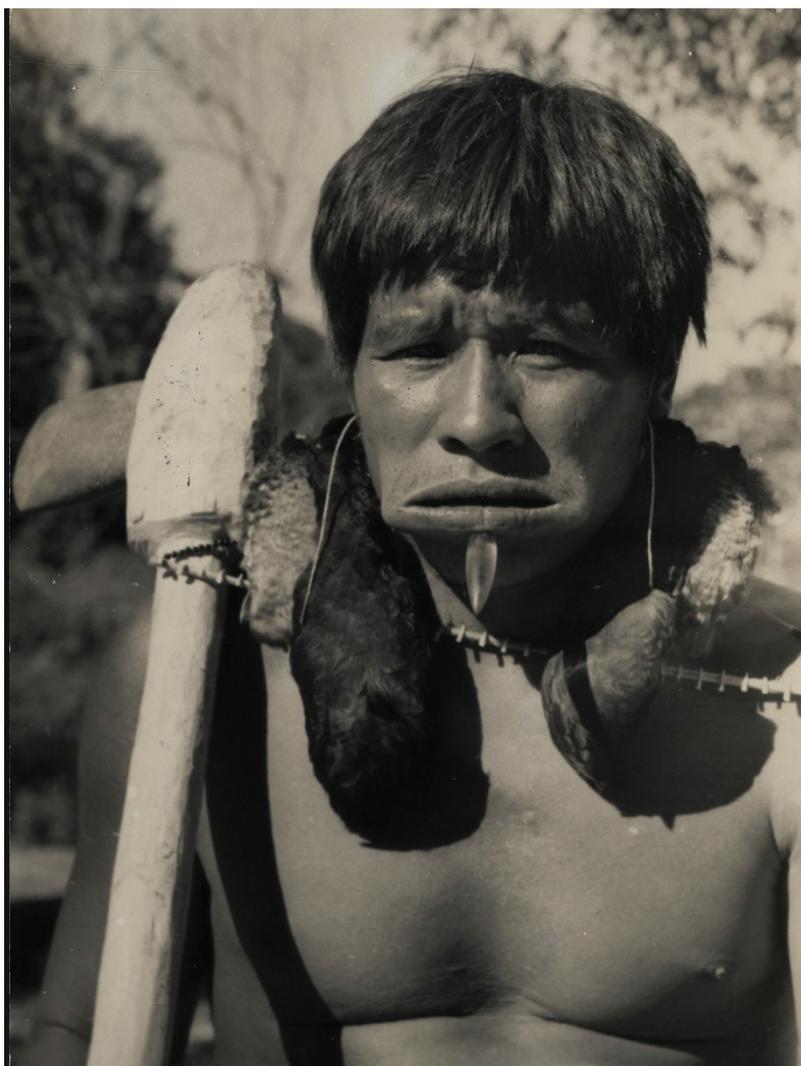


Figura 75 - Xetá na Serra dos Dourados⁴¹⁶.

⁴¹⁶ MP/SEEC.

A autora ainda aproxima a noção de ‘acontecimento’ com a ‘possibilidade de apreensão do mundo social em termos de relações processuais e interacionais e, nesse sentido, pode ser pensada como singularidade, como uma maneira de “*estar com*” um outro [...]” (2009, p. 214). Para esta autora, “[...] sob a categoria do *acontecimento* está toda a experiência vivida por Kozák e representada em suas imagens” (2009, p. 215).

Segundo Rosato, a superação da objetividade científica de Vladimir Kozák se dá em seu movimento e interesse em relação às ‘estórias’, nesta tese concebida como *histórias* Xetá (2009, p. 216)⁴¹⁷: “Kozák nessa contra-mão, elegerá como fonte para suas interpretações as vozes e personagens nativos e, por intermédio deles, buscará uma perspectiva para elaboração de sua imagética ou, daquilo que chamou de “*way of life*”” (ROSATO, 2009, p. 216).



Figura 76 - Desenho de Vladimir Kozák em que retrata o ritual de casamento Xetá, narrado por Kaiuá⁴¹⁸

⁴¹⁷ Tradução da autora.

⁴¹⁸ MP/SEEC.



Figura 77 - Desenho de Vladimir Kozák em que retrata o ritual funerário Xetá, narrado por Kaiuá⁴¹⁹.

Como apresentado no primeiro capítulo, o fotógrafo- cinetécnico estabeleceu uma relação de proximidade com alguns membros dos grupos familiares Xetá. É a partir dos seus registros que é possível identificar as pessoas do grupo familiar que estabeleceu os primeiros contatos com a Fazenda Santa Rosa, além de dados importantes das expedições científicas na Serra dos Dourados. Em campo, o fotógrafo e cinetécnico seguia o propósito para o afirma que havia sido inserido nas expedições, isto é, registrar questões e momentos importantes e elaborar um relatório.

Vale lembrar que a coleção Xetá de Kozák é eminentemente constituída de notas e cadernetas de campo em que predominam registros acerca do modo de vida Xetá na Serra dos Dourados, com destaque para a confecção e uso de artefatos, os mitos, os rituais de iniciação,

⁴¹⁹ MP/SEEC.

a habitação, a nomeação, os casamentos e os conflitos familiares, Kozák atuou como um etnógrafo entre os Xetá, e registrou os nomes, as emoções, estabeleceu uma rotina de cuidados quando os encontrava doente, dialogou com as mulheres e com as crianças. Registrou as relações estabelecidas durante as expedições entre indígenas e não indígenas, e mesmo interessado em estabelecer boas relações, criticou as instituições e seus servidores, sobretudo, como vimos, Loureiro Fernandes, visto que julgava inapropriada a maneira como os tratava e de resolver os encaminhamentos a respeito do destino dos grupos familiares Xetá.



Figura 78 - Vladimir Kozák e os Xetá na Serra dos Dourados⁴²⁰.

Encerradas as expedições científicas, Kozák permaneceu em contato, e por aproximadamente 20 anos registrou suas viagens aos PIN de Pinhalzinho e Marrecas para onde o grupo familiar de Tikuein (Mã) e Aricã[Eirakã] foram transferidos. Permaneceu

⁴²⁰ MP/SEEC.

também em contato com Tucanambá que residia em Curitiba, recebendo-o em sua casa e mantendo uma frequência de encontros para almoços, jantares, lanches e pernoites, no intuito de conquistar a sua confiança⁴²¹.



Figura 79 - Vladimir Kozák e Tucanambá⁴²².

Enquanto criticava as instituições, de sua experiência com os grupos familiares Xetá afirmou:

Agradecimentos, se é que devo fazê-los, são dirigidos aos bondosos índios que me permitiram ficar no meio deles enquanto eu trabalhava com minha máquina de filmar. Afora eles, pouquíssimas foram as pessoas que me deram apoio ou me estimularam no trabalho que realizei em prol dos índios (KOZÁK, s. d., p. 02).

Os registros de campo foram complementados com fotografias, filmes, desenhos e pinturas. Como explora Rosato, o modo de vida Xetá foi fixado na “[...] diversidade de suportes representacionais, sua experiência formalizada em uma *constelação* de imagens,

⁴²¹ KOZÁK, Vladimir. **Notas de campo**. Manuscrito. MP/SEEC.

⁴²² MP/SEEC.

reveladora da polissemia de sua experiência como homem e como profissional” (2009, p. 203).

Para Rosato a experiência em campo é reveladora do estatuto do conhecimento para Vladimir Kozák. Partindo do conceito de simmeliano de ‘panteísmo estético’, em que os símbolos são fundamentais para configurar e reconfigurar sentidos e significados (2009, p. 206), experimentados no fluxo da vida (2009, p. 209), Rosato conclui que Kozák almejava compreender a totalidade da vida indígena, por meio de diferentes formas representativas, a partir do maior tempo possível junto aos grupos estudados (2009, p. 210).

De sua experiência com os Xetá compreendem-se dessa forma suas frustrações e críticas em relação à organização das expedições científicas e do pouco tempo dedicado a estas pela equipe. Como apontado no primeiro capítulo, seu desejo de permanecer em campo, sua disposição para enfrentar a floresta contrastava com a indisposição e intempestividade de Loureiro Fernandes, que o impulsionava a encerrar abruptamente as buscas pelos *índios da Serra dos Dourados*: “É por isso que ele deve ser considerado incapaz para o trabalho ou um inimigo do campo” afirma Rosato (2009, p. 206).

Além disso, segundo esta autora, seu interesse pelo modo de vida e seu movimento para permanecer o maior tempo possível entre os grupos indígenas nos permite compreender também as suas recorrentes narrativas a respeito da desvalorização de suas pesquisas:

Dela reverbera a sugestão de que a busca empírica do dado, o corpo-a-corpo da pesquisa em campo é árduo, exigente, e a presença no desenrolar dos acontecimentos uma condição indispensável para o registro e a compreensão dos modos particulares de existência dos grupos pesquisados. A crítica aos limites impostos ao seu trabalho parece apontar para as posições de poder como elementos definidores das possibilidades sociais do conhecimento (2009, p. 211).

Esse movimento em busca do conhecimento empírico é também revelador da relação de Vladimir Kozák com a sua coleção Xetá. Como apontado anteriormente, as disputas com Loureiro Fernandes pelos bichinhos de cera de abelha e o machado de pedra Xetá são significativas, visto para Kozák os processos de confecção dessas coisas estavam permeados de uma série de relações e experiências vivenciadas pelo fotógrafo-cinetécnico em trabalho de campo. Se para Loureiro Fernandes as coisas Xetá são objetos científicos, para Kozák, estas são experienciadas no modo de vida e nas relações com Tucanambá, Kaiuá, Mã, Nhengo, Adjatukã, Arigã [Eirakã], Tikuein e Kuein.

Esta vasta coleção de cunho particular encontrava-se em sua residência quando Vladimir Kozák faleceu e, grande parte, foi constituída, sobretudo, a partir de sua inserção institucional. Como vimos, a constituição e a extensão de sua prática de colecionismo movimentaram uma rede de relações pessoais, institucionais, científicas e indigenistas a partir de sua inserção no MP e na UPR, revelando um específico modo de ser, estar e se relacionar no mundo a partir das coisas (MOUTU, 2007).

Diferente da coleção de coisas de grupos indígenas do PINX, em boa parte foi constituída por Vladimir Kozák por meio de terceiros, via correio e destinada às instituições, doação ou venda, a coleção Xetá adquire um lugar central visto que expressa a materialidade daquelas *aventuras*⁴²³ (ROSATO, 2009, p. 17), que buscava ver, viver e sentir desde criança⁴²⁴. Experienciada primeiramente na literatura de viagem, ao qual voltou a se dedicar no final de sua vida quando já não podia conseguir mais viajar (BENETTI, 2016, p. 83).

3.5 A coleção Xetá no MP

Segundo Benetti, Vladimir Kozák foi encontrado inconsciente sobre uma tela de pintura em 30 de dezembro de 1978, falecendo em 03 de janeiro de 1979 (2016, p. 110). Na ocasião, os amigos Oldemar Blasi, à época diretor do MP, e Alberto Trevisan, advogado, reuniram-se para discutir o destino de seus bens, visto que o fotógrafo-cinetécnico não havia deixado herdeiros nem testamento. A preocupação dos amigos era a “[...] a possibilidade de um material que consideravam valiosos e disputados entre pesquisadores estrangeiros desaparecesse” (BENETTI, 2016, p. 151).

Reuniram-se então com as professoras da UFPR, Cecília Westphalen e Altiva Balhana, argumentando às professoras que Vladimir Kozák havia sido funcionário da instituição e, desse modo, seria justo que a Universidade ficasse com a sua coleção. No entanto, na ocasião, as professoras teriam manifestado o desinteresse da Universidade por suas coisas (2016, p. 152).

⁴²³ KOZÁK, *Diário de Vladimir Kozák 1924-1928*. MP/SEEC.

⁴²⁴ *Idem*.

Desse modo, Blasi e Trevisan procuraram os meios legais para que o MP recebesse a coleção, solicitando ao Diretor da instituição:

[...] que seja encaminhado, ‘com urgência’, expediente ao Senhor Secretário da Educação e da Cultura, para que o mesmo proponha ao Senhor Governador a elaboração de ato, desapropriando, para fins de preservação e estudo, o acervo científico cultural deixado pelo senhor Vladimir Kozák, bem como determinando que o Departamento do Patrimônio Artístico proceda o tombamento desses bens, para posterior entrega a responsabilidade deste Museu⁴²⁵.

No entanto, como ressalta Benetti (2016, p. 153), vale lembrar que esse destino não expressava um desejo de Vladimir Kozák, na medida em que suas relações com as instituições, UPR e MP, eram marcadas pelos conflitos e tensões. De todo modo, na sentença do processo de herança jacente, o juiz teria se manifestado: “[...] havia limites legais a serem respeitados e esse material “pelo valor histórico e científico”, mesmo em caso de surgimento de herdeiros, seria objeto de desapropriação pelo Estado” (BENETTI, 2016, p. 154-5).

Decorrido o processo, a Coleção Vladimir Kozák passou à propriedade do Estado do Paraná, e em 29 de março de 1990, em cerimônia realizada no MP, Oldemar Blasi, entregou oficialmente ao Museu, instituição que se tornou sua curadora oficial⁴²⁶.

Ao receber o material, como primeira ação, a direção do MP instituiu por meio da Portaria nº 07/1990⁴²⁷ um processamento de inventário do acervo, designando uma comissão técnica constituída antropóloga, museóloga, historiadora e bibliotecária.

É difícil mensurar a grandiosidade e a relevância artística e científica da Coleção Vladimir Kozák que se encontra em regime de curadoria, no acervo do MP. Em números, nesse inventário, a instituição registrou um total de 39.897 peças que constituem sua coleção, iconográfica, tridimensional e documental. Desse total, são 8.922 fotografias, 15.832 negativos e 2.203 slides, 478 objetos de etnologia, 31 cadernetas de campo – escritas em tcheco, inglês e português; 4.831 correspondências - 3.300 cartas⁴²⁸ (ROSATO, 2009). Institucionalmente essas correspondências transformaram-se em documentos de sua coleção,

⁴²⁵ BLASI, Oldemar. **Ofício nº 05/79**. Curitiba, 17 de jan. 1979. MP/ SEEC.

⁴²⁶ MARANHÃO, Fernanda; MARCHIORATO, Silvia Marize; MORAIS, Deise Falasca. **Relatório enviado a Chistine Viana Baptista**. Curitiba, 29 de nov. 2011. MP/ SEEC.

⁴²⁷ CRUZ, Maury Rodriguez. **Ofício nº 143/91**. Curitiba, 10 de set. 1991. MP/SEEC.

⁴²⁸ Segundo levantamento de Benetti, 42,5% das cartas foi escrito em tcheco, 36% em inglês e 20% em português, e algumas em alemão e espanhol (2016, p. 21).

e segundo a antropóloga do MP, os objetos etnográficos são classificados como peças tridimensionais, visto que estes possuem forma, volume e tamanho.

Soma-se ainda 116 filmes, sendo 19 documentários de etnologia com aproximadamente 60 mil metros de filmes coloridos, equivalentes a 50 horas de projeção (BENETTI, 2016); 1.637 livros e 950 equipamentos (ROSATO, 2009, p. 07); 182 pinturas a óleo, 1.713 obras em aquarela, desenho, escultura, gravura, pintura a óleo, pastel e xilogravura.

Além disso, em 1967, Kozák vendeu à *Glenbow Art Gallery Foundation - Glenbow Alberta Institut Museum*, da cidade de Calgary, Província de Alberta, Canadá⁴²⁹, 3.000 peças, incluindo quadros, aquarelas, desenhos e artefatos indígenas. Em 1971, por intermédio do antropólogo norte americano Robert Carneiro, o *American Museum de Nova Iorque*, adquiriu artefatos Bororo, Kamayurá e Karajá (BENETTI, 2016, p. 196). Segundo informações da antropóloga Carmen Lucia da Silva, que visitou o *American Museum of Natural History* em Nova Iorque, consta no acervo deste Museu um machado de pedra Xetá⁴³⁰.

A referida comissão decidiu subdividir o acervo em coleções específicas em cada Seção do MP:

- a) Seção de História: documentação manuscrita e impressa;
- b) Etnologia: arqueologia, etnologia, cinematografia e equipamentos, documentação fotográfica, fitas magnéticas, taxidermia, medalhística, mobiliário e utensílios domésticos, oficina e carpintaria;
- c) Reserva Técnica: obras artísticas, cartografia, documentação fotográfica, medalhística, objetos de uso pessoal e de trabalho mobiliários;
- d) Biblioteca: material bibliográfico.

Na ocasião, a comissão verificou a falta de condições para a manutenção da coleção cinematográfica, e através de um contrato de depósito seus filmes foram enviados para a Cinemateca Brasileira de São Paulo, onde permaneceu até 2005. Nesse ano, a

⁴²⁹ Em 1968, esta instituição organizou a exposição *Portraits of Brazilian Indians by Vladimir Kozák*, com vinte quadros que retratavam a temática dos povos indígenas (BENETTI, 2016, p. 73).

⁴³⁰ SILVA, Carmen Lucia. 09 de out. 2020, informação pessoal.

transferência do MP para uma sede com reservas técnicas climatizadas possibilitou o retorno dos filmes⁴³¹ para a instituição.

Atualmente, no interior do MP, a coleção Vladimir Kozák está quase totalmente sob a curadoria do Setor de Antropologia, sendo tomado como um dos mais significativos - “uma obra de valor inestimável”⁴³².

Contudo, a instituição não possui de modo sistematizado documentos com dados e informações da coleção no interior da instituição. Desse modo, nesta tese há uma lacuna na biografia da coleção que ainda precisa ser reconstituída e etnografada, dado que os documentos institucionais contemporâneos ainda não alcançaram a temporalidade necessária para se tornarem históricos ou etnográficos, isto é, não pertencem ao acervo da instituição. Além disso, esses documentos não se encontram digitalizados e disponíveis para pesquisa, tornando mais difícil o seu acesso. Há que se ressaltar também que ao longo desses anos, mais do que uma memória institucional, verificou-se que a equipe técnica do MP se dedicou a inventariar, organizar, sistematizar, digitalizar e organizar exposições com a coleção Vladimir Kozák.

Entre as ações com a coleção Xetá que esta pesquisa conseguiu identificar, destaca-se, em 1982, denominada *Paraná Nativo: Kaingang, Guarani e Xetá*. Em 1987, fotografias da coleção Xetá participaram da exposição *Arte índia: trançados e tecidos*; e nos anos de 1988 e 1989, em comemoração à Semana do Dia do Índio, foi exibidos fotografias e objetos da coleção Xetá, tais como lâminas, sílex, raspadores, cestos, brincos, adornos labiais, bichinhos de cera. No roteiro da exposição, o grupo foi dado pela instituição como extinto.

Segundo Parellada, o MP exibiu no ano de 2002, como parte de uma exposição de longa duração intitulada *Arqueologia e História do Paraná*, objetos da coleção Xetá - fotografias, desenhos, aquarelas e telas - representativas do cotidiano na Serra dos Dourados (2017, p. 221).

Em 2006, fotografias Xetá na Serra dos Dourados foram usadas na exposição denominada *Ka'á Erva Sagrada*, e em 2007, foi organizada a exposição *Paraná: caminhos da história e da arte* com o objetivo de divulgar, promover e valorizar o patrimônio cultural do Estado a partir de objetos, documentos e obras de arte de artistas que participaram da

⁴³¹ MARANHÃO, Fernanda; MARCHIORATO, Silvia Marize; MORAIS, Deise Falasca. **Relatório enviado para Christine Vianna Baptista**. Curitiba, 29 de mar. 2011. SEEC/MP.

⁴³² MUSEU PARANAENSE. **Índios do Brasil: a poesia das imagens de Vladimir Kozák**.MP/SEEC.

produção cultural paranaense. Em sua contextualização com momentos históricos de ocupação do território⁴³³, nessa exposição, a coleção etnográfica Xetá foi inserida na seção ‘Ancestralidades’, subdividida em ‘Pré-história’ e ‘Os troncos indígenas: principais grupos, seus usos e modos de vida’.

Entre as exposições itinerantes com os objetos Xetá, Parellada destaca duas que ocorreram durante eventos científicos. A primeira denominada *Arte Xetá: caminhos entre arqueologia, estética e linguística*, organizada por técnicos do MP, ocorreu no Memorial Darcy Ribeiro, UnB no ano de 2011, como parte do Seminário Internacional de Arqueologia e Linguística Histórica das Línguas Indígenas Sul Americanas (2017, p. 221). A segunda exposição, denominada *Povo Xetá: entre arqueologias e memórias*, ocorreu em maio de 2015, durante a III Reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia – na Chapada dos Guimarães, Mato Grosso (2017, p. 221).

Em 2012, o MP organizou em sua sede a exposição *Índios do Brasil: a poesia das imagens de Vladimir Kozák* em que foi apresentado dado de sua biografia, de sua produção cinematográfica no MP, de seus registros no PINX, entre eles do ritual funerário Bororo, bem como de suas experiências com os grupos familiares Xetá.

Atualmente, o roteiro de exposições permanentes do MP inclui uma galeria específica para exibição de objetos da coleção etnográfica Xetá. Situada em uma linha do tempo datada a partir de 40.000 anos a. p., tendo como fio condutor a história da ocupação do território paranaense. A coleção Xetá situa-se entre as populações identificadas como ‘*Os primeiros agricultores-ceramistas do Paraná*’. Segundo painel do roteiro de exposições, esses seriam os grupos denominados Itararé-Taquara, ancestrais do grupo Jê; e os grupos ceramistas Tupi-Guarani.

Em uma ampla vitrine estão expostos o pilão, os bichinhos de cera de abelha, as flechas, os arcos, a cestaria, os machados de pedra, uma pele de onça e a borduna Xetá, além de uma ampla fotografia do grupo familiar contatado na expedição de fevereiro de 1956, no interior da floresta da Serra dos Dourados. No painel que apresenta o grupo, constam informações históricas a respeito da presença Xetá no território paranaense, o processo de contato e as expedições científicas.

⁴³³ Museu Paranaense. **Projeto Paraná: caminhos da história e da arte**. MP/SEEC.

Nas ocasiões que estiveram na instituição em 2010 e, recentemente em 2017, 2018 e 2019, segundo Parellada os grupos familiares referiam-se ao Museu como “nossa casa” (2017, p. 220). Compreende-se essa afirmação visto que como destaca a autora, a instituição abriga parte de sua memória ancestral, movimentando suas memórias e afetos (2017, p. 220).

Nas visitas de 2010 e 2019, a Seção de Arqueologia da instituição organizou com os grupos familiares uma oficina de bichinhos em argila terracota. Na primeira ocasião foram produzidos “[...] 78 miniaturas, com temas livres, sendo os mais recorrentes, animais silvestres, cerca de 50%. Estas esculturas em argila foram incorporadas ao acervo do Museu Paranaense por solicitação dos próprios Xetá” (PARELLADA, 2017, p. 223-4). Essas coisas foram incorporadas à Seção de Arqueologia do MP, possivelmente pelo fato de ter sido organizado pela responsável. No entanto, segundo informações de uma servidora da instituição, à época, a Seção de Antropologia, que abriga a coleção Xetá de Vladimir Kozák, não teria manifestado interesse em acervar a produção contemporânea dos grupos familiares “[...] por considerar uma produção ‘não tradicional’”.

Recentemente foram organizadas duas oficinas de produção de bichinhos de argila com apoio do MP, a primeira ocorreu em maio de 2019, e a segunda ocorreu em setembro de 2019, na TI de São Jerônimo. Organizadas em conjunto pela Seção de Antropologia e Seção de Arqueologia, as coisas produzidas também se encontram sob a guarda do MP, e indica como veremos no próximo capítulo, um interesse dos grupos familiares em produzir acervos contemporâneos.

Por fim, mas não menos importante, cabe destacar a iniciativa do MP em lançar a candidatura da coleção Vladimir Kozák ao Registro Memória Mundo do Brasil – UNESCO no ano de 2017. Intitulado *Coleção Vladimir Kozák: acerca iconográfico, filmográfico e textual de povos indígenas brasileiros (1948 – 1978)*, foram selecionados 6.096 documentos da coleção relacionados à vida cotidiana e ritual de 17 grupos indígenas que o fotógrafo-cinetécnico estabeleceu contato.

Da coleção Xetá foram selecionados 2.693 documentos, entre eles duas pinturas a óleo sem papel, oito desenhos giz pastel, seis aquarelas, 98 desenhos de grafite e 83 crayons, 1.655 negativos de fotografia, 723 fotografias em preto e branco e 39 cores cromos, 15 filmes 16mm, 11 cadernetas de campo, 41 correspondências, dois textos e 10 anotações.

Embora existam dúvidas se realmente a institucionalização fosse o destino desejado por Vladimir Kozák para sua coleção, bem como debates a respeito dos processos de

patrimonialização das coisas indígenas, em algum sentido, por meio dessa ação seja possível, como anunciou o Kozák, “Talvez outro pesquisador que tenha mais um pouco mais de sorte no seu trabalho possa ajudar a completar a minha narrativa” (KOZÁK, s.d., p. 02).

CAPÍTULO 4

AS COISAS DOS ANTIGOS NO TEMPO DO MATO



Figura 80 - Grupos familiares de Tucanambá, Tikuein (Mã) e Rosa Maria Tiguá em frente ao Museu Paranaense, setembro de 2018⁴³⁴.

⁴³⁴ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

4.1 Os grupos familiares Xetá nos Museus

Em maio de 2017, ao iniciar esta pesquisa, acompanhei uma visita dos irmãos Dival e Claudemir, filhos de Tikuein (Mã), à reserva técnica do MAE/UFPR, inserida na programação da XV Semana de Museus⁴³⁵. Inserida no evento *Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus*, como proposta para debate, suscitado por esta temática, o museu incorporou ao evento reflexões acerca da violência compulsória perpetrada pelo Estado contra os grupos indígenas territorializados estado do Paraná⁴³⁶.

Organizada pela antropóloga da instituição, a visita foi acompanhada por museólogas e bolsistas, bem como por alunos(as) do PPGAA/UFPR – pesquisadores(as) que atuam junto aos grupos familiares Xetá. Como metodologia de trabalho, a equipe técnica lhes apresentou a lista de coisas que compõem a coleção Xetá e solicitou que os irmãos selecionassem aquelas que despertavam os seus interesses.

Dival e Claudemir escolheram os arcos, as flechas, os pincéis⁴³⁷, os brincos, o furador labial, as pulseiras e as flautas. Acessaram também o chapéu de pele de onça, ossos de animais, o colar de rabo de macaco, a cestaria, a tanga masculina e as fotografias das expedições científicas pertencentes à coleção Loureiro Fernandes.

Frente a essas coisas, os irmãos iniciaram uma série de narrativas acerca dos materiais utilizados, da confecção e dos seus usos: os arcos confeccionados de madeira de alecrim coberto com gordura de anta; as flechas serradas e ornamentadas com penas de urubu; os pincéis para ‘*tomar a banha, a gordura dos assados*’; os brincos de pena de tucano, pica-pau, papagaio e saracura, usados por homens, mulheres e crianças, em momentos de ritual (coloridos) e cotidiano (penas de papagaio); as flautas de bambu tocadas pelo caçador, para comunicar aos acampamentos que ‘*havia matado um animal*’; o furador labial, utilizado nos rituais de iniciação masculina; e as peles de onça relacionadas aos rituais de cura.

⁴³⁵ Coordenada anualmente pelo IBRAM, vinculado à época ao Ministério da Cultura, o evento tem como objetivo de visibilizar e valorizar as ações museológicas em todo o país.

⁴³⁶ A primeira mesa de debates foi coordenada pela professora e antropóloga Edilene Coffacci de Lima (PPGA/DEAN/UFPR) - que integrou a Comissão Estadual da Verdade, analisando em específico a questão da violência Xetá; o antropólogo Rafael Pacheco Marinho (PPGA/DEAN/UFPR) e os juristas Manoel Barreto e Carlos Frederico Mares de Souza Filho.

⁴³⁷ Como pincéis, foram identificados pelo MAE/UFPR, artefatos confeccionados com penas de animais, que no espaço tempo do *mato* eram utilizados para beber a gordura dos animais assados.

Referindo-se a essas coisas como as *coisas dos antigos no tempo do mato*, isto é, recontextualizadas, a relação dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade marca uma específica fase da história de vida da coleção, na medida em que deslocam, alteram e transformam os significados e valores para o qual foram produzidos pelos *antigos* no espaço tempo do *mato*, bem como os sentidos direcionados pelos colecionadores e instituições (THOMAS, 1991).

Dival e Claudemir direcionavam as suas narrativas em torno de informações e detalhes específicos acerca de cada uma dessas *coisas* e reforçavam que seus conhecimentos ali apresentados, haviam sido transmitidos, isto é, *deixados* pelo pai, Tikuein (Mã). Além disso, suas narrativas acerca dos conhecimentos e das *coisas* eram colocadas em relação à *vida dos antigos no tempo do mato*: “[...] agente conta como se fosse história, mas é a vida vivida deles”, afirmava Claudemir (Reserva técnica do MAE/UFPR, Curitiba, 16/05/2017).

Ainda dentro das programações da *Semana de Museus*, acompanhei uma visita dos irmãos ao MP, organizada pela antropóloga Edilene Coffaci de Lima (DEAN/PPGAS/UFPR) e Rafael Pacheco Marinho - à época aluno do mestrado da PPGAA/UFPR - e a antropóloga e arqueóloga da instituição. Na ocasião, Dival e Claudemir visitaram as vitrines da exposição permanente do MP, que abriga uma galeria específica com coisas pertencentes à coleção Vladimir Kozák. Na oportunidade, assistiram aos filmes produzidos pelo cinetécnico e destacaram sua importância como material pedagógico para os *trabalhos* que desenvolvem no Colégio Estadual Indígena *Cacique Koféj*, localizado na TI de São Jerônimo, onde residem.

A categoria *trabalho* abarca o conjunto de ações contemporâneas e coletivas que o grupo familiar de São Jerônimo organiza, tais como encontros familiares, projetos educacionais, confecção de *artesanato*, produção de filmes e fotografias, participação em eventos, reuniões e viagens institucionais. Com caráter eminentemente político, esta categoria mobiliza suas reivindicações territoriais, direitos educacionais e de saúde.

Durante as visitas ao MAE/UFPR e ao MP, Dival solicitou cópias digitais dos acervos para levar à aldeia. Para tanto, acionou também a categoria, *cultura* para se referir as coisas:

“Eu estava pedindo se a gente poderia levar umas peças lá. Não as peças, mas umas fotos, pra que a gente possa lá trabalhar na escola com nossos jovens na aldeia, pra que eles tenham conhecimento dessas peças também. Pra nós é muito bom poder levar, pra estar mostrando pra eles e vai ser bom também pra nossa cultura, para

que eles possam ter conhecimento disso. Então é a cultura Xetá que está ali naquelas peças” (Dival, XV Semana de Museus/MAE/UFPR, Curitiba, 16/05/2017).

Ao final do evento, dividiram com Gilda Kuitá, liderança Kaingang da TI de Apucarantina, uma mesa de debates. Ao iniciar sua fala, Claudemir afirmou que geralmente, quando tem a oportunidade de se fazer ouvir pelas instituições, inicia seu discurso a partir do direito à demarcação do território Xetá. E anunciou: *“Hoje vou mudar meu discurso pela primeira vez. Hoje pela manhã no museu, nós vimos umas peças da nossa etnia Xetá”*. Esta declaração sinalizava que suas reflexões seriam direcionadas à experiência no museu junto às *coisas dos antigos no tempo do mato*.

Contudo, sua narrativa focou nas relações dos grupos indígenas com os não indígenas, na questão de seus direitos, fazendo poucas referências ao que eu havia imaginado, isto é, às coleções:

“Hoje nós somos dominados por eles [não indígenas]. Hoje, como diz o linguajar do cidadão, hoje temos que dançar a música deles, não a nossa. Nós temos que viver igual a eles. Meu pai sempre falava e chegava a chorar, que na época em que eles conviviam no mato, eles não tinham essa preocupação de horário, da gente ser uma pessoa empregada, ter que trabalhar e ser mandado. A gente tem uma preocupação nessa mudança da previdência, o que vai ser do futuro dos povos indígenas?” (Claudemir, XV Semana de Museus/MAE/UFPR, Curitiba, 16/05/2017).

Seguindo essa narrativa, Dival afirmou:

“[...] nossa comida era tirada do mato, não era assim refinada. Hoje nós precisamos comer a comida de vocês. Não vamos dizer assim que é uma comida que é ruim, não é isso, mas poderia dizer, a saúde nossa já não é mais como era, não só a nossa saúde, mas a de vocês também. Hoje em dia, toda a comida que nós vamos comer é contaminada com agrotóxico, então isso é uma grande derrota para saúde nossa, não só nossa, de nós índios, mas de vocês também” (Dival, XV Semana de Museus/MAE/UFPR, Curitiba, 16/05/2017).

Suas narrativas seguiram apresentando uma série de transformações na vida Xetá, fazendo referências à *fatura davida dos antigos no tempo do mato*, contrapondo à *vida de hoje*, marcada pela dominação dos não indígenas, permeada pelas preocupações e incertezas quanto ao *futuro* - não apenas Xetá, mas de todos os indígenas, incluindo as consequências negativas para os próprios não indígenas.

Uma segunda visita de Dival e Claudemir à reserva técnica do MAE/UFPR ocorreu em novembro de 2017 e foi organizada com o objetivo de iniciar um diálogo acerca de uma publicação colaborativa, envolvendo a coleção, o museu, os grupos familiares e

pesquisadores(as). Ao concordar em colaborar com a publicação, Claudemir afirmou: “*Para o povo Xetá seria muito bom porque para a grande maioria das pessoas o que aconteceu com o povo Xetá é só uma história e para nós é uma realidade, uma vida vivida*”.

Durante esta visita, seguindo a metodologia da primeira, foi solicitado que selecionassem objetos de seus interesses e manifestassem livremente as suas narrativas. A partir de suas falas, estabeleceu-se uma interlocução com os(as) pesquisadores(as) presentes, que articulava os conhecimentos de Dival e Claudemir, e aqueles registrados na literatura (FERNANDES, 1959; KOZÁK, s/d; LAMING-EMPERAIRE, 1976; SILVA, 1998, 2003; RODRIGUES, 2013), bem como informações dispostas nos arquivos do MAE/UFPR e MP, tais como documentos institucionais, cadernetas de campo, filmes, fotografias e etc.

Além dos brincos e das flautas, também selecionados durante a primeira visita, Dival e Claudemir incluíram nesta a resina de cera de abelha e jatobá, e a cestaria – peneiras, abanos, tipoias de carregar crianças e pequenas bolsas confeccionadas a partir de folha de palmeira de jerivá⁴³⁸. Diante dessas *coisas*, trouxeram novamente narrativas acerca dos materiais, da confecção e dos seus usos e centraram nas referências à *vida no tempo do mato* e nas *histórias dos antigos*, reforçando a relação com o pai como forma de conhecimento:

“*Hoje, eu digo pra vocês que tem uma história, mas pra nós foi uma sobrevivência de uma vida. Uma vida inteira isso aqui foi nosso, as coisas que nós usávamos no dia a dia, pra nós é uma realidade, mas pra vocês hoje é uma história. Isso aqui foi uma vida que eles viveram. Então nosso pai fez questão de tá passando tudo isso, a vida cotidiana, o dia a dia no mato. [...] Contava tudo como era, cada peça ele falava pra nós o que significava*” (Claudemir, Reserva técnica do MAE/UFPR, Curitiba, 16/11/2017).

Uma primeira questão que se impôs durante as visitas as reservas técnicas era compreender os motivos que levaram Dival e Claudemir a escolherem especificamente determinadas coisas para contatar, narrar e/ou para solicitar repatriação digital. Para compreender tal questão, foi fundamental o trabalho de pesquisa etnográfica - que inclui não somente as visitas as reservas técnicas do MAE/UFPR e do MP, mas também as viagens que realizei a TI de São Jerônimo e o diálogo em que estabeleci com o grupo familiar residente na aldeia Kakané Porã. Nessas ocasiões levei, em formato digital, *as coisas dos antigos* para um número maior de interlocutores, e desse modo, outras questões foram se revelando, visto que

⁴³⁸ Nome científico: *Syagrus romanzoffiana*. Conhecido como coqueiro-jerivá.

diante destas o grupo familiar de São Jerônimo empreende uma série de narrativas comparativas entre a *vida dos antigos* e a *vida de hoje*.

No MAE/UFPR, quando indagados sobre a *vida no mato* e a produção de bebidas fermentadas, Claudemir respondeu:

“Eram ocasiões especiais... É assim, a história é mais ou menos assim... É igual hoje, vamos supor, vamos fazer uma comparação. Às vezes nós moramos lá em São Jerônimo e arrumamos um serviço bom em Curitiba. Nós vamos vir embora pra cá trabalhar. Aí nós vamos ficar coisa de um ano, dois anos. Aí nós resolvemos de voltar pra trás. Aí o que vai acontecer? Vamos chegar lá, vamos encontrar nossos irmãos, sobrinhos, filhos. Nós vamos sentar, vai ter comida especial, igual é hoje. Daí vamos contar o que a gente passou aqui, como tá se saindo e eles vão contar como é que eles estão lá também. Então era mais ou menos esse porte, só que o deles é diferente. Às vezes eles estavam em um acampamento, daí começava a fracassar a pesca e caça. A luta né! Daí eles pegavam e mudavam daquele acampamento. Andava mais ou menos coisa de 20, 30 km pra frente daí lá tava forte a luta, a pesca, a caça e lá eles ficavam. Faziam lá um acampamentinho e ficavam lá até enfraquecer. Enfraquecia, iam mais pra frente. Daí quando ficava forte eles vinham voltando tudo de novo. Só que daí eles tinham esse acampamento oficial, eles andavam, andavam e ali era o local deles mesmo, aí tinham esse acampamento. Daí se encontravam ali, daí quando eles estavam se aproximando aí já começavam a preparar isso. Digamos que é igual hoje, nós não temos a data de dezembro? Quando vai se aproximando nós não nos preparamos? Então era mais ou menos desse porte. Nós sabia a data que eles iam se encontrar, já levavam um pouco das frutas, os de lá se preparavam. Daí chegavam tudo e já começava a fazer as coisa deles tudo lá. Daí faziam a bebida, um mês antes, daí quando chegava o grande dia era comemoração deles. Aí eles iam contar o que tinham passado, eles iam beber e ficar bêbado. Daí no outro dia, hoje pro não índio é chamado a ressaca, e pra eles, eles falavam corpo ruim, é o corpo ruim deles. Não sei se vocês conhecem a urtiga aquela que queima a gente? No outro dia, que levantavam com aquela ressaca, eles iam lá e corriam aquela coisa de urtiga e passava a urtiga no corpo, passava em todo corpo. Ia tomar o banho deles, tomavam e estavam novinho em folha. Esse era o modo de vida deles. Que é nessa daí que entra a história do brinco também, junto com essas histórias” (Claudemir, Reserva técnica do MAE/UFPR, Curitiba, 16/11/2017).

Frente aos brincos, Claudemir explicou:

“Esses que eles usavam no dia a dia era a mesma coisa que hoje, assim, as mulheres usam brinco. Daí quando vai ter uma festa a mulher, ela vai se produzir, quer se mostrar mais. Aliás, já tem até uma competição quem vai ficar mais bonita que a outra, é mais ou menos nesse porte. Eles se enfeitavam bem pro cântico” (Claudemir, Reserva técnica do MAE/UFPR, Curitiba, 16/11/2017).

Em suas narrativas de Dival e Claudemir reforçam uma profunda transformação espaço/temporal da vida cotidiana Xetá, implicando uma noção de tempo que divide a *vida vivida* em um ‘antes’ e um ‘depois’ de eventos significativos para os grupos familiares –

sobretudo a chegada dos não indígenas e seu impacto violento que incidiu nas relações de parentesco, casamentos, separações, mortes, deslocamentos, doenças, viagens e etc.

Ao mesmo tempo, tais narrativas são marcadas por nítidas noções de atemporalidade, entre esse ‘antes’ e ‘depois’, recusas de tais mudanças, processos de obliteração da história (LÉVI-STRAUSS, 2011). Ao ouvir as gravações do arquivo de áudio de Aryon Rodrigues, ao mencionar a *vida dos antigos* Claudemir afirmou, “[...] *os antigos quando acordavam no mato, comiam algo e depois cada um fazia uma atividade*”. E Benedita complementou: “[...] *é como hoje, nós acordamos, tomamos um café e cada um vai fazer suas atividades, os homens as suas, as mulheres as delas*” (TI de São Jerônimo, outubro de 2017).

Ao acionar a categoria *luta*, Claudemir evidencia um plano de permanência e transformação que transcende a experiência cotidiana, os movimentos de sobrevivência *dos antigos no tempo do mato*. Na contemporaneidade recorrem a ela quando se referem às suas reivindicações políticas, quando comparado ‘*no dia a dia a mesma coisa que hoje*’, ‘*só que o deles é diferente*’.

Diante dessas narrativas, observei que o contexto etnográfico desta pesquisa remetia a uma experiência de Clifford na década de 1980 (2016). Ao acompanhar uma visita de um grupo de velhos tlingit⁴³⁹ ao Museu de Arte de Portland, em Oregon, Estados Unidos, com o objetivo de realizar uma consulta sobre uma coleção de objetos da Costa Noroeste⁴⁴⁰, Clifford (2016) e a equipe do museu, esperavam que a discussão se concentrasse nos materiais e nos usos dos objetos, isto é, especificamente em narrativas acerca da coleção.

No entanto, Clifford notou que “Eles se referiam aos artefatos com apreço e respeito, mas aparentemente só os usavam como *aides-mémoires*, pretextos para contar suas histórias e cantar suas canções” (2016, p. 02). Ou seja, os velhos tlingit descentralizavam suas narrativas acerca dos ‘objetos físicos’, e evocavam “[...] mitos e histórias, expressando lições de moral atuais com força política atual” (2016, p. 02).

Tomo essa experiência de Clifford (2016) na medida em que, ao estender o diálogo com o grupo familiar, pude observar que nos museus e em suas casas, diante das *coisas dos antigos*, repatriadas digitalmente, o grupo familiar de São Jerônimo fazia

⁴³⁹ Os Tlingit habitam a região litorânea e ilhas do Pacífico, região que vai do sudeste do Alasca ao norte da região da Columbia Britânica no Canadá (CLIFFORD, 2016, p. 01).

⁴⁴⁰ Adquirida pelo Museu na década de 1920 (CLIFFORD, 2016).

referências às suas *vidas cotidianas* em relação às *histórias dos antigos*. Para tanto, acionam categorias centrais do pensamento Xetá além da *luta*, tais como *guardiões das histórias*, *trabalho*, *cultura*, *tempo do mato*, *hoje*, *futuro*, *verdade*, *mentira*, *alegre e triste*. Imbricadas umas às outras, veremos como tais categorias mobilizam uma noção de temporalidade Xetá.

Nesse sentido, as reflexões que seguem neste capítulo buscam problematizar qual o sentido de se contar as *histórias dos antigos* no espaço/tempo de hoje? Quais as categorias e conceitos que estas mobilizam? Em que medida essas categorias permitem acessar diferentes domínios de temporalidade da *vida vivida* Xetá? Qual a relação entre as *histórias* e as *coisas dos antigos no tempo do mato*, o que significam e alteram em termos da *vida vivida* Xetá no espaço/tempo *hoje*?

Para refletir sobre tais questões recorro a bibliografia etnológica Xetá, principalmente os trabalhos de Silva (1998; 2003) e Marinho (2018), às relações que estabeleci com os grupos familiares Xetá desde minha primeira experiência, isto é, aquela inserida no contexto de relações institucionais. Ademais, por envolver noções de temporalidade, recorro ao referencial teórico e desenvolvido em etnografias das Terras Baixas da América do Sul, em que a dialética entre transformação e reprodução, mudança e continuidade, se faz por meio de uma perspectiva dinâmica em que a transformação é um parâmetro constitutivo do plano de permanência e criação da *vida vivida* Xetá (FAUSTO, 2007, p. 05). Assim, são fundamentais os diálogos estabelecidos entre as teorias de Lévi-Strauss (2011) e as pesquisas etnográficas de Gow (2001; 2014), Viveiros de Castro (2002) e Santos-Granero (2007; 2009).

4.2 As histórias dos antigos

As *histórias dos antigos* permearam a pesquisa etnográfica de Silva e são centrais no diálogo que estabeleceu com os seus principais interlocutores: Kuein, Tucanambá, Tikuein (Mã) e ã (SILVA, 1998, 2003) - situados na geração imediatamente acima do grupo de irmãos e irmãs de Dival e Claudemir - com quem eu e Marinho (2018) dialogamos em nossas pesquisas. Essa diferença geracional implica experiências de vida em espaços/tempos

distintos, mas também compartilhados entre as gerações e que incidem em suas narrativas contemporâneas.

Silva dividiu as *histórias dos antigos*, narradas por Tikuein (Mã), Kuein e Tucanambá, a partir dos seguintes gêneros: “[...] narrativas míticas, episódicas, lúdicas, do contato, biográficas, sociológicas e dos rituais” (2003, p. 73). Contudo, destacou a autora, a divisão proposta teria apenas valor heurístico, não refletindo uma classificação dos seus interlocutores, visto que estes as apresentavam sempre de modo simultâneo e relacional (2003, p. 73). Assim como Gow (2001) observou entre os Piro, estas *histórias* são definidas pelo fato de que quando alguém conta, afirma ter ouvido como uma *história dos antigos*. De todo modo, a divisão analítica apresentada por Silva (1998, 2003) é pertinente na medida em que nos permite diferenciar os mundos, os atores, os contextos, as situações, os espaços e as noções de temporalidade Xetá que perpassam essas narrativas.

O primeiro conjunto de *histórias* identificadas por Silva versa sobre: (1) “*As histórias que nossa gente contava*” (SILVA, 2003, p. 18) e são concebidas a partir da categoria

[...] *kwe mówry*, “história dos muito antigos”, que tratam da origem das coisas, dos homens e do mundo. São histórias da sua gente contadas a eles, atendendo às suas curiosidades e interesse desde a infância. “*Era a nossa história, a história dos nossos muito antigos. Não tem como a gente contar há quanto tempo ela foi contada. É dos muito antigos mesmo*”, observam (2003, p. 75).

Classificadas por Silva como narrativas míticas, em sua pesquisa etnográfica a antropóloga levantou 45 dessas *histórias* (2003, p. 77), destacando que:

[...] quatro merecem destaque porque sempre foram contadas em seqüência, mesmo quando narradas em grupo ou individualmente e independentemente da língua. Trata-se do dilúvio, do roubo do fogo, da criação dos ratos de banhado e da criação da humanidade (SILVA, 2003, p. 77).

Essas *histórias* descrevem um mundo de criação e destruição, isto é, em permanente transformação. Como nos lembra Gow (2001, p. 80), os atores e os eventos apresentados são marcados por uma alteridade radical em relação ao mundo vivido dos narradores. Relata o espaço/tempo de parentes míticos, como os irmãos Sol e Lua, da proximidade do céu e da terra, de um tempo em que humanos se transformam em coisas e animais, e de parentes imortais que viviam no fundo das cachoeiras (SILVA, 2003, p. 100).

Outras formas de narrativas Xetá, registradas por Silva (1998) descrevem as histórias de vida de seus interlocutores, e que foram classificadas pela autora como:

As histórias das experiências vividas na aldeia junto à sociedade (que compreendem os episódios e atividades do cotidiano, o jeito de ser do grupo, as relações internas, os acontecimentos do contato, etc); e (3) As histórias que ocorreram após as suas saídas de junto do grupo (os impactos e consequências do contato) (SILVA, 2003, p. 18).

Uma fala de Tucanambá a Silva, indica que havia espaço, entre os adultos, para as *histórias* das experiências vividas cotidianamente no espaço tempo da *aldeia*:

“Quando se chegava uma visita, o dono do lugar, o casal recebia os que chegavam. Choravam, diziam palavras (...). Os donos do lugar davam água, comida (...). Todo mundo queria saber o que eles que chegavam iam contar. Ali ficavam todos juntos, espalhados, mas perto. Todo mundo que fica junto quer ouvir, só que isso era de noite. É como uma conversa. Ai o que chegou conta, o outro do lugar também conta, se conta tudo o que passou. Só que tem que prestar atenção no que o outro está contando, porque é de onde ele conta que você vai desenrolando a sua fala também. Por exemplo: o Tuca quando ia com o pessoal do SPI, ou com outras gentes [pesquisadores] lá no nosso lugar, quando ele encontrava com os outros nossos, eles choravam (...), ele contava tudo e os nossos contavam também tudo pra ele. Por isso mesmo, sem ele estar lá, ele sempre ficava sabendo de tudo que tinha acontecido na ausência dele. Quando ele terminava, outro contava o que se passou. Então era assim a nossa luta, era assim as nossas prosas, o nosso jeito de contar história, sempre juntos. Era preciso ter outro”. (Tikuein, para SILVA, 2003, p. 83).

Nas *histórias* narradas a Silva (1998, 2003), as trajetórias de vida de Tikuein (Mã), Tuca e Kuein aparecem também imbricadas às experiências vividas junto aos *antigos*:

Quanto às "histórias das experiências vividas na aldeia" junto à sociedade, embora elas sejam impregnadas de referências simbólico-culturais, o seu conteúdo apresenta essencialmente os acontecimentos históricos, ancorados nas suas experiências de vida, marcada pela época que viviam na aldeia junto com o grupo (num período anterior ao contato com os brancos), até o período da chegada deste elemento desagregador e desestabilizador da extinta sociedade. Estas histórias contam os efeitos da aproximação dos brancos, a dispersão do grupo, a dizimação, as separações e o conseqüente desaparecimento da sociedade. Elas nos apontam experiências vivenciadas em grupo antes, durante e após o contato interétnico. Nelas, os dados de memória coletiva inter cruzam-se com os dados resultantes das narrativas ligadas à "história dos antigos" (1998, p. 19).

Estas *histórias* se aproximam das *tšrunni pirana* - as 'histórias sobre os antigos', identificada por Gow entre os Piro (2014, p. 189). Contadas pelos mais velhos, tratam dos costumes, do comportamento e da vida cotidiana dos *antigos*. Diferente das narrativas míticas que apresentam uma alteridade radical, nessas *histórias*, o mundo que os *antigos* viviam é muito próxima a do narrador, e uma diferenciação ocorre nas ações dos atores, visto que o

mundo dos *antigos chegou ao fim* com a chegada dos *brancos* (GOW, 2003, p. 81-82; SILVA, 1998; MARINHO, 2018).

Ao explicar de forma genérica acerca das *histórias*, Dival, Claudemir, Benedita mencionam aquelas que envolvem o cosmos, os mitos da criação e destruição do mundo, dos objetos, dos animais, das plantas e dos *brancos*, isto é, narrativas míticas, conforme identificada por Silva (1998; 2003). No entanto, as *histórias dos antigos* narradas na contemporaneidade versam predominantemente acerca da *vida vivida*. Nestas, incluem as experiências do pai Tikuein (Mã), que foram transmitidas e também compartilhadas e que na contemporaneidade transformam-se temporalmente em *histórias dos antigos*.

No contexto atual essas *histórias* sobre o cotidiano adquirem uma relevância e uma urgência específicas, e aquelas que identificamos como míticas ficam relegadas em segundo plano. Ademais, há que se ressaltar o contexto específico de enunciação dessas *histórias*, isto é, as reservas técnicas dos museus, em que os pesquisadores(as) e os(as) gestores(as) institucionais lhes direcionavam perguntas específicas sobre as coisas e histórias de um tempo passado.

Sobre esse passado e a vida cotidiana afirmaram:

“Então na verdade esse cântico, eles tinham quando ia ter, quando eles iam guerrear eles faziam esse cântico. Que daí... é a mesma coisa que você às vezes tá indo para um protesto, às vezes reivindicando alguma coisa, você não tem nada a perder, daí você joga tudo que tem direito. Quando eles estavam entrando em guerra, eles faziam esse cântico, ali eles iam matar, iam morrer, não estavam contando com nada mais. Então era usado pra esses termos. Eles podiam cantar. Eles estavam indo pra uma guerra, eles sabiam que iam morrer, sabe lá quantas pessoas iam ficar caído lá” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Para o grupo familiar, os conhecimentos que possuem sobre esse espaço/tempo, foram transmitidos pelo pai, Tikuein (Mã): *“meu pai quando morava no mato contou pra nós que...”*:

“Essa folha de palmeira era usada pra cobrir as casas deles, pra fazer esses materiais que vocês estão vendo, o abanador, a tipoia pra carregar as crianças e fazia a esteira para dormir. Aquele lá, esse da frente, era usado pra eles carregar dentro, assim, vamos supor como hoje, temos geladeira, e às vezes sobra uma carne frita, até mesmo um feijão cozido, a gente põe numa vasilha bem tapada e põe na geladeira. E eles, o resto de carne eles colocavam aqui dentro, amarrava aqui, ele tinha uma alça aqui. Eles amarravam bem amarradinho e daí no outro dia ali, antes de eles irem fazer o trabalho deles, todo mundo comia de novo, esquentava essa carne e eles comiam” (Claudemir, Reserva Técnica MAE/UFPR, 15 de novembro 2017).

Na reserva técnica do MAE/UFPR, frente ao *tirambetá* Claudemir identificou o material que cada grupo familiar utilizava para sua confecção: o que tem ponta seria dos *papaita*, aqueles de osso do *tutacampama* e alguns usavam de madeira e resina de jatobá “*que é aquele bem feitinho que você viu, coisa mais linda!*”. Dessa afirmação, iniciou-se um diálogo entre os presentes:

Dival: *O pai contava pra nós que tinha um índio no mato que ele ia fazer as coisas e demorava mais ou menos, se ele começasse hoje ele ia acabar daqui a 10 – 15 dias. Ele era muito lendo demais! Fazia as coisas de qualquer jeito, não era caprichoso, ele fazia de qualquer jeito, jeito que saísse tava bom.*

Luana: *Tinha gente que era mais caprichoso?*

Claudemir: *Caprichoso! Exatamente!*

Dival: *Que nem aqueles colares que eu tô fazendo lá, é daquele índio que virou onça. Esse que eu trouxe pra você.*

Claudemir: *Essa é a história do significado desse colar.*

Dival: *Só que tem uma diferença que o colar dele era de osso, mas eu fiz de madeira, devido a não ter osso, mas é o colar que ele usou. É uma história assim, que ele era um ser humano que mesmo em vida era considerado como bicho que ele comia os próprios filhos dele e matava, fazia assado. Aí chegou um dia que o irmão decidiu matar ele, deixaram ele e mataram. Daí cobriram ele com um monte de ramo e durante a noite começou a sair, sair onça, gato do mato, cachorro do mato, tudo que é bicho saiu dali, daquele corpo dele. Quando amanheceu o dia eles foram lá ver e tirar o corpo dele e já não tava mais, tinha virado tudo bicho. Então por isso hoje nós temos a onça, temos vários tipos de bicho, foi ali que saiu do corpo dele. A história é mais ou menos assim. É por isso que nós temos esses bichos hoje, todos esses bichos. Essa é a história. E esse colar aí que eu tô falando, que eu tô fazendo era um colar dele, ele usava esse colar (Dival e Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05 de junho de 2018).*

Essa mesma *história* foi narrada a Marinho, durante sua pesquisa de campo, e está registrada em sua dissertação de mestrado (2018, p. 225). Como argumentamos anteriormente, ao narrar esta *história* Dival descreve um processo de transformações do espaço/tempo do *mato* conectada ao espaço/tempo de *hoje* mediada pelo colar de madeira que produz na contemporaneidade.

Desse modo, a reflexão aqui proposta é entender esse mecanismo temporal que lhes permite estabelecer uma continuidade, entre o *tempo do mato*, ao qual dizem ser a *vida vivida dos antigos*, e o espaço/tempo de *hoje*.

Para tanto, recorro ao conceito de mitopoiese como uma dinâmica de transformação temporal, desenvolvido por Gow (2001; 2014). Seguindo Lévi-Strauss (2011), Gow (2001, 2014) propõe que a análise da variabilidade e as transformações das narrativas

piro estão em relação às mudanças temporais do seu mundo vivido, bem como a de seus narradores:

Sugiro que podemos ver aqui uma versão microscópica do mesmo processo: o mito transforma-se à medida que também o narrador se transforma com a idade. Este é o processo da mitopoiese (GOW, 2001; GOW, 2014, p.195).

Na dinâmica temporal da mitopoiese, ressalta Gow (2001; 2014) as questões colocadas em relevo em suas narrativas estão diretamente relacionadas àquilo que é do interesse temporal do narrador e também do ouvinte (GOW, 2014, p. 202):

Assim como a mitopoiese pode gerar versões mais complexas e elaboradas de narrativas míticas conforme o narrador envelhece, também pode levar as narrativas míticas a desaparecerem e serem esquecidas, na medida em que tanto os narradores quanto seus ouvintes perdem o interesse nelas (2014, p. 202).

Seguindo o conceito de mitopoiese, as ‘histórias dos antigos’ são tomadas como ‘narrativas potenciais’ do qual sempre podem surgir novas narrativas, desde que seja do interesse e do investimento dos narradores (GOW, 2014, p. 204), isto é, podem ser inventadas não menos que transformadas ou tornadas imemoriais (2014, p. 205). No caso Xetá, Silva já havia pontuado que as narrativas de seus interlocutores eram dimensionadas por uma série de transformações ocorridas na vida do grupo, mas também na vida dos narradores (2003, p. 78).

Desse modo, por meio desse conceito buscaremos compreender que o investimento que o grupo familiar de Tiquein (Mã) faz nas *histórias dos antigos* estão relacionados às profundas transformações da *vida vivida no tempo do mato*. Mas também em relação às específicas experiências e transformações vividas por Dival, Claudemir, Benedita, e seu grupo de irmãos e irmãs no espaço/tempo de *hoje*.

Partindo desse princípio, se o interesse e o investimento das narrativas se Xetá se faz na relação narrador e ouvinte (SILVA, 1998) e nas transformações da vida do grupo e do narrador, isto é, aos processos de transformação temporal como *guardiões das histórias e lideranças Xetá* de Dival e Claudemir. Além disso, como elementos da memória que devem ser guardadas e transmitidas, estas *histórias* sobrevivem de modo fragmentado nas narrativas dos sobreviventes como testemunhas de um passado. Assim como *as coisas dos antigos*, estas refletem a “autenticidade” e ‘indianidade’ Xetá, mas também da vida colocada em constante risco de desaparecimento desde o processo de contato. No entanto, diferentemente das coisas

musealizadas, as *histórias dos antigos* e os seus conhecimentos são guardados e agenciados pelo grupo familiar.

4.3 Não se conversa só, não é mesmo?⁴⁴¹

Como recurso metodológico em sua pesquisa, Silva (1998) colocou Tikuein (Mã), Tuca e Kuein em contato com as coleções de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, bem como os arquivos linguísticos de Aryon Rodrigues. Ao descrever um desses momentos, Silva destacou um diálogo de seus interlocutores ao ouvirem uma dessas *histórias*:

“Está entendendo Kuein? Este responde: Tô entendendo sim, é meu irmão que está contando a história da caça do porco do mato. É ele que está falando, que está contando. Adjatukã também está falando, está perguntando para o meu irmão. Ele conta com o meu irmão, ele que vai perguntando, vai ensinando meu irmão. Tikuein observa: É a mesma coisa que estar vendo ele aqui! Parece que ele está aqui. É o jeitinho dele. Adjatukã está ajudando Arigã” (SILVA, 2003, p. 54).

Em sua pesquisa Silva (1998; 2003) dedicou-se a analisar o ato narrativo, isto é, a forma, o contexto ou o cenário ideal em que ocorriam as *histórias dos antigos*. Segundo Tuca, para narrar “[...] é preciso ter companheiros iguais à gente, pra nos ajudar e nos perguntar e nos entender. A gente precisa do outro para conversar [...]” (SILVA, 1998, p. 46). Desse modo, Silva concluiu que o contexto ideal para a narrativa Xetá ocorrer “[...] é a existência de duas pessoas (dois narradores), um que conta e outro que auxilia [...]” (2003, p. 63)⁴⁴². Ressalta ainda como fundamental a presença de um terceiro interlocutor, o ouvinte, destacando que durante sua pesquisa ocupou esse lugar, junto com alguns membros dos grupos familiares Xetá (SILVA, 2003, p. 247).

Além disso, as *histórias* do narrador principal e do secundário estão simultaneamente imbricadas, e por isso na contemporaneidade “[...] dizem tratar-se de ajuda” (SILVA, 2003, p. 59). Nesse sentido, *ajudar* é parte de um sistema em que troca e

⁴⁴¹ ã (SILVA, 1998, p. 74).

⁴⁴² Em sua pesquisa, o interesse de Silva recaiu sobre o modo como essa relação entre os narradores estava vinculada a socialização e perpetuação da memória Xetá (2003, p. 36).

complementaridade atuam no processo narrativo e criativo das *histórias dos antigos* (SILVA, 2003, p. 61).

Silva (1998) identificou que havia também, espaço/tempo ideal para que as narrativas ocorressem no espaço/tempo do *mato*: à noite, dos mais velhos às crianças, com hora, motivo e lugar.

Segundo Tikuein (Mã) descreveu para Silva:

“É de noite que eu penso, porque era de noite que a gente se juntava todos e conversávamos e contávamos histórias. Era nessa ocasião que a gente, que era criança, aprendia ouvindo e guardando os ensinamentos dos velhos na cabeça, no que vocês brancos chamam de memória. Era quando a gente, que era criança, tudo ali, ouvia os mais velhos contarem histórias e contarem um para o outro o que tinha acontecido com eles. A gente conversava sobre tudo. A gente tinha jeito para contar história, tinha hora e motivo para contar...” (SILVA, 2003, p. 52).

Em consonância, Kuein também afirmou:

“[...] nos okã-kã (acampamento), eu ficava deitado nos braços do meu pai, e ele me contava histórias de nossa gente, dos antigos, as coisas que aconteciam no mato, dos parentes, e inclusive dos brancos, pois ele já os havia conhecido. Foi preso por eles. Porém, conseguiu fugir e reencontrar nossa gente” (SILVA, 1998, p. 54).

Silva observou ainda que seus interlocutores buscavam reconstituir o mais próximo possível as relações e o contexto ideal dessas narrativas (2003, p. 55), isto é, buscavam fazer como os *antigos no tempo do mato*. Ao ouvir as primeiras gravações de áudio, Silva registrou que Tuca solicitou a Kuein para preparar um mate, *-kukwaj* e anunciou *“[...] vamos fazer que nem lá na aldeia, vamos tomar mate enquanto escutamos histórias”* (SILVA, 2003, p. 55).

Desse modo, Silva conclui que:

Não importa onde estejam quando se encontram com a etnógrafa, é preciso criar as condições necessárias para que a sociedade extinta seja evocada com a pompa e o respeito que ela merece. Sem essas condições, não há narração (2003, p. 244).

E ressaltou:

É preciso ritualizar também o tempo para que as memórias fluam adequadamente. Sons, gestos, choros, palavras, só têm o poder de evocar a sociedade exterminada se forem desempenhados nos momentos certos, o que torna cada um desses momentos tão real como o contexto original. *“É como se fosse hoje”* foi uma das expressões que mais ouvi durante a pesquisa com os narradores (SILVA, 2003, p. 246-247).

Em junho de 2009, o GT *Jané Rekó Paranhá* organizou em Curitiba o evento *I Oficina para estudos da Língua Xetá*, com o intuito de elaborar um Projeto Político Pedagógico em diálogo com representantes de três grupos familiares, filhos, filhas, netos e netas de Tikuein (Mã), Tuca e ã.

Ao ser apresentado aos arquivos linguísticos e sonoros de Aryon Rodrigues, no qual Adjatukã e Eirakã[Arigã] narram mitos e cantos na língua Xetá, Claudemir - à época liderança Xetá, reivindicou a presença de seu irmão mais velho, Dival, nas atividades do GT. Justificou a solicitação afirmando que o irmão poderia colaborar e complementar as suas narrativas acerca da língua, dos cantos e das *histórias dos antigos*. Embora naquele momento estivesse em disputa a distribuição de vagas entre os representantes dos grupos familiares Xetá para participarem dos eventos, a solicitação de Claudemir não tratava de uma reivindicação política frente às instituições. Esta ocorria em meio aos encaminhamentos metodológicos do evento, isto é, no momento em que lhe era solicitado a falar acerca das *histórias Xetá*. Nesse contexto, Claudemir estava propondo a constituição do ato narrativo (SILVA, 1998) para que estas ocorressem.

No entanto, se no *tempo do mato* a relação ideal para que uma narrativa ocorresse era marcada pela afinidade, isto é, entre cunhados (SILVA, 2003, p.61), e havia hora e motivo para narrar, frente aos desafios impostos pelo processo de contato marcado pelo genocídio dos parentes, cada geração buscou estratégias, individuais e coletivas, para (re)criar o modelo.

Tuca narrou para Silva (2003) alguns momentos que lhe permitiram (re)produzir o sistema narrativo do espaço/tempo *do mato*, tais como durante as expedições científicas, em que participou como mediador das relações entre os *antigos* e os *brancos*; o diálogo que estabeleceu com o linguista Aryon Rodrigues, visto que debatiam questões acerca da língua Xetá. Destacou também o estado onírico: “Quando eu sonhava era sempre contando ou ouvindo história” (SILVA, 2003, p.34)⁴⁴³. Ademais, no período em que viveu em Curitiba, Tuca estabeleceu diálogo sobre *as histórias dos antigos* com Vladimir Kozák e com D. Belarmina, no período em que foram casados.

Durante os anos em que acreditou ser o único sobrevivente Xetá, Tikuein (Mã) buscou estratégias junto a coisas e pessoas que lhe permitiam experienciar o contexto narrativo:

⁴⁴³ Silva observou a importância atribuída ao fato de sonhar na língua, visto que “[...] suas memórias trabalham, eles revivem e atualizam o passado produzindo, inclusive, imagens e linguagens que, de acordo com os sobreviventes, os fazem sentir-se junto aos seus” (2003, p. 33).

“Eu não sabia que tinha outros que nem eu, eu não sabia dos outros. Como eu achava que estava só, eu falava só, eu era eu e era o outro. Eu falava olhando para o espelho, e eu sonhava muito, às vezes eu acordava gritando falando coisas que ninguém entendia, o pessoal de onde eu parava [morava] chegou a achar que eu era meio ruim do juízo. Mas eu não era não, eu só não podia esquecer minha gente nem minha linguagem, senão eu seria um homem morto” (SILVA, 2003, p.32).

Desse modo, para manter-se *vivo*, Tikuein (Mã) (re)criou no cotidiano familiar – junto aos filhos e filhas, netos e netas - mecanismos para preservar as suas memórias e a transmissão das *histórias dos antigos*.

Do mesmo modo que nos eventos do GT, Claudemir reivindicava a presença de Dival, durante esta pesquisa um solicitava a presença do outro para narrar as *histórias dos antigos*. Em algumas ocasiões, em que foram solicitados a narrar, sobretudo nos espaços dos museus, Dival e Claudemir o faziam de modo fragmentado, por vezes silenciavam ou até mesmo se negavam, afirmando que havia um espaço, tempo e motivo adequado para que algumas narrativas ocorressem: preferencialmente à noite, ao redor da fogueira, junto ao grupo familiar e partindo do interesse das crianças. E assim como Tikuein (Mã), Kuein e Tuca (SILVA, 1998; 2008), os irmãos, buscam no contexto contemporâneo criar o contexto ideal de contar suas *histórias*, ‘*como os antigos nos ensinaram*’, dizem.

Desde os tempos em que acompanhei os trabalhos do GT *Jané Rekó Paranhá*, e, em diferentes momentos desta pesquisa, Dival e Claudemir aproveitavam as oportunidades em que eram solicitados a narrar, para convidar os pesquisadores a irem até as suas casas, na TI de São Jerônimo, sinalizando que os receberiam em volta do fogo. Por algumas vezes fui convidada a acompanhar esse momento, no entanto, por diferentes motivos, não foi possível presenciá-lo.

Na primeira ocasião, em outubro de 2017, as narrativas estavam programadas para ocorrer durante a Mostra Cultural promovida pela Escola. No entanto, Claudemir necessitou se ausentar e o evento em volta da fogueira foi cancelado. Em dezembro de 2017, programaram um encontro familiar, que foi cancelado devido a uma forte chuva, impossibilitando que se reunissem em volta do fogo. A terceira oportunidade ocorreu em setembro de 2019, durante o Encontro Xetá, realizado na TI de São Jerônimo e contava com a participação do grupo familiar da aldeia Kakané Porã. Ao anoitecer, Dival e Claudemir acenderam a fogueira, parte dos grupos familiares estava em seu entorno, mas após o jantar, por algum motivo que não compartilharam com os presentes, cancelaram o momento de narração das *histórias dos antigos*, frustrando assim minhas expectativas.

Contudo, mais do que ouvi-los contando *histórias* nesse contexto ideal busco compreender como na posição de *guardiões das histórias Xetá*, afirmam *fazer como os antigos* a partir dos *ensinamentos* que estes lhes *deixaram*.

4.4 Os Guardiões das histórias Xetá

Tikuein (Mã) tornou-se um dos grandes conhecedores e um dos principais narradores das *histórias dos antigos* para Silva (1998; 2003), sendo reconhecido nesta posição por Tuca e Kuein (SILVA, 1998, p. 13). Juntos, os três tornaram-se *guardiões das histórias*, isto é, da memória coletiva de seu povo (SILVA, 2003, p.28).

Após a morte do pai, Dival e Claudemir assumiram esta posição, tornando-se os *guardiões das histórias Xetá*. Na contemporaneidade reivindicam esse lugar em termos de uma divisão dos *ensinamentos deixados* pelo pai, visto que Tikuein (Mã) *deixou* para as filhas mulheres os *ensinamentos* do trançado e da cestaria; para Dival as *histórias*; e para Claudemir, os *ensinamentos* da língua, dos cantos e da liderança política.

Em uma das vezes que estive em São Jerônimo, no pátio de sua casa Claudemir reforçou uma de suas falas recorrentes durante as visitas as reservas técnicas: “*o pai foi nosso professor*” (Claudemir, TI São Jerônimo, outubro de 2017) atribuindo a Tikuein (Mã) os seus conhecimentos sobre *as coisas dos antigos no tempo do mato* – as relações entre parentes, a caça, a pesca, as armadilhas, os cantos, as *histórias* e a língua Xetá. Sobre as coisas musealizadas, na vida cotidiana o pai ensinou os filhos e filhas a confeccionar, os materiais a serem empregados, os seus contextos de uso, etc.

Benedita, a filha mais velha de Tikuein (Mã) faz questão de contar que o pai lhe *deixou*, além do trançado, os *ensinamentos* a respeito das plantas, dos remédios, de como andar no mato, cuidar das crianças e das relações familiares. Segundo a filha, quando se ausentava de casa para realizar uma viagem, trabalhar como boia-fria nas fazendas ou para realizar seus *trabalhos com os pesquisadores*, o pai reunia os filhos e filhas, netos e netas, para contar as *histórias dos antigos* e dizia: “*eu vou contar as histórias, porque logo vocês vão precisar delas*” (Benedita, TI São Jerônimo, outubro de 2017).

Para além do reconhecimento de seu grupo familiar, a posição de Dival e Claudemir, como *guardiões das histórias dos antigos* é sustentado também na relação com os outros grupos familiares Xetá, visto que os parentes reconhecem neles uma potencialidade

para narrar as *histórias*. Certa ocasião em que solicitei a Indioara filha mais velha de Tuca, que me contasse algumas *histórias* ela me orientou a conversar com o *pessoal de São Jerônimo*, argumentando *que eles sabem e contam as histórias dos antigos*.

Na posição de *guardiões das histórias*, que foram *deixadas pelos antigos*, Dival e Claudemir também articulam ações para narrar as *histórias* entre o seu grupo familiar, como uma forma de *deixar ensinamentos* para as gerações futuras. Para tanto, assim como o pai Tikuein (Mã), organizam, sempre que possível, reuniões e encontros familiares buscando (re)criar o contexto ideal.

Um desses momentos ocorreu em 2013 como atividades do GT *Jané Rekó Paranhá*, ocasião em que produziram uma Memória Fílmica e Fotográfica com o grupo familiar de São Jerônimo. Neste registro, homens, mulheres e crianças Xetá aparecem construindo uma casa –*tápuj*, armadilhas de caça e fazem referência à *bebida de erva mate – kukuaj*. Pintados, caminham em uma região de mato, entoando o canto do urubu, empunhando arcos, flechas e machados de pedra. Durante um banho de rio, realizam o ritual de iniciação dos meninos. As cenas são entremeadas de narrativas de Dival e Claudemir para explicar os objetivos desse encontro familiar:

“Tivemos uma oficina na UEM e me ocorreu, com meus irmãos, fazer esse trabalho aqui no mato, mostrar um pouco da nossa cultura na qual meu pai repassou pra nós e como que fazia. Então o pouco que nós aprendemos, hoje nós estamos exercendo ela pra nós fazer um pouco do trabalho pra mostrar porque até então a nossa nação tá com pouca gente, como se diz em extinção, mas hoje estamos em 45 famílias. Hoje estamos reunidos pra mostrar um pouco da cultura a qual meu pai, quando ele vivia no mato, ele fazia esse tipo de coisa. É a sobrevivência dele como eles viviam no mato. Então ele repassou alguma coisa pra nós e é o que nós estamos fazendo aqui hoje. E a gente vai dar o máximo da gente pra ficar arquivado na memória também dos nossos filhos que estão aqui, e no futuro a geração seguinte venha a ter conhecimento também do que nós tivemos” (Dival, DVD Memória Fílmica Xetá, GT *Jané Rekó Paranhá*, 2013).

Nessas afirmações, para além de uma prática mnemônica, a narrativa de Dival articula as categorias *cultura* e *trabalho*, como conceitos eminentemente políticos. Desse modo, pode-se traçar algumas reflexões acerca da relação do processo de transformação de *guardiões das histórias Xetá* e liderança política. Em outras palavras, como detentores de um conhecimento específico acerca das *histórias dos antigos* os legitima a posição de liderança política.

Como veremos, Dival e Claudemir estão à frente das relações políticas que o grupo familiar Xetá de São Jerônimo mantém com os não indígenas e as suas instituições,

sobretudo a escola, a saúde, as universidades e os museus; bem como em suas relações com os demais grupos familiares Xetá; e no amplo contexto da TI de São Jerônimo junto aos Guarani e Kaingang.

4.5 A *vida* na TI de São Jerônimo: a política e o afeto Xetá

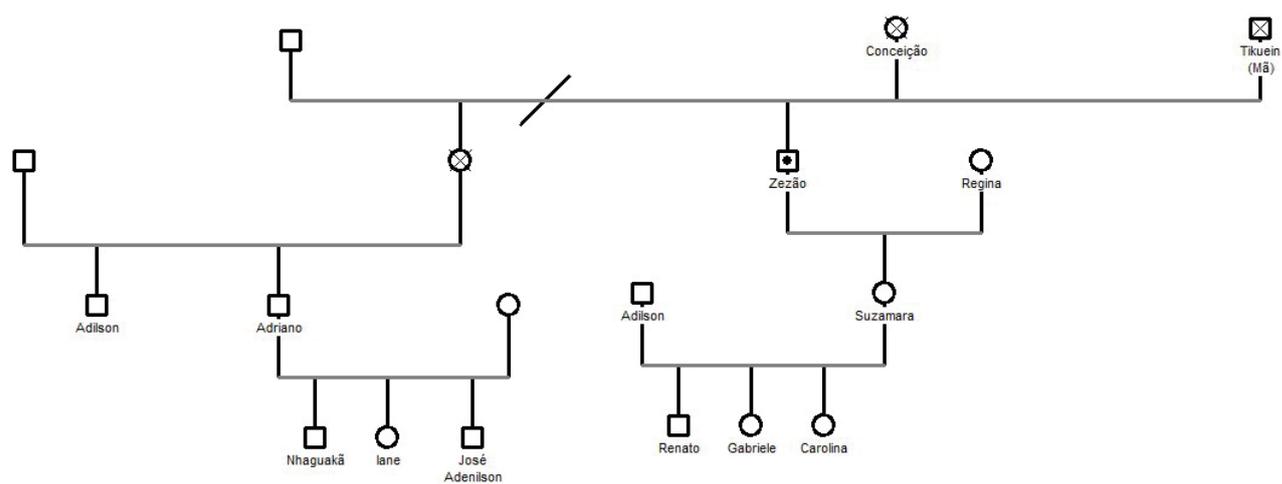


Diagrama 6 - Grupo familiar Zezão

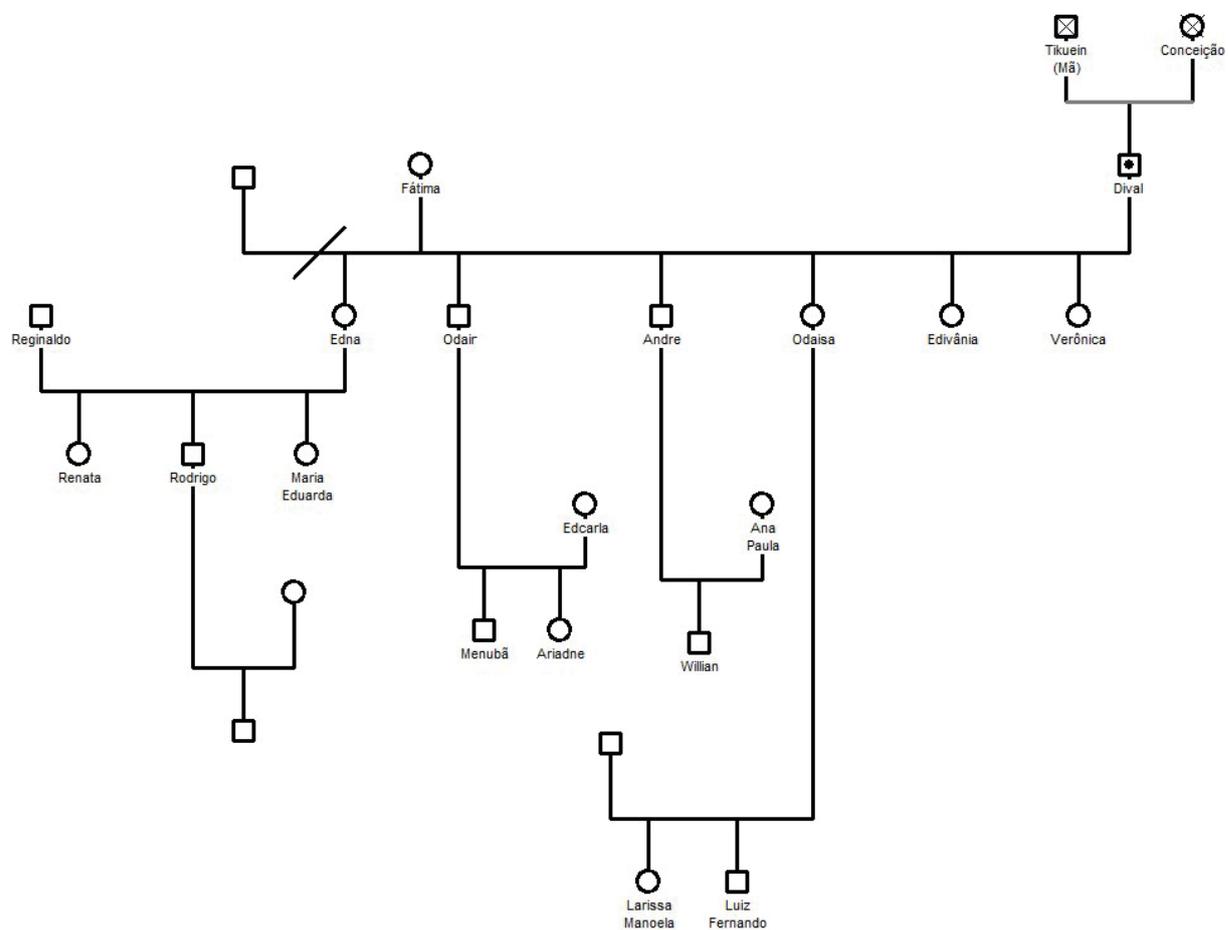


Diagrama 7 - Grupo familiar de Dival Xetá

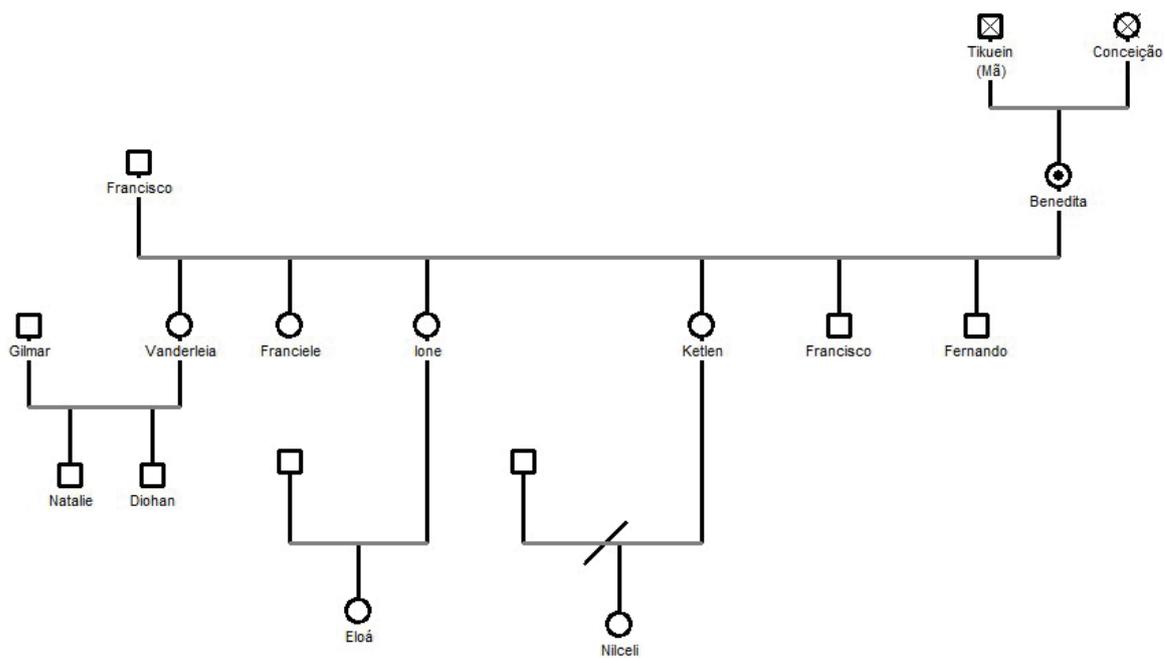


Diagrama 8 - Grupo familiar de Benedita

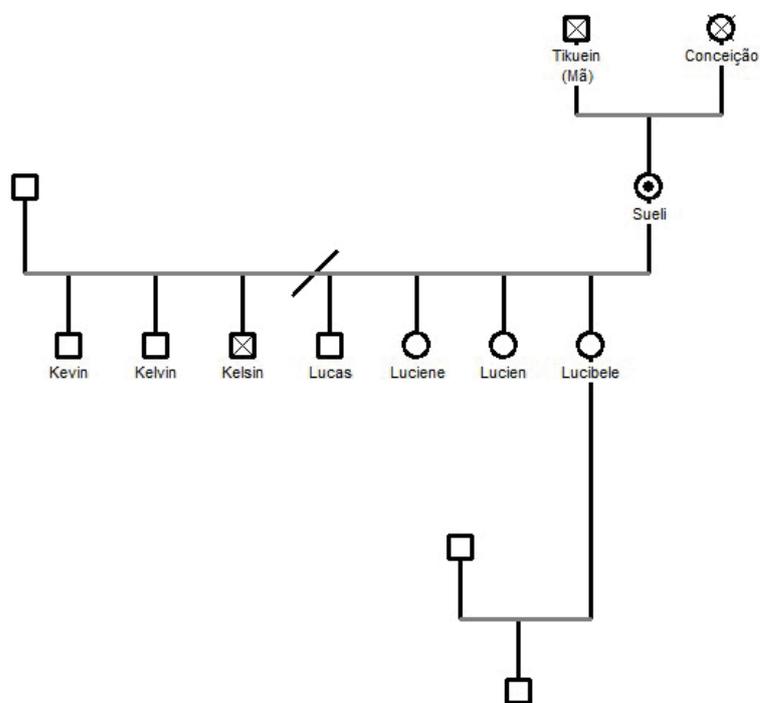


Diagrama 9 - Grupo familiar de Sueli

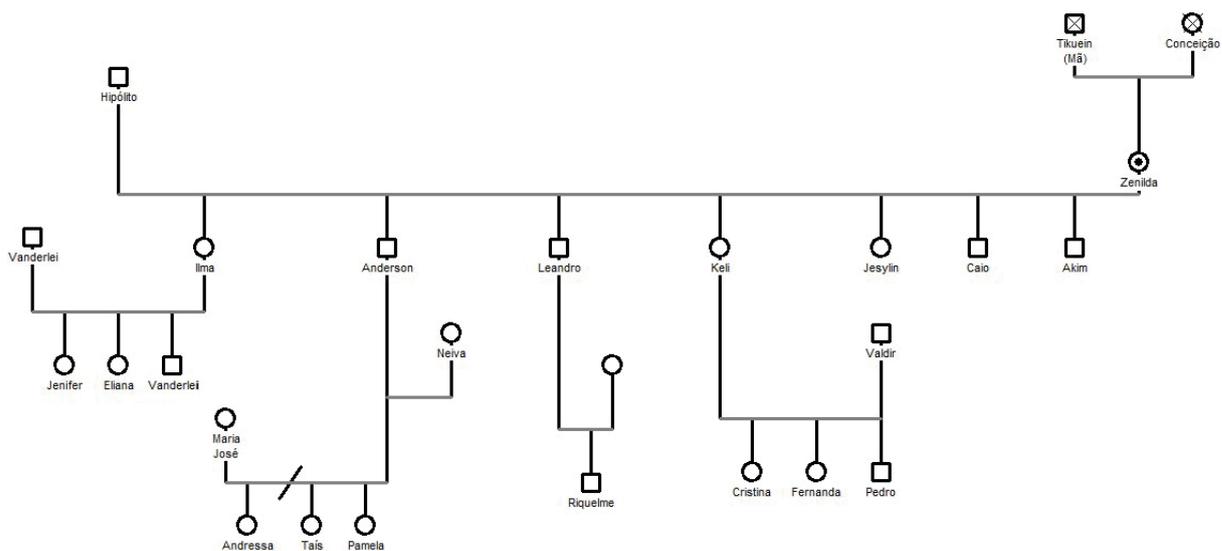


Diagrama 10 - Grupo familiar Zenilda

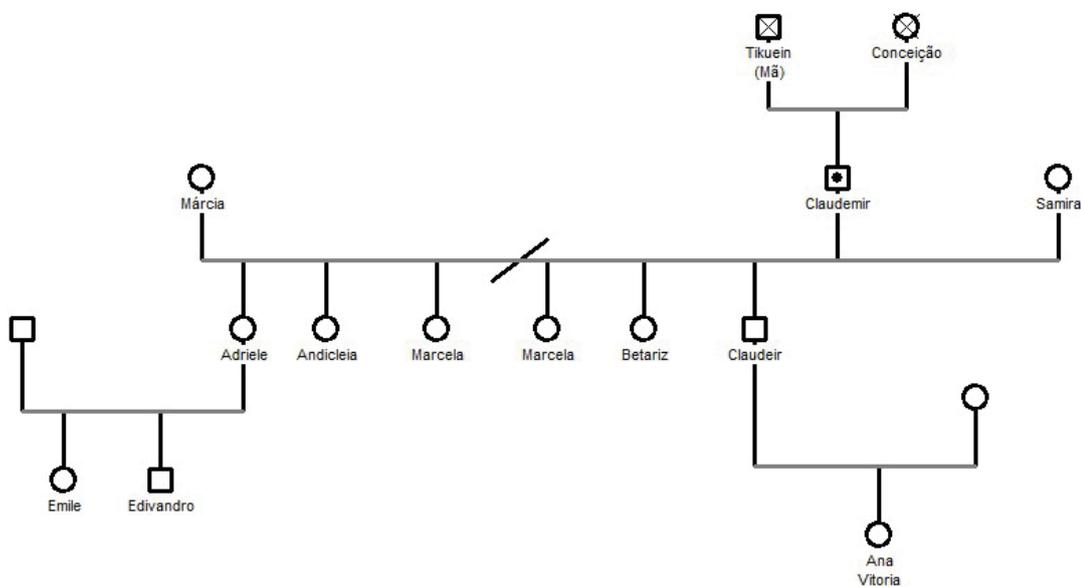


Diagrama 11 - Grupo familiar de Claudemir

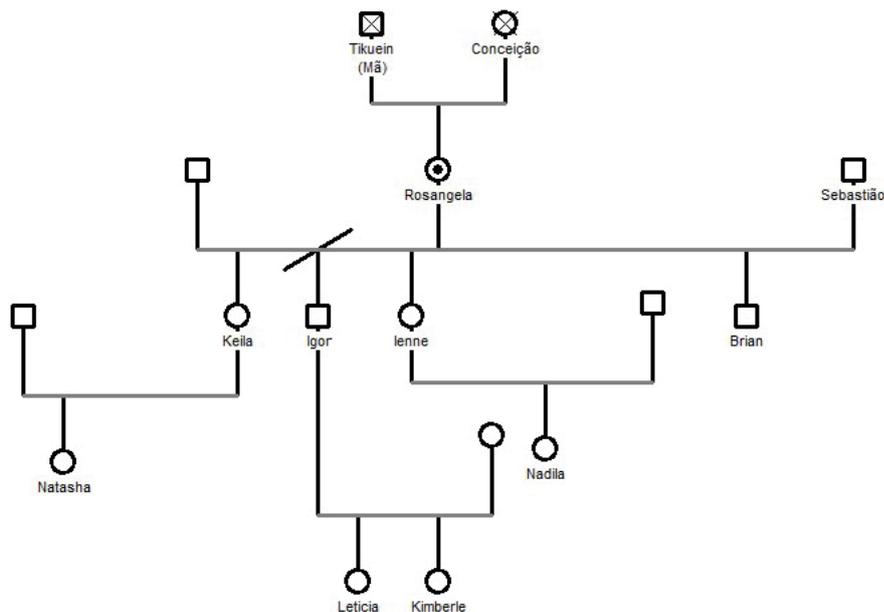


Diagrama 12 - Grupo familiar de Rosângela

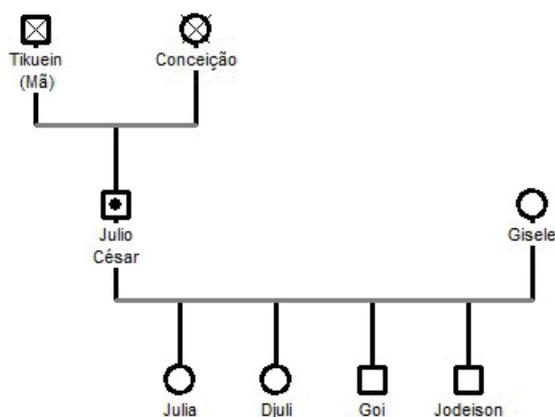


Diagrama 13 - Grupo familiar Júlio César

À época em que acompanhei as atividades do GT *Jané Rekó Paranhá*, embora não fosse o filho mais velho, mas seguindo uma linhagem patrilinial (SILVA, 2003, p. 212), Claudemir, era reconhecido como liderança do seu grupo familiar. A frente das instituições públicas era o representante, orientando e conduzindo seu grupo de irmãos e irmãs. Desde o primeiro encontro que tive com Claudemir ouvi narrar sua experiência de vida junto ao pai e

de como este o preparou, desde os sete anos de idade, para assumir o lugar de liderança do povo Xetá e representá-lo junto aos não indígenas. Ao lado de Tikuein (Mã), descreveu os *trabalhos* ou a *luta* (MARINHO, 2018), isto é, a participação em reuniões, viagens, visita aos museus – costuma lembrar quando estiveram juntos na casa de Vladimir Kozák, quando tinha em torno de treze anos, ocasião em que assistiu pela primeira vez os filmes realizados na Serra dos Dourados.

Durante as atividades do GT meu contato com grupos familiares Xetá ocorreu principalmente durante os eventos institucionais, e desse modo, não tenho dados suficientes para analisar como operava e qual o alcance da liderança de Claudemir nas relações internas ao grupo. Tampouco acerca de sua atuação como liderança Xetá no interior da TI, junto aos grupos Guarani e Kaingang. No entanto, destaco duas observações a respeito de sua posição naquele contexto. A primeira reside no fato de que, Claudemir não atuava sozinho e sempre exigiu a participação de algum de seus irmãos para suas tomadas de decisões.

Segundo contou a Marinho, quando Tikuein (Mã) faleceu, motivado pela *tristeza*, Claudemir pensou em abandonar a posição de líder *do povo* Xetá. Encontrou forças no apoio que recebeu do seu grupo familiar e tomando a referência do pai, o incentivaram a continuar lutando (2018, p. 101-102). Sentindo-se sozinho, compartilhou com os familiares o desejo que algum parente o acompanhasse em sua *caminhada*. Naquele momento, decidiram pelo nome de Júlio, o irmão mais novo que passou a acompanhá-lo (MARINHO, 2018, p. 102).

Durante as atividades do GT Júlio destacou-se ao lado de Claudemir. Além de participar de todas as reuniões e oficinas, visitou com D. Belarmina a reserva técnica do MAE/UFPR, em dezembro de 2008⁴⁴⁴. Na ocasião, tive a oportunidade de acompanhar esse momento em que lhes foi apresentado à coleção Xetá, e de modo bastante significativo, Júlio revelou os *ensinamentos* transmitidos pelo pai acerca das coisas Xetá – os usos, os matérias-primas, as formas e referências à identidade de possíveis produtores. Além disso, Júlio viajou também à Brasília para aprofundar conhecimentos e auxiliar professor Aryon Rodrigues em suas pesquisas da língua Xetá, o que lhe permitiu acessar o seu arquivo linguístico. Com apoio de seu grupo familiar, segundo afirmavam às instituições, Júlio estava sendo preparado para assumir o cargo de professor Xetá na escola de São Jerônimo. Não tenho dados para

⁴⁴⁴ A visita foi acompanhada de D. Belarmina e Carlos Cabreira, professor Guarani na TI de São Jerônimo. Seu Carlos, amigo de Tikuein (Mã), reivindicava para si a confecção do machado de pedra Xetá que compõe a coleção do museu e afirmava que finalizado, havia presenteado o amigo Tikuein (Mã) com o referido objeto.

afirmar se naquele momento, Júlio estivesse sendo preparado para ocupar também a posição de Claudemir e/ou que representasse algum projeto futuro de liderança política Xetá, tal como afirmaram para Marinho (2018, p. 103). Entendo a atuação de Júlio junto a Claudemir a partir dos princípios apontados acima e sintetizado na fala de ã, *não se conversa sozinho* e também *não se caminha sozinho*.

Também não possuo dados etnográficos para afirmar em que momento e quais os motivos que levaram Júlio a abandonar a ideia de se tornar professor, liderança e/ou representante do seu grupo familiar. Durante esta pesquisa, frequentemente encontrei Júlio na casa de sua irmã Benedita e, em uma dessas ocasiões quando lhe questionei evitou entrar em detalhes, apenas sorriu e suas irmãs se limitaram a responder que havia desanimado com a possibilidade de se projetar na posição de professor. Reservado, durante esta pesquisa Júlio parecia um tanto distante das mobilizações políticas Xetá, quando comparadas ao momento das atividades do GT.

Claudemir foi casado por aproximadamente vinte anos com Márcia Fidêncio - ligada a laços de parentesco com a família do *cacique* Kaingang - com quem teve um filho e cinco filhas. Em 2011, quando se separou de Márcia, deixou a TI por aproximadamente dois anos e, ao retornar, passou a residir com a atual esposa, D. Samira - pertencente ao povo Guarani. Seu local de moradia, localizada próximo à casa de seu atual sogro comporta, além de uma casa de madeira, uma cozinha e um pomar de frutas. Após um acidente de moto, que lhe causou alguns limites físicos, suas condições de trabalho foram bastante reduzidas. Também abandonou o culto à igreja pentecostal e diz ter desistido de se tornar liderança política Xetá. Durante esta pesquisa, se dizia cansado de viajar e enfrentar as dificuldades exigidas pelos *trabalhos*. Ademais, afirmava que pretendia se dedicar a preparar os jovens para atuarem, o que poderia fazer na aldeia, sem se ausentar de sua casa.

Ao deixar a liderança, Dival, o irmão mais velho, assumiu essa posição. Atualmente Dival reside com sua esposa, D. Fátima - pertencente ao povo Guarani - e suas duas filhas solteiras, Edivânia e Verônica. No mesmo terreno, próximo à sua casa reside seus dois filhos, André e Odair, com suas respectivas esposas e filhos. Um pouco afastadas, mas ainda próximos, residem as filhas Odaísa e Edna, com suas respectivas famílias. Junto ao seu núcleo familiar, Dival e D. Fátima compartilham a vida cotidiana, a produção de uma pequena roça, os cuidados com as crianças e os cultos na Congregação Pentecostal Assembleia de Deus.

A conversão da família de Dival deu-se com o nascimento da filha mais nova, Verônica, e me foi narrada por D. Fátima sua esposa. Segundo ela, a filha nasceu com uma doença na coluna e precisou de cirurgias, tratamentos e remédios que não surtiam efeitos. Um dia, desesperada com a situação da filha, D. Fátima orou e prometeu que Verônica fosse curada se tornaria evangélica. Após a oração, o estado de saúde da filha melhorou consideravelmente e, cumprindo sua promessa, D. Fátima se batizou na Congregação, sendo acompanhada tempo depois pelo marido.

Dival tornou-se *pastor* de uma igreja, construída próxima a sua casa, e nas ocasiões em que acompanhei os *cultos*, estes foram frequentados, predominantemente pelas famílias Xetá, em especial o núcleo familiar do irmão Zezão, Benedita e Zenilda. No contexto dessa pesquisa, Rosângela, a irmã mais nova, residia na TI de Marrecas, (município de Turvo) e os grupos familiares de Sueli e Claudemir não participavam dos cultos na igreja de Dival. Esses dois últimos irmãos tornaram-se evangélicos antes mesmo de Dival, no entanto, tempos depois abandonaram a vida religiosa. Não observei ser este um motivo de conflito entre Dival e Claudemir, no entanto, em alguns momentos foi possível perceber que se interpõem pontos de tensão moral no interior do grupo familiar, marcando uma oposição entre os evangélicos e nãoevangélicos.

Como irmão mais velho, Dival acompanhou desde muito jovem o pai Tikuein (Mã) em seus trabalhos de boia-fria nas fazendas. O fato de viajar com o pai permitiu que muitas *histórias dos antigos* fossem transmitidas nessas ocasiões, no entanto, ao se tornar adulto e com família, passou a viajar sozinho e mais frequentemente, o que teria fragmentado esse processo de transmissão. Também na posição de irmão mais velho, Dival colaborou com a criação dos irmãos e irmãs, sendo muito respeitado pelo seu grupo familiar. Benedita me explicou que todos os parentes - crianças, jovens, homens, mulheres, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas e etc. são conhecidas pelos seus apelidos, que possuem um tom anedótico. Com exceção de Dival, “*o irmão mais velho não pode ter apelido, porque a gente respeita*”, marcando desse modo um tom mais formal na relação com o irmão mais velho. A presença de Dival impõe entre seu grupo familiar um comportamento mais cerimonioso, o que não se observa quando estão sozinhos.

Atualmente, na ampla rede das relações políticas no interior da TI de São Jerônimo, além de *guardiões das histórias dos antigos no tempo do mato*, Dival e Claudemir tornaram-se *cacique* e *vice cacique* Xetá. Contudo, a atuação dos irmãos não se assemelha aos *caciques* Guarani e Kaingang, visto que se limita ao aconselhamento moral em conflitos que

surtem em seu grupo familiar. Benedita me explicou que, pequenos problemas familiares são resolvidos pelo irmão Dival, ficando os casos graves e para além desse círculo, sob a responsabilidade do *cacique* Kaingang.

Atualmente a TI de São Jerônimo possui uma área de 1.339,34 hectares, onde vivem 674⁴⁴⁵ indígenas pertencentes aos grupos Kaingang, Guarani e Xetá; e a TI de Barão de Antonina, que possui 3.750,72 hectares, onde residem 498⁴⁴⁶ indígenas. Politicamente a TI de São Jerônimo se faz representada por dois *caciques*, um Guarani e um Kaingang. Entre os anos de 2015 e 2016 um conflito colocou em disputa o posto de cacique Guarani e, vez por outra, narrativas sobre o conflito aparecem nos diálogos com e entre os indígenas. Das várias versões que motivaram o conflito, destacam a interferência dos *brancos* e a divisão de recursos advindos dos empreendimentos externos para o interior da aldeia. O caso mais citado e o conflito que permeou o conflito político na TI foi a construção da Usina Hidrelétrica Mauá⁴⁴⁷.

Na TI e na região do município as fontes de renda para os indígenas são escassas. Como subsistência as famílias - incluindo o grupo familiar Xetá - possuem pequenas roças de café, feijão, mandioca, milho, hortaliças e árvores frutíferas. As mulheres realizam serviços domésticos na cidade, e grande parte da renda vem dos trabalhos dos homens como mão-de-obra em fazendas de algodão, soja, milho e madeira – produção de celulose e corte de lenha. Para essas atividades precisam se ausentar da convivência com a família, fixando residência nas fazendas e municípios próximos da região, tais como Amoreira, Assai, Jataizinho, Rolândia, bem como os grandes centros próximos, Maringá e Londrina. Em busca de oportunidades, na ocasião dessa pesquisa, Adriele – filha de Claudemir; e Kevin - filho de

⁴⁴⁵ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>. Acesso em: 10 de jan. de 2019.

⁴⁴⁶ *Idem*.

⁴⁴⁷ Operado pelo Consórcio Energético Cruzeiro do Sul, o empreendimento tinha como objetivo a geração de energia com a construção da Usina Hidrelétrica Mauá, localizada no Rio Tibagi, entre os municípios de Telêmaco Borba e Ortigueira. O licenciamento ambiental teve início no ano de 2006 e no primeiro momento, os estudos de impacto ambiental contemplavam as TI de Mococa e Queimadas. No entanto, levando em conta a organização social, política e histórica da região, por recomendação do Ministério Público Federal, foram incluídas mais cinco TIs localizadas na Bacia do Rio Tibagi: Apucarantina, Barão de Antonina, Laranjinha, Pinhalzinho e São Jerônimo, abrangendo os povos Guarani, Kaingang e Xetá. Em 2012 a Usina deu início a geração comercial de energia, e entre 2012-2017 o consórcio foi responsável pelo Projeto Básico Ambiental do Componente Indígena de medidas mitigadoras e compensatórias de impacto socioambiental que envolveu cursos e recursos agrícolas, de preservação da mata e produção de mudas nativas, de artesanato, de culinária e tratorista. FONTE: Consórcio Energético Cruzeiro do Sul. Relatório Anual Programa Básico Ambiental 2017 – Componente Indígena. Anexo 04, Terra Indígena de São Jerônimo, dez. 2016.

Sueli; mudaram-se com seus núcleos familiares para as cidades de Maringá e Curitiba respectivamente.

Zeção, Dival e Claudemir, desde crianças acompanhavam o pai, Tikuein (Mã) no trabalho e nas colheitas de fazendas no Mato Grosso do Sul e no norte do Paraná. Ao longo de suas vidas, essa atividade tornou-se principal fonte de renda para o sustento de suas famílias. No entanto, atualmente, Zeção se encontra com problemas de saúde; Claudemir sofreu um acidente, impondo limites para exercer esse tipo de atividade; e Dival, que por muito tempo se dedicou ao corte de lenha, vem se dedicando as atividades de liderança, educação, à sua roça familiar, e como veremos a produção do *artesanato*.

O Estado se faz presente na TI de São Jerônimo, predominantemente, na escola, e desse modo, a SEED/PR é responsável por boa parte dos cargos e salários disponibilizados na TI. O Colégio Estadual Indígena Cacique Kofej conta com 388 alunos matriculados e um quadro 25 de funcionários Guarani, Kaingang e Xetá que desempenham funções de merendeira, auxiliar de serviços gerais, secretário administrativo, professores e direção. A contratação se dá via Processo Seletivo Simplificado⁴⁴⁸ e a distribuição de dos cargos envolve um processo institucional que avalia o grau de escolaridade e as relações do candidato no interior da TI, visto que lhes é exigido uma carta de anuência dos caciques e lideranças - que o avaliam também a partir de princípios políticos e morais. No contexto dessa pesquisa sete representantes Xetá estavam contratados no Colégio: um na função de Auxiliar de Serviços Gerais; um como Auxiliar Administrativo; e cinco como professores da Língua Xetá, que atuam da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Os professores Guarani, Kaingang e Xetá, inseridos no Programa Federal Saberes Indígenas na Escola, desenvolvido desde 2013 pelo MEC/FNDE, complementam sua renda com uma bolsa dependendo da função⁴⁴⁹ que exercem no Programa. No estado do Paraná o Programa é coordenado pela UEM que orienta a formação continuada dos professores indígenas, a realização de cursos, encontros, estímulo à pesquisa e elaboração de materiais didáticos. Entre os anos de 2016 e 2019, Dival e os(as) professores(as) Xetá estiveram envolvidos, no entanto, desde o ano de 2018, investimentos no Programa diminuiram consideravelmente, afetando a renda dessas famílias.

⁴⁴⁸ Os funcionários indígenas são contratados anualmente via edital elaborado pela SEED.

⁴⁴⁹ Os valores das bolsas variam em torno de R\$ 200,00 a R\$ 1.500,00, para as funções de professor, cursista, coordenador, orientador, formador, supervisor de formação, coordenador adjunto e coordenador geral.

O Governo Federal, representado pela FUNAI⁴⁵⁰ é responsável pela emissão de documentos, distribuição de recursos agrícolas - como sementes e combustível para os dois tratores – e o acompanhamento, junto a outras instituições, de políticas públicas para a garantia dos direitos indígenas. Em 2009, uma reestruturação administrativa no órgão, transferiu para a Coordenação Regional Interior Sul⁴⁵¹, localizada em Chapecó - SC, a responsabilidade pelas ações na TI de São Jerônimo. Localizada a 651 Km da TI, são constantes as reclamações dos indígenas acerca das suas dificuldades e dos *caciques* em resolver problemas com a instituição, sobretudo devido a distância.

Como em outras TIs, os recursos disponibilizados pela FUNAI, são administrados pelos *caciques* e insuficientes para atender a demanda de todas as famílias. Dessa forma, tornam-se, invariavelmente, motivos para disputas e os conflitos entre os grupos familiares. Para Sueli, professora Xetá, “[...] os conflitos entre os indígenas favorecem o governo. Para o governo os conflitos são bons. Os índios se matarem entre eles” (Sueli, TI de São Jerônimo, 10/10/17). Sua afirmação encontra apoio em Marcelo, professor Guarani: “Eles jogam os índios uns contra os outros, com recursos, trator, carro, dinheiro. Um acusa o outro” (Marcelo, TI de São Jerônimo, 10/10/17).

Segundo Spenassatto (2016), internamente, a rede de relações políticas da TI de São Jerônimo está dividida em dois *lados*, cada representado respectivamente por um *cacique*, *vice cacique* e *lideranças* Guarani e Kaingang. Ainda segundo esta autora, o poder de decisão e atuação de cada *cacique* parece seguir uma hierarquia política de presença temporal na TI: ali estariam primeiro os Kaingang, depois chegaram os Guarani e por último os Xetá.

Localizada à margem direita da bacia do Rio Tibagi, a ocupação Jê e Tupi-Guarani na região da TI de São Jerônimo remonta há aproximadamente três mil anos (MOTA, 1997). No contexto de invasão do território indígena paranaense na segunda metade do século XIX, a área da TI foi doada pelo Barão de Antonina para ali ser criado o Aldeamento Indígena de São Jerônimo da Serra (SPENASSATO, 2016). Nesse período o Aldeamento

⁴⁵⁰ Atualmente sob a jurisdição da FUNAI Interior Sul, localizada em Chapecó. No processo de escrita dessa tese, a FUNAI foi transferida do Ministério da Justiça (1967-2017) para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2018).

⁴⁵¹ Responsável por uma população de 21.500 indígenas, dos povos Kaingang, Guarani, Xetá e Xockleng das Terras Indígenas do Paraná e Santa Catarina. No Paraná possui seis Coordenações Técnicas Locais, localizadas em Nova Laranjeiras, Guarapuava, Curitiba, Londrina, São Jerônimo da Serra e Guaíra. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>. Acesso em: 17 de jan. de 2019.

configurava um território contínuo de 33.880 hectares, como território compartilhado pelos Guarani e Kaingang.

Na segunda metade do século XX, como política para o desenvolvimento da economia agropecuária na região – mesmo contexto em que ocorreu a invasão do território Xetá – o então governador do Estado do Paraná, Moysés Lupion, dividiu a área em duas TIs: São Jerônimo e Barão de Antonina⁴⁵². No entanto, se as políticas indigenistas os separaram, as relações entre as duas TIs permanecem potencialmente ativas até a contemporaneidade. Namoros, casamentos, bailes, festas, mortes, doenças, empregos, conflitos, recursos e alianças mobilizam um trânsito constante de pessoas, coisas e afetos dinamizam as relações de parentesco, políticas e econômicas entre os grupos familiares das duas TIs⁴⁵³.

Em diversas ocasiões as narrativas Xetá buscam reafirmar a temporalidade de sua presença na TI a partir do trânsito do pai, Tikuein (Mã) na região. Benedita afirma que muito antes de ali estabelecerem residência fixa, o pai havia transitado por São Jerônimo e estabelecido relações com os pais de seu marido, fato este confirmado pela sua sogra, uma das moradoras mais antigas da TI. A presença e o vínculo com o lugar são reforçados com a morte de Tikuein (Mã) e de sua esposa, D. Conceição, na medida em que ali estão enterrados.

A dinâmica de transferência de prestações e contraprestações de bens, serviços e recursos disponibilizados para a TI operam a partir dos *lados*, isto é, o acesso ou não à sementes, trator, diesel, moradia, área de plantio, cesta básica, cargos (na escola e/ou posto de saúde), e até mesmo a permanência no interior da aldeia, dependem das relações estabelecidas com o *lado* Guarani e/ou Kaingang (SPENASSATO, 2016; MARINHO, 2018).

Além disso, situar-se em um dos *lados* é critério fundamental na constituição da *pessoa* (VIVEIROS DE CASTRO, SEEGER, DA MATTA, 1978) no interior da TI, visto que articula os casamentos, política, pertencimento e festividades (SPENASSATTO, 2016). No entanto, ressalta a Spenassatto, a dinâmica de pertencimento a um dos *lados* não ocorre por

⁴⁵² Decreto nº 7692, de 30/06/1945, Diário Oficial da União de 3 de jul. de 1945.

⁴⁵³ No início desta pesquisa, um conflito entre lideranças que disputavam o posto de cacique da TI de Barão de Antonina, era acompanhado cotidianamente pela comunidade de São Jerônimo. Em uma das idas a campo, em junho de 2017, um grupo de aproximadamente 30 (trinta) indígenas da TI Barão de Antonina – composto por mulheres, homens e crianças – encontravam-se acampados na sede da antiga escola da TI São Jerônimo. Nos meses de setembro e outubro o conflito permanecia e para a TI de Barão de Antonina, diariamente, se dirigiam as lideranças de São Jerônimo, incluindo os representantes Xetá no intuito de resolver a situação. Na TI de São Jerônimo, as narrativas do conflito dominavam as conversas nas casas e nos diferentes espaços da TI, como por exemplo, a escola.

um processo de autoidentificação étnica, e sim de modo relacional, a partir da rede de socialidade ali constituída.

Embora pertençam ao grupo linguístico Tupi-Guarani, o grupo familiar Xetá situa-se no *lado* Kaingang, com quem constituíram relações de parentesco (SPENASSATO, 2016; MARINHO, 2018). As irmãs Benedita, Zenilda e Rosangela se casaram com homens da família Cândido⁴⁵⁴, pertencentes a uma linhagem histórica de *caciques* da TI de São Jerônimo. Dival e Claudemir estão assim ligados por laços de afinidade e os jovens Xetá - seus sobrinhos e sobrinhas - por consanguinidade à família e ao *lado* dos *caciques* Kaingang, afirmando desse modo que são “*Xetá, liderança Kaingang*”. Dentro das relações de parentesco, esses laços desdobram-se em alianças políticas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) levando-os a assumir seu pertencimento no *lado* Kaingang (SPENASSATTO, 2016; MARINHO, 2018).

Desse modo, segundo Marinho concluiu

A entrada dos Xetá no cacicado oficial, contudo, não significou a constituição de um terceiro *lado*, mas houve o englobamento dos Xetá no *lado* Kaingang, composto, entre outras, dos *parentes* do *cacique* kaingang João da Silva com quem os Xetá têm alianças matrimoniais e políticas. É por isso que dizem que ‘o *cacique* Kaingang é nosso *cacique* também (2018, p. 95).

Em outras palavras, os problemas e questões que envolvem a *reserva* – categoria a partir da qual se referem ao conjunto de relações que engloba a totalidade da TI – estão a cargo dos *caciques* Guarani e Kaingang. Embora ressaltem suas boas relações com os dois *lados* (MARINHO, 2018, p. 99) a permanência Xetá, depende da articulação e manutenção nessa rede de relações de parentesco que se desdobram em relações políticas com os *caciques* e *lideranças* locais. Contudo, dado a dinâmica das relações de parentesco dos povos indígenas se fazem, desfazem e refazem, transformando afins em parentes e vice-versa (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) os Xetá, por vezes, manifestam insegurança quanto ao seu destino.

Em suas narrativas afirmam que nos dias de *hoje* encontram-se em uma dupla condição de dependência e/ou subordinação, tanto de uma dinâmica de relações conduzidas pela política Guarani e Kaingang em que se dizem *emprestados* (MARINHO, 2018, p. 99),

⁴⁵⁴ Zenilda casou-se com Hipólito Cândido da Silva - ex-cacique Kaingang e irmão do atual cacique, João Cândido da Silva; Benedita casou-se com Francisco Cândido da Silva, irmão de João Cândido da Silva e liderança Kaingang; Rosângela casou-se Sérgio Cândido, primo dos irmãos Cândido.

bem como de uma histórica relação estabelecida pelos não indígenas, em que se dizem *dominados*.

Atualmente as decisões do *cacique* e *vice cacique* Xetá não são unilaterais, parte das decisões é tomada a partir da consulta e anuência do grupo de irmãos e irmãs. Em todas as etapas dessa pesquisa busquei primeiramente a Dival para dialogar sobre os encaminhamentos necessários e sempre ouvia, como primeira resposta: “*Vou consultar Claudemir e o meu povo e ver se é possível, depois te dou uma resposta*”.

Como modo de consulta o grupo familiar extenso recorre a reuniões no interior da TI, visto que dessas posições de *cacique* e/ou liderança Xetá são resultados de uma rede de relações em que estão envolvidos. Recorrem a essa forma de decisão nas ocasiões em que pesquisadores e instituições apresentam suas intenções de pesquisa, em que solicitam autorização, colaboração ou parcerias para contatarem suas famílias e as *histórias Xetá*. Segundo Marinho: “[...] à revelia do cacicado, a forma-reunião persiste em seu vigor como instância e método de elaboração e deliberação coletivas e fonte de legitimidade de autoridade” (2018, p. 104).

A primeira vez que me dirigi a TI de São Jerônimo para esta pesquisa de doutorado, fui acompanhada de colegas do PPGA/UFPR e representante do MAE/UFPR, visto que tínhamos em comum o objetivo de iniciar um diálogo para o trabalho de campo. Em uma reunião, que ocorreu no barracão da TI e contou com a participação do grupo familiar extenso, crianças, jovens, mulheres e homens, apresentamos nossas intenções de pesquisas. Semelhante situação descreveu Marinho quando iniciou sua pesquisa de campo para o mestrado e, em outra ocasião, acompanhei a distância pesquisadores(as) e servidores dos museus que pretendiam organizar uma publicação colaborativa com o grupo familiar Xetá. Em todas essas situações, fomos solicitados a nos dirigirmos à TI de São Jerônimo e apresentar nossas propostas em uma reunião que contava com a presença de todo o grupo familiar.

Embora um tanto tímidos e desconfiados, visto algumas experiências que julgam negativas com pesquisadores(as), instituições e com os não indígenas, em nenhuma dessas situações o grupo familiar se negou a colaborar com as pesquisas e publicações. Salvo algumas suspeitas ou questionamentos iniciais, as reuniões que acompanhei na TI de São Jerônimo ocorreram sem grandes conflitos ou divergências entre o grupo familiar. Não significa, contudo, que estejam ausentes, mas parecem ser atenuados por meio deste método, na medida em que apresenta um caráter coletivo na tomada de decisões.

Segundo afirmaram para Marinho (2018), incluem em seus processos de autonomia, isto é, de retorno para o território reivindicado, o fim das figuras de *cacique*, tratando essa autoridade como excepcional e transitória dado que o contexto em que se encontram exige:

Na iminência da retomada da posse da terra tradicional, a autoridade foi concebida como mecanismo ou estrutura política (mínima) destinada a conduzir o processo de restabelecimento na terra, e que, posteriormente cederia lugar à forma-reunião, restando a liderança às relações exteriores. É uma forma política, então, típica do momento de luta pela terra. O mesmo não se pode dizer da associação (AIEX), fundada como pessoa jurídica (ente representativo legal e político) com o objetivo de encaminhar projetos, sobretudo aqueles de cunho assistencial, iniciativas econômico-produtivas e o diálogo da comunidade com as instituições públicas (MARINHO, 2018, p. 105).

Ainda segundo Claudemir: “[...] nosso povo não tem *cacique*, resolve-se as questões a partir das *reuniões* e discussões entre os *parentes* e as *famílias*. No *mato*, havia o *líder*, que era o curandeiro, que era o pai do meu pai” (2018, p. 104). Nessa afirmação, Claudemir refere-se à Herarekã e faz alusão a uma possível liderança xamânica entre *antigos no tempo do mato*⁴⁵⁵. No entanto, em acordo com Silva o xamanismo Xetá é uma questão ainda em aberto (2003, p. 144). O que é pertinente destacar nessa fala de Claudemir é o processo transitório, isto é, as possíveis alterações em torno das posições de *cacique*, tal como sua experiência.

Além das reuniões, como vimos Dival e Claudemir, como *cacique* e *vice cacique* também reivindicam constantemente a presença um de outro na tomada de decisões. Nas vezes em que me dirigi a um dos irmãos sempre me alertavam que iriam consultar um ao outro. Em resumo, Dival e Claudemir não agem individualmente, não viajam, visitam os

⁴⁵⁵ Silva observou que o sistema de chefia Xetá está inscrito em uma ordem mítica e cosmológica: “Nelas, como no cotidiano daquela sociedade, o termo empregado para designar o mais velho é *itatywa*, ou pelo termo descritivo nane *txápe takíy* “nossa luz (Sol) irmão mais velho””. A importância desse chefe pode ser facilmente identificada na terminologia para designá-lo, *ñanedja há*, ‘aquele que cuida de nós, o que nos vê’ (SILVA, 2003, p. 224). A categoria de *ñanedja há*, atesta o poder e a autoridade da chefia imbricada a ordem mítica e cosmológica, isto é, xamânica, conforme apontou Claudemir. Ao se referir a *ñanedja há*, Kuein o traduziu para Silva (2003) como *chefe* e *Deus* ao mesmo tempo, visto que os protegia de todos os perigos da floresta, isto é, de todas as potenciais alteridades, como as onças, espíritos e os Mbyá: “O nome do nosso cacique era a mesma coisa que Deus pra nós, era o tipo de cacique. Era mesmo assim para nós o nome do chefe, era o mesmo que chamávamos o nosso deus, aquele que cuidava de nós no mato” (SILVA, 2003, p. 224). Semelhante equivalência terminológica ocorre entre os Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul. A categoria *ñanderu* é usada ao mesmo tempo para designar o ser cosmológico que os protege, cuida e guia e o *cacique de reza* ou o *rezador*, como são denominados os xamãs.

museus e outras instituições – salvo em raríssimas exceções. É bem verdade que quando indagados sobre essa necessidade, revelam temor de viajarem sozinhos, e recorrem à morte do pai ocorrida durante uma viagem⁴⁵⁶, como motivo para essa decisão.

Certa ocasião, Claudemir se recusou terminantemente a viajar para Curitiba, a fim de dar continuidade às visitas nas reservas técnicas dos museus. Embora eu tenha insistido, visto que os recursos financeiros institucionais para a viagem precisavam ser utilizados, sugerindo a possibilidade que outros parentes o acompanhassem - jovens e mulheres -, Dival recusou todas as sugestões e também decidiu que não viajaria sozinho.

Em resumo, observa-se que na contemporaneidade o sistema político Xetá da TI de São Jerônimo movimenta-se em torno de perspectivas de caráter coletivo, por meio de reuniões, bem como na representatividade e na tomada de decisões dos seus *caciques*, legitimados enquanto irmãos mais velhos e *guardiões das histórias* e dos *ensinamentos Xetá*.

Contudo, nos tempos das atividades do GT, foi possível observar que na ampla rede de relações entre os grupos familiares Xetá, o alcance político dos irmãos parecia reduzida. À época, um desacordo no processo de organização de um evento colocou em evidência divergências entre os grupos familiares a respeito das *histórias dos antigos*, da demarcação do território, dos diálogos com instituições públicas, e, sobretudo, acerca de sua representatividade política.

Divergências nas relações entre consanguíneos e afins não são exclusivas dos grupos familiares Xetá no espaço/tempo da contemporaneidade. Segundo Silva, no *tempo dos antigos* as relações entre afins eram tensas e marcadas pela “[...] vingança, o conflito entre cunhados, o rapto de mulheres e a segmentação de grupos provocada pelas diferenças políticas e pela necessidade de ocupar novo território” (2003, p. 204). Como vimos no terceiro capítulo, as notas de campo de Vladimir Kozák, resultado de seu diálogo com Tuca, são extensamente permeadas por narrativas de conflitos entre consanguíneos e afins, sendo que a partir delas é possível traçar algumas relações de parentesco no *tempo do mato*.

Teoricamente, estudos de parentesco das Terras Baixas da América do Sul (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, 2002; FAUSTO, 2002) apontam que a dinâmica da vida

⁴⁵⁶ Tikuein (Mã) morreu durante uma viagem à Brasília, isto é, fora da aldeia (MARINHO, 2018, p. 01).

social indígena se faz através do gradiente concêntrico de proximidade e distância, que compreende e define suas noções de consanguinidade e afinidade:

Os consanguíneos estão no centro do campo social, os afins na periferia, os inimigos no exterior. Ou melhor: no centro deste campo estão os consanguíneos e os afins cognatos co-residentes, todos concebidos sob o signo comportamental da consanguinidade, que no nível local engloba a afinidade; na periferia do campo estão os consanguíneos distantes e os afins potenciais-classificatórios, dominados pelo signo da afinidade potencial, que ali engloba a consanguinidade; no exterior estão os inimigos, categoria que pode receber e fornecer afins potenciais, assim como o segundo círculo pode receber consanguíneos distantes e devolve eventualmente afins reais. Concêntrico, o sistema é também dinâmico (VIVEIROS DE CASTRO, 2002: 136).

Em uma das *Oficinas para Estudos da Língua Xetá*, organizadas pelo GT, o professor Aryon Rodrigues identificou junto com os grupos familiares contemporâneos em diálogo com seu arquivo linguístico, que a língua Xetá tem categorias específicas para identificar seu grupo de parentes próximos, bem como os seus afins: a categoria *ore* - nós exclusivo, diretamente relacionado ao grupo de parentes próximos, que exclui os afins; e a categoria *ñade* – nós inclusivo, que expressa a totalidade do grupo, incluindo os afins.

Essas categorias de parentesco Xetá se aproximam daquelas identificadas por Pereira (1999) entre os Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul:

[...] as unidades sociais oscilam no tempo entre estes dois modelos de organização, imprimindo grande dinamismo à vida social *ore* e *pavêm* são princípios que organizam níveis diferentes de relações sociais, uns locais e outros distantes. (1999, p.134).

No caso Guarani- Kaiowá, no centro de suas relações de parentesco, está o grupo de parentes próximos reunidos na parentela - *te 'yi*, que abriga um número variável de fogos familiares organizados por laços de co-residência, reciprocidade política, econômica e religiosa com certa regularidade no tempo (PEREIRA, 1999). Neste plano das relações locais, a sociabilidade é orientada pelo princípio cosmológico *ore* que imprime forte coesão e solidariedade entre o grupo de parentes próximos. No nível mais amplo, no plano global de relações entre as parentelas, a coesão do grupo muda de natureza e os Guarani-Kaiowá organizam-se a partir do princípio cosmológico e ritual expresso na categoria *tekohá-pavêm* (PEREIRA, 1999). O *tekoha pavêm* é o ideal de solidariedade ampliada, entre os não-cognatos, onde emerge um “nós coletivo”, incluindo membros além dos limites de suas parentelas (PEREIRA, 1999, p.189).

Pereira (1999) aponta que o convívio diário entre as parentelas Guarani-Kaiowá é marcado por constantes desentendimentos, graus variados de fissões e coesão. Conclui o autor que “[...] a constante instabilidade aparece como uma exigência para a própria existência e reprodução da sociedade, sendo ingrediente básico, inerente à própria dinâmica social.” (PEREIRA, 1999, p. 104).

Em termos comparativos, pode-se compreender que no caso Xetá, cada um dos grupos familiares, isto é, da TI de São Jerônimo (descendentes de Tikuein (Mã) e ã), da Kakané Porá (descendentes de Tuca), de Umuarama (descendentes de Maria Rosa Tiguá), operam como uma parentela em que a co-residência, a reciprocidade econômica e o apoio político. Neste plano, conforme professores Aryon Rodrigues, são orientados pelos princípios de solidariedade da categoria *ore*, em que estão excluídos os afins. No plano das relações entre as parentelas, ou entre os grupos familiares, a categoria *ñade* organiza a solidariedade do *povo* Xetá, imprimindo uma coesão em termos políticos, sobretudo frente às ações, narrativas e instituições dos não indígenas.

Como parte da dinâmica de parentesco, alianças e divergências se fazem presentes entre os grupos familiares, marcado pelos graus variados de relações com os *antigos* com os quais dividiram o cotidiano, bem como às suas próprias experiências individuais. O grupo familiar de Tuca, que reside na aldeia Kakané Porã em Curitiba, tem projetado a liderança Xetá em Albert, seu neto, filho de Indioara. Em setembro de 2019, este grupo familiar participou do Encontro Xetá na TI de São Jerônimo e Albert, que também é *vice cacique* da aldeia Kakané Porã - recebeu apoio político de Dival e Claudemir. Embora alguns meses depois tenham divergido acerca de um encaminhamento a respeito do território reivindicado, as lideranças se reconhecem e se apoiam para constituírem-se como lideranças Xetá.

Ao mesmo tempo, os grupos familiares da aldeia Kakané Porã e de Umuarama, em que a geração mais velha é predominantemente representada por mulheres, reconhecem a trajetória política de Dival e Claudemir e o lugar de *guardiões das histórias dos antigos*. A primeira vez que entrei em contato com o grupo familiar de Umuarama para conversar a respeito desta pesquisa, afirmaram que antes conversariam com *o pessoal de São Jerônimo*, isto é, Dival e Claudemir. Faz-se necessário ressaltar que esta consulta não estava atrelada às suas autorizações para que aceitassem colaborar com este trabalho, mas sim foi motivada pela desconfiança com pesquisadores(as) e no reconhecimento de suas experiências com os não indígenas.

No entanto, ressaltaram que os mais velhos, ainda vivos, precisam ser ouvidos, visto que experienciaram a vida no *mato* e são os detentores das *verdadeiras histórias* Xetá. Esse parece ser um ponto de tensão entre os grupos familiares, posto que contrapõem a *verdade* de suas *histórias*, não apenas frente às ‘histórias’ dos não indígenas, mas também a de outros grupos familiares.

A questão apontada acima, em que os irmãos se recusavam a continuar com os trabalhos nas reservas técnicas dos museus, só foi resolvida quando as mulheres dos grupos familiares de Umuarama e Kakané Porã decidiram participar. Dessa decisão, o que era para ser uma visita de um grupo familiar, transformou-se em um Encontro Xetá, com a presença de 22 representantes. Na ocasião, a visita às reservas técnicas dos museus os impulsionou ao debate entre os grupos familiares que colocaram em relação às legitimidades para falar das ‘*verdadeiras histórias dos antigos*’ e a representatividade política, envolvendo questões geracionais e de gênero.

Esses parecem ser os motivos que mobilizaram Dival e Claudemir a retomarem o diálogo e a concordarem com a visita à reserva técnica dos museus junto aos outros grupos familiares Xetá, visto que tornar-se *guardião das histórias dos antigos* e liderança política se fazem mutuamente em uma mesma dinâmica. Ademais, nesse processo, narrativas acerca das *coisas dos antigos do tempo do mato* são fundamentais, isto é, engendram, como veremos, os processos de transformação de suas trajetórias de vida.

Durante sua pesquisa etnográfica com os Piro, Gow observou que, frequentemente, as pessoas que lhe contavam as ‘histórias dos antigos’ eram, real ou potencialmente, *gitsrukaachi*, isto é, “pessoas importantes, grandes” - líderes de aldeia (2003, p. 205). Ao contar as ‘histórias dos antigos’, segundo o autor, os líderes demonstram sua capacidade de tornarem-se efetivamente um bom *gitsrukaachi* (2003, p. 206). Desse modo, segue o autor, como interlocutores privilegiados dos não indígenas, isto é, de antropólogos, pesquisadores, missionários e etc., é muito provável que os arquivos históricos e etnográficos, constituídos nesses contextos, espelhem a relação estabelecida com essas lideranças (GOW, 2003, p. 206).

No contexto das expedições científicas Adjatukã ficou conhecido como um importante líder dos *índios da Serra dos Dourados*. É bem verdade, pode-se afirmar que nesse momento boa parte de seus parentes já haviam sido dizimados pelas frentes de contato, sendo Adjatukã um dos únicos sobreviventes. No entanto, esse não era o único motivo que o transformou em líder. Como principal interlocutor do sistema de chefia Xetá, Kuein

apresentou a Silva (2003) dois critérios para ocupar esta posição: a descendência patrilinear e o mais velho do grupo de *sibling* (SILVA, 2003, p. 223). Adjatukã era filho de Herarekã - um grande líder Xetá do *tempo do mato*, e que hoje dá nome ao território reivindicado; e irmão de Iratxamywáy, 'caçador de capivara' - o mais velho no seu grupo de siblings, líder do grupo no momento de aproximação com a Fazenda Santa Rosa (SILVA, 1998, p.02). Com as mortes do pai e do irmão mais velho, imediatamente após o contato, Adjatukã, o mais velho entre os irmãos vivos, tornou-se líder, mediando as relações com a equipe de pesquisa científica.

Essa relação que estabeleceu com a equipe das expedições científicas foi central na constituição das coleções de Loureiro Fernandes, Vladimir Kozák, Annette Laming-Emperaire e Aryon Rodrigues. Como vimos no primeiro capítulo, Adjatukã guia as expedições nas investidas da floresta, é em seu acampamento que grande parte da pesquisa científica ocorre. É com quem Loureiro Fernandes orienta que Antônio Lustosa de Freitas, administrador da fazenda, articule para conseguir coisas Xetá para a sua coleção científica. Adjatukã está entre os interlocutores de Laming-Emperaire (1976), colaborando em sua coleção arqueológica; e também é o narrador dos mitos e cantos que constituem o arquivo linguístico de Aryon Rodrigues. No entanto, dividiu todo esse contexto, como pode se observar nos filmes, fotografias e gravações, com Mã - seu irmão mais novo, e também com Arigã[Eirakã] - seu primo paralelo.

Em sua pesquisa etnográfica, Silva (2003) não estabeleceu relações diretas entre a posição de chefes e narradores das *histórias dos antigos*, isto é, nem afirmou que os narradores eram real ou potencialmente como no caso Piro (GOW, 2001), grandes chefes *no tempo do mato*. Tampouco afirmou que essa relação aparece como um processo de transformação dos eventos do contato, na medida em que Tikuein (Mã), Tuca e Kuein eram ao mesmo tempo *guardiões das histórias* e lideranças políticas Xetá.

De todo modo, a proximidade que se pode estabelecer, conforme apontou Silva uma e outra posição é marcada por uma relação patrilinear e geracional que se constitui, como entre outros povos Guarani (CADOGAN, 1959; CLASTRES, 1976), no domínio da fala (SILVA, 1998, 2003). Além dos atributos de um grande caçador - Silva destaca: "Entre as atribuições e distinções que eram exigidas do grande chefe, estava a de ser um bom *conselheiro* do grupo e ter o dom da fala, pois só os sábios e velhos a tem" (2003, p. 225)¹⁰.

Além disso, segundo Kuein descreveu os dois tipos de chefias no *tempo do mato* que atuavam em distintos espaços de relações. No espaço das tarefas cotidianas havia um chefe responsável por organizar os serviços domésticos locais, atuando junto ao seu restrito

núcleo familiar (2003, p. 223). No plano das relações extensas, entre diferentes núcleos familiares, ascendia uma chefia responsável em solucionar grandes problemas, organizar rituais, comemorações e encontros (SILVA, 2003, p. 223).

Seguindo as regras do sistema de chefia patrilinear, entre os sobreviventes, Tikuein (Mã) preencheria alguns critérios para tornar-se liderança do *povo Xetá*, visto que era filho do filho de Mã e neto de Herarekã (SILVA, 1998, 2003). No entanto, ao que indica as pesquisas de Silva (1998, 2003), este lugar não parecia ser reivindicado isoladamente por Tikuein. Seguindo o sistema de narrativas xetá, ao lado de Tuca e Kuein, em que são necessários no mínimo dois interlocutores, juntos transformaram-se em *guardiões das histórias* e líderes do povo Xetá.

Os três foram também os principais informantes acerca das coisas que constituem as coleções durante as visitas que realizaram as reservas técnicas dos museus, à época em que Silva (1998, 2003), ocupou a função de antropóloga do MAE/UFPR.

Esses dados são figurativos da relação das mulheres com as coleções em diferentes temporalidades. Embora Aruay, esposa de Adjatukã e Aruay[Iati], esposa de Arigã[Eirakã] estivessem presentes no processo de expedições científicas e produzido coisas, a primeira tendo confeccionado parte da cestaria, estando representada nos filmes e fotografias que constituem a coleção de Vladimir Kozák, como também nas gravações de Aryon Rodrigues; assim como ã, Maria Rosa e Ana Maria, nas reservas técnicas dos museus, assim como Indiamara, Indioara e Maria Rosa estiveram nessa pesquisa, são as narrativas masculinas que predominam nos dados e conhecimentos, conduzindo as investigações de pesquisadores(as) em diferentes temporalidades, acerca das *histórias e das coisas dos antigos no tempo do mato*.

Embora tenha tentado, por diversas vezes convencê-los de incluir as mulheres e os jovens Xetá nas visitas às reservas técnicas, Dival e Claudemir, seguindo princípio de patrilinearidade, como irmãos mais velhos, *guardiões das histórias e ensinamentos Xetá*, estão triplamente legitimados a falar acerca: *das coisas dos antigos no tempo do mato*, sobre política e relações interculturais. Questões essas permeadas de impasses intergeracionais e de gênero, também podem ser compreendidas pelo conceito de mitopoiese (GOW, 2001, 2014).

4.6 Tornar-se antigo: o destino dos guardiões das histórias Xetá

Ñámerámo atxágwi: *ñámerámo* = nosso pessoal antigo, nossa gente antiga; *atxágwi* = morto [antepassado] é a categoria Xetá ao qual Tikuein (Mã), Tucanambá e Kuein recorriam para se referir aos *antigos* (SILVA, 2003, p. 92). Segundo Silva a categoria identifica os *antigos*, que são antes de tudo parentes marcados a uma distância espaço/temporal e que alcança as relações de parentesco míticas (SILVA, 1998, 2003; MARINHO, 2018, p. 150).

No plano mítico a vida dos *antigos* perpassa narrativas de criação e transformação do mundo, do cosmos, dos homens, dos animais e de todas as coisas que povoam o universo social Xetá nesse espaço/tempo. As referências aos *antigos* se fazem nas relações entre os irmãos Sol e Lua, parentes situados em um tempo em que “nem mesmo os avós dos seus avós existiam” (SILVA, 2003, p. 92): “A paca é a mãe do Sol e Lua, os dois são nosso irmão, o mais velho é o Sol, o mais novo é a Lua, daí que a paca é a mãe dos ñandereta (nossa gente), os Xetá” (SILVA, 2003, p. 202).

Nos processos de transformações míticas, o irmão Sol transformou o mundo Xetá, separando céu e terra, afastando os humanos, os espíritos e os corpos celestes, diferenciando os humanos e os animais, o dia e a noite:

Com o afastamento do céu e da terra, uma nova geografia começa a se desenhar, porque as coisas do cosmo se arquetam de outra maneira, de modo que água, terra e ar são planos diferentes habitados por seres diferentes (SILVA, 2003, p. 75).

No entanto, suspendendo a diferença entre espaços/tempos distintos, os interlocutores de Silva traçaram uma relação de continuidade entre o espaço da vida terrena e as narrativas míticas (SILVA, 2003, p. 95), isto é, o espaço da vida na região do Rio Ivaí, na Serra dos Dourados, território em que os grupos familiares foram contatados no final da década de 1940 e a história do dilúvio:

Tuca e Tikuein observam que se eu prestar atenção ao conteúdo da história do dilúvio, verifico que os antigos retratam o meio ambiente local de seu território de origem, pois a história fala da formação dos rios, das matas, dos rios pequenos (córregos) e grandes, além das lagoas e brejos e tudo que nele existe. Enquanto percorríamos parte desse território, principalmente quando estávamos próximo ao

rio Ivaí, mesmo com o ecossistema alterado, sempre me chamavam a atenção para as semelhanças entre a descrição do meio ambiente da história do dilúvio com os itinerários que fazíamos⁴⁵⁷ (SILVA, 2003, p. 95).

Aquelas gerações de parentes, que então passaram a experienciar e compartilhar a vida terrena nesse espaço também estão concebidos na categoria de *antigos*. Situadas em um tempo ‘muito distante’, identificados como o tempo do ‘avô do meu avô’, ‘do pai do meu avô’ ou do ‘pai do meu pai’ (SILVA, 2003, p. 43), essas gerações de *antigos* abarcam aquelas gerações que não estabeleceram contato com os não indígenas, bem como aqueles que tiveram rápidas experiências como o pai de Kuein (SILVA, 1998, p. 48).

São também aqueles que estabeleceram contato com a Fazenda Santa Rosa: Iratxamëway, Adjatukã, Eirakã[Arigã, Aricã], Manhaai Naguakã, Nhanguá Eirakã, Mã, Nhengo e Geraldo (SILVA, 1998, p. 02). Estes são aqueles parentes com quem Tikuein (Mã), Tuca e Kuein, experienciaram, quando crianças, a *vida na aldeia* (SILVA, 1998; 2003). Como parentes mortos, se transformaram em *antigos* para os sobreviventes, bem como para os grupos familiares contemporâneos, que se referem a eles como os *antigos do tempo do mato*.

Do mesmo modo, a geração de sobreviventes do extermínio (SILVA, 1998) agora falecidos, isto é, Tikuein (Mã) e Tucanambá, de *guardiões das histórias* transformaram-se em *antigos* e suas trajetórias de vida estão incluídas nas *histórias Xetá*. Embora suas trajetórias de vida tenham ocorrido majoritariamente entre os não indígenas (SILVA, 1998, p. 20), quando crianças compartilharam a vida com os parentes *no espaço tempo do mato* e ouviram suas *histórias*. Pelos mesmos princípios, a geração mais velha ainda viva carrega a potência de se transformarem em *antigos* para as próximas gerações Xetá.

Retomando o conceito de mitopoiese, no decorrer de suas experiências concretas, no plano da *vida vivida*, os *guardiões das histórias Xetá* são aqueles parentes que ouviram muitas *histórias* (SILVA, 1998) e de um ‘antes’ como ouvintes tornaram-se temporalmente no ‘hoje’ narradores. Como os *antigos*, estão na posição de *deixar* por meio das relações entre parentes, suas *histórias* às gerações futuras:

⁴⁵⁷ Em 2001, durante sua pesquisa de campo para o doutorado, Silva percorreu a região do Rio Ivaí e Indoivaí com Tuca, Tikuein e Kuein (2003, p. 95).

Os antigos sempre nos contavam como tudo aqui foi criado para nós. Eles sabiam como tudo foi destinado para nossa gente pelo Sol que criou e ensinou os nossos a viverem aqui. Tudo que tinha nessa terra, no rio e no céu eles contaram como foi criado para nós. Mas branco chegou e acabou com tudo até com a gente. Agora só sabemos a história. Tikuein (Serra dos Dourados, 2002) (SILVA, 2003, p. 90).

Em sua pesquisa etnográfica Gow (2001; 2014) observou que os jovens com menos de 25 anos, não lhes contavam mitos e negavam conhecê-los. As pessoas de meia idade geralmente recusavam-se a contá-los e, quando solicitados, em circunstâncias favoráveis, narravam apenas segmentos curtos. Por volta dos 45 anos, seus interlocutores passavam a narrar com mais confiança, e os relativamente idosos contavam-lhe as ‘histórias’ em um sentido completo (2014, p. 192):

Conforme as pessoas envelhecem e tornam-se as mais velhas autoridades vivas nos costumes dos antigos elas se tornam mitopoiéticas: contam “histórias dos antigos” referindo-se somente a sua própria autoridade e à dos antigos. E ao fazê-lo, suas narrações, expandem-se em profundidade e complexidade, trazendo mais detalhes e estabelecendo mais conexões. Ao tornarem-se mitopoiéticas, ficam mais à vontade contando histórias e são, em suma, melhores narradoras (GOW, 2014, p. 194)

Gow (2001, 2014) observou uma mudança na vida de Antônio, seu principal interlocutor, entre os anos de 1982 e 1988, período em que realizou seu trabalho de campo:

Em 1988, Antônio tinha vários netos morando com ele com idade suficiente para ouvir suas histórias. Tinha assim, uma audiência composta por parentes que mantinham com ele a mesma relação que mantivera outrora com sua própria fonte de narrativas míticas, sua avó (2014, p. 195).

Ao acompanhar as expedições científicas, entre os anos de 1955 e 1961, ao narrar um *história* para os pesquisadores, em presença de Adjatukã e Arigã[Eirakã], Tuca tornou-se alvo de risos dos parentes⁴⁵⁸. No decorrer das décadas de 1960 e 1970, durante os anos em que residiu em Curitiba e visitou a casa de Kozák, como se observa em suas cadernetas e anotações de campo, Tuca narrou *histórias* fragmentadas, focando nos conflitos que envolviam seu grupo de parentesco e o cotidiano da *vida na aldeia*. No contexto de pesquisa etnográfica de Silva (1998; 2003) aproximando-se dos 50 anos, com filhos, filhas, netos e netas, Tuca narrou com confiança e integralmente as *histórias dos antigos*, época em que passou a ser reconhecido como *guardião das histórias*.

⁴⁵⁸ KOZÁK, Vladimir. **Notas de Campo**. MP/SEEC.

Nesse sentido, a passagem do tempo transforma o silêncio/negação em narração, processo este definido por Gow como mitopoiese:

Parece-me que a única hipótese correta é que estamos diante de uma importante característica dos mitos e da mitopoiese piro: isto é, conforme envelhecem, as pessoas contam mitos de forma cada vez mais confiante e complexa e o fazem ao transformarem espontaneamente tanto as versões que ouviram há muito tempo como também suas próprias versões anteriores. Isso sugere que o processo da mitopoiese, ocorrido no curso da vida de uma pessoa, ainda que experienciado como uma fidelidade cada vez maior a uma fonte antiga, é, na realidade, a gênese contínua de novas versões de mitos. (2014, p. 195).

Silva (2003) observou que ao se interessar por alguma história, vez por outra ouvia como resposta de seus interlocutores “[...] isso só o Kuein pode informar direitinho, porque ele é o mais velho de todos nós, ele ouviu muitas histórias, andou mais que nós com o pai dele” (2003, p. 82). A autora então concluiu que havia algumas características importantes que permeavam a figura dos narradores, entre eles a idade e as suas experiências de ouvir e contar as histórias dos antigos (2003, p. 82). Para mais, afirmou Silva a experiência de ouvi-las, somada às próprias experiências, impulsiona a narrativa de outras histórias Xetá (2003, p. 83).

Como se observa no vídeo do *Encontro Xetá - Sobreviventes do Extermínio*, em 1994, enquanto Tikuein(Mã) estava vivo, seus filhos e filhas, incluindo Dival, Claudemir e Benedita, ainda muito jovens não contavam *histórias* e ocupavam a posição de ouvintes. Também não dialogavam com pesquisadores(as), acompanhando com certa distância os trabalhos de pesquisa de Silva (1998, 2003) e Aryon Rodrigues. Atualmente, como homens, irmãos mais velhos, casados, com muitos filhos, filhas, netos e netas, e que ouviram muitas *histórias*, Dival e Claudemir possuem as relações ideais de *guardiões das histórias Xetá*. Nessa posição, segundo Gow, os mais velhos, como avós, compreendem também a profundidade do tempo vivido e, desse modo, tem um lugar privilegiado para compreender as *histórias dos antigos* (GOW, 2014, p. 197).

Como Sol e Lua (SILVA, 2018) são aqueles que estão na frente, enfrentando e resolvendo os desafios. Ao dominarem as *histórias e os ensinamentos dos antigos*, estão qualificados para a liderança do grupo, isto é, para tornar-se *cacique Xetá* e falar das coisas Xetá, sejam elas muselizadas ou não.

Segundo Gow, os *antigos* repousam no horizonte temporal do parentesco Piro e, no entanto, suas *histórias* encontram-se muito além destes (GOW, 2014, p. 197). Desse modo, as pessoas mais velhas e as suas *histórias* são as fontes privilegiadas acerca da profundidade

temporal do mundo vivido, visto que estas se situam para além do tempo de *hoje* (GOW, 2014, p. 197). Um tempo ‘antes’ e um ‘*hoje*’ que são confrontados e conhecidos por meio das *histórias dos antigos*. Estas conectam o que é concretamente conhecido ao desconhecido, povoando e preenchendo um ‘hoje’ com o ‘antes’ de parentes, ações e eventos, sendo estas as únicas testemunhas das origens do mundo em que vivem os Piro (GOW, 2014, p. 198)

Desse modo, tomando o caso etnográfico Piro (2001, 2014) compreende-se que as *histórias dos antigos* marcam antes de tudo uma extensão temporal de um ‘antes’ e ‘hoje’, mas também um devir da vida e do parentesco Xetá (GOW, 2014, p. 195). Transmitidas em uma relação de parentesco, as crianças Xetá estão posicionadas no início do ciclo vital e da *vida vivida*, enquanto os narradores encaminham-se para o fim, estando prestes a se transformar em outra coisa, isto é, gente morta (GOW, 2014, p. 196), isto é, um *Ñámerámo atxágwi*, nosso pessoal antigo, morto (SILVA, 1998). Ou seja, a dinâmica de transformação de *guardiões das histórias* em *antigos* é operada pela morte.

Como irmão mais velho, Dival possui o requisito para se tornar o narrador privilegiado acerca das *histórias e coisas dos antigos do tempo do mato*, visto que os jovens, pela sua pouca idade ainda não experienciaram temporalmente a vida e não ouviram suficientemente as *histórias dos antigos*. Pode-se a partir desse princípio compreender o silêncio dos jovens Kelvin e Michael, sobrinhos de Dival e Claudemir, durante visita às reservas técnica do MAE/UFPR e do MP, em maio de 2018. Ao lado de Dival e Claudemir, os jovens mostravam-se interessados pelos objetos, no entanto, permaneceram a maior parte do tempo na posição de ouvintes.

Compreende-se também a afirmação de Marinho: “[...] e é por isso que os *jovens*, em contraste com os adultos, os *mais velhos*, não são liberados pelo *cacique* (Dival) para as viagens de *trabalho*, porque ainda não estão preparados” (2018, p. 103 – *grifos do autor*). Segundo o autor,

[...] Dival me diria mais tarde, que não transmitiu ainda todas as *histórias* a ele legadas, mas o faz aos poucos, e não de qualquer jeito, privilegiando no momento a sala de aula, momento em que as crianças e jovens estão reunidos, para contá-las, reconhecendo nesta situação a possibilidade de aproximar a prática atual de como se fazia antigamente [...] (MARINHO, 2018, p. 103).

Se, como propõe Gow (2014), o interesse e o investimento nas *histórias dos antigos* se fazem na relação entre o ouvinte e o narrador, bem como nas transformações da vida vivida do grupo e do narrador, compreende-se parte das narrativas de Dival

impulsionadas em seu processo de conversão (MARINHO, 2018) e da posição de *cacique* Xetá.

Ao analisar as relações dos *hinos*, *louvores* e *pregações*, durante os cultos conduzidos por Dival, Marinho conclui que as mensagens pentecostais continuam a transmitir mensagens de um mundo em transformação, permeadas de imagens de futuro Xetá:

[...] a narrativa do “apocalipse iminente (o 'Grande Dia')’ tem por paisagem a atual terra devastada, os Xetá (já) estarão em seu 'pedacinho de terra' e o *povo da cidade* passará por privações e ameaça de extinção e o colapso do mundo (planeta) – os Xetá socorrerão os *brancos* de sua (auto) extinção? (MARINHO, 2018, p. 57)

Além disso, Marinho constatou o valor depositado por Dival nas palavras das narrativas pentecostais:

[...] Dival recorreu à caracterização feita por Jesus, descrita no Evangelho Segundo Mateus em seu capítulo 24, o qual ele havia feito uma leitura na congregação na semana anterior. Mais especificamente, *cacique-pastor* parafraseou as palavras registradas em Mateus 24 são explícitas: “Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam. Céus e terras passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (MARINHO, 2018, p. 219)

Desse modo, em acordo com Marinho, aqueles convertidos à Igreja Pentecostal, como Dival e seu núcleo familiar,

“[...] constataram que alguns acontecimentos da história de seu povo também repercutem em textos bíblicos, vislumbram e mesmo pressentem, a chegada do fim dos tempos, tal como apregoara Jesus no tempo em que ainda andava na terra” (2018, p. 229).

Do mesmo modo, Santos-Granero (2007) registrou a pressão dos missionários cristãos para que as pessoas Yanesha abandonem as músicas *coshamnats*. Contudo, as pessoas continuam a tocá-las e há abertura para executá-las em novos contextos, como em encontros políticos organizados pela Federação de Comunidades Nativas Yanesha (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 63). Nesses espaços, os signos de religiosidade das músicas transformam-se em signos de ‘identidade política’ Yanesha. Ademais, segundo o autor, essa abertura não significa a renúncia ao messianismo Yanesha, visto que as canções dos missionários evangélicos continuam a transmitir tais mensagens (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 65).

Para compreender essa afirmação, tomamos como referência as práticas mnemônicas Yanesha que envolvem o ouvir-cantar de suas *coshamnats* – as músicas e

canções sagradas (SANTOS-GRANERO, 2007). Como músicas sagradas as *coshamnats* possuem o poder de curar, de multiplicar animais e plantas, projetando assim uma vida Yanesha de extraordinária abundância. No entanto, observa Santos-Granero: “[...] os poderes das músicas dos *coshamnats* não se limitam apenas aos seus fins utilitários e econômicos” (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 62).

As canções potencializam para o mundo Yanesha símbolos de poder e imortalidade e quando reveladas pelas divindades, estão imersas em uma experiência particular com esses agentes (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 63). No entanto, podem também ser experienciadas em um sistema de conhecimentos transmitidos entre diferentes gerações, isto é, junto aos mais velhos e/ou com alguém com quem estabelecem relações interpessoais. Nessas ocasiões, emerge a figura de *guardiões das músicas*, como aqueles conhecedores de um grande número de *coshamnats* (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 63).

Em qualquer que seja o arranjo de transmissão e aprendizado, o ouvir-cantar estabelece um vínculo entre *guardiões* situados em temporalidades distintas: passados, presentes e futuros (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 63). Segundo observou Santos-Granero, antes de começar uma música, o *guardião* Yanesha informa ao público quem a transmitiu, garantindo assim, a imortalidade dos *guardiões* anteriores (2007, p. 63). Ao mesmo tempo em que protege a música do esquecimento, ao transmiti-la, o *guardião* Yanesha promove a sua própria imortalidade, mantendo viva a memória de si (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 63), garantindo-lhe assim um devir, isto é, a perspectiva de um futuro (SANTOS-GRANERO, 2007, p. 64).

Como descritas nas narrativas míticas registradas por Silva (1998; 2003) e como destacou Marinho “[...] há uma circunstância de morte que opera uma transformação” (2018, p. 168), ou seja, no caso Xetá há um “[...] potencial criativo da morte e evidenciam uma certa forma de imortalidade, permanência assegurada pela nova forma que origina de transformação” (2018, p. 171).

Tikuein afirmou para Silva que caso esquecesse sua língua e de sua gente, seria um homem morto (2003, p.32). Para Silva, ser um homem *morto* “[...] é ser um homem sem lembranças e sem vínculos com o seu passado, esquecido de suas experiências coletivas” (2003, p. 32). Ou seja, como Marinho ressalta ser um homem morto é não ter a possibilidade de transformação, isto é, a garantia de um futuro (2018, p.171)

Desse modo, as crianças-ouvintes marcam um ‘antes’, que ao transformarem-se temporalmente em velhos-*guardiões* narradores das *histórias dos antigos* marcam um ‘hoje’ e

um dever potencial de transformarem-se em um par ente, revelando assim um processo de transformação temporal e uma prática mnemônica Xetá que denota a eminência de um futuro. A morte revela a potência de se transformarem em *antigos* para as próximas gerações, garantindo-lhes assim um futuro, evidenciando a imortalidade como destino dos narradores Xetá.

Quando o grupo familiar de São Jerônimo afirma que “*o pai foi nosso professor*” ou “*sempre vamos bater naquilo que nosso pai nos contou e ensinou, essa é a nossa história*” (Claudemir, CEB, Curitiba, 05 de junho de 2018) a geração contemporânea evidencia os princípios desse processo de extensão e transformação temporal. Isto é, se em outros tempos Dival, Claudemir, Benedita e até mesmo ã eram ouvintes das *histórias dos antigos*, transformaram-se temporalmente em narradores, marcando um *hoje* como *guardiões das histórias Xetá*. 1998, 2003) - e também de que estão temporalmente mais próximos de transformarem-se em outra coisa, isto é, os *antigos*.

4.7 “A cultura não pode morrer”⁴⁵⁹: trabalho e processos de indigenização Xetá

Na contemporaneidade, cresceu consideravelmente a presença de atores e instituições não indígenas, tais como prefeitura municipal, secretarias estaduais, museus, empresas e universidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, com quem os grupos familiares Xetá envolvem-se em ações, projetos de política indigenista. Nesse contexto, em São Jerônimo constituíram a Associação Indígena da Etnia Xetá (AIEX), do qual Dival tornou-se presidente. Na aldeia Kakané Porã, D. Belarmina, quando viva, criou a Associação das Mulheres Indígenas Xetá (AMIX).

Como em outros contextos etnográficos, permeados de relações interculturais, os grupos familiares Xetá recorrem às categorias *trabalho* e *cultura* na interlocução com esses atores, buscando garantir acesso a seus direitos específicos. No entanto, como propõe Albert (2002), estas categorias não podem ser reduzidas a simples reprodução de categorias não-indígenas.

⁴⁵⁹ Dival (TI de São Jerônimo, setembro de 2019).

Ao problematizar os conceitos de cultura e ‘cultura’, Carneiro da Cunha (2009) assevera que esta última não se assemelha ao que habitualmente os antropólogos e as instituições, de modo geral concebem como cultura e, que em síntese a autora define: “[...] esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas e que garantem certo grau de comunicação em grupos sociais [...]” (2009, p. 313). Desse modo, referências à categoria ‘cultura’ ocorrem de modo distinto àquele da vida cotidiana na aldeia (2009, p. 370).

‘Cultura’ é definida pela autora como uma categoria política, usada reflexiva e performaticamente pelos grupos indígenas, para afirmarem suas identidades, seus conhecimentos, bem como suas integridades (CUNHA, 2009, p. 373), principalmente frente a sujeitos e instituições que colocam, constantemente, em dúvida suas indianeidades.

A partir dessa relação solicitaram acesso aos arquivos linguísticos de Aryon Rodrigues para ensinar a língua Xetá para as crianças na escola. Segundo Claudemir, seu pai avisava aos filhos e filhas que “[...] *um dia os brancos vão duvidar dos indígenas que não falam a língua*”. Desse modo, em seus *ensinamentos* Tikuein (Mã) os alertava que, ao estabelecerem relações com não indígenas era fundamental conhecer a língua Xetá.

Desse modo, cultura e ‘cultura’ operam e organizam relações distintas dos universos sociais Xetá (ALBERT, 2002; CUNHA, 2009). As referências Xetá a categoria *cultura* são constantemente colocadas em relação à categoria *trabalho*. Como processos de objetivação da ‘cultura’, em São Jerônimo os *trabalhos* Xetá são organizados, sobretudo, a partir de projetos da AIEX e da escola. Como vimos, desde os tempos de minha primeira experiência com esse grupo familiar, ainda durante as ações do GT *Jané Rekó Paranhá*, Dival e Claudemir estabeleciam essa relação: *cultura*, coleções e escola.

Em outubro de 2017 participei da Mostra Cultural Pedagógica Guarani, Kaingang e Xetá, realizada na Escola Estadual Indígena Cacique Koféj, em São Jerônimo. Na ocasião os professores indígenas Guarani, Kaingang e Xetá apresentavam suas produções de material pedagógico, realizadas como seus alunos e no Programa Saberes Indígenas.

Observei então que grande parte dos *trabalhos* Xetá tinha a palmeira de jerivá como temática central trazia imagens dos *tapuy*, das esteiras e da cestaria que remetiam à *vida dos antigos* no espaço/tempo do *mato*. Entende-se aqui, em parte, o interesse de Dival em ter acesso à cestaria durante as visitas ao MAE/UFPR, naquele ano de 2017.

Algumas dessas atividades reproduziam fielmente a *vida vivida dos antigos no tempo do mato* tal como registrada nas fotografias de Vladimir Kozák e presentes em sua

colecção. Dival então explicou que naquele ano, como atividade pedagógica do Programa Saberes Indígenas, escolheram a palmeira de jerivá como tema específico para realizar ‘*pesquisas sobre a cultura Xetá*’. Nesse contexto Dival, se dizia então *pesquisador* da ‘cultura’. Além desses *trabalhos*, Sueli – professora Xetá -, confeccionou uma grande esteira de folha de palmeira e dispôs entre o machado de pedra de (re)produzido por Dival e um banner, levado por Benedita, com a fotografia de Tikuein (Mã) - em que portava colares e brincos. Para a ocasião, prepararam também as bebidas fermentadas Dival e Claudemir a de coquinho de jerivá e Sueli a de jabuticaba. Nessa ocasião, seus *trabalhos* apresentavam a ‘cultura’ Xetá a partir de imagens da *vida dos antigos*, ao lado das danças e cantos Guarani, e dos balaios e materiais pedagógicos com mitos Kaingang.



Figura 81 - Fermentado de coquinho de Jerivá, Mostra Cultural, TI de São Jerônimo, outubro de 2017⁴⁶⁰

⁴⁶⁰ Acervo pessoal da autora.

Durante esse evento, uma das professoras Guarani, organizadora do grupo de dança, reclamava dos comentários que surgiram a respeito da roupa utilizada pelas meninas, despertando julgamentos morais acerca de seus corpos e que colocaram em oposição evangélicos e não evangélicos. Com receio que o cacique cancelasse a apresentação, dirigiu-se a ele para explicar a situação afirmando: “*Podem acabar com tudo, mas não mexam com a cultura*”. Vale ressaltar que a referida professora, também participava como coordenadora do Programa Saberes Indígenas, sendo a principal interlocutora de Dival em suas atividades como *pesquisador* da ‘cultura’ Xetá. No mesmo evento, uma professora Kaingang, apresentava um livro didático - único exemplar, não publicado e confeccionado por ela - com o mito do Urutau, narrado pela sua mãe. Ao se referir a sua produção, dizia que era preciso “*narrar os mitos para os alunos para não deixar morrer a cultura*”.

Dessas observações, durante a Mostra Cultural foi possível observar que as referências à *cultura*, materializadas em livros, roupas, artefatos, bebidas e materiais pedagógicos perpassam as narrativas Guarani, Kaingang e Xetá, envolvidos nessas ações institucionais. No caso dos Xetá, o espaço para *mostrar seus trabalhos* da escola, a partir *da vida e das coisas dos antigos* é recente e fundamental para o grupo familiar se afirmar politicamente na vida cotidiana da aldeia e assim reverter questionamentos acerca de sua *história*, sua indianeidade e também de sua presença no interior da TI.



Figura 82 - Material Pedagógico Xetá⁴⁶¹

⁴⁶¹ Acervo pessoal da autora.

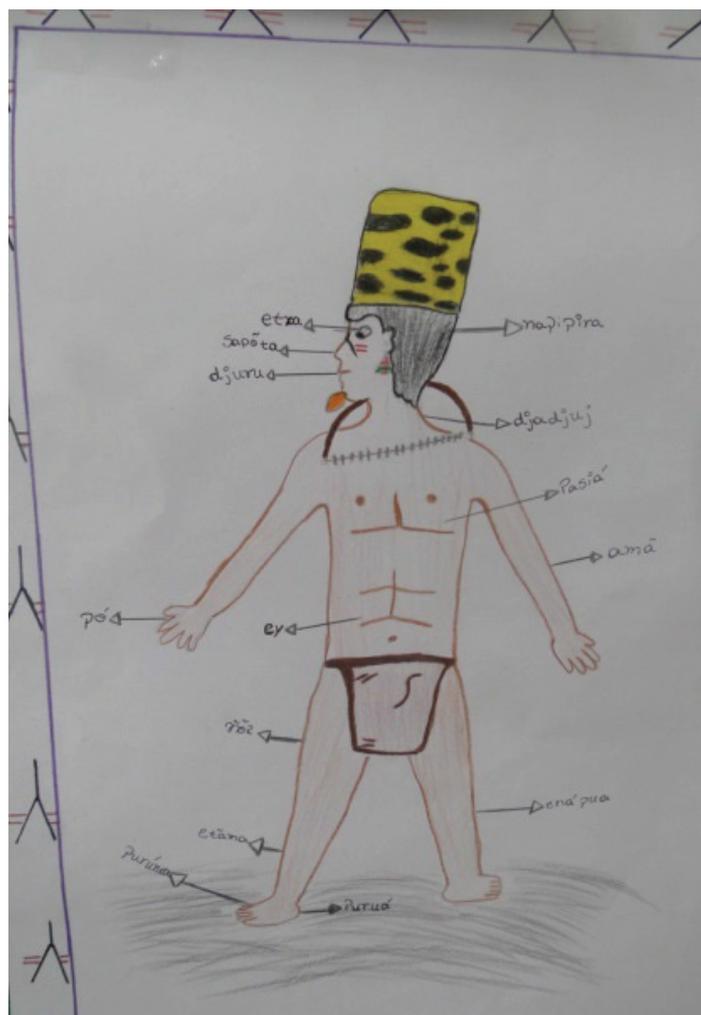


Figura 83 - Material Pedagógico Xetá⁴⁶²

Há que se destacar também que, a Mostra Cultural mobiliza não apenas a comunidade da escola e da TI, mas também alunos(as) e professores(as) de outras escolas do município, políticos, pastores de igrejas, representante de instituições locais e da região, universidades e demais convidados – permitindo assim ampliar a visibilidade e as relações políticas Xetá, para além do cenário político local.

Além disso, fora da aldeia, quando estabelecem relações com outros grupos indígenas, também estão preocupados em mostrar sua *cultura*. Em uma das visitas à reserva técnica do MAE/UFPR, Claudemir solicitou o *Aurá-haimbé*, a borduna confeccionada de madeira de alecrim, objetivada politicamente na contemporaneidade. Segundo informações de

⁴⁶² Acervo pessoal da autora.

Dival e Claudemir, usadas pelos *antigos* como instrumento de defesa. Justificou tal solicitação dizendo:

“Quando eu estive em Brasília, durante o acampamento dos povos indígenas, outros grupos do Xingu tinham as suas bordunas para apresentar e também para se defender da violência dos brancos. Nós Xetá não tínhamos as nossas, seria muito bom se a gente tivesse as nossas pra levar nesses encontros” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE, junho de 2018).

Pertencente a Coleção Vladimir Kozák, Dival e Claudemir tiveram seu primeiro acesso a 10 (dez) bordunas, durante uma visita à reserva técnica do MP, em maio de 2018. Segundo afirmaram, esta foi a primeira vez que tiveram acesso a tais artefatos, e como um desejo antigo, mostravam-se ansiosos. Na ocasião, estavam presentes dois de seus sobrinhos, Michael – filho de Zenilda e Kelsin – filho de Zezão. Diante das bordunas, os quatro analisaram suas formas, o tamanho, o peso, a madeira utilizada e registraram o momento com uma série de fotografias com as bordunas. Dival e Claudemir afirmavam que conheciam a técnica e pretendiam confeccioná-la e assim apresentá-las em eventos como representativas da sua ‘cultura’ Xetá, principalmente aqueles que participassem com outros grupos indígenas.



Figura 84 - Claudemir e Dival com o Aurá-Haimbé no MP⁴⁶³

Ainda em maio de 2018, durante visita à reserva técnica do MAE/UFPR, Dival e Claudemir demonstraram interesse em conhecer o acervo do museu, isto é, os arcos, flechas, bordunas de outros grupos indígenas. A equipe do museu - museóloga, antropóloga e estagiárias - percorreram todos os corredores da reserva, abrindo armários, identificando grupos e artefatos indígenas, respondendo-lhes suas perguntas a respeito dos materiais utilizados. Além dos instrumentos masculinos de caça e defesa – que os atrai excessivamente - a coleção que lhes despertou atenção e que detiveram tempo analisando foi a de bichinhos

⁴⁶³ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

de madeira Guarani, principalmente a *árvore da vida*⁴⁶⁴, produzida como *artesanato*, destinada a venda aos não indígenas.



Figura 85 - *Árvore da Vida* Guarani. Ao fundo, Tainá e Larissa netas de Maria Rosa Tiguá em visita ao MAE/UFPR, setembro de 2018⁴⁶⁵.

No *tempo do mato* os *antigos* confeccionavam bichinhos de cera de abelha preta, no entanto os produzidos nesse espaço/tempo se diferenciam dos atuais, visto que hoje são produzidos para o artesanato. Segundo Parellada, no *tempo do mato* a produção dos bichinhos era uma atividade frequente entre os homens adultos e eram direcionadas as crianças. Entre os seres produzidos destacam-se animais presentes nos mitos Xetá, tais como, quati, macacos, urubus, tamanduás, cobras, lagartos e onças. Entre o mais significativo, o moëw:

⁴⁶⁴ *Árvore da vida* é produzida pelo povo Guarani, e constitui-se de uma árvore em que os bichinhos - onça, tatu, tucano, macacos, corujas, coati, tatu, papagaio, etc. - são dispostos nos galhos. Segundo os professores indígenas da TI de Ocoy e Diamante do Oeste no Paraná, localizadas na região próxima à fronteira do Paraguai, com quem trabalhei e de quem comprei duas árvores, a *árvore da vida* passou a ser produzida após o alagamento de seus territórios, provocado pelas águas da Hidrelétrica de Itaipu, ocasião em que passaram a registrar o sofrimento dos animais, que buscavam os galhos das árvores como refúgio para sobreviver. No entanto, ressalto que esta observação não encerra ou totaliza a multiplicidade de narrativas que envolvem esse objeto.

⁴⁶⁵ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

[...] espíritos maus de parentes falecidos ou animais caçados, causadores de transtornos, doenças e mortes nas aldeias, mas que tinham seu efeito devastador diminuído quando transformados em pequenos objetos ao alcance dos vivos. Certos espíritos möu tinham olhos em grãos e/ou sementes arredondadas brancas, vermelhas ou negras. As pequenas esculturas possuíam caráter lúdico e mágico, colaborando na compreensão pelas crianças do mundo dos mortos e dos vivos (PARELLADA, p. 222).

Atualmente, os bichinhos são fonte de renda de Dival e sua família. Em 2020, durante a pandemia da COVID-19, Dival ganhou um prêmio da Secretaria Estadual de Cultura, enviando a onça como ‘representativa da cultura Xetá’.



Figura 86 - Bichinhos de cera de abelha, Coleção Vladimir Kozák. À esquerda o Moëw⁴⁶⁶

⁴⁶⁶ MP/SEEC.



Figura 87 - Bichinhos de cera de abelha, Coleção Vladimir Kozák⁴⁶⁷

Como vimos no segundo capítulo, Vladimir Kozák constituiu uma coleção de 138 dessas peças que se encontram na coleção do MP, e destacavam as representações de animais e dos Moëw. Durante a mesma visita em que estabeleceram contato com as bordunas, contataram esses objetos e também se detiveram a analisá-los com atenção. Como atualmente, na aldeia não disponibilizam de modo suficiente de cera de abelha, e na contemporaneidade dedicam-se a produzi-los da madeira de pinho e essas coisas passaram a ser concebidas como *artesanato*. Isto é, assim como entre os Guarani, os bichinhos são destinados à venda, como marcadores da relação com os não indígenas, mas também da *cultura* a ser apresentada pelos Xetá.

⁴⁶⁷ MP/SEEC.

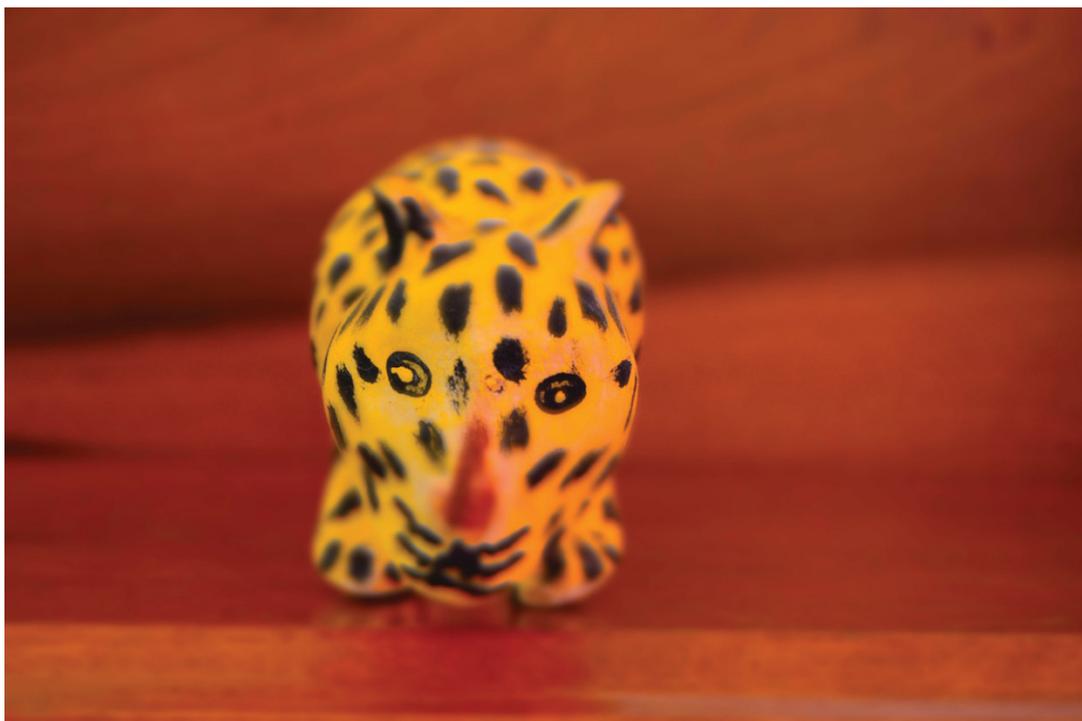


Figura 88 - Onça Xetá. Autor Dival da Silva⁴⁶⁸



Figura 89 - Coruja, tatu e quati. Autor Dival da Silva⁴⁶⁹

⁴⁶⁸ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

⁴⁶⁹ Fotografia: Rodrigo Fonseca.



Figura 90 - Machado de pedra Xetá produzido por Dival, TI de São Jerônimo, setembro de 2019⁴⁷⁰.

Em setembro de 2018, em uma das visitas aos Museus, que reuniu os grupos familiares da aldeia Kakané Porã, São Jerônimo e Umuarama, a arqueóloga do MP realizou com os grupos familiares uma oficina de produção de bichinhos, utilizando como material argila preta. Ao terminar o seu, Indiamara, filha de Tucanambá, afirmou: “*Pronto, futuramente quando nossas crianças visitarem o Museu, encontrarão as nossas coisas aqui, junto com a dos antigos*”, evidenciando sua intenção em participar da constituição de uma coleção Xetá. Dival, por sua vez, mostrou interesse em adquirir a argila preta, perguntando-me onde poderia comprá-la para levar à aldeia, visto que com este material, os resultados de seus *trabalhos*, isto é, a cor e a forma dos bichinhos se aproximariam daqueles confeccionados pelos *antigos*.

⁴⁷⁰ *Idem.*



Figura 91 - Dival e Júlio no MP, em oficina de produção de bichinhos, Museu Paranaense, maio de 2019⁴⁷¹

A produção do *artesanato* em São Jerônimo envolveu, entre os anos de 2018 e 2019, um *trabalho* intitulado *Adjatukã: a produção de cultura material do Povo Xetá*. Apresentado pela AIEX, contou com fomento do Edital de Apoio à Produção Comercial do Museu do Índio - FUNAI, além do apoio institucional da UEM, MP e MAE/UFPR.

Com o objetivo de (re)produzirem as *coisas dos antigos do tempo do mato*, tais como os machados de pedra, os bichinhos, a cestaria, os *tapuys* (abrigos de folha de palmeira), os brincos, as armadilhas, as bebidas, as comidas, os colares, os materiais pedagógicos, essas coisas são tomados como *artesanato Xetá*, visto que o material produzido envolvia a comercialização e geração de renda para os grupos familiares. O projeto culminou com um Encontro Xetá, realizado na casa de Dival, em setembro de 2019 e, como previsto, foi produzido um material fotográfico das atividades⁴⁷² realizadas nesse evento.

⁴⁷¹ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

⁴⁷² Executado em parceria colaborativa com o psicólogo, educador e pesquisador do povo Xetá - Paulo C. R. Ramom (PUC-PR).

A produção de filmes e fotografias faz parte do cotidiano do grupo familiar Xetá de São Jerônimo. Ou seja, o grupo familiar vem registrando com seus celulares os seus movimentos políticos sejam os *trabalhos* realizados na escola, em viagens ou entre o grupo familiar. Sempre que possível, convidam pesquisadores não indígenas instituições para participar e colaborar com seus recursos tecnológicos. Grande parte das vezes em que estive em sua casa, Dival dedicou-se a mostrar essa produção, em seu celular ou na TV.

No Encontro Xetá de setembro de 2019, estiveram presentes pesquisadores do PPGAA/UFPR, da UEM, do MP e MAE/UFPR, todos equipados com câmeras - amadoras e profissionais - que filmaram e fotografaram o evento, constituindo assim, colaborativamente, acervos pessoais e institucionais, movimentando uma coleção contemporânea do povo Xetá (FABIAN, 2010).

Além do grupo familiar de Tikuein (Mã) estiveram presentes os grupos de ã e Tucanambá. Do mesmo modo que no Encontro Xetá realizado em 1994 na TI de São Jerônimo, Dival e seu grupo familiar construíram um *tapuy*, organizaram uma cozinha coletiva, entoaram o canto do urubu e discursaram.

Com apoio do Programa Saberes Indígenas e do LAEEH/UEM, o material produzido no evento foi editado e disponibilizado em uma conta em nome da AIEX no Youtube. Intitulado *Adjatukã Xetá*⁴⁷³, o vídeo alterna cenas de dois momentos do projeto: um encontro do grupo familiar de São Jerônimo ocorrido em julho de 2019; e do Encontro Xetá, ocorrido em setembro de 2019.

O vídeo inicia com cenas do segundo Encontro, mostrando os grupos familiares pintados e entoando o canto do urubu, coordenados por Claudemir. Em todas as ocasiões institucionais, que estive com o grupo familiar de São Jerônimo, os ouvi entoar esse canto. Durante uma visita ao MAE/UFPR, Claudemir explicou que “[...] a gente focou nesse canto do Urubu. Foi um que marcou a memória da gente, foi o primeiro que a gente aprendeu com nosso pai” (Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Como evento político, o vídeo apresenta o *artesanato* Xetá e discursos de membros dos grupos familiares, entre eles destaque os de Dival, Claudemir, Albert e Benedita. Dival inicia afirmando que “*Vai chegar um dia tempo em que a gente não vai estar mais*

⁴⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSuiR-z-KAE>. Acesso em: 26 de ago. de 2020.

presente, então a cultura ela não pode morrer. Ela tem que seguir a cultura”⁴⁷⁴. Nas cenas em que apresentam seus *trabalhos*, os homens se dividem na construção do *tapuy* e na confecção do *tembetá*, enquanto as mulheres aparecem dedicando-se ao trançado da folha de palmeira. As crianças são apresentadas confeccionando bichinhos de argila preta – cenas de uma oficina realizada durante o Encontro Xetá, pela arqueóloga do MP.

Essas cenas servem de pano de fundo para a afirmação de Dival que a *cultura* está no *artesanato*:

*Eles trabalhavam com esses artesanatos no mato né, e daí através desse trabalho deles, eu aprendi um pouco com o meu pai, e um pouco também aprendi olhando por foto né, porque tem muita foto tirada dos artesanatos, daí nós resolvemos restituir os artesanatos. Por causa que o nosso povo, ele foi praticamente quase todo extinto, então o que nós resolvemos fazer, restituir os artesanatos pra não morrer a cultura, a cultura nossa e também como uma lembrança dos antepassados também. Esse é o objetivo*⁴⁷⁵ (Dival, TI de São Jerônimo, setembro de 2019).

No vídeo Dival também aparece confeccionando um colar e bichinhos de madeira, apresentando-os como seus *trabalhos*. Explica que para montar o colar, usa cera de abelha e peças de madeira. Ressalta que este deveria ser feito de osso, mas por não possuir esse material, utiliza os recursos que tem, substituindo-o pelo nó de pinho. Quanto ao colar com *tirambetá*, diz que na verdade essa peça não era um colar e sim, um adorno labial masculino, no entanto, como não usam mais este artefato, decidiu fazê-lo como um colar. “*Ficou prático*”, anuncia.

⁴⁷⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSuiR-z-KAE>. Acesso em: 26 de ago. de 2020.

⁴⁷⁵ *Idem*.



Figura 92 - Colares Xetá confeccionados por Dival⁴⁷⁶.

Claudemir definiu o Encontro como *alegre*, mas não de festa. *Feliz* por estar na presença dos parentes, mas ao mesmo tempo *triste*:

“A gente tá lembrando dos velhos né, os líderes nosso que infelizmente hoje não está mais no nosso meio, mas tenho certeza que onde eles estão, estão muito felizes porque a gente tá fazendo uma grande homenagem a eles. E a gente tá na luta aí faz vinte e poucos anos e não sei quanto tempo mais vai durar isso. A gente luta muito pra conquistar nosso espaço, e o povo Kaingang e os Guarani tem as terras deles e porque nós o povo Xetá não tem o nosso território?”⁴⁷⁷

Além disso, Claudemir afirmou que o Encontro era muito importante para o povo Xetá e, ele e Dival, respectivamente como *vice-cacique* e *cacique*, agradeceu primeiramente a autorização dos *caciques* Guarani e Kaingang, por permitirem ao seu grupo familiar constituírem uma equipe de liderança em São Jerônimo⁴⁷⁸.

Albert, neto de Tucanambá, tornou-se *vice-cacique* da aldeia Kakané Porã em 2019 e desde então vem participando de reuniões com diversas instituições - Assembleia Legislativa do Estado, FUNAI, SESAI, Secretarias Estaduais e Municipais, como

⁴⁷⁶ Acervo Pessoal da Autora.

⁴⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSuiR-z-KAE>. Acesso em: 26 de ago. de 2020.

⁴⁷⁸ *Idem*.

representante de sua aldeia e Xetá. Durante o evento, o jovem de 25 anos, apresentou-se pintado, com um brinco de pena e direcionou seu discurso para seus parentes geracionais, ressaltando a importância de suas presenças em espaços de interlocução e relações interculturais:

“Eu queria dizer para cada jovem a cada um que for, onde for, for numa palestra, for numa reunião, levanta e fala: Não! Tem Xetá sim! Aqui eu sou! Meu povo mora lá em São Jerônimo, tem um povo que mora em Curitiba, tem um povo que mora em Umuarama. Nós somos quase trezentos já e não têm... eles vão ter que aceitar. Nós somos índios. Nós somos a descendência de Tucanambá, de Tikuein e de todos os nossos líderes que morreram”.⁴⁷⁹

Benedita também definiu a importância do evento:

“O que eu tenho pra falar um pouquinho do meu pai, o que nós aprendemos com ele, hoje nós estamos tentando passar para os nossos filhos, nossos netos. Porque um dia também a gente não vai estar aqui e eles vão estar no nosso lugar para falar, para dar continuidade nos nossos trabalhos. Mas hoje nós entendemos que se nós quisermos conquistar alguma coisa hoje nós temos que aparecer, porque pra eles, nosso povo não existia. Mas a maioria de nós estamos aqui pra representar hoje. Os mais velhos não estão, mas nós estamos aqui. Então eu falo para os meus filhos, para meus sobrinhos, que não tenham vergonha de se aparecer, porque é o único jeito de nós conquistar alguma coisa. E ter alguma coisa é assim aparecendo, falando sobre os nossos pais, sobre os avós que perdemos, que não tivemos a oportunidade de conhecer. Mas hoje, por foto, filmagem, nós estamos conquistando cada vez mais nosso espaço, assim, o que nós não tínhamos a hoje nós temos. Então eu tenho meus netos, eu tenho meus sobrinhos, eu falo sempre pra eles, eu falo assim: ‘vamos lutar juntos, vamos conquistar o que nós não temos, vamos buscar, que é hoje a oportunidade que nós temos’.⁴⁸⁰

Enquanto em seu discurso Dival recorre à categoria *cultura*, Claudemir a *luta*, Albert a *índio*, de modo dinâmico, os *antigos* são transformados em *líderes*. Benedita, por sua vez, no “*é assim aparecendo, falando*” abrevia a objetividade dos *trabalhos* Xetá. Esses discursos e eventos, de caráter eminentemente político, registrado em seus *trabalhos* se direcionam àqueles com quem negociam cotidianamente suas *histórias* e existências, isto é, às lideranças Guarani e Kaingang - que também estiveram presentes no Encontro, aos não indígenas e suas instituições. Mas também aos membros dos grupos familiares, às crianças e aos jovens e a necessidade de seguir os caminhos dos *antigos*, “[...] *a caminhada que eles fizeram, a gente tá dando continuidade, prosseguindo o trabalho que eles não puderam*

⁴⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSuiR-z-KAE>. Acesso em: 26 de ago. de 2020.

⁴⁸⁰ *Idem*.

continuar [...] ⁴⁸¹ (Claudemir, TI São Jerônimo, setembro de 2019), como ressaltaram em suas narrativas Dival, Claudemir, Albert e Benedita, cada um a seu modo.

Diante dessas narrativas, o conceito de *cultura* aparece como algo a objetivado, que deve ser exibido, exteriorizado, apresentado, mostrado principalmente em suas relações com os não indígenas. Desse modo, contrasta com a concepção de cultura dos antropólogos e discutida por Carneiro da Cunha (2009) e revela um importante papel das *coisas dos antigos* e do *artesanato* para se sentirem e se conceberem como Xetá na contemporaneidade. Essas coisas emergem como o meio de *dar continuidade, seguir os caminhos e fazer como os antigos* e, para tanto recorrem aos filmes e fotografias, que constituem as coleções etnográficas.



Figura 93 - Grupo familiar Xetá no Encontro Xetá, TI de São Jerônimo, setembro 2019. Da esquerda para direita: Sueli, Rosângela, Dival, Â, Benedita, Zezão. À frente, Júlio e Claudemir ⁴⁸².

⁴⁸¹ Acervo pessoal da autora.

⁴⁸² *Idem*.



Figura 94 - Tapuj construído durante o Encontro Xetá, TI São Jerônimo, setembro de 2019⁴⁸³

⁴⁸³ Acervo pessoal da autora.



Figura 95 - Mostra de Fotografias durante Encontro Xetá, TI de São Jerônimo, setembro de 2019⁴⁸⁴

Dival, como *pesquisador da cultura Xetá*, e seu grupo familiar estão em busca dos conhecimentos produzidos pelos não indígenas, em um movimento que os impulsiona a acessar documentos textuais, áudios, fotografias, filmes e objetos, visitar as reservas técnicas dos museus e utilizá-los para fortalecer seus *trabalhos*.

Fazer como os antigos inclui produzir cenas do *tempo do mato* em seus *trabalhos*, isto é, em ação, tal como estes foram registrados por Kozák: confeccionando colares de semente, brincos e chapéu de onça; quebrando coquinho, assando e bebendo a gordura de cobra, banhando-se em riacho, caçando, cortando madeira com o machado de pedra, preparando e bebendo *kukuay*, construindo e dormindo no *tapuy*, usando o pilão e cabaças, polindo pedras, em rituais de cura e etc. Além disso, vale ressaltar que Kozák os registrou com seus adornos, brincos, colares, tangas, tornozeleiras e pulseiras.

Como vimos no primeiro capítulo, essas imagens foram encenadas a partir de um roteiro pré-estabelecido e definidas por Vladimir Kozák e Loureiro Fernandes, ávidos por

⁴⁸⁴ Acervo pessoal da autora.

registrar a cultura material e as técnicas de confecção dos artefatos de um povo considerado em vias de extinção. No entanto, para os grupos familiares Xetá, os filmes e fotografias *são a vida vivida, são os conhecimentos dos antigos materializando as histórias que estes deixaram* e que, na contemporaneidade, se esforçam para *deixar registrado nas memórias* das crianças e dos jovens Xetá.

Tal observação também foi registrada por Lima e Marinho (2018) ao analisarem a relação Xetá com os documentos e os objetos etnográficos, produzidos pelos pesquisadores no contexto de contato das expedições científicas:

Pensando a situação dos Xetá nesses termos, uma “memória histórica” constitui-se a partir dos artigos, objetos e filmes que restaram do período do contato e que se encontram hoje em instituições museais, documentando-os inequivocamente e carregando um forte status de verdade (2018, p. 585).

Como *verdade*, ressalta Lima, documentos e objetos etnográficos registram “a vida pristina” (2018, p. 584), ou seja, anterior ao processo do contato ou como dizem, *a vida dos antigos no tempo do mato*. Além disso, os documentos registram o genocídio do povo, o processo de desterritorialização e a separação dos parentes em diferentes TIs. Em sua “segunda vida”, Lima apresenta o processo de transformação das coisas musealizadas, isto é, de como documentos etnográficos tornaram-se (THOMAS, 1991) para os grupos familiares Xetá seus documentos históricos (LIMA, 2018). Além disso, constata a autora, se Kozák, Loureiro, Aryon Rodrigues e Annette Laming-Emperaire produziram documentos e constituíram coleções no intuito de registrar etnograficamente um povo ‘a caminho da extinção’, na contemporaneidade essas coisas testemunham o seu inverso, isto é, a existência Xetá enquanto *povo vivo* (2018, p. 584).

Dado a importância política das coleções, quando questionados se pretendem solicitar o seu repatriamento, sob a guarda dos museus, respondem que não, “*lá estão bem cuidados e guardados*”, afirmam Dival, Claudemir e Benedita, sendo apoiados pelos demais membros do grupo familiar. Como argumento alegam receio de que na aldeia *as coisas dos antigos* possam estragar ou desaparecer. Além disso, precisariam de um espaço adequado a recebê-los, o que requer investimento financeiro constante para manter sua conservação e segurança. Ademais, na aldeia, uma possível circulação dessas *coisas* necessária à realização dos *trabalhos*, as colocaria em contato com um número grande de pessoas, transformando-se em risco não apenas sua durabilidade, mas também a sua posse. No entanto, embora

reconheçam os riscos, se sentem ofendidos quando os não indígenas afirmam que eles não sabem cuidar das suas coisas (Dival e Claudemir, São Jerônimo, setembro de 2017).

O *cuidado* a essas coisas se expressa em seus projetos de repatriação digital e planos de *trabalho* futuro. Entre aqueles que pretendem desenvolver pela AIEX, está a construção, no interior da TI, de um Centro Cultural. O espaço é pensado como um lugar destinado a receber as *coisas dos antigos do tempo do mato* repatriadas digitalmente, junto àqueles que estão (re) produzindo. Planejam realizar exposições fotográficas, apresentação de filmes, realizar Encontros Xetá e narrar as *histórias dos antigos*. Além disso, pretendem realizar eventos e festas e, nesses momentos, vender o *artesanato* como coisas representativas da “cultura” Xetá, e assim, gerar renda para o grupo familiar. Por fim, dizem que o espaço será destinado a receber e alojar visitantes e pesquisadores(as) interessados(as) na ‘cultura’ Xetá. Para tanto, no Centro Cultural projetam a construção de um amplo salão para vitrines e exposições, salas para abrigar uma biblioteca, banheiros, quartos e uma cozinha. Para este *trabalho*, ainda não conseguiram apoio financeiro, no entanto, com ajuda de uma pesquisadora encaminharam o projeto para análise de uma instituição estrangeira.

Desse modo, no momento, como *guardião das histórias dos antigos*, presidente da AIEX, *cacique* e responsável pelos *trabalhos*, Dival centraliza o recebimento e a guarda de CDs, DVDs, pen drives com material das coleções etnográficas e qualquer outro material, seja dos museus ou não, relacionados à *história Xetá*. Contudo, a depender do material, poderá ser redirecionado aos irmãos a partir dos ensinamentos *deixados* por Tikuein (Mã).

Em uma ocasião em que levei para a aldeia um CD contendo narrativas e cantos na língua Xetá, disponível no acervo do CEPA, a orientação de Dival foi que entregasse primeiramente o material para Claudemir, para quem o pai *deixou esses ensinamentos*, sendo ele o *guardião da língua Xetá*.

Em outra situação, quando o MAE/UFPR manifestou interesse em levar Sueli para conhecer a coleção e inseri-la como colaboradora de um Catálogo, justificando para tal o seu cargo de professora, e que talvez a ação colaborasse com suas práticas pedagógicas na escola, Dival e Claudemir afirmaram que precisariam acompanhá-la, visto que são eles os *guardiões das histórias*, dos *ensinamentos* e da língua Xetá. Pelos mesmos motivos Dival

acompanha Sueli em um curso de formação de professores indígenas⁴⁸⁵ e Claudemir na produção de material didático bilíngue.

As mídias também podem ser disponibilizadas a outros membros do grupo familiar, que possuem interesse em constituir acervos pessoais e familiares. Sueli solicitou para a escola; Benedita solicitou que gravasse os arquivos, vídeos, fotografias, áudios em seu pen-drive e, *mostrar* às suas amigas a sua *história*, para quando estas viessem lhe visitar em sua casa.

Dival mantém os materiais repatriados digitalmente junto aos documentos da AIEX e os seus pessoais, tais como fotografias antigas de quando era jovem e viajava na companhia do pai e dos irmãos para trabalhar como boia-fria nas fazendas do Mato Grosso do Sul. Junto às fotografias dos seus filhos, filhas, netos e netas. Em meio a essas fotografias, estão os processos que protocolou na Secretaria de Estado da Educação do Paraná, solicitando que fossem recolhidos dois livros distribuídos às escolas públicas do Paraná por conter *mentiras* sobre a *história Xetá*: no primeiro livro o *povo* é tomado como extinto; no outro, o pai, Tikuein (Mã), é apresentado como *cacique* do povo Kaingang.

Ao contestarem a história dos não indígenas, por meio de seus *trabalhos* o fazem acionando, as *histórias dos antigos*, mobilizadas a partir das categoriais *verdade* e *mentira*.

4.8 História e história Xetá: verdades e mentiras

Segundo Tikuein (Mã) narrou à Silva:

“Sabe, tem gente que fala que nossas histórias são mentiras, essas coisas que branco diz, que é lenda, que é conto, que são invencionices nossas. Eu digo que não é, não. Assim como os brancos têm suas histórias, que eu respeito, nós temos, quer dizer, os nossos antigos tinham a nossa verdade. A nossa história não começou com os brancos, ela já vem de muito, muito tempo mesmo. Ela é a verdade sobre nós. Os antigos não haveriam de mentir pra nós. Eu cresci, um pouco lá com a minha gente, e um pouco aqui nesse mundo que não é meu, mas eu nunca achei que o que vocês contam sobre o mundo de vocês é verdade. Ela é verdade pra vocês e não pra mim, a minha história conta outra coisa, é ela que conto quando, inclusive, os crentes

⁴⁸⁵ Programa Saberes Indígenas na Escola, ofertado pelo Ministério da Educação.

vêm querendo que eu ache a história deles é verdadeira ([Tikuein (Mã)] SILVA, 2003, p. 76).

Na contemporaneidade, o grupo familiar de São Jerônimo reitera as falas de Tikuein(Mã), Tuca e Kuein direcionadas a Silva (1998, 2003), quando afirmavam que suas vidas não estão circunscritas a um passado, isto é, suas existências não se limitam a história e as *mentiras* contadas pelos não indígenas. Ao ouvir as gravações de áudio realizadas pelo professor Aryon Rodrigues com os *antigos*, Benedita exclamou emocionada: “*Nós estamos vivos, não somos uma história!*”. E afirmou:

“É muito triste o que fizeram com a gente. Eu quero que os outros conheçam a nossa história, o que a gente tem é a história. Mas a gente não tem nada pra mostrar. Se a gente tem esse material, a gente pode mostrar. Com esse material eles vão saber da nossa história” (Benedita, TI de São Jerônimo, outubro de 2017).

No entanto, nem todos os não indígenas são mentirosos. Como aqueles que *sabem da verdade* estão Vladimir Kozák, o linguista Aryon Rodrigues e a antropóloga Carmen da Silva: “[...] *Kozák e Aryon estiveram no mato com os antigos, ouviram as histórias. Carmen viveu e conheceu muito bem nosso pai, ouviu as suas histórias*” (Dival e Claudemir, São Jerônimo, dezembro de 2017). Segundo Claudemir, foi Kozák quem ensinou Tuca a falar português e Aryon “*foi levado por Tuca para o mato*”. Do mesmo modo, D. Belarmina, ex-esposa de Tuca, compartilhava a ideia que “*os únicos que contam as histórias verdadeiras dos Xetá são Carmen, Kozák, Aryon e professor*” - referindo-se a Loureiro Fernandes (D. Belarmina, aldeia Kakané Porã, 2017).

Loureiro Fernandes e Annette Laming-Emperaire, por sua vez, não estão presente nas narrativas contemporâneas dos grupos familiares Xetá. Quando mostrei uma fotografia do antropólogo durante as expedições a Serra dos Dourados, pertencente ao acervo do MAE/UFPR, as mulheres disseram não o conhecer e, Claudemir o identificou, num primeiro momento, como um servidor do SPI, responsável pela transferência de Mã, Tikuein (Mã) e Nhengo para a aldeia de Pinhalzinho.

Compreende-se a ausência ou a rara referência a Loureiro e a Annette nas narrativas contemporâneas do povo Xetá, visto que a relação estabelecida pelo antropólogo e a arqueóloga com os grupos familiares Xetá deu-se quase que exclusivamente durante as expedições científicas, encerradas em 1961. A partir dessa data, Loureiro passou a atuar, na esfera institucional e política, em busca de garantir os direitos territoriais do povo Xetá, afastando-se completamente dos trabalhos de campo. Como vimos no segundo capítulo, em

seus documentos, ofícios, registros, cadernetas de campo e artigos, Loureiro Fernandes assumiu marcadamente um discurso político-epistêmico, isto é, em termos científicos, genérico e objetivo. Além disso, orientado pelos princípios evolucionistas, na metade da década de 1960, o antropólogo já os considerava extintos.

Ao que parece a exceção das relações de Loureiro foi Tuca, que residia em Curitiba e, vez ou outra, o antropólogo o convidava para comparecer e participar de eventos no DEAN e ou MAAP. Desse modo o antropólogo apareceu nas narrativas de D. Belarmina e das filhas de Tuca, como o professor da universidade, que visitavam no centro de Curitiba.

Entre os pesquisadores, Kozák ocupa um *status* elevado nas narrativas dos grupos familiares na contemporaneidade, não apenas pelo valor de seu material, principalmente seus filmes e fotografias, mas pelas relações que estabeleceu com os grupos familiares Xetá. Os filhos e filhas de Tikuein (Mã) e Tuca conheceram o fotógrafo-cinetécnico a partir das narrativas dos pais, com quem Kozák esteve por quase vinte anos, em diferentes espaços - Serra dos Dourados, TI de Marrecas (Turvo) e Pinhalzinho (Tomazina), bem como em Curitiba, sempre fotografando e filmando.

Nosso pai trabalhava com professor Aryon na língua, contam e, para tanto, esteve por algumas vezes com o linguista em Brasília. Foi em uma dessas viagens que Tikuein (Mã) faleceu - fato que evoca narrativas emocionadas quando rememoram esse evento e a relação que estabeleceram com o linguista, antes e depois da morte do pai. Emoção que permeou várias atividades do GT, tanto pela presença do linguista que participou de oficinas na língua Xetá - em Curitiba e em São Jerônimo. E também pela especificidade dos seus arquivos sonoros e a capacidade da voz dos *antigos* em mobilizar emoções e afetos.

Dando continuidade aos trabalhos do pai e como resultado dos trabalhos do GT, produziram com o linguista o *Vocabulário Ilustrado Xetá: Xetá-Português* (2013), de autoria compartilhada entre os representantes dos grupos familiares e *professor Aryon*. Esta publicação foi elaborada com finalidades didáticas e tornou-se uma das principais referências em sala de aula de Sueli, a professora Xetá. Quanto ao conteúdo do material, observa-se que ele é integralmente constituído por vocábulos de animais, partes do corpo, adornos e artefatos que remetem à vida dos *antigos no tempo domato*.

A antropóloga Carmen Silva, segundo contam, estabeleceu uma relação próxima com Tikuein (Mã), Tucanambá, Kuein e ã. Quando estive em Umarama, na casa de Maria Rosa Tigua, sua filha Indianara mostrou-se inicialmente em dúvida e desconfiada quanto a minha presença e questionou se minha pesquisa iria contrariar os trabalhos realizados por

Carmen que trouxe muitas conquistas para o *povo Xetá*. Assim como o grupo familiar de São Jerônimo, se mostrou preocupada visto que nem tudo que se diz sobre a história Xetá é *verdade*, e que os pesquisadores deveriam fazer como Carmen, ouvir os mais velhos que estão vivos, *que viveram a história*, como a sua mãe. Esse seria, segundo Indianara, o modo para não reproduzirem *mentiras* que tanto prejudicaram e ainda prejudicam as suas vidas.

No Encontro Xetá de 2019, ao chegarmos à casa de ã, junto com Indioara – filha de Tuca, a primeira pergunta que nos dirigiu, antes mesmo de indagar os motivos de nossa presença, foi: “*Vocês têm notícias de Carmen*”? Diante da nossa negativa, ã respondeu que sentia sua falta e gostaria de ter notícias, nos solicitando que se a encontrássemos era para lhe comunicar o seu afeto.

É a Carmen que atribuem momentos significativos da história Xetá:

“[...] *depois que dividiram os Xetá não tiveram mais contato. Depois da separação se encontraram em 1994, através da Carmen, que trabalhava na FUNAI. Depois Carmen foi trabalhar no museu, veio a São Jerônimo e, em três meses reuniu os Xetá e começou a trabalhar no território*” (Claudemir, TI de São Jerônimo, setembro de 2017).

Nesta fala, Claudemir se refere ao Encontro Xetá que ocorreu em 1994, na TI de São Jerônimo. No entanto, o primeiro Encontro Xetá, entre os sobreviventes reuniu Tiquein, Rondon, Kuein, ã e Tikuein (Mã) e ocorreu no ano de 1986, no município de Joaquim Távora, tendo sido organizado pela FUNAI. O objetivo deste Encontro foi dar apoio a Tikuein (Mã), que então enfrentava um processo judicial e encontrava-se doente e deprimido (PACHECO, 2018, p. 76). Este evento contou com apoio das antropólogas Kimie Tomazino e Marcolina Carvalho, à época docentes da UEL. Estas também foram as responsáveis por organizar o Encontro Xetá de 1994, com apoio da FUNAI, universidades e museus.

Em 1994, o *Encontro Xetá – Sobreviventes do Extermínio*, durou aproximadamente dez dias reuniu os grupos familiares de Tikuein (Mã), Tucanambá, Kuein, ã e Maria Rosa Tiguá e pessoas com quem possuíam alianças sociais e políticas na TI de São Jerônimo. Entre as ações coletivas do Encontro, construíram uma cozinha, empreenderam caçadas e caminhadas no mato, prepararam assados de carne, tomaram banhos de rio e compartilharam *histórias* na língua Xetá. Como nos arquivos de Aryon Rodrigues, em que os *antigos* cantam e contam *histórias*, assim também fizeram, sendo o evento filmado e fotografado pelas organizadoras.

Referências a esse Encontro permeou quase todos os momentos desta pesquisa e emerge como um dos eventos mais significativos da memória do grupo familiar de Tuca, mas, sobretudo, entre os filhos e filhas de Tikuein (Mã) que como apontado acima se encontrava sozinho, doente e *triste* com a ausência dos parentes.

Por quase quinze anos Tikuein (Mã) acreditou ser o único sobrevivente de seu povo e para a antropóloga Silva, relatou: “*Fiquei sozinho, se foram os últimos de minha gente. Eu pensava que só tinha eu, não sabia do Kuein, da ã e dos outros. Só muito tempo depois fiquei sabendo*” (SILVA, 1998, p. 82). Segundo Benedita o pai constantemente reforçava a sua tristeza: “*Meu pai tinha vezes que ele chorava. Ele começava a falar e chorava. Dizia, “eu me arrependo tanto, deles terem me conhecido, de eles ter tirado eu do mato, eu era feliz*”. Seus filhos e filhas descrevem a *alegria* de Tikuein (Mã) quando soube da existência dos parentes vivos, o que ocorreu quando conheceu Carmen que se interessou pelas suas *histórias*, esforçou-se para encontrar os parentes ainda vivos e seria então a responsável, para este grupo familiar, pela organização do Encontro em 1994:

“Eles sabiam que existiam, mas não sabiam onde estavam. Agora a gente conseguiu se encontrar mesmo através do trabalho da Carmen Silva, que na época se interessou e conseguiu fazer esse reencontro do povo Xetá em 94” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Segundo Claudemir:

“[...] assim que eles saíram do território deles, tava com 45 anos que eles não se viam mais. Daí que foi que aconteceu aquele encontro de 94. Meu Deus! Aquilo foi bem legal, muita alegria e choro, muita emoção” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Visto que a tristeza do pai também os afetava, para o grupo familiar de São Jerônimo esse evento adquire uma significativa importância afetiva. Desse modo, em boa parte do trabalho de campo expressavam um desejo antigo de rememorar aquelas cenas e a *alegria* de Tikuein (Mã). Visto que se encontra disponível no MAE/UFPR uma cópia dos registros filmicos desse encontro, em dezembro de 2017 levei uma cópia do filme para a aldeia e assisti na casa de Dival, com seu núcleo familiar e Claudemir, Benedita e Zezão.

Na ocasião, todos os presentes solicitaram cópias para compor seus acervos pessoais. Diferente de quando assistem aos filmes dos *antigos* no interior dos museus, e assumem uma postura cerimoniosa, centrando suas narrativas nos conhecimentos transmitidos

pelo pai, na casa de Dival, durante a exibição do filme, as narrativas recaíram nos aspectos físicos - corpos, roupas e trejeitos dos participantes do Encontro, provocando risos e piadas entre os presentes. Motivou também ressentimentos naqueles que não participaram do Encontro, entre eles Dival, que se encontrava trabalhando em fazendas no Mato Grosso do Sul. Além disso, ao terminar de assistir ao filme, Benedita, visivelmente emocionada, dirigiu-se a mim e afirmou: “*tudo o que você precisar para sua pesquisa pode contar comigo*”. Na medida em que os grupos familiares Xetá possuem muitas reservas aos pesquisadores(as), entendi esse momento como uma expressão de abertura ou confiança em mim e/ou no trabalho, afetada pela emoção do momento.

Em termos políticos, Carmen é a responsável por estar presente, articular e colaborar os principais momentos da vida Xetá. Está à frente do processo de reivindicação do território e junto com seus interlocutores vivificou e alentou esse desejo:

O que os sobreviventes querem ao reivindicar a recuperação de sua terra tradicional, ou melhor, de uma pequena parte dela, é mostrar que não estão soltos no mundo, como o senso comum quis fazer crer. O que eles dizem quando narram suas memórias da sociedade extinta e quando pleiteiam o território perdido é que mesmo que suas raízes estejam na memória, eles querem e podem transmiti-las aos seus descendentes. Para isto eles precisam estar juntos. Assim sendo, suas memórias não criam apenas virtualidades, mas também a expectativa de adquirir um território onde possam morrer dignamente e fazer reviver a sociedade Xetá através de seus descendentes (SILVA, 2003, p. 253).

Segundo Claudemir, o Encontro, ‘organizado por Carmen’ foi fundamental para a transformação desse desejo: “*A partir desse encontro que houve, começou a caminhar as coisas, foram fazer o reconhecimento da terra, foi um acontecimento muito importante esse reencontro deles*” (Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Além disso, Carmen também foi a responsável por colocá-los em contato com *as coisas dos antigos*, por meio de visita às reservas técnicas do MAE/UFPR e do MP no ano de 1994 (SILVA, 1998; 2003; PACHECO, 2018, p. 80). Em 1997, organizou também em Curitiba, o II *Encontro Xetá: Sobreviventes do Extermínio* e dele participaram os sete sobreviventes: Tikuein (Mã), Tuca, Kuein, Ana Maria, Maria Rosa, Tiquein e Rondon. Nesse evento, de fato, Carmen conseguiu reunir todos os sobreviventes, o que até então não havia sido possível.

Dado a potência de Carmen alterar a vida e os afetos dos sobreviventes, a pesquisadora assume um protagonismo único na vida Xetá, e desperta o desejo de contatar a sua pessoa bem como seus conhecimentos, suas fotografias, gravações e documentos. Durante

minha experiência com os Xetá, ainda no contexto institucional, a presença ou não de Carmen era sentida como o grande momento dos eventos, criando expectativas quanto a sua presença e ou ausência, na medida em que os afetos de Tikuein (Mã) incidem sobre o seu grupo familiar, a pessoa de Carmen afeta na contemporaneidade as relações familiares Xetá.

Não apenas a sua pessoa, mas o resultado de sua pesquisa é fundamental na rede de relações familiares. Segundo Sueli, Carmen presenteou Tikuein (Mã) com um exemplar de sua dissertação (2003). Ao falecer o pai *deixou* para sua esposa, D. Conceição. No contexto das atividades do GT, D. Conceição transferiu para o filho mais novo, Júlio, que na ocasião se dedicava aos estudos para ocupar o cargo de professor Xetá. No entanto, quem assumiu o cargo foi Sueli, e para auxiliá-la em seus *trabalhos* Júlio transferiu a dissertação para a irmã, que a utiliza como material de apoio pedagógico.

Quando me mostrou esse exemplar, de maneira tímida Sueli expressou vergonha e se desculpou pelo seu estado e as marcas do tempo visíveis na dissertação. Vendo as condições do material, lhe prometi que lhe presentearia com um novo exemplar e dessa forma poderia substituí-la. Imediatamente Sueli recusou a oferta demonstrando que a dissertação não era apenas algo objetivo, mas era significativo da relação entre Carmen e o pai, bem como do grupo familiar. Outro dia, conversando com Júlio, este se mostrou ressentido de não possuir mais o referido exemplar. Nesses dois momentos foi possível compreender que a dissertação de Carmen possuía uma biografia própria e era permeada de *histórias*, emoções e afetos, entre a antropóloga e Tikuein (Mã), ainda presente em suas relações atuais.

Os filhos e filhas de Tikuein (Mã) estabeleceram uma relação um tanto distanciada com Carmen, à época de suas pesquisas com os sobreviventes— eram muito jovens, dizem. A exceção de Claudemir, que acompanhava Tikuein (Mã), visto que estava sendo preparado para assumir a posição de liderança Xetá. Nos últimos anos, a relação com a antropóloga foi dificultada com sua ida para uma universidade no Mato Grosso. No entanto, a distância não lhes permite esquecer que o pai quando vivo, confiava e mantinha um grande afeto pela pesquisadora.

Da mesma forma Tuca também lhe atribuía grande afeto. D. Belarmina fez questão de ressaltar também a amizade entre Tuca e Carmen, descrevendo os encontros com a antropóloga como momentos de transformação em alegria, respeito e carinho, isto é, de afeto mútuo. Afeto que ela e suas filhas também demonstraram possuir pela pesquisadora. Suas filhas, Indioara e Indiamara, lembram que o pai ficava *feliz* na presença de Carmen, a quem

esperava ansiosamente encontrar e contar suas *histórias*, e também visitar o Jardim Zoológico de Curitiba, para ver os *bichos do tempo do mato*.

Esses lugares também estão presentes na memória dos filhos e filhas de Tikuein (Mã) e, quando viajam a Curitiba, solicitam aos pesquisadores que os levem até esses destinos. Durante esta pesquisa, nos momentos em que não foi possível ir ao Jardim Zoológico, solicitaram ir até o Passeio Público, parque localizado na região central de Curitiba, e que abrigou por muitos anos animais de pequeno e médio porte, e local onde Tikuein (Mã), Mã e Kuein foram fotografados por Vladimir Kozák na década de 1960, quando estiveram de passagem pela cidade. Cópia dessa fotografia que se encontra disponível no acervo do MP foi solicitada por seus filhos e filhas, com o objetivo de guardar em seus acervos pessoais.



Figura 96 - Kuein, Mã e Tikuein(Mã), Parque Passeio Público de Curitiba⁴⁸⁶.

⁴⁸⁶ MP/SEEC.

Inegavelmente Vladimir Kozák, Aryon Rodrigues e Carmen também são referências para as *histórias dos antigos*, e sobre as *coisas e a vida no tempo do mato*, a língua e as *coisas dos antigos*. Além dos afetos, estes também são objetivados, isto é, seus conhecimentos são usados politicamente para (re)afirmarem suas reivindicações. No entanto, também podem ser colocados em dúvida ou em suspeição, visto que são orientados por diferentes epistemologias na produção de seus conhecimentos a respeito da *história xetá*. Embora os reconheçam suas relações, afetos e conhecimentos como fundamentais para os seus *trabalhos*, são as *histórias dos antigos* que orientam o seu sistema epistemológico.

Assim, emergiam tensões quando lhes perguntava sobre alguma informação que havia acessado nos museus ou na bibliografia dos pesquisadores e que confrontava com aquelas *deixadas pelos antigos*, isto é, pelo pai Tikuein (Mã). Imediatamente se apressavam em dizer não se tratar de uma *história Xetá*, pois não às haviam escutado como uma *história dos antigos*.

Durante esta pesquisa, vez por outra, Dival e Claudemir rememoraram tensões e embates que estabelecem quando os conhecimentos produzidos cientificamente não corresponderiam aos conhecimentos *deixados* pelos *antigos*. Minha presença nas atividades do GT trazia narrativa a respeito das divergências daquele contexto, e iniciavam suas falas dizendo: “*you se lembra que aquela vez que não concordamos com a fala daquele pesquisador...*”. E a partir daí seguiam com uma narrativa contestadora em relação ao conhecimento científico.

Entre os eventos rememorados estão as atividades de *Oficinas da Língua Xetá*, organizadas pelo GT em que estavam presentes linguistas, historiadores, antropólogos, educadores e arqueólogos. Presente até hoje em suas narrativas, rechaçam as comparações linguísticas com outros grupos da família Tupi-Guarani, tais como os Guarani e os Zo'é. Tal como naquele contexto, as comparações acirram momentos de tensão entre os conhecimentos científicos e as *histórias dos antigos*. Pertencentes ao mesmo tronco e família linguística, os grupos familiares reconhecem a familiaridade com a língua Guarani. Naquele momento, seu Carlos esposo de ã, fluente na língua Guarani mediava as análises entre os linguistas e os grupos familiares Xetá.

No entanto, os Xetá buscam criar uma diferença em relação a outros grupos indígenas, colocando em dúvida essas classificações linguísticas. Claudemir, afirma que pretende organizar a publicação de um livro na língua Xetá “*verdadeiramente Xetá, produzido pelos Xetá, com as histórias Xetá*”, sem a interferência do conhecimento científico

e/ou dos pesquisadores(as), fazendo aqui referência ao livro produzido junto ao linguista Aryon Rodrigues.

As narrativas registradas por Vladimir Kozák e Aryon Rodrigues, permitem aos pesquisadores realizarem uma série de comparações com mitos de outros povos indígenas (LÉVI-STRAUSS, 2011). No entanto, afirmavam não ser possível estabelecer uma proximidade entre suas *histórias* e a de outros grupos indígenas, ressaltando que as narrativas dirigidas pelos *antigos* aos pesquisadores ocorreram em espaço/tempo específico e não retratam as narrativas *deixadas pelo pai no grupo de parentesco*. Em outras palavras, os grupos familiares elaboram uma oposição entre as narrativas gravadas pelos pesquisadores(as) e os conhecimentos transmitidos e compartilhados oralmente entre os parentes.

Debates ligados à *vida e coisas dos antigos* e conhecimento produzido pelos pesquisadores também permearam essa pesquisa e retomaram antigas discussões com arqueólogos e historiadores. Conflitos surgem quando pesquisadores sugerem que *no tempo do mato*, os grupos familiares Xetá se dedicavam à agricultura e produção de cerâmica, tendo abandonado essas atividades devido às constantes fugas na floresta, ocasionadas a partir da pressão colonizadora na Serra dos Dourados.

Em minha experiência de trabalho institucional observei que a tensão entre o conhecimento científico de pesquisadores e as histórias/narrativas dos grupos Guarani, Kaingang e Xetá estiveram constantemente presentes, bem como as divergências entre diferentes grupos familiares. Sendo esse um contexto de negociações políticas, com instituições e pesquisadores, os representantes indígenas tendem a questionar as narrativas dirigidas aos não indígenas, bem como o teor dos seus conhecimentos. Desse modo, as divergências entre os grupos familiares e os pesquisadores, e também instituições são frequentes e perpassam o cotidiano de relações interculturais.

Desse modo, não se trata de questionar a veracidade dos conhecimentos, metodologias e teorias científicas produzidas por linguistas, arqueólogos, antropólogos, historiadores e instituições. O fato é que essas afirmações científicas lhes impõem uma linearidade histórica, linguística e material com outros grupos Tupi-Guarani que, no entanto, não perpassam as *histórias dos antigos*.

Do mesmo modo, um dos livros publicados suscita divergências entre os grupos familiares, visto que apresenta uma versão do mito Xetá de origem do fogo em que teriam roubado do urubu (2013). D. Belarmina questionou a publicação, visto que Tuca lhe teria contado que os *antigos no tempo do mato* obtinham fogo o através da fricção do pau ígneo.

Não se trata também de questionar as diferentes versões de narrativas que emergem, entre os grupos familiares Xetá, em contextos de relações políticas. Trata-se de compreender que *as coisas e as histórias dos antigos* revelam um amplo contexto de experiências vividas, permeadas de relações de parentesco e afeto e, desse modo, afirmam os Piro, os *antigos* não mentiriam para os parentes, como fazem os não indígenas (GOW, 2001; 2014).

Gow (2001, 2014) estabelece uma diferença metodológica entre as narrativas míticas e as ‘história sobre os antigos’ narradas pelos Piro. As primeiras são aquelas com menor grau de confiabilidade, visto que se referem a um conjunto de agentes e eventos em relação ao qual nenhuma testemunha conhecida é postulada: “Ela existe somente como uma história contada por gerações, como *tsrunnini ginkakle*, uma história dos antigos” (GOW, 2001, p 190). Nas ‘histórias sobre os antigos’, as experiências de vida são centrais, e os Piro lhe conferem um maior grau de veracidade:

As narrativas de experiências pessoais diretas são as histórias com mais elevado grau de certeza. Nelas, o narrador é a testemunha viva dos eventos descritos, cujas decorrências mais amplas podem ser conhecidas pelos ouvintes por sua própria experiência. Em contraste, de todas as narrativas os mitos são as menos confiáveis, pois (por definição) ninguém testemunhou os eventos nelas narrados. São ainda mais incertos do que os rumores sobre eventos distantes, visto que esses ao menos emanam de alguma testemunha viva, ainda que desconhecida. Frequentemente, os narradores terminam uma narrativa mítica questionando retoricamente sua veracidade, dizendo coisas como “É isso que contavam os antigos. Talvez seja mentira. Eu não sei, mas é isso que eles contavam”. (GOW, 2003, p 190).

As narrativas Piro, analisadas por Gow (2001; 2014), estabelecem uma relação entre a experiência vivida e a veracidade das narrativas: “[...] é colocada grande ênfase no fato de o falante ter ou não experienciado pessoalmente aquilo que descreve” (2014, p. 190). No entanto, destaca Gow, embora as narrativas míticas sejam marcadas pela ausência de experiências pessoais diretas, foram transmitidas através de parentes ‘verdadeiros’, isto é, por meio de seus laços de parentesco, o que lhes confere sua provável veracidade, ainda que segundo o autor, essas histórias sejam inverificáveis (GOW, 2014, p. 190).

Em suas pesquisas Silva (2003) também observou que Tikuein (Mã), Tuca e Kuein sempre responderam suas questões orientados, exclusivamente, pelos conhecimentos transmitidos pelos antigos: “Mesmo cortadas suas raízes há 40 anos, os sobreviventes Xetá sempre deram explicações de seus antepassados as minhas perguntas, jamais apelando para qualquer outra explicação” (SILVA, 2003, p. 76-77). Do mesmo modo, como Claudemir e

Dival reforçaram em um Evento no CEB: “[...] *quem viveu tudo isso contou pra nós, sempre vamos bater sobre o que eles contaram pra nós*” (Claudemir, CEB, Curitiba, 14/06/2018). Em resumo, experiências de vida dos parentes, seja a *vida vivida* dos *antigos* (SILVA, 1998; 2003) são irrefutáveis para os seus grupos familiares.

Mais que isso, como vimos anteriormente, a *vida vivida* entre parentes é a engrenagem das *histórias dos antigos* e estão inextricavelmente enredados às ações políticas e aos afetos dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade. No entanto, parentesco e afeto atuam de modo distinto daqueles sujeitos a seus processos de objetificação da *história e das coisas dos antigos*. E desse modo, essa afirmação redireciona o entendimento acerca da relação Xetá com essas coisas.

4.9 Parentesco e afeto: a presentificação dos *antigos*

Frente das *coisas dos antigos*, as *histórias xetá* tratam da *vida vivida no tempo do mato* descrito como o cotidiano da caça, da pesca, do uso e confecção de artefatos, de liberdade, fartura, de rituais de iniciação das meninas e meninos, de bebidas fermentadas. Como um tempo idealizado, apresentam um mundo de relações *felizes* entre os parentes, destruído com a chegada dos não indígenas. A partir das narrativas de ã, uma das sobreviventes, Silva aponta uma direção para compreendermos o significado da *vida no mato* em oposição à *vida em aldeias* e junto aos não indígenas:

ã vive uma eterna saudade de sua vida na aldeia. As lembranças de sua vida nela, do seu local de origem e de seu povo são as suas referências de pertencimento a uma sociedade e a um lugar, na sua compreensão, sem defeitos, “ideal”, porque é nele que vivia junto aos seus. O passado (marcado como aquele tempo em que morava com o grupo) povoa toda a sua fala e história (1998, p. 74).

[...] a vida era dura ali, diferente de nosso lugar (Serra dos Dourados). Sempre passei fome e sofri muito desde que saí de junto de minha gente lá no mato. Sofri muito, andando daqui para ali. Não tinha paradeiro. Lá nós fugia do branco, mas nossa terra tinha fartura e estávamos juntos [...]. Aqui não fujo dos brancos, mas vivo andando sem rumo, sem ter um lugar pra onde ir. Morando ali na Palmeirinha, continuei meu sofrimento, pois além de não ter o que comer, tinha que fazer artesanato, cesto e chocalho para não morrer de fome. Plantava roça, mas era pouco. Fiquei sem nada [...] (SILVA, 1998:72).

O *tempo do mato* entre parentes se contrapõe à história, como o espaço/tempo da vida marcada pela submissão aos não indígenas, ao SPI, ao processo de desterritorialização, fome, violência, doença, trabalhos forçados como empregados, venenos, morte e, acima de tudo, de *tristeza* - da separação compulsória, isto é, a desagregação das relações familiares, o mundo sem parentes. Como registraram Lima e Marinho (2018), marca o processo de deslocamento forçado, quando a vida passada e presente se alterna e se opõe.

Não apenas Benedita, mas o grupo de irmãos e irmãs enfatiza a violência na separação dos parentes, a morte de Mã e Nhengo que deixou Tikuein (Mã) sozinho, sem parentes e *triste*.

“Na época em que meu pai veio lá da Serra dos Dourados, ele tinha, saiu com seis anos daí passando pra sete anos. Veio só ele, meu avô e meu tio. Só três índio, porque na época até meu pai usava uma frase bem chata e eu peguei o mesmo ritmo dele, o que eu tenho pra falar eu não meço esforço e não acho as palavras bonitas pra tentar enfeitar o que da minha conversa não. Nessa época, eles falavam pra nós que era a mesma coisa que filho de cachorro. Você não vê quando a cadela cria, às vezes chega as pessoas, acha bonitinho e diz: “ah, vou levar esse daqui”. Então meu pai falava pra nós que foi assim mais ou menos nesse porte. Entendeu? Então saía um pra cá, outro pra lá e conseguiram separar eles. Então pra eles foi muito triste” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2020).

O grupo familiar de São Jerônimo apresenta também narrativas acerca da experiência de vida de Tikuein (Mã), em especial as *histórias* de sua infância ainda *no mato* junto aos parentes. Benedita ressaltou que nesse tempo o pai era *feliz*, contrapondo o tempo das dificuldades enfrentadas a partir da saída do *mato*, quando se viu como intérprete de Mã e Nhengo que foram retirados da forçadamente da Serra dos Dourados e levados à TI de Pinhalzinho. Contrasta também com o tempo da vida de boia-fria, de trabalhos nas fazendas na região, do trânsito entre as aldeias de Pinhalzinho e Queimadas, bem como a chegada da família em na TI de São Jerônimo.

O evento que reconecta Tikuein (Mã) e seu grupo familiar com o *tempo da vida no mato* e a *alegria* entre parentes, o Encontro Xetá organizado em 1994:

“É marcante aquele primeiro encontro de 94, foi muito marcante, eles sabiam da existência um do outro mas assim que eles saíram do território deles, tava com 45 anos que eles não se viam mais. Daí foi que aconteceu aquele encontro de 94. Meu Deus, foi muita alegria e choro, muita emoção...” (Claudemir, Reserva Técnica do MAE/UFPR, 05/06/2018).

Como material repatriado digitalmente, o vídeo do Encontro Xetá e as fotografias despertam o interesse de todos os membros dos grupos familiares, e como acervos pessoais, no interior da aldeia, mobilizam outras relações com o passado. Para além das relações políticas que engendram em termos de *trabalho* e “cultura”, a experiência de contato com esses materiais revelou também suas práticas de guardar coisas pessoais que pertenceram à Tikuein (Mã). Sueli guarda um anel, como vimos acima, a dissertação de Carmen que pertenceu ao pai, circula entre os membros do grupo familiar. Além disso, Benedita guarda suas roupas e Dival um arco e flecha.

Ao apresentarem e descreverem essas coisas, as irmãs Sueli e Benedita as recorreram à categoria *reliquias*. Se os *trabalhos* estimulam a circulação dos materiais repatriados digitalmente, evitam o compartilhamento de suas *reliquias*. Como coisas que materializam um elo de relações e afetos experienciadas na *vida vivida*, do mesmo modo que Júlio se ressentiu de não mais possuir mais a dissertação de Carmen, vez por outra, descrevem situações semelhantes de coisas que pertenceram ao pai – tais como fotografias e objetos – que foram prestados para viagens, reuniões, encontros e atividades, mas que nunca foram devolvidas ou até mesmo desapareceram.



Figura 97 - Arco e flecha de Tikuein (Mã) pertencente a Dival. TI de São Jerônimo, setembro de 2017.

Segundo Benedita, o pai produzia um livro a partir de fotografias, recortes de jornais e documentos da ‘história’ Xetá. Este livro é descrito por Benedita por meio da mesma categoria uma *reliquia*. No entanto, segundo a filha um jornalista o teria convencido a lhe entregar para ‘arrumar a capa do livro’ e que nunca mais tiveram notícias, nem do livro nem do jornalista. Ao longo desses anos, Benedita alentou a esperança de encontrar o referido livro no acervo de algum dos museus, junto às *coisas dos antigos do tempo do mato*.

Em meio à vida de Tikuein (Mã) sobressaíram também suas experiências de vida ao lado do pai. Os momentos de suas infâncias e a ausência do pai, quando este permanecia por longos meses em fazendas no Mato Grosso do Sul. A chegada e a constituição de laços de parentesco na TI de São Jerônimo, a adolescência quando queriam se divertir e fugiam do pai. No cotidiano, Tikuein (Mã) é lembrado pelos almoços compartilhados em família e na sua relação com os netos e netas envolvidas em manifestações de afeto e cuidado. O pai é

lembrado também nas suas viagens a *trabalho* junto com Carmen e o professor Aryon Rodrigues, bem como a presença desses pesquisadores(as) em suas casas.

Destacam-setambém as narrativas que envolvem o contexto de sua morte, o vazio e a *tristeza* sem a sua presença, isto é, a vida ‘*depois*’ de Tikuein (Mã). Em meio a essas proposições apresentam reflexões sobre as suas próprias experiências, isto é, *os dias de hoje* em que buscam *fazer como o pai lhes ensinou*, isto é, *como os antigos*. Além disso, apresentam também suas perspectivas de *futuro* entre parentes, e aquelas vinculadas às suas relações com os Guarani, Kaingang e os não indígenas.

Na *vida vivida*, a relação entre parentes, marcada pela troca, cuidado e afeto é descrita por Benedita:

“Se ele tem e eu não tenho, ele tenta me ajudar. É assim. Eu sinto muita falta assim, eu não quero que a gente fique longe uns dos outros, dos irmãos. Por que? Por causa disso, que quando um tá em dificuldade, o outro ajuda. Quando aquela outra irmã não tem, outro vai e socorre. Se tá doente, a outra vai e cuida. E daí pros outros de fora já não é, não vai ser assim. Cada um ajuda um pouquinho e quando vê, aquela pessoa tá se arribando também. E cuida dos filhos dos outros. Mas lá fora já não... Lá fora já é diferente, a gente vê cada caso...” (Benedita, TI de São Jerônimo, 11 de outubro de 2017).

Semelhante situação observou Gow (2001) entre os Piro, em que a vida social se movimenta em direção aos parentes “desamparados, tristes, sozinhos”, que desperta a “compaixão” e os impulsiona a “consolação”, isto é, a intensificação das relações de socialidade (2001, p. 50), levando-o a “estar bem” e trazê-lo de volta ao espaço onde a vida adquire sentido: o mundo entre parentes. Sobre os não indígenas, os Piro também afirmam que são desrespeitosos na maneira como tratam uns aos outros e não se importam se as pessoas têm comida ou cuidados: “Go to the white man’s house and see if he will, feed you! What’s where you will learn how to suffer”! (GOW, 2001, p. 52).

Desse modo, marcados pelas consequências negativas da alteridade (SANTOS-GRANERO, 2001, p. 51) visto que junto aos Guarani e Kaingang, por vezes, sentem-se inseguros, e a experiência com os não indígenas é negativa, afirmam por diversas vezes que se sentem *tristes*.

Assim, a projeção de uma vida ao lado dos parentes é colocada em termos positivos, isto é, *alegre* sendo esse mundo como o espaço/tempo idealizado, quelhes permite experimentar uma vida em segurança e afeto, por isso afirmam se sentir *felizes*. Contra os efeitos negativos deste tempo de *hoje*, os parentes são aqueles seres dotados da potência de

alterá-los e transformá-los, de *tristes* em *felizes*, mas também vice-versa. Certa ocasião, quando falava a respeito da vida com o pai, Benedita chorou e afirmou que eu lhe fazia perguntas que lhe deixavam *triste, pois agora o pai estava morto*. Quando lhe perguntei o que ela fazia para mudar esse estado, respondeu que ia até a casa dos parentes, das irmãs e dos irmãos, para conversar e assim ficar *feliz*.

O afeto, o choro, mas também o riso permeou o trabalho de campo desta pesquisa. Na reserva técnica do MAE/UFPR, diante da coleção arqueológica Xetá, Claudemir e Dival, se emocionaram e, nesses momentos, as atividades eram interrompidas enquanto a emoção, o choro e o silêncio se faziam presentes. Destaca-se como momento significativo de *alegria* o momento em puderam ver e tocar, experienciar sensorialmente *as coisas dos antigos*, tais como o machado de pedra, os brincos e o *sipal* - colar de osso que Claudemir colocou em seu pescoço.

Além disso, a abertura da vitrine de exposição permanente e a sala da reserva técnica do MP, em setembro de 2018, quando Dival, Claudemir, Kelvin e Michael ocuparam esses espaços de modo confiante e *alegre*. Dival e Claudemir sempre manifestaram o desejo de contatar as coisas mantidas na reserva técnica desta instituição, isto é, para além daqueles que observavam à distância a partir da vitrine de exposição permanente, como ocorreu em visitas que realizaram anteriormente. Em 2010, quando estiveram no Museu, os grupos familiares acessaram apenas essas vitrines, impulsionando narrativas acerca do desaparecimento dos objetos, visto que se encontravam guardados na reserva técnica e não disponíveis para eles.

Na ocasião dessa visita, a experiência sensorial com os objetos colocou em oposição a conceitos museológicos de preservação dessas coisas - que requer específicas formas de conservação dos objetos, sendo o mais simples o uso de luvas. De outro a lógica Xetá e o modo de experienciá-los a partir do contato físico, tocar, usar, explorar as suas dimensões.



Figura 98 - Maria Eduarda, neta de Tucanambá no MP, maio de 2019⁴⁸⁷.



Figura 99 - Júlio com chapéu de onça Xetá no MP, maio de 2019⁴⁸⁸.

⁴⁸⁷ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

⁴⁸⁸ *Idem.*



Figura 100 - Claudemir com o brinco Xetá no MAE/UFPR, maio de 2019⁴⁸⁹.



Figura 101 - Claudemir e Dival com o machado de pedra Xetá, MAE/UFPR, setembro de 2018⁴⁹⁰.

⁴⁸⁹ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

⁴⁹⁰ *Idem.*



Figura 102 - Dival, Kelsin e Claudemir no interior da Galeria Xetá no MP, setembro de 2018⁴⁹¹.



Figura 103 - Grupos familiares Xetá assistem os filmes de Vladmir Kozák no Museu Paranaense, maio de 2019⁴⁹².

⁴⁹¹ Fotografia: Rodrigo Fonseca.

Se nesse momento o Museu foi surpreendido por esta forma de movimento Xetá em direção as coisas, durante o Encontro que ocorreu em maio de 2019, o MP, assim como vinha ocorrendo durante as visitas no MAE, organizou uma sala ampla em que as coisas Xetá ficaram dispostas especialmente para que os grupos familiares se sentissem à vontade e, à sua maneira, experienciassem, vivessem esse momento.

Desse modo, fotografaram e se deixaram fotografar junto às coisas, compartilharam informações entre si acerca das *histórias*, dos parentes e dirigiram atenção especial às solicitações das crianças do grupo familiar de Tucanambá, que também estiveram presentes. Após o evento, Indiamara e Indioara, filhas de Tucanambá publicaram em suas redes sociais o evento destacando os artefatos e revelando uma noção de *orgulho* à identidade Xetá, sendo esta reafirmada por outros membros dos grupos familiares. Ainda durante o evento, solicitaram repatriação digital de fotografias dos parentes que compõem a coleção. Indioara solicitou que lhe fizesse cópia impressa de todas as fotografias de Tucanambá, da mesma forma que o grupo familiar de São Jerônimo vem solicitando.

Nesta visita esteve presente também Maria Rosa Tiguá, uma das sobreviventes. Enquanto organizava a visita, em dúvida sobre a participação de sua mãe, sua filha me dizia:

“Você consegue imaginar o que esta visita pode provocar na minha mãe? Pra vocês é muito fácil, quando a visita acabar, vocês retornam para as suas casas. Para ela não. Após a visita ela é tomada por uma tristeza e eu preciso ter muita atenção e cuidado para que ela volte a ficar bem” (Indianara, Umuarama, abril de 2018).

Essa *tristeza* de que fala Indioara e que se manifesta nos grupos familiares diante das *coisas dos antigos*, revela uma relação de afeto entremeada por um específico deslocamento das suas noções de temporalidade. Em uma das vezes que estive em São Jerônimo, ao compartilhar com o grupo familiar as gravações de áudio na língua Xetá realizadas por Aryon Rodrigues na Serra dos Dourados, ao ouvir a voz dos *antigos* Claudemir foi tomado pela emoção e chorou por um longo tempo. Após um longo silêncio tentou identificar a quem pertenciam às vozes e afirmou: “[...] *viajei no tempo, fico pensando que eles estão aqui com a gente*”.

⁴⁹² Fotografia: Rodrigo Fonseca.

Emoção e silêncio também tomaram conta de Dival, diante do banner com a fotografia do pai, levado por Benedita, durante a Mostra Cultural do Colégio no ano de 2017. Após algum tempo em silêncio olhando para a fotografia, afirmou: “*Fico lembrando do que vivemos juntos das nossas viagens. É como se estivesse junto com ele agora*”. Marinho registrou que nas situações em que esteve com Dival e Claudemir nas reservas técnicas dos museus e assistiram os filmes de Vladimir Kozák, Claudemir teria afirmado: “*Passou um filme na minha cabeça*” e “*é como se eles estivessem aqui comigo*” (2018, p.141).

Quando narrava as *histórias dos antigos* Tikuein (Mã) afirmou para Silva que esses momentos o “[...] ‘transportavam’, ainda que só nas lembranças, para junto do grupo, ‘mesmo estando longe dele’ (1998, p. 13 – *grifos da autora*). Como vimos anteriormente, ao ouvir as vozes de Adjatukã nas gravações realizadas na Serra dos Dourados, Tikuein (Mã) teria observado: “*É a mesma coisa que estar vendo ele aqui! Parece que ele está aqui* (SILVA, 2003, p. 54).

Silva destacou que o contexto de sua pesquisa etnográfica, permeado das *histórias dos antigos*, se transformou em uma relação capaz de convocar a presença da sociedade exterminada (1998, p. 52 e 252), marcando um tempo de relações vividas no em um ‘antes’ junto aos parentes, permeado de *alegria*, cuidado e afeto. Segundo Silva, “*É como se fosse hoje*” foi uma das expressões que mais ouviu durante o contexto de sua pesquisa (1998, p. 247).

Ao presentificarem os *antigos*, as *coisas* Xetá registram simultaneamente um ‘antes’ e um ‘agora’, afetando-os de forma vital e lhes alterando suas emoções. Na forma positiva, tornam-se *alegres*, produzem *artesanato*, se mostram, orgulham-se, movimentam suas relações políticas, a luta e (re)criam os seus afetos, por isso afirmam que o ‘*tempo do mato*’ é ‘*que nem hoje*’, visto que estão a criar a vida ou como dizem a *vida vivida*. Na forma negativa, a irrupção do *tempo dos antigos* no espaço/tempo gera *tristeza*, a lembrança da violência e a separação dos parentes e, como Tikuein (Mã) afirmou para Silva “*Às vezes as pessoas pensam que só as armas matam, mas o medo, as doenças, a perseguição e a tristeza também matam*”(1998, p. 164).

5. Considerações Finais:

Nesta tese, partindo do referencial de Thomas (1991) busquei seguir os constantes significados, definições e recontextualizações que as coisas Xetá acionam em diferentes contextos temporais e interculturais. Em outras palavras, busquei compreender a potencialidade dessas coisas em estabelecer relações simetricamente tanto ao contexto indígena como não indígena, visto que ao particularizá-las em meio a diferentes atores estas se transformam de modo dinâmico em mediadoras de atos comunicativos entre os indígenas, cientistas e instituições. Como objetos científicos, históricos, etnográficos e afetivos, as coisas Xetá, coleções e arquivos ocupam o centro político-epistemológico de diferentes atores.

Para o antropólogo e colecionador Loureiro Fernandes e DEAN/UFPR, local de seu destino quando foram coletadas, pilhadas, compradas e trocadas na Serra dos Dourados, as coleções permitiram dominar discursiva e objetivamente a alteridade. Loureiro Fernandes (re) produziu uma narrativa institucional, imbuída de teorias evolucionistas que perpassavam as exposições científicas por meio de categorias temporalizadoras (FABIAN, 2013), *selvagem, primitivo, 'fácies', pré-cabralino, pré-histórico* e suas variantes.

Nenhum outro discurso marcou a vida e o destino dos grupos familiares Xetá e de suas coisas quanto o 'pré-histórico' e 'extinto', anunciado e reproduzido pelo antropólogo legitimado na posição de cientista e a frente das principais instituições paranaenses. Vale ressaltar que essa imagem é reforçada historicamente pelas agências estatais, meios de comunicação, pesquisadores(as) e demais setores da sociedade não indígena, que continuam a concebê-los em referência aos seus traços de sua 'cultura material' e a partir de uma visão estática de cultura em que os congela no tempo e no espaço da Serra dos Dourados, tal como projetado por Loureiro Fernandes.

Além disso, a memória do antropólogo, seus referenciais teóricos, a importância da descoberta' de *índios selvagens* e a constituição de uma coleção Xetá transcendem o contexto de suas relações, marcando a memória institucional do DEAN/UFPR e do MAE/UFPR. Contudo, Loureiro Fernandes e DEAN não se faz presentes na memória dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade.

Esta posição é atribuída a Kozák, para quem o encontro com grupos familiares Xetá na floresta da Serra dos Dourados, em fevereiro de 1956, marcou profundamente a sua experiência de vida. Evento rememorado em boa parte de suas cadernetas de campo e

registros Kozák se ‘aventurou’ (ROSATO, 2009), experienciou, viveu, sentiu e registrou a vida Xetá. Ao seu lado estão o linguista Aryon Rodrigues e a antropóloga Carmen Lúcia da Silva, com quem os grupos familiares compartilharam cuidados e afetos. Além disso, o material produzido por estes pesquisadores(as) movimenta a vida política e afetiva dos grupos familiares Xetá na contemporaneidade e também das instituições onde desenvolveram suas atividades.

Na contemporaneidade, como reivindicação às instituições públicas os grupos familiares Xetá solicitam acesso às reservas técnicas dos museus e repatriação digital das coleções e arquivos institucionais. Nesse processo, as coisas revelam as *histórias dos antigos*, permeadas da trajetória de vida dos parentes no *tempo do mato*, mas também dos sobreviventes do extermínio (SILVA, 1998) e suas relações com os colecionadores. Os *antigos* transmitiram memória, conhecimentos, política e os afetos que permite aos grupos familiares se constituírem pessoal e coletivamente em diferentes espaços/tempos. Essas *histórias*, sobretudo as deixadas por Tikuein(Mã) e Tucanambá ocupam papel estruturante em suas relações dividindo a vida em um ‘antes’, um ‘hoje’ e um ‘depois’, isto é, um passado, presente e futuro.

Para o grupo familiar de São Jerônimo, Tikuein (Mã) cresceu entre as narrativas do *tempo do mato* – a língua, os artefatos, a comida, as narrativas, os mitos, os cantos e as relações entre parentes: “A nossa história, eu sei todinha, meu pai contava. Cresci junto com ele, tudo que sei aprendi dele, do Nhengo e vivendo lá no mato com nossos parentes”, afirmou Tikuein(Mã) para Silva (1998, p. 85). Os desafios de uma nova vida também estavam presentes em suas narrativas, revelando um ambiente hostil e violento – a nova língua, a produção intensa da agropecuária, o trabalho assalariado e as doenças. Em suas narrativas Tikuein revela o ser/estar *feliz* com um tempo/espaço de relações entre parentes, contrapondo a vida junto aos não indígenas o ser/estar sozinho, *triste* e doente, a vida sem os parentes.

Tikuein(Mã) também elaborou para Silva um desejo para o espaço/tempo futuro: “Um dia, quem sabe, a gente se junta de novo! Nem que seja nas nossas lembranças” (SILVA, 1998, p. 84). Ou seja, a *vida no mato* entre parentes idealizada em sua memória como o espaço/tempo *feliz* é também seu projeto para o futuro de seu grupo familiar. E o retorno ao território persiste na contemporaneidade como modelo de vida *feliz*, lugar de fartura, parentes e afetos. Dessa forma, na relação entre política e afeto Tikuein(Mã) elaborou noções de temporalidade para o seu grupo familiar Xetá, isto é, passado, presente e futuro.

Atualmente, Dival e Claudemir, filhos de Tikuein, concebem a luta pelo território como *deixada pelos dos antigos*, ao qual somam a luta pela educação. Dizem: “a luta dos antigos era pelo território, a nossa é também pela educação” (Claudemir, 2017). Nas narrativas de seus descendentes, Tikuein surge como *professor* empenhado em transmitir em todos os contextos e espaços possíveis, a *história* e os conhecimentos da vida dos *antigos no tempo do mato*.

Na contemporaneidade reconhecem objetivamente que ‘precisam’ das *histórias dos antigos*, transmitidas por meio das relações de parentesco e dos quais são os únicos detentores visto que são as coisas Xetá não musealizadas. De modo dinâmico e dialético, estas se movimentam articuladas e em contraposição àquelas produzidos pelos colecionares e pesquisadores (as), que de um modo ou de outro, musealizados assumem um papel central em suas vidas, seja político ou afetivo. Desse modo, estão em busca de cópias de documentos, livros, CDs, DVDs, pen-drive e todo e qualquer material relacionado à história, a memória e conhecimentos dos *antigos no tempo do mato*.

A partir destes organizam seus *trabalhos* que lhes garantem visibilidade e a possibilidade de dialogar politicamente com diferentes interlocutores, como agências estatais, universidades e pesquisadores(as). Nos *trabalhos* encontram sentido na fala do pai: “precisamos de seus conhecimentos”, para (re)afirmar constantemente que “estamos vivos, não somos uma história” afirmam.

Tal como o pai se dedicam a *deixar* memórias e conhecimentos para as gerações futuras. *Deixar* implica em atualizar a memória dos *antigos no tempo do mato* por meio de suas *histórias* e produzir coisas representativas desse espaço/tempo tais como machados de pedra, bichinhos, brincos, armadilhas, bebidas, comidas, colares, histórias, fotografias, encontros, materiais pedagógicos, etc. No entanto, essas coisas ganham novos sentidos em seus *trabalhos* e *artesanato*, representativos da *cultura* e destinados a movimentar a política xetá junto aos não indígenas.

Nesse processo, os irmãos Dival e Claudemir foram ganhando legitimidade, visto que na posição de *guardiões das histórias e da cultura Xetá*, designados pelo pai, estão no centro das relações políticas. Detentores de um importante conhecimento cultural não musealizado, o processo mitopoiético ocorre paralelamente na esfera pessoal e cultural. Na medida em que os mais velhos morrem e eles envelhecem os irmãos começam a se sentir legitimados para contar as *histórias dos antigos* e se posicionarem a frente da representatividade política. Ao longo dos últimos anos, esses papéis políticos estão reforçados

na relação intensa com instâncias de legitimidade não indígenas, isto é, nas instituições que abrigam as coisas Xetá, como museus e universidades.

No entanto, percorrer os caminhos da *vida e das coisas dos antigos no mato* parece ser bem mais do que momentos de objetificação social do passado. Como mediadoras de diferentes contextos *as coisas dos antigos* adquirem outros sentidos quando se leva em consideração diferentes aspectos do mundo lembrado e do mundo vivido xetá, visto que os insere em um contexto de relações pessoais revelando uma temporalidade marcada pelo afeto. O afeto instaura uma lógica constitutiva para a vida Xetá ao reintegrar o tempo em suas relações *felizes* interrompidas bruscamente pela violência do contato e lhes permite *deixar* memórias e afetos para as gerações futuras.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, A.C.S.; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 5, n. 2, p. 469-489, maio-ago, 2010.
- ABREU, R.; DODEBEI, V. (org). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- ABREU, R. Patrimônios etnográficos e museus: uma visão antropológica. In: ABREU, R.; DODEBEI, V. (org). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- ALBERT, B.; RAMOS, A.R. **Pacificando o branco:** cosmologias do contato norte-amazônico. São Paulo: EDUSP, 2002.
- AGIER, M. **Encontros etnográficos:** interação, contexto, comparação. São Paulo: UNESP, 2015.
- ALENCAR, T.C. **A herança da fala:** identidade étnica e memória documental da língua Xetá (Tupí-guarani). Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ANDERSON, G. **Entre a ciência e a nação:** José Loureiro Fernandes, um intelectual em circulação pela contenda da antropologia, ciências sociais e folclore. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGAA/UFPR, Curitiba, 2018.
- APPADURAI, A. **A vida social das coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008[1988].
- ARAÚJO, R.C. **Educação escolar e os indígenas Xetá no Paraná:** uma abordagem da teoria histórico-cultural. Dissertação (Mestrado em Educação). UEL, Maringá, 2012.
- ARDIGÓ, F. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: ARDIGÓ, F. **Histórias de uma ciência regional:** cientistas e suas instituições no Paraná (1940 – 1960). São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- ARIAS, A.C. Wanda Hanke y la recopilación de información y colecciones antropológicas (1934-1944). **Revista del Museo de Antropología**, 10 (2), p. 105-118, 2017.
- AZEVEDO, T. Primeiros mestres da antropologia nas Faculdades de Filosofia. In: **Anuário Antropológico**, 1982. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984
- BAXTER, D.N.P. **Vladimir Kozák** (1879-1979): fotógrafo, artista e etnógrafo dos índios brasileiros. Datilografado. MP/SEEC, 2000.
- BENETTI, R.C. **Vladimir Kozák:** sentimentos e ressentimentos de um “lobo solitário”. Curitiba: SAMP, 2016.

BIGARELLA, J. Depoimento. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 19-30, 2005.

BORBA, T.M. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, Vol. VII, p. 53-62, 1904.

_____. **Actualidade indígena**: breves notícias sobre os índios Caingangues, conhecidos pela denominação de Coroados, habitam no território compreendido entre os rios Tibagi e Uruguai. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O processo de assimilação dos Terêna. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

_____. Aculturação e “fricção interétnica”. **América Latina**, v. 6, n. 3, p. 33-46, 1963.

_____. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.

CARNEIRO, C.M.S.B. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná - 1902 a 1928. Dissertação (Mestrado). PPGH/SCH/UFPR Curitiba, 2001.

_____. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013.

CASTRO, C. (Org.). **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, C.; CUNHA, O.M.G. Quando o campo é o arquivo. 2005. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 36, jul./dez., p. 3-5, 2005.

CEPA. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, 2005.

CHMYZ, I. Relembrando José Loureiro Ascensão Fernandes: um semeador. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 81-108, 2005.

CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política. 2ª edição. Tradução: Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1982.

CLIFFORD, J. Museus como zonas de contato. Tradução Alexandre Barbosa de Souza, Valquiria Prates. **Periódico Permanente**, n. 6, p. 1-37, 2016.

CORRÊA, M. Dona Heloisa e a pesquisa de campo. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v.40, nº 01, 1997.

COSTA, L.M.N. Conhecer para Ocupar. Ocupar para Dominar. Ocupação Científica do Ultramar e Estado Novo. **História. Revista da FLUP**. Porto, IV Série, vol. 3, p. 41-58, 2013.

CUNHA, M.C.; VIVEIROS DE CASTRO, E. Vingança e temporalidade: os Tupinambá, **Journal de la Société des Américanistes**, LXXXI, Paris, 1985.

CUNHA, M.C. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e saber científico. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. Introdução. In: ALBERT, B.; RAMOS, A.R. **Pacificando o branco: cosmologias do contato norte-amazônico**. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____ (org). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: UNESP, 2016.

D’HARCOURT, R. Muséum national d’histoire naturelle de Paris. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 20, 1928.

DOMINGUES, H.M.B. Heloisa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 3, p. 625-643, set./dez. 2010

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2014[1912].

FABIAN, J. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. **MANA** 16(1): 59-73, 2010.

_____. **O tempo e o outro**. Como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013.

FARIAS, L.C. **Paul Broca e a fundação da Société d’Anthropologie de Paris**. Conferência. IV RBA, Curitiba, 1959.

_____. **Antropologia: espetáculo e excelência**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

FAUSTINO, R.C.; CHAVES, M.; SIVLA, C.; SILVA, J. C. (Org.) (2013). **Jané Rekó Paranoá: Narrativas Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

FAUSTO, C. **Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Edusp, 2001.

FAUSTO, C.; HECKENBERGER, M.. **Time and memory in indigenous Amazonia**. Gainesville: University Press of Florida. 2007.

FERNANDES, L. Notas hemato-antropológicas sôbre os caingangues de Palmas. Curitiba: **Revista Médica do Paraná**, 1939.

_____. Os caingangues de Palmas. Curitiba: Revista dos Arquivos do Museu Paranaense. v. I, p. 161-209, 1941.

_____. Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá. Separata de Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais III RBA**, Recife, p. 27-46, 1959.

_____. Les Xetá et les palmiers de la forêt de Dourados : contribution à l'ethnobotanique du Paraná. **Actes du VI Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques**, Paris, v.2, p. 38-43, 1960.

_____. Le Peuplement ou nordouest du Paraná et les indiens de la "Serra dos Dourados". **Boletim Paranaense de Geografia da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba n.2-3, p. 79-91, jun. 1961.

_____. Os índios da Serra dos Dourados. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological Research**, Vienna, n.5, p. 151- 154, 1962.

FERNANDES, L.; NUNES, M.D. **Os oitenta anos de vida do Museu Paranaense**. Curitiba, 1956.

FETZ, M. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. São Paulo, Cadernos de Campo: **Revista de Ciências Sociais**, nº 14, 2011.

FUNAI. Relatório de Identificação da Terra Indígena Herarekã Xetá. Brasília, 2013.

FURQUIM, B.B. A história de vida do acervo de cultural popular do litoral parananense. Dissertação (Mestrado) - PPGA/UFPR, Curitiba, 2015.

FURTADO, R. José Loureiro Fernandes: o Paranaense dos Museus. Curitiba: Editora Paraná, 2006.

GARCIA, A. **Dr. Loureiro Fernandes: médico e cientista**. Vozes: Curitiba, 2000.

GELL, A. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon, 1998.

GOLDMAN, M. **Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GONCALVES, J.R.S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Coleção Museu Memoria e Cidadania. Iphan: Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, A.S. José Bastos de Ávila e as pesquisas em antropologia física no Museu Nacional (1928-1938). Dissertação (Mestrado em História da Ciências). Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

GOW, P. **An amazonian myth and its history**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

_____. Mito e mitopoiesis. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014.

_____. Helpless – the affective preconditions of Piro social life. In: **The anthropology of love and anger**. The aesthetics of conviviality in native Amazonia. New York: Taylor & Francis e-Library, 2001.

GUÉRIOS, R.F.M.. A posição lingüística dos Xetá. **Trabalho apresentado na IV Reunião Brasileira de Antropologia**, em Curitiba, em 16 de jul. 1959.

GUÉRIOS, P.R. Trajetórias intelectuais marcadas entre a ciência e a religião: José Loureiro Fernandes e a Faculdade de Filosofia ciências e letras do Paraná. *Campos*, v. 18, 1/2, p. 117-137, 2017.

_____. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos*, v. 12, p. 9-34, 2011.

GRUPIONI, L.D.B. **Coleções e expedições vigiadas**: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo, Hucitec/ANPOCS, 1988.

_____. Os museus etnográficos, os povos indígenas e a antropologia: reflexões sobre a trajetória de um campo de relações. *Museus, Identidades e Patrimônio Cultural. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*: São Paulo, Suplemento 7, 2008.

HANICZ, T. **Modernidade, religião e cultura**: o Círculo de Estudos Bandeirantes e a restauração do catolicismo em Curitiba (1929 –1959). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2006

HOERNER JR, V. **José Loureiro de Ascensão Fernandes**: o homem e o meio. Editora Universitária Champagnat: Curitiba, 2003.

HELM, C.M.V. Os Xetá : a trajetória de um grupo Tupi-Guarani em extinção no Paraná. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, n. 92, p. 105-111, 1994.

_____.Kaingang, Guarani e Xetá na historiografia paranaense. **Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPOCS**, Caxambu, 17- 21 out 1995.

HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; SARI, W. **Thinking through things**: theorising artefacts ethnographically. London: Routledge, 2007.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**: Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012[1992].

_____. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

_____. **Antropologia**: pra que serve? São Paulo: Vozes, 2019.

JACKNIS, I. Franz Boas and Exhibits, On the Limitations of the Museum Method of Anthropology. In: *Objects and Others, Essays on Museums and Material Culture*, George W. Stocking (ed.) Madison: University of Wisconsin Press. p. 75–111, 1985.

KEULLER, A.T.A.M. **Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939)**. Tese (Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2008.

KORFMANN, M.; MENEGUZZO, R. Encenações autorais e textuais em Karl May. **Pandaemonium Germanicum**. p. 101-116, jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-88372031101>.

KOZÁK, V. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, Vol. XXXVIII, p. 11-120, 1981.

_____. **A história hetá. Datilografado**. Curitiba, Museu Paranaense, s.d..

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008[1986].

LAMING-EMPERAIRE, A. LAMING-EMPERAIRE, A. Les Xeta, survivants de L'age de la Pierre. **Revue du Musée de l'Homme**, Paris, tome IX, 1964.

LAMING-EMPERAIRE, A.; MENEZES, M.J.; ANDREATA, M.D. O Trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná. **Coleção Museu Paulista: Série ensaios**, São Paulo, n.2, p. 19-82, 1978.

LANGES, R.B. Depoimento. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 13-18, 2005.

LASMAR, C. Conhecer para transformar: os índios do rio Uaupés (Altro Rio Negro) e a educação escolar. **Tellus**, ano 9, n. 16, jan./jun. 2009

LATOUR, B. **Esperança de pandora**, Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **Politics of nature: How to bring the sciences into democracy**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2004.

_____. **Reagregando o social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2013[1994].

LAURIÈRE, C. Paul Rivet: hombre político y fundador del Museo del Hombre. **Revista de Antropología Colombiana**. Vol. 44(2), jul./dic., 2008.

_____. L'anthropologie et le politique, les prémisses Les relations entre Franz Boas et Paul Rivet (1919-1942). **L' Homme**. n.3-4, n° 187-188, p. 69-92. 2008b.

_____. Franz Boas and Paul Rivet's Relationship: Militancy as a Scientific Commitment. **History of Anthropology Newsletter**, 36(1), jun. 2009.

LEITE, G.C.T. **Do contato aos dias atuais**: sete décadas de notícias sobre os Xetá da Serra dos Dourados. Monografia (Graduação). Curitiba: SCH/UFPR, 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. **O homem nu** (Mitologias v. 04). São Paulo: Cosac Naify, 2011[1971].

_____. **O mito único**. In: LÉVI-STRAUSS, C. **O homem nu** (Mitologias v. 04). São Paulo: Cosac Naify, 2011[1971].

LIMA, A.C.S. **Um grande cerco de paz**. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1995.

LIMA, E.C.; PACHECO, R. Povos Indígenas e Justiça de Transição: reflexões a partir do caso Xetá. **Aracê**, n. 05, fevereiro, 2017.

LIMA, E.C. De documentos etnográficos a documentos históricos: a segunda vida dos registros sobre os Xetá (Paraná, Brasil). Comunicação apresentada no Painel Terrenos do presente, materiais do futuro: a segunda vida dos materiais etnográficos, no **VI Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia**, de 02 a 04 de junho de 2016 em Coimbra, Portugal.

LOPES, M.M. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e a ciência natural no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

LOPES, S. O Território Federal do Iguazu: Marcha para o Oeste. **Espaço Plural**. Ano V, nº 11, 2004.

LOUKOTKA, C. Le Setá: un nouveau dialecte Tupi. **Jornal Societé des Americanistes**, Paris, n.21, p. 373-398, 1929.

_____. Une Tribu indienne peu connue dans L'État bresilien Paraná. **Separatum: Acta Ethnographica**, Budapest, tomus IX, n.3-4, 1960.

LOUREIRO, J.M.M. Entre “natureza morta” e cultura viva: os museus de história natural. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 159-172, jul/dez, 2007.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: Edusp, 2003 [1923-24].

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976[1922].

MARANHÃO, M.F.C. Do museu para a academia: a trajetória intelectual de Loureiro Fernandes e a institucionalização da antropologia no Paraná. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes

(1903-2003). **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 155-172, 2005.

_____. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as ciências sociais no Paraná**. Curitiba. Monografia (Especialização). Curitiba, Faculdade Padre João Bagozzi, 2006.

MARINHO, R.P. **Os Xetá e suas histórias: memória, estética, luta desde o exílio**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Curitiba, PPGAA/UFPR, 2018.

MARTINEZ, P.H. A nação pela pluma Natureza e sociedade no Museu do Índio (Rio de Janeiro, 1953-1957). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.20. n.2. p. 119-148. jul.-dez. 2012.

MERENCIO, F.T. **Tecnologia lítica Xetá: um olhar arqueológico para a coleção etnográfica de lítico lascado e polido do MAE-UFPR**. Dissertação (Mestrado). Curitiba, PPGA/UFPR, 2014.

MOTA, L.T. **O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial 1853-1889**. Assis: Unesp. (Tese de Doutorado), 1998.

_____. Os xetá no vale do Rio Ivaí 1840-1920. Maringá: Eduem, 2013.

MOTA, L.T.; FAUSTINO, R.C. **O SPI e os Xetá na Serra dos Dourados – PR: acervo documental 1948 a 1967**. Maringá: Eduem, 2018.

MOUTU, A. Collection as a way of being. In: HENARE, A. *et al.* **Thinking through things: theorizing artefacts ethnographically**. London/New York: Routledge. p. 92-112, 2007.

MILLER, J. Things as persons: body ornaments and alterity among Mamaindê. In SANTOS-GRANERO, F. **The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood**. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

_____. As coisas: os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2018.

NUNES, M.D. As apresentações museológicas num departamento universitário. **Arquivos do Museu Paranaense**. n.02, p. 1-10, 1963.

PARANÁ. **Educação Escolar Indígena**. Curitiba: SEED, 2006.

PARELLADA, C.I. **Plumária, peles, lascas e cerume de abelha: diálogos entre arqueologia Guarani e Povo Xetá**. Pesquisas, Antropologia. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 73, p. 213-234. 2017.

PÉREZ GIL, L. O acervo etnográfico do MAE-UFPR. In: CURY, M.X.; VASCONCELLOS, C.M.; ORTIZ, J.M. (Org.). **Questões indígenas e museus: debates e possibilidades**. 1ed. São Paulo: ACAM Portinari: MAE/USP: Secretar, v. , p. 103-112, 2012.

_____. Colecionismo, colonialismo e museus: ensaio sobre duas exposições. **Campos**, UFPR, v. 16, p. 113, 2017.

PRADO, P.S.D. **De autodidatas a cientistas: a institucionalização do curso de ciências sociais da Faculdade de Filosofia, ciências e letras do Paraná, 1938-1960**. Monografia (Graduação). Ciências Sociais, SCH/UFPR, 2017.

RAMON, P.C.R. Organização social, educação e participação política de jovens indígenas Xetá. Dissertação (Mestrado em Educação). UEM, Maringá, 2014.

RAMOS, A.R. Ethnology brasilian style. **Cultural Anthropology**, 5(4): 452-457. 1990.

RIBEIRO, B.G. Museu: veículo comunicador e pedagógico. **Revista Brasileira de Pedagogia**. 66(152): 77-98, 1985.

_____. Os Estudos de Cultura Material: Propósitos e métodos. **Revista do Museu Paulista**. 30: 13 -4, 1986.

_____. Museu e Memória. Reflexões sobre o colecionamento. **Ciências em Museus** 1(2): 109-122, 1989.

RIBEIRO, B.G.; VAN VELTHEM, L. Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: FAPESP/Cia. das Letras, p. 103-114. 1992.

RIBEIRO, A.M. Revisitando o Museu Nacional e a história da antropologia no Brasil pelas mãos de Heloísa Alberto Torres. **Política & Sociedade**. Florianópolis. Vol. 18, n.1, jan./abr., 2019.

RIVET, Paul. **As origens do homem americano**. São Paulo: Instituto do Progresso Editorial, 1948[1943].

_____. Tribute to Franz Boas. **International Journal of American Linguistics**. V.24(4) : 251-252. 1958

RODRIGUES, A.D. A Língua dos índios Xetá como dialeto Guarani. Separata de **Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo, n.1, p. 7-11, 1978.

_____. Reminiscências de Loureiro Fernandes. IN: **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 53-62, 2005.

_____. **Cadernos de campo Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

ROQUETE-PINTO, E. Ensaio de antropologia brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978[1933].

ROSATO, M. **Uma constelação de imagens: a experiência etnográfica de Vladimír Kozák**. Tese (Doutorado). Curitiba, PPGS/UFPR, 2009.

SANABRIA, I.S.B. **A produção de discursos sobre homem e humanismo no Museu Americano e no Musée de l'Homme**. Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2018.

SANTOS, R.V; MELLO E SILVA, M.C.S. **Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006.

SANTOS, R.C.M. Um antropólogo no museu: Edgar Roquette-Pinto e o exercício da antropologia no Brasil nas primeiras décadas do século XX. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 283-315, jan./abr. 2019.

SANTOS- GRANERO, F. **The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood**. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Série Antropologia, n. 32, p. 2-19.

SILVA, C.L. **Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Florianópolis: UFSC. (Dissertação de Mestrado), 1998.

_____. **Em busca da sociedade perdida: o trabalho de memória Xetá**. Brasília: UnB. (Tese), 2003.

_____. Os Xetá da Serra dos Dourados. **Encontros do Departamento de Antropologia**. Curitiba, DEAN/UFPR, 2004/2005.

_____. Os Xetá. In: PARANÁ. **Educação Escolar Indígena**. Curitiba: SEED, 2006.

SPIVAK, G.C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPENASSATO, J.A. **Os lados da mistura**. Desafios da coabitação e intercassamentos na Terra Indígena São Jerônimo (PR/Brasil). Dissertação (Mestrado em Antropologia) SCH, UFPR. Curitiba (PR). 2016.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora Unicamp, 2006[1988].

SOUZA, V.S. **Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)**. Tese (História das Ciências). Fiocruz, Rio de Janeiro. 2011.

_____. Retratos da nação: os 'tipos antropológicos' do Brasil nos estudos de Edgard Roquette-Pinto, 1910-1920. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 3, p. 645-669, set.-dez. 2012.

SOUZA, V.S; SANTOS, R.V. Corpos, medidas e nação: antropologia física na capital da República brasileira na primeira metade do século XX. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.** vol.7 no.3 Belém, set./dez. 2012.

SOUZA, L.M. **Contextos e processos de formação da coleção Xetá do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR-MAE/UFPR**. Monografia (Graduação). SCH/UFPR, 2017.

STOCKING JR, G. **Objects and others: essays on museums and material culture**. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

TAMBASCIA, C.K. Constituindo carreira e coleções etnográficas. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.5, n.1, jan.-jun., p.98-116, 2013

THOMAS, N. **Entangled objects: exchange, material culture, and colonialismo and Pacific**. London: Harvard University Press, 1991.

TREVISAN, E. Vladimir Kozák (1897 – 1979), o ‘braide pemegare’ dos Bororo. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Vol. XXXVI, p. 9-30, Curitiba, 1979.

VELTHEM, L.V. **O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayaha**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia: Assírio & Alvim, 2003.

_____. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr, 2012.

VELTHEM, L.V.; KUKAWKA, K.; JOANNY, L. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, vol.12, n.3, pp.735-748. 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. IN: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). **Antropologia** (volume I) Miceli, Sergio (org.). São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

_____. Eduardo. O problema da afinidade na Amazônia. In: **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation, **Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**. Vol. 2, 2004.

VÖRÖS, A.S.A. **Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR: diálogo e interação**. Monografia (Graduação). SCHLA, UFPR, 2011.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WARTALLE, J. La Société d'Anthropologie de Paris de 1859 a 1920. **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**. n. 10, p. 125-171, 2004.

ZILLI, A.C.F. **Os Xetá no acervo do projeto Memória Indígena (1985-1989) do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-UFPR)**. Monografia (Graduação). Ciências Sociais. Curitiba, SCH/UFPR, 2018.